

JAMES REDFIELD

AUTOR #1 BEST-SELLER

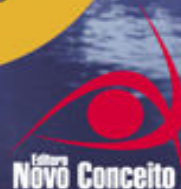
DE *A PROFECIA CELESTINA*, *A DÉCIMA PROFECIA*

E *O SEGREDO DE SHAMBHALA*

A DÉCIMA SEGUNDA PROFECIA

A HORA DA DECISÃO

Série que vendeu
mais de 25 milhões
de livros em todo
o mundo



SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

SUSTENTANDO A SINCRONICIDADE

DIÁLOGO CONSCIENTE

ENTRANDO EM ALINHAMENTO

RECONHECIMENTO DA IDEOLOGIA

A CONEXÃO COM DEUS

A GRANDE COMISSÃO

A ARTE DA SINTONIA

A INTENÇÃO DA UNIDADE

ABRINDO-SE À PERCEPÇÃO

O QUE O CÉU CONHECE

A ASCENSÃO À INFLUÊNCIA

O RETORNO

EPÍLOGO

JAMES REDFIELD

A

DÉCIMA SEGUNDA

PROFECIA

A Hora da Decisão

Tradução:
Ivar Panazzolo Júnior



Edição publicada sob acordo com Grand Central Publishing, New York, New York, USA.
Copyright © 2011 by James Redfield
Reading Group Guide © 2012 by James Redfield
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2012

Preparação de Texto: Sylmara Beletti
Revisão de Texto: Elisabete B. Pereira
Diagramação: Brendon Wiermann, Vanúcia Santos
Revisão ePUB: Ludson Aiello

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Redfield, James

A décima segunda profecia : a hora da decisão / James Redfield ; tradução Ivar Panazzolo Júnior. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: The twelfth insight.
ISBN 978-85-8163-026-7
eISBN 978-85-8163-135-6

1. Ficção norte-americana I. Título.
12-08756 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Kaelynn e McKenna

AGRADECIMENTOS

Sou grato a muitas pessoas que, de alguma forma, contribuíram com este livro. Em primeiríssimo lugar, gostaria de agradecer a vários indivíduos espalhados pelo mundo inteiro que, independentemente de suas religiões, mantêm a ideia de uma autêntica consciência espiritual viva e vibrante. Sua força moral silenciosa é o que literalmente está salvando nossa existência.

Além disso, é preciso fazer uma menção especial a Larry Dossey por seu livro *O Poder das Premonições*. De algum modo, ele sempre produz um trabalho impressionante no momento em que é necessário popularizar um avanço na consciência humana. Agradeço, ainda, ao dr. Russell Blaylock, que encabeça a luta contra aditivos químicos perigosos em nossos alimentos, e Michael Murphy, que mantém um espaço para tantas pessoas que buscam superar as grandes questões que dividem a humanidade na nossa era: antes, a Guerra Fria, e, agora, a intolerância cultural e religiosa. Eu também gostaria de reconhecer o trabalho que Carl Johan Calleman e John Major Jenkins fizeram com o calendário maia. E agradeço sinceramente a Phil Cosineau, por sua análise brilhante sobre o pensamento religioso comparativo.

Observando as pessoas mais próximas a mim, preciso agradecer muito: a Larry Krishbaum e à minha editora, Jamie Raab, que entenderam a visão e me ajudaram a moldar as ideias; às várias pessoas da Grand Central Publishing que ajudaram a transformar um manuscrito em um livro; a Kelly Leavitt, cujo olhar artístico sempre foca no impacto e na abrangência; a Albert Clayton Gaulden, por seu *timing* cosmológico; e a Larry Miller, cujas muitas conversas ajudaram a incendiar minha imaginação. Também agradeço a Steve Maraboli, cuja comunidade, *Better Today*, é um

dos melhores exemplos da Décima Segunda Profecia que está emergindo.

Mais do que qualquer coisa, eu gostaria de expressar minha gratidão e meu amor à minha esposa, Salle, cujo apoio e ideias incríveis cuidaram muito bem do meu espírito durante todo esse trajeto.

*Em uma era de mentiras universais, dizer a verdade se torna
um ato revolucionário.*

— George Orwell —

SUSTENTANDO A SINCRONICIDADE



Entrei na autoestrada e liguei o controle automático de velocidade do carro, tentando relaxar um pouco. Havia tempo de sobra até me encontrar com Wil, no aeroporto. Então, me forcei a me acalmar e apreciar o brilho do sol do outono e as colinas baixas do sul dos Estados Unidos.

Além disso, havia os bandos de corvos que voavam sobre os arredores da rodovia. Os corvos, sabia, eram um bom sinal, mesmo que eu estivesse batalhando contra eles durante praticamente todo o verão. No folclore, a presença desses animais indica mistério e é presságio de um encontro iminente com o destino. Alguns chegam a dizer que eles o levarão a um desses momentos, se você se dispuser a segui-los pelo tempo necessário.

Infelizmente, esses pássaros também aparecem no início das manhãs para devorar os brotos dos pés de ervilhas em seu quintal — a menos, é claro, que você faça um acordo com eles. Eles riem de espantalhos e espingardas. Mas, se lhes der o próprio canteiro perto da floresta, geralmente deixam as outras plantas em paz.

Naquele momento, um corvo solitário voou por cima do carro, avançando à minha frente. Em seguida, fez meia-volta e voltou pelo caminho de onde veio. Eu tentei acompanhá-lo pelo espelho retrovisor, mas tudo que consegui ver foi um furgão azul-marinho, cerca de cem metros atrás de mim.

Sem me deter especialmente em nada a respeito do veículo, continuei a observar o cenário, respirando profundamente até alcançar outro nível de relaxamento. “Uma viagem pela estrada” — pensei —, “não há nada igual a isso!”. Comecei a devanear, imaginando quantas pessoas, em tantos lugares diferentes, estariam passando pela mesma experiência neste exato momento: — fugindo do estresse de um mundo cheio de incertezas simplesmente para tentar descobrir o que poderia acontecer.

A diferença era que, no meu caso, eu também estava buscando algo. Há vários meses, vinha conversando com pessoas totalmente desconhecidas, e todas falavam sobre o mesmo assunto: a divulgação secreta de um documento antigo e sem nome. Supostamente, o texto era originário de uma coalizão que representava as tradições religiosas do mundo, e os rumores sobre essa revelação já estavam surgindo por toda parte, ao menos entre as pessoas que tinham o dom para esse tipo de coisa. Mesmo assim, ninguém parecia saber dos detalhes. Os rumores diziam que uma grande necessidade forçara que a revelação se fizesse antes do momento para o qual estaria planejada.

Para mim, os rumores eram, ao mesmo tempo, intrigantes e até mesmo bem-humorados. A ideia de uma coalizão entre as tradições religiosas não era nova, mas sempre se mostrara impossível na realidade. As diferenças entre as crenças eram, simplesmente, grandes demais. No final, cada uma das tradições queria prevalecer sobre as outras.

Na verdade, eu estava pronto para ignorar os boatos quando outro fato ocorreu: recebi um fax de Wil. Ele me enviou duas páginas traduzidas contando que vinham do antigo documento em questão. Na margem da primeira página, havia uma anotação, escrita com a caligrafia de Wil, dizendo: “Isto tem origens árabes e hebraicas”.

Conforme eu lia as páginas, aquilo parecia cada vez mais com um tratado sobre os tempos modernos, proclamando que algo importante começaria na segunda década do século 21. Fiz uma careta quando li a data, pensando que poderia ser mais uma daquelas profecias sobre o fim do mundo — outra em uma longa sequência de previsões sobre o apocalipse, interpretando erroneamente tudo o que já fora dito a respeito, desde o calendário maia, passando por Nostradamus e o livro bíblico das Revelações. Todas essas profecias gritavam aos quatro ventos: “Não ouviram dizer? O mundo vai acabar em 2012!”.

Há vários anos, a mídia divulgava a ideia do “fim dos tempos” e as pessoas, embora preocupadas, também pareciam estar profundamente intrigadas. A maior questão era: “Por quê?”. Qual poderia ser a causa desta fascinação? Seria o fato de estar vivo no exato momento em que o calendário maia estava programado para chegar ao fim? Ou haveria algum outro motivo? Talvez, por uma razão qualquer, nossa fascinação pelo fim de tudo revelasse uma intuição latente, cada vez mais perceptível, de que algo melhor estaria pronto para nascer.

Quanto mais eu lia o fax de Wil, mais as páginas começavam a se imbuir de um tipo de atração mística. O estilo era otimista e vagamente familiar, de alguma forma, e o tom autêntico foi confirmado quando vi outra anotação de Wil na última página. “Recebi isto de um amigo”, escreveu ele, “É verdadeiro”.

Olhei para aquelas mesmas páginas de fax, que agora estavam no banco do passageiro, a meu lado. A luz do sol da tarde tremeluzia sobre elas. Sabia que os comentários de Wil significavam que o original era, pelo menos de acordo com sua concepção, bem fundamentado — e provavelmente ampliava a mensagem daquilo que sempre fora sua obsessão particular: a velha Profecia Celestina descoberta no Peru.

Aquele pensamento trouxe uma torrente de lembranças, enquanto eu me recordava da velocidade com a qual os primeiros nove sinais desta Profecia haviam circulado pelo planeta. Por quê? Porque elas faziam sentido em um mundo excessivamente fútil e materialista. A mensagem da Profecia era clara: ser espiritual é mais do que simplesmente acreditar em alguma divindade abstrata. Envolve a descoberta de outra dimensão da vida, inteiramente diferente, que funciona de uma maneira fundamentalmente espiritual.

Quando alguém faz essa descoberta, percebe que o universo está repleto de todas as formas de encontros fortuitos, intuições e coincidências misteriosas, todas apontando a um propósito maior existente por trás de nossas vidas — e, de fato, por trás de toda a história humana. A única questão que resta para as pessoas que despertam para esta realidade é como este mundo misterioso realmente funciona e como alguém começa a se envolver com seus segredos.

Eu sabia que, naquela época, algo desabrochava na consciência humana e levava diretamente a outros dois sinais: o Décimo e o Décimo Primeiro. O Décimo lidava com o mistério da vida após a morte e registrava uma concentração no Céu e em seus habitantes que duraria uma década inteira, eliminando permanentemente uma repressão inculcada há várias eras sobre a morte e o que acontece depois. Quando esse bloqueio fosse superado, uma exploração de todos os aspectos da vida espiritual passaria a ocorrer.

Rapidamente o próximo sinal chegou: o Décimo Primeiro, nascido de uma consciência coletiva de que todos estamos aqui para participar de algum projeto que, até o momento, ainda não está definido — um Plano de alguma espécie. O sinal envolve a descoberta de como manifestar nossos sonhos mais profundos e elevar o mundo a seu ideal. Nos anos que se seguiram, essa

intuição cresceu e se transformou em várias teorias sobre Segredos, o Poder da Oração e Leis da Atração — teorias que pareciam estar certas, mas que não estavam realmente completas em sua concepção.

Eu sabia que aquelas teorias nos fizeram crescer nos tempos modernos e duraram até o momento em que a base material cedeu sob os nossos pés — na forma de um colapso financeiro mundial. Depois desse evento, enfrentamos problemas mais imediatos, como inadimplência pessoal e a tentativa de evitar que os pessimistas nos trouxessem medos exagerados. Ainda estávamos despertos e ainda queríamos mais respostas espirituais. Mas, daquele ponto em diante, tais respostas deveriam ser práticas também. Elas teriam de funcionar no mundo real, independente de quão misterioso o mundo viesse a se tornar.

Senti que um sorriso começava a se formar em meu rosto. Era muito interessante o fato de Wil haver encontrado aquele texto agora. Há um bom tempo, ele previa o surgimento de outro sinal, o Décimo Segundo — um sinal que, de acordo com o que ele sentia, traria uma revelação final para a humanidade, continuando a partir do ponto em que o Décimo Primeiro havia terminado. Eu me perguntei: será que o Décimo Segundo finalmente irá nos mostrar como “vivenciar” este conhecimento espiritual em um nível mais avançado? Esta mudança traria este mundo novo e mais ideal, cuja aproximação parecíamos sentir?

Sabia que precisaríamos esperar para ver. Wil disse que eu deveria simplesmente encontrá-lo no aeroporto e, de lá, nós iríamos para o Cairo, se as coisas funcionassem a contento. Se as coisas funcionassem a contento? O que ele queria dizer com isso?

Um cervo que cruzou a estrada em disparada me tirou dessas ruminções e pisei no freio para diminuir a velocidade. A fêmea correu a toda velocidade, atravessou as seis faixas de trânsito e

pulou a cerca que havia do outro lado. Um cervo também era um bom sinal, um símbolo de atenção e prontidão.

Enquanto olhava para longe, sobre as colinas, cujas cores do outono estavam banhadas pela luz de um pôr do sol tingido de âmbar, percebi que me sentia exatamente daquela forma: mais alerta e mais vivo. De algum modo, todos esses pensamentos haviam induzido um nível maior de energia em mim, elevando-me a um lugar onde eu estava atento a cada detalhe — o pôr do sol, a paisagem que passava velozmente pelas minhas janelas, os pensamentos que invadiam a minha mente — como se, de algum modo, tudo se tornasse repentinamente mais importante.

Senti outro sorriso imenso se formando espontaneamente. Este era o estado mental que eu experimentara muitas outras vezes antes. E, a cada vez que acontecia, era pego completamente de surpresa — por um lado, por causa da ocorrência súbita da sensação e, por outro, devido à razão pela qual eu havia deixado de sentir aquilo, já que me era tão natural.

Havia vários nomes para esta experiência — “A Zona”, “Percepção Ampliada” e o meu favorito: “Fluxo de Sincronicidade” — todos eles buscando capturar a característica central: uma elevação repentina na nossa experiência, em que transcendemos o ordinário e encontramos um significado maior no fluxo dos eventos. Esta percepção sincronística nos “centra” de uma determinada maneira e nos dá uma sensação além da que poderia se esperar do mero acaso — como se um “destino” maior estivesse se desdobrando à nossa frente.

Repentinamente, um prédio que surgia à direita atraiu minha atenção. Era um pequeno bar chamado The Pub, com decoração focada em temas esportivos, que, há alguns anos, Wil dissera ter bons pratos e tortas caseiras. Eu havia passado em frente ao bar muitas e muitas vezes, mas nunca parei. Havia tempo de sobra,

pensei. Não seria melhor comer algo por aqui e evitar a comida do aeroporto? Saí da autoestrada e entrei na rampa de acesso que levava às ruas locais. O furgão que vinha atrás de mim também desceu pela rampa.

Depois de estacionar debaixo de um imenso carvalho sob a luz que já esmaecia, entrei no bar e vi que estava lotado. Casais conversavam ao redor do balcão e famílias inteiras jantavam casualmente em seis ou sete mesas espalhadas pelo salão. Meus olhos se fixaram imediatamente em duas mulheres que estavam sentadas à mesa na parede oposta. Elas estavam inclinadas, com os rostos próximos, e conversavam intensamente. Ao andar naquela direção, percebi que havia uma pequena mesa vazia ao lado delas.

Quando me sentei, a mulher mais jovem olhou para mim por um momento e, depois, voltou a focar a atenção em sua amiga.

— A Primeira Integração sugere que há uma maneira de fazer com que a Sincronicidade continue agindo. Mas eu não tenho o Documento inteiro. Outros fragmentos existem em algum lugar. Preciso encontrá-los.

Minha energia voltou a aumentar. Será que ela estava mencionando o mesmo documento? A mulher que falava estava usando calças *jeans* e sapatos confortáveis para caminhar pelas montanhas, e tinha um lenço multicolorido ao redor do pescoço. Enquanto conversava, passava as mãos pelos cabelos, levando constantemente as mechas loiras para trás das orelhas. Eu percebi o aroma suave de um perfume de rosas.

Senti uma atração estranha enquanto a observava, e aquilo me chocou. Ela olhou ao redor como que por instinto e, ao cruzar o olhar com o meu, percebeu que eu a observava atentamente. Rapidamente, desviei o olhar. Quando olhei novamente, um homem baixo e atarracado estava se dirigindo até a mesa onde ela estava e surpreendeu as duas mulheres, desencadeando uma onda de

sorrisos e abraços. A mulher com o lenço colorido lhe deu várias folhas com textos impressos, as quais ele leu em silêncio. Eu fingi examinar o cardápio enquanto aguardava, sentindo que algo importante estava acontecendo.

— Por que você está indo para o Arizona? — perguntou o homem.

— Porque não consigo tirar isso da minha cabeça. É impossível pensar em outra coisa — respondeu ela. — Preciso ver até onde isso vai me levar.

Eu escutava atentamente. Todas as pessoas naquela mesa pareciam estar no mesmo nível de fluidez em que eu me encontrava.

— Preciso entender a razão pela qual minha mãe entrou em contato comigo — continuou a mulher. — Estas palavras vão explicar a razão. Eu sei que vão.

— Então você vai viajar imediatamente? — perguntou o homem.

— Sim, esta noite — respondeu ela.

— Siga sua intuição — completou o homem. — Parece que a Sincronicidade está acontecendo com você. Mas tenha cuidado. Não sabemos quem pode estar procurando por essa informação.

Eu não conseguia mais aguentar. Estava prestes a dizer alguma coisa a eles quando um homem grande e musculoso, em uma mesa próxima à minha, resmungou:

— Que palhaçada!

— O... o quê? — gaguejei.

Ele indicou as mulheres com um aceno de cabeça e sussurrou:

— As coisas que elas estão dizendo. Um monte de besteiras!

Por um momento, não soube o que responder. Ele era alto e devia ter cerca de 45 anos, com cabelos castanhos desgrenhados e uma expressão séria no rosto. Sentado em sua cadeira, ele se inclinou levemente em minha direção.

— Essas ideias sobre pensamentos místicos serão o fim de nossa civilização — disse ele, balançando a cabeça.

Um cético, pensei. Eu não tinha tempo para isso.

Ele estava lendo a expressão em meu rosto.

— O quê? Você concorda com elas?

Simplesmente desviei o olhar, tentando ouvir o que a mulher estava dizendo, mas ele arrastou a cadeira para perto de mim e continuou.

— A intuição é um mito! — disse ele, firmemente. — A existência da intuição foi negada várias e várias vezes. Pensamentos são apenas impulsos elétricos no cérebro, refletindo qualquer coisa que você acha que sabe sobre seu ambiente. E as besteiras que o doutor Jung falou sobre a sincronicidade são apenas o ato de ver o que você quer ver nos eventos aleatórios que acontecem pelo mundo. Eu sei como as coisas funcionam. Sou cientista.

Ele abriu um leve sorriso, aparentemente satisfeito consigo mesmo por conhecer a origem da teoria da Sincronicidade. Enquanto isso, eu estava começando a ficar irritado.

— Olhe, prefiro não conversar sobre isso.

Eu me virei para escutar novamente, mas já era tarde. A mulher e seus amigos haviam se levantado e estavam caminhando em direção à porta. O cético me deu um sorriso torto e, em seguida, levantou-se e saiu do restaurante também. Pensei em segui-los, mas decidi que não valia a pena fazer aquilo. Poderiam achar que

eu era um maníaco ou que as estava perseguindo. Voltei a me sentar. O momento se perdera.

Sentado ali, sabia que a energia que havia acumulado no carro desaparecera completamente. Agora, eu me sentia letárgico e sem qualquer inspiração. Cheguei até mesmo a ponderar a possibilidade de que o cético pudesse estar correto em sua avaliação, mas rapidamente afastei a ideia. Muitas coisas haviam acontecido em minha vida para que eu viesse a acreditar naquilo nesse momento. Muito provavelmente, o que achei que havia acontecido foi o que realmente aconteceu. Eu estava prestes a descobrir mais a respeito do Documento quando fui atacado pelo grande problema de minha vida: um cético disposto a desmerecer toda e qualquer coisa baseada na espiritualidade.

Aquele estado de monotonia poderia continuar por mais algum tempo se eu não percebesse repentinamente um indivíduo no canto do salão, olhando fixamente para mim, perto da porta. Ele usava uma jaqueta de couro marrom e tinha cabelos curtos. Trazia um par de óculos escuros no bolso da camisa. Quando nossos olhares se cruzaram, ele se escondeu atrás de um grupo de pessoas que estavam juntas ao redor do balcão.

Cuidadosamente, olhei ao redor do salão e percebi que outras duas pessoas olhavam para mim, todas vestidas de maneira casual e discreta, mas todas com o mesmo olhar fixo. Elas também desviaram o olhar quando eu as percebi.

“Que maravilha!”, pensei. Eram agentes profissionais de alguma espécie. Eu me levantei e fui em direção ao banheiro. Nenhum deles reagiu. Ao passar por um pequeno corredor, encontrei o que estava procurando: uma porta de saída que dava para os fundos do bar. Saí por ela e fui até o estacionamento mal iluminado, onde não vi ninguém. Em seguida, conforme me aproximava de meu veículo, um vulto se agachou atrás de uma *van*. Quando voltei a andar, a

pessoa começou a caminhar também em uma trajetória que cruzaria com a minha, mais adiante.

Eu parei e ele parou. Então, notei algo em sua postura que me era familiar. Era Wil! Quando cheguei até onde ele estava, Wil me puxou para baixo e voltou a olhar para o Pub.

— O que você está fazendo aqui, meu amigo? — perguntou ele, em seu tom bem-humorado habitual.

— Não sei — respondi. — Eu percebi várias pessoas me observando lá dentro. O que você está fazendo aqui, Wil?

Pela primeira vez, eu me dei conta de que ele estava carregando uma grande mochila nas costas, apropriada para percorrer trilhas nas montanhas.

Ele indicou meu veículo com um aceno de cabeça.

— Eu lhe contarei, mais tarde. Aquele é seu Cruiser, não é? Vamos sair daqui. Deixe que eu dirijo.

Quando entramos no automóvel, olhei para o outro lado do estacionamento e vi a mulher com o lenço, em pé, junto a várias pessoas. Incrivelmente, uma dessas pessoas era o cético.

Queria continuar observando, mas vi algo que estava além deles, e isso me assustou ainda mais: o furgão azul que vinha atrás de mim na estrada estava estacionado a cerca de 30 metros, perto da cerca. Mesmo a essa distância, percebi dois homens sentados nos assentos dianteiros.

Fiz uma careta. Eu já devia saber.

Enquanto olhava para trás, Wil guiou o carro em direção à rodovia e seguiu para o norte. Ninguém parecia estar nos seguindo.

— Por que você veio até o Pub? — perguntei novamente.

— Tive um pressentimento — disse ele. — Eu não sabia como poderia me encontrar com você. Percebi que havia pessoas me observando, também, e não quis usar o celular. Um amigo estava me levando para o aeroporto. Então me lembrei desse lugar e pensei que você poderia ter parado lá. Quando encontramos seu carro, pedi a ele que me deixasse ali.

Ele me encarou atentamente:

— E você? Por que decidiu parar no Pub?

— Eu avistei o Pub quando estava na estrada e lembrei que você havia mencionado o bar. Achei que seria um bom lugar para comer alguma coisa...

Ele sorriu para mim, já percebendo o que acontecera. Nós dois sabíamos que aquilo era pura Sincronicidade. Enquanto o observava, percebi que ele havia envelhecido bem nos últimos anos, desde que o vira pela última vez. Havia mais linhas em seu rosto bronzeado, mas seus movimentos e sua voz davam a impressão de que ele era um homem muito mais jovem. Seus olhos ainda brilhavam com lucidez e prontidão.

— Há mais pessoas procurando por esse documento do que pensei — disse ele. — É melhor me contar tudo o que aconteceu com você.

Enquanto viajávamos em direção ao norte, relatei tudo: as ideias que surgiram em minha mente enquanto eu dirigia, o SUV azul, o fluxo repentino de Sincronicidade e cada detalhe do que senti e vivenciei enquanto estava no Pub — especialmente a parte na qual o cético acabou com meu entusiasmo e os outros homens estavam me observando.

Ao terminar, não esperei que ele fizesse um comentário. Perguntei a ele sobre aquelas pessoas.

— Não sei quem são — disse Wil. — Comecei a ter a sensação de estar sendo observado há alguns dias. Ontem, vi um ou dois deles de longe. Eles são muito bons.

Eu fiz que sim com a cabeça, sentindo-me nervoso. Levantei as páginas traduzidas que repousavam sobre minha coxa e perguntei:

— Quem lhe enviou isto?

— Um amigo que mora no Egito, um dos maiores especialistas em textos antigos. Eu o conheço há muito tempo, e, quando conversamos pelo telefone, ele disse que o texto é inquestionavelmente autêntico. Provavelmente foi escrito no século 4 ou 5. Ele recebeu apenas a primeira parte do Documento, já traduzida, mas acha que o texto se refere à nossa época atual, assim como a velha Profecia.

Nós trocamos olhares.

— Há mais — continuou Wil. — O Documento afirma que estamos em algum tipo de corrida. Meu amigo disse que esses fragmentos estão surgindo em todos os cantos do mundo. Aparentemente, quem quer que esteja divulgando o Documento está mandando partes cuidadosamente selecionadas a várias pessoas, com algum objetivo em mente. Isso é tudo o que sei. O telefonema foi interrompido no meio da conversa, e não consegui entrar em contato com ele desde então.

Minha mente estava funcionando a toda velocidade. A mulher que vi no Pub tinha uma parte do Documento e estava indo para o Arizona. Mas para que lugar específico do Arizona estava indo? Ela estaria correndo perigo? E nós? Estaríamos em perigo também?

A realidade da situação estava começando a ficar mais palpável. O Documento era fascinante, mas nós havíamos percebido que alguém, em alguma posição ou cargo oficial, também tinha interesse em sua descoberta. Estariam tentando restringir o

acesso ao texto? Até onde essas pessoas iriam? Um calafrio percorreu meu corpo.

— Bem, acho que nossa viagem ao Egito foi cancelada — eu disse, tentando soar bem-humorado.

Wil sorriu por um momento:

— Tive a sensação de que poderíamos ir para algum outro lugar...

De repente, ele olhou fixamente pelo espelho retrovisor. Atrás de nós, a uma boa distância, havia outro furgão.

— Acho que aquele veículo está nos seguindo.

Nesse ponto, Wil começou uma série de manobras estratégicas. Primeiro, pediu meu *smartphone* emprestado e acessou o mapa da área local. Wil desligou o aparelho, tirou a bateria e, em seguida, diminuiu a velocidade do veículo, forçando o furgão a diminuir também, de modo a manter a mesma distância atrás de nós. Depois de um minuto, Wil acelerou novamente, manobra que abriu muito mais espaço entre nós e o furgão, e permitiu que ele guiasse o carro para a próxima saída sem ser visto.

Ele fez uma curva acentuada à direita, em uma pequena via pavimentada, e, em seguida, virou à esquerda, em uma estrada de cascalhos que eu sabia que não estaria no mapa.

— Como você sabia a respeito dessa estrada? — perguntei.

Ele me lançou um olhar, no entanto, nada disse. Aquela velha estrada estava cheia de buracos e valetas, mas levou a outra estrada asfaltada que, por sua vez, nos levou de volta à rodovia, cerca de oito quilômetros mais adiante. Quando chegamos à rampa de acesso, percebemos que a estrada atrás de nós estava completamente bloqueada. Era possível ver luzes azuis e um

caminhão de bombeiros estacionado no ponto de congestionamento.

Wil acelerou pela rampa e entrou em uma estrada que estava praticamente vazia. Todos os carros atrás de nós, incluindo aquele SUV, estavam completamente impedidos de prosseguir além do bloqueio.

Eu olhava fixamente para Wil. No passado, eu o vira fazer muitas coisas, mas nada que acontecesse tão rapidamente.

— Como você sabia que devia fazer todas aquelas curvas? — perguntei.

Ele olhou para mim e respondeu com outra pergunta:

— Como você sabia que deveria parar no Pub para que pudéssemos nos encontrar algum tempo depois?

— Tudo bem — eu cedi. — Intuição. Mas o que você fez me pareceu muito rápido. Nunca fiz nada parecido com isso.

As luzes dos faróis dos carros que vinham na direção oposta passavam pelo rosto dele.

— Estive conversando com pessoas que viram partes diferentes deste Documento. Ele descreve várias capacidades humanas que ainda não desenvolvemos. É isso que parece ser seu tópico central. Cada parte é dedicada ao que o texto chama de “integração” do conhecimento espiritual e se refere diretamente aos sinais da velha Profecia.

— Espere um minuto! — eu disse. — Isso significa que o autor desse Documento, quem quer que seja, precisaria conhecer a Profecia, naquele tempo antigo.

— Sim. Acho que é algum tipo de texto de apoio, como se fosse um guia. Meu amigo disse que há 11 partes deste Documento que vieram a público, e cada uma delas é focada em uma integração

específica do conhecimento. E o Documento fala sobre uma Décima Segunda...

— Ele revela qual é o décimo segundo sinal? — perguntei.

— Aparentemente sim, mas parece que ninguém tem essa parte ainda. Ou, pelo menos, ninguém está falando a respeito. O Documento diz que cada integração deve ser assimilada na ordem correta, uma depois da outra, começando com a primeira: aprender a sustentar a Sincronicidade.

Ele ficou em silêncio por um momento e olhou para mim, acrescentando:

— Isso sempre foi um problema.

Eu sabia aonde ele queria chegar. Todos conseguem ver lampejos da Sincronicidade. O desafio, exatamente como no meu caso, era sustentar a experiência e mantê-la em fluxo contínuo. De todas as dificuldades com a Sincronicidade, esta era a que as pessoas comentavam com maior frequência. Experiências sincronísticas pareciam entrar em nossas vidas quase como uma provocação do destino, permanecer por alguns momentos e, em seguida, desaparecerem.

Virando-me, olhei para trás para verificar a estrada e percebi que ainda estava vazia. Eu continuava nervoso.

— Não tenho certeza de que quero me envolver com esse Documento, Wil. Pode ser perigoso.

Ele assentiu:

— O que você quer fazer, então?

— Quero ir a uma delegacia de polícia e denunciar essas pessoas que estão nos seguindo. Talvez eu consiga ajudar a divulgar o conteúdo do Documento depois que todas as partes forem encontradas.

— E se isso não acontecer? E se a Décima Segunda nunca for encontrada?

Olhei para ele e sorri. Nós já havíamos passado por muita coisa juntos, e Wil nunca me guiara por caminhos que tivessem consequências desastrosas. Eu queria ouvir o que ele tinha a dizer.

— Olhe — continuou ele —, tudo o que descobrimos, toda a busca pela verdade sobre a experiência espiritual pode estar convergindo para este momento. A decisão é sua, mas, pelo menos, deixe-me explicar o que está em jogo.

Wil diminuiu a velocidade do carro e saiu da rodovia, dizendo que queria se concentrar. Ele percebeu que havia uma pequena estrada secundária logo ao lado da rampa e parou o carro ali, desligando os faróis.

— O Documento fala de maneira bastante direta — começou ele. — O texto diz que, durante o período atual da História, a vida material fácil vai se tornar cada vez mais difícil, com fortes problemas financeiros e sociais. Mesmo assim, ele alega que todos os desafios estão causando um despertar espiritual ainda maior nas pessoas, em que podemos vislumbrar muitos novos dons e percepções.

— Mas cada um de nós tem que tomar uma decisão. Vamos nos abrir a uma espiritualidade mais profunda, ou nos deixar dominar pelo medo e pelos preconceitos? É um desafio focado na coragem, mas também em uma questão prática. De certa forma, os eventos estão nos forçando a colocar nossas crenças em ação. A única maneira de sobreviver a uma confusão tão grande quanto esta que enfrentamos no mundo atual é buscar uma maneira diferente de viver.

— O Documento diz que o primeiro dom que irá se manifestar é a capacidade de sustentar o Fluxo da Sincronicidade. Quando as

coincidências misteriosas começarem a acontecer com mais frequência, aprenderemos que estamos sendo guiados, e até mesmo protegidos dos perigos deste período histórico.

Ele me olhou nos olhos, em meio à luz fraca do ambiente, e continuou:

— Há outras coisas, também. O Documento diz que os primeiros, entre nós, que descobrirem como sustentar este fluxo e integrar esse conhecimento irão facilitar a transição para que outras pessoas consigam se abrir ao fluxo posteriormente, simplesmente pela influência que nós temos.

— Mas, por outro lado, se um número muito grande de pessoas não conseguir evoluir nesse aspecto, o conhecimento pode não se tornar realidade e se perder em meio à história da humanidade.

— O Documento afirma isso?

— Sim, exatamente isso.

Ele sorriu para mim de maneira gentil.

— É por isso que tudo é tão importante — continuou ele. Mesmo assim, cada um de nós precisamos fazer as próprias escolhas.

— Me fale mais a respeito.

— Em primeiro lugar, o Documento é focado na experiência sincrística, porque esse é o fenômeno que leva cada um de nós adiante na vida. Se tornarmos essa experiência mais consistente, então perceberemos que nossas vidas estão tentando evoluir em uma direção predeterminada — continuou Wil. — Vamos nos sentir mais vivos.

É exatamente assim, eu pensei. Mais vivos. Usei essa mesma expressão para descrever minha experiência. E, como eu estava pensando exatamente na divulgação do Documento, sabia que o

encontro não era meramente obra do acaso quando ouvi aquela conversa. Eu estava destinado a estar lá, de algum modo. Em seguida, é claro, o cético apareceu e a experiência foi perdida. Sentia, mesmo agora, a minha energia diminuir, apenas pensando no caso.

Aparentemente, Wil percebeu.

— Quando entramos em um fluxo de Sincronicidade, a clareza e a vivacidade tomam conta de nós. Quando saímos desse fluxo, perdemos essas sensações.

— A questão é que finalmente temos a oportunidade de alcançar uma clareza maior, não somente a respeito do fenômeno da Sincronicidade, como também sobre toda a nossa natureza espiritual. E, se não o fizermos, então todo o nosso futuro e o futuro de nossos filhos podem tomar um curso totalmente diferente.

Ele ficou em silêncio enquanto um carro cruzou a estrada à nossa frente. O veículo passou por nós e parecia não ser algo com o qual deveríamos nos importar.

— Portanto, a ideia é a seguinte: encontraremos as partes desse Documento, uma de cada vez. Cada parte complementa a anterior, de modo que elas se integram de maneira fluida e uniforme, gerando uma compreensão maior e um nível mais alto de consciência, e nos presenteando com todos esses dons.

— O Documento diz que, quando todas as 11 forem integradas, nós conseguiremos o último “download”: a Décima Segunda. Depois disso, compreenderemos não somente o panorama completo da espiritualidade nesta vida, mas conseguiremos também vivenciá-la na maior parte do tempo.

Outro carro passou por nós.

— Entretanto, é preciso lembrar novamente que é a Primeira Integração que inicia todo o processo, porque envolve aprender

como permanecer no Fluxo da Sincronicidade que irá nos levar adiante.

— O que o Documento fala sobre permanecer no Fluxo da Sincronicidade? — perguntei.

— Ele diz que tudo o que temos que fazer é aprender a nos lembrar.

— Nos lembrar de quê?

— Que esse fluxo é possível! Que ele existe! No passado, quando você leu os sinais da Profecia pela primeira vez e nós estávamos todos pensando e falando sobre a Sincronicidade, as coisas não pareciam acontecer dessa maneira com frequência? Bem, isso acontecia exatamente porque tínhamos essa expectativa em mente. É apenas isso que precisamos fazer. Tudo o que você tem que fazer é se lembrar de que precisa se lembrar.

Precisei pensar naquilo por um momento. Seria tudo tão simples? Antes, quando estava dirigindo em direção ao Pub, deixei minha mente devanear e comecei a pensar sobre a realidade da Sincronicidade. Repentinamente, tudo começou a se encaixar.

— Na prática — esclareceu Wil —, tudo se resume a ter uma expectativa consciente da próxima ocorrência da Sincronicidade, o que significa que devemos assumir uma postura de “prontidão baseada na expectativa”. Não é fácil chegar a esse estado neste momento, porque sempre pensamos que estamos atrasados, sempre pensamos que temos coisas demais a fazer. Mas alcançar e permanecer neste estado de prontidão nos ajuda imediatamente, porque ele tem o efeito de “diminuir a velocidade” do tempo.

Sabia que aquilo era a mais pura verdade. Sempre que você está esperando que algo aconteça e sente vontade de apressar as coisas, parece que leva uma eternidade até que seu desejo se realize. O tempo realmente parece passar mais devagar.

— Diminuir a velocidade do tempo é algo bom nos dias de hoje, porque muitos de nós se sentem sobrecarregados pelos problemas que vêm em nossa direção, na velocidade da luz. Se conseguirmos diminuir a velocidade de tudo que está ao nosso redor — e esperar até que um evento sincronístico nos mostre qual é o melhor caminho — fica mais fácil lidar com a vida.

— Assim, para começar, temos que prender um bilhete no espelho do banheiro, ou dizer a um amigo para nos telefonar bem cedo pela manhã, ou fazer qualquer coisa que nos lembre de que precisamos estabelecer uma expectativa pela Sincronicidade, logo no início do dia. Após algum tempo, isso se torna um hábito. E quando todas as coincidências misteriosas estiverem acontecendo e nosso destino estiver se desdobrando, tudo o que nos resta é permanecer nesse fluxo.

Ele fez uma pausa dramática antes de prosseguir.

— E, para conseguir fazer isso, temos de aprender a comunicar aos outros aquilo que está acontecendo conosco.

— O quê?

— Pense no que acontece quando perdemos o Fluxo — explicou ele. — Não é isso que ocorre quando chegamos a uma situação em que temos que interagir com outras pessoas que não estão no mesmo fluxo e que não conseguem ver, imediatamente, os significados que estamos percebendo? O efeito que isso causa é nos arrancar do Fluxo.

Pensei no que havia acontecido quando conversei com o cético. Com certeza, isso era verdade em relação àquele caso.

— Quando estou no fluxo, geralmente tento me afastar da maioria das pessoas para que elas não consigam me arrancar desse estado — eu disse.

— Eu sei — disse Wil, com um leve tom de zombaria, como se estivesse me acusando.

— Quer dizer então que eu deveria ter conversado mais a fundo com o cético, mesmo que não quisesse fazer isso? — perguntei.

— Não, estou sugerindo que você deveria ter agido de maneira receptiva e sincera com ele, talvez pedindo que esperasse um minuto enquanto você conversava com as pessoas que estavam na outra mesa. Ele estava te atacando, mas você não perdeu seu fluxo por causa dele. Você perdeu o fluxo porque não encontrou uma maneira de comunicar honestamente quem você era e o que estava fazendo.

— Duvido que ele estivesse interessado em ouvir qualquer coisa que eu tivesse a dizer.

— Você não está percebendo os detalhes. Não estou dizendo que você deveria se defender ou convencê-lo de qualquer coisa. É preciso simplesmente mostrar a verdade da situação conforme você a enxerga, com o propósito principal de se manter centrado no fluxo. Se ele lhe desse as costas ou o achasse grosseiro, não haveria muito a fazer, mas você conseguiria manter o fluxo.

Ele fez outra pausa dramática, antes de prosseguir:

— E, agindo dessa maneira, você também permaneceria aberto para perceber se ele teria alguma informação importante para você! A velha Profecia no Peru dizia que não se devem tratar as interrupções que identificamos como se fossem ameaças, e sim como uma sincronicidade em potencial — em longo prazo, talvez com a mesma importância que aquilo que você estava ouvindo a mulher dizer.

Aquele lembrete me chocou e me encheu de energia ao mesmo tempo. Se eu estivesse entendendo corretamente, dizer a verdade sobre a situação de alguém, quem quer que fosse, manteria o fluxo

ativo — especialmente porque a pessoa conseguiria se manter centrada na própria experiência de vida mais profunda. Novamente, eu tinha de perguntar se as coisas realmente eram tão simples quanto pareciam ser.

Quando verbalizei a pergunta a Wil, ele riu e respondeu:

— É tão fácil quanto parece e, ao mesmo tempo, incrivelmente difícil. Se você quiser seguir com o plano de encontrar as integrações, o início está em se concentrar para dizer a verdade absoluta, para si mesmo e para os outros, sobre o que está acontecendo com você. Não importa o quanto pareça esotérico.

Enquanto eu continuava a pensar, Wil deu a partida no carro e entrou novamente na rodovia. Pouco tempo depois, ele se moveu para a faixa da esquerda para evitar um carro que estava estacionado no acostamento direito. Dentro do carro, era possível apenas ver a silhueta do motorista, o único ocupante do veículo. Então um lampejo de luz lhe iluminou o rosto.

— É ele! — exclamei, quase gritando, sem acreditar realmente.
— O cético que estava no Pub. É ele.

Wil olhou para trás.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Enquanto observávamos, o homem deu a partida no carro e saiu da autoestrada assim que o primeiro desvio apareceu. Wil me olhou com uma expressão questionadora.

— O que foi? — perguntei.

— Parece que você voltou a sentir o fluxo agora. Talvez esteja recebendo outra oportunidade.

— Quer dizer que eu tenho que conversar com ele?

— Bem — disse Wil, olhando para o painel do carro. — Você queria saber para onde aquela mulher que viu no bar estava indo. E disse que o cético estava conversando com ela no estacionamento. Precisamos de gasolina, então podemos voltar e tentar encontrá-lo.

Olhei para Wil e assenti, sem exatamente gostar daquela situação.

— Certo, estou com você nessa, mas não tenho certeza de que saberei o que devo dizer a esse cara.

— Apenas diga a verdade — disse Wil. — Diga que você acredita que há sentido em coincidências e que elas ocorrem por alguma razão... e que esta é a segunda vez que seu caminho se cruza com o dele.

DIÁLOGO CONSCIENTE



Demos meia-volta e fomos em direção à mesma saída, parando em um posto de combustível imenso e bem iluminado. Havia mais de dez caminhões estacionados atrás de uma estrutura principal, que abrigava um restaurante, chuveiros e lojas. Apenas alguns carros estavam parados em frente às bombas de gasolina. O carro do cético, um veículo marrom de aluguel, era um desses.

— Lembre-se — disse Wil —, mantenha a atitude de expectativa pela Sincronicidade durante todo o diálogo. Eu gosto de fazer uma analogia como se a situação fosse um filme. O Fluxo da Sincronicidade dá a sensação de que você está diminuindo a velocidade do tempo e aumenta a sensação de que você é a estrela central, o ator principal do próprio filme. Mantenha firme essa clareza de pensamento e você saberá o que deve dizer.

Wil sorriu e estacionou o Cruiser em uma bomba logo em frente àquela em que o carro do cético estava estacionado. Fez mais um comentário.

— O Documento diz que, se você se comprometer a manter a integridade de sua verdade, isso incluirá intuitivamente todas as ideias que surgirem sobre o que você deve dizer a ele, mesmo que nunca tenha pensado nelas anteriormente.

Assenti e saí do carro. Peguei a bomba e comecei a abastecer o tanque do Cruiser, sentindo novamente aquela sensação mística, como se a conversa que se seguiria fosse imensamente importante para tudo que viesse a acontecer depois.

O cético estava diretamente na minha frente, ocupado com o abastecimento do próprio veículo. Finalmente ele me viu e soltou uma gargalhada.

— Ora, veja se não é o homem que ama as coincidências! — disse ele. — Não é uma sincronicidade incrível?

— Talvez — respondi. — Nós passamos por seu carro na rodovia e demos a volta para conversar com você.

Eu não conseguia acreditar que começara aquela conversa de modo tão direto, mas percebi que isso ajudou a me manter centrado.

— E sobre o que você acha que precisamos conversar? — perguntou ele.

A voz dele tinha um tom irônico, embora tivesse também algo de amistoso. Percebi que ele estava falando no estilo desafiador típico dos cientistas, um modo de conversar que é mais parecido com um debate amigável. O elemento-chave deste estilo é tomar muito cuidado para não confirmar inadvertidamente alguma ideia ou teoria que seja sustentada pelo interlocutor. No mundo da Ciência, afirmar ou corroborar a posição de um colega nunca é algo que deve ser feito de maneira leviana. É preciso conquistar esse privilégio. Assim, a ideia é agir de forma bastante cética no início, enquanto se verifica se a outra pessoa tem a postura científica adequada.

Se o interlocutor passa dos limites e assume uma posição que não foi pensada e repensada cuidadosamente, ou que seja demasiadamente especulativa, então a conversa chega imediatamente ao fim. Por outro lado, se o interlocutor estiver argumentando de forma lógica e racional, então o debate pode continuar. Sempre pensei que esse tipo de comunicação era tedioso e demorado, mas eu sabia que seria capaz de fazê-lo.

— Não sei se realmente temos algo sobre o que conversar ou não. Acho que é algo que precisamos verificar. Estou tentando entrar em contato com a mulher que vimos no Pub. Ela estava falando sobre um antigo documento, e percebi que você estava conversando com ela no estacionamento, alguns minutos depois. Ela lhe falou para qual região do Arizona estava indo?

— Qual é seu interesse nesse documento? — perguntou ele, cauteloso.

— Estou interessado no que ele diz sobre a espiritualidade.

Ele me olhou com uma expressão severa.

— Você acha que o Documento vai confirmar suas ideias sobre a Sincronicidade?

— A parte que temos já fez isso.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Eu não daria muita importância a esse tipo de texto. O melhor que esse documento pode fazer é aumentar um pouco nosso conhecimento sobre a mitologia e as superstições de alguns povos antigos.

— Sim, mas você pode comparar o conteúdo com as próprias experiências e continuar a partir daí.

— E por que eu faria isso?

— Para identificar fenômenos a serem investigados, que podem ter sido ignorados anteriormente.

Ele me fitou com um olhar questionador. Prossegui com minha argumentação.

— Acredito que há mais coisas no universo do que uma atitude estritamente cética nos permite vivenciar. Às vezes, é preciso cercear seu ceticismo durante algum tempo para vivenciar

plenamente um novo fenômeno. Você nunca se perguntou se há algo que seja real e universal por trás das experiências espirituais das pessoas?

Vi o princípio de um sorriso se formar nos lábios dele. Eu não o estava convencendo, mas percebi que ele gostava da minha argumentação.

— Nós precisamos da Ciência, mas precisamos que ela analise tudo.

— O que você sabe sobre Ciência? — perguntou ele, observando-me com uma expressão de superioridade. — A Ciência é um processo bastante preciso, em que os indivíduos exploram e tiram conclusões sobre a natureza do mundo a seu redor. E essa atividade é incrivelmente exata: um cientista sugere que algo na natureza funciona de determinada maneira, outros cientistas tentam refutar essa hipótese com fatos que eles consideram verdadeiros. Lentamente, chega-se a um consenso sobre a questão. Por sua vez, essa conclusão a respeito da realidade é substituída por algo que é ainda mais verdadeiro, e assim por diante. É assim que os fatos científicos, e a realidade social deles resultante, são estabelecidos. É um processo preciso e ordenado.

Ele desviou o olhar e acrescentou:

— Pelo menos, é assim que deveria funcionar.

— Como assim? — perguntei.

— Bem, recentemente, houve muitos casos de corrupção. Interesses baseados no dinheiro, como grandes empresas farmacêuticas e alimentícias dominando as escolas de Medicina e os departamentos das universidades, oferecendo verbas imensas. Agora eles obtêm os resultados que querem dos estudos desenvolvidos. Outras indústrias fazem o mesmo, mas as áreas de saúde e de alimentos são as piores. É deplorável!

Pensei nos textos do dr. Russell Blaylock, que escreve sobre por que certos aditivos perigosos continuam sendo acrescentados a nossos alimentos, e, repentinamente, percebi algo muito importante: o cético com o qual eu estava conversando era um idealista.

Outra coisa surgiu em minha mente, e me lembrei de que Wil insistia que estas ideias deveriam ser verbalizadas.

— Veja, talvez a chave seja ampliar a percepção pública sobre os processos científicos e, depois, aplicá-los em todas as partes de nosso mundo. E se esse documento estiver certo sobre o fato de a Sincronicidade ser uma parte da ordem natural das coisas? Não seria melhor investigá-la com o mesmo vigor com que se analisa uma estrela ou uma bactéria?

Alguma coisa que eu disse o irritou, e ele tirou o bico da mangueira de gasolina do tanque de seu carro e enfiou-o com força de volta na bomba.

— O... o que eu estou dizendo — gaguejou ele — é que não se pode confiar em algo como esse documento. A Sincronicidade é subjetiva demais. O problema que existe com a Ciência, atualmente, é a ênfase de que as verdades básicas estão sendo perdidas. Se começarmos a permitir muita especulação ou corrupção, a cultura pode cair em um pensamento fantasioso e até mesmo em movimentos baseados em ilusões.

Ele me olhava com uma expressão dura.

— Você não percebe que a civilização está à beira de um colapso? Basta que um número determinado de pessoas perca a noção das leis fundamentais da natureza para que o pensamento lógico e a realidade estabelecida cientificamente comecem a ser lentamente destruídos. E, se isso acontecer, nós voltaremos a cair em uma nova Idade das Trevas, marcada pelas superstições.

Confirmei com um aceno de cabeça e disse:

— E se for possível existir uma ciência da espiritualidade, que seja lógica e ordenada?

Ele não respondeu. Em vez disso, balançou a cabeça negativamente e entrou na loja para pagar pela gasolina. Wil ainda estava sentado ao volante, sorrindo para mim. Ele ouvia todo o diálogo pela janela aberta do carro.

— Você não vai se envolver? — perguntei.

— Não — disse ele. — Acho que a responsabilidade de concluir a conversa é sua.

Quando o cientista saiu da loja, eu me aproximei dele novamente.

— Olhe, você tem razão. Ninguém quer uma nova Idade das Trevas. Mas me deixe expor a questão de outra maneira: o que seria necessário para que cientistas como você pudessem estudar fenômenos espirituais de uma maneira que seja realmente lógica e ordenada?

Durante um longo momento, ele pareceu considerar genuinamente a minha pergunta.

— Não sei... teríamos de descobrir algo como as leis naturais da espiritualidade...

Ele interrompeu a resposta, balançou a cabeça e depois me afastou com um gesto.

— Escute, eu realmente não tenho tempo para continuar com essas especulações. Acredite no que lhe digo: nada disso vai acontecer.

Eu assenti e, em seguida, apresentei-me. Ele apertou minha mão e disse que seu nome era dr. John Coleman.

— Gostei de nossa conversa — comentei. — Talvez nos encontremos em outra ocasião.

Ele riu e disse:

— A mulher sobre a qual você estava perguntando... o nome dela é Rachel Banks. Ela estava a caminho de uma cidade que fica ao norte de Phoenix, um lugarejo chamado Sedona.

Eu me endireitei no assento do passageiro, esforçando-me para despertar. Conforme dirigíamos, a luz do sol que brilhava por trás de nós estava começando a iluminar o interior do carro, e o doce aroma das fazendas de Oklahoma enchiam minhas narinas. Wil percebeu quando acordei e imediatamente olhou para trás, examinando a estrada, aparentemente imerso em pensamentos.

Aquela situação não estava ruim para mim; eu já não tinha muito a dizer. Como nós dois conhecíamos Sedona, Wil e eu havíamos conversado até tarde da noite enquanto viajávamos em direção ao oeste. Durante vários anos, a cidade havia sido um campo fértil para o pensamento espiritual, pois estava situada nas famosas colinas de rocha vermelha cultuadas pelos índios americanos. Como a energia ali era muito forte, algumas pessoas diziam que a cidade tinha mais estruturas religiosas, centros focados na chegada da Nova Era e artistas por quilômetro quadrado do que qualquer outro lugar na América.

A pergunta que mais nos intrigara na noite anterior estava focada nas motivações de Rachel. Por que sua intuição lhe empurrava para Sedona? Seria porque alguém provavelmente conseguiria encontrar mais pessoas falando sobre aquelas escrituras nessa cidade? Ou porque alguém poderia compreender informações esotéricas em geral, em um nível mais profundo, simplesmente se estivesse naquelas colinas — o famoso “efeito Sedona”?

Afastei os pensamentos. Tudo o que eu queria fazer naquele momento era admirar a paisagem. Viajamos desde as montanhas da Georgia e do Tennessee até as planícies de Oklahoma, e agora o

céu estava imenso e azul à luz da manhã. Mastigando as castanhas e as maçãs que Wil trouxera para o café da manhã, observei a paisagem passar pelas janelas por algum tempo.

Quando despertei completamente, percebi duas pilhas de páginas perfeitamente alinhadas em cima do painel, à minha frente. Olhei para Wil, imaginando que ele houvesse colocado aqueles papéis lá por algum motivo. Ele mantinha os olhos na estrada, mas levantou uma sobrancelha, e aquilo me fez soltar uma risada. Estendi a mão, peguei a pilha da esquerda e comecei a ler.

As páginas descreviam a Primeira Integração quase exatamente como Wil a descrevera anteriormente e depois reiteravam que, uma vez que a Sincronicidade fosse sustentada, a pessoa deveria ficar em um forte estado de alerta, pois esse fluxo misterioso revelaria as outras integrações.

Continuando a leitura, o Documento dividia as 12 integrações em dois grupos. De acordo com o texto, as primeiras cinco integrações eram chamadas de “Fundamentos” da consciência espiritual, e as restantes, de “Ascensão à influência sagrada”.

Ascensão à influência? Eu não fazia ideia do significado daquilo, mas lembrei que Wil havia dito que aqueles entre nós que buscassem agora as integrações facilitariam a jornada para outros que o fizessem mais tarde, devido a algum tipo de influência misteriosa.

Terminei a primeira pilha e peguei a outra, que começava a descrever a Segunda Integração. O texto dizia que esse avanço na consciência começa quando percebemos que as conversas humanas, independente do assunto, sempre representam uma troca de perspectivas ou visões sobre o mundo e, portanto, são um mecanismo básico da evolução humana, levando-nos de um nível histórico de conhecimento ao seguinte.

Quando a interação humana é feita em meio a uma verdade centrada e sincronística, este processo de troca de perspectivas sobre o mundo é elevado até atingir um estado de consciência plena. O nome que o Documento dava a essa interação mais sensível era “diálogo consciente”.

Olhei para Wil novamente e disse:

— Diálogo consciente... Você sabe o que isso significa, exatamente?

Ele me olhou como se achasse que eu estava brincando.

— É o que estava acontecendo enquanto você conversava com Coleman. A diferença é que faltava um detalhe.

— E o que seria? — perguntei.

Ele indicou que eu deveria continuar a ler e, logo no parágrafo seguinte, o Documento dizia que o nível do diálogo, assim como a consciência dos participantes, são elevados quando ambas as pessoas têm consciência do “contexto histórico” no qual o intercâmbio de ideias está inserido.

Voltei a olhar para Wil.

— Quer dizer que ele está se referindo ao *Segundo* Sinal da antiga Profecia Celestina?

— Correto — respondeu ele. — Você se lembra do Segundo Sinal?

— Sim. Acho que me lembro.

Desviei o olhar e deixei que minha mente devaneasse em uma intensa contemplação da questão. O Segundo Sinal, fundamentalmente, era uma compreensão da história estendida da sociedade ocidental, especificamente da mudança psicológica que ocorreu no início da Era Moderna, um período mais secular. Em

essência, houve um despertar da consciência — e, desde então, temos problemas para assimilar esse conceito.

A antiga Profecia previa que, algum dia, conseguiríamos manter essa história estendida em nossas mentes com mais facilidade, como um contexto abrangente para nossas atividades diárias. E, quando isso ocorresse, essa compreensão histórica, por si só, transformaria completamente a vida de cada indivíduo. Além disso, nos manteria totalmente despertos para o lado espiritual da existência.

Eu sabia que a perspectiva moderna se iniciou logo após o final do período sombrio da Era Medieval em nossa história. Naquela época, não havia ciência no Ocidente, nenhum pensamento independente que fosse digno de nota e muito pouco conhecimento sobre causas naturais. Os homens da poderosa Igreja Católica governavam a mente das pessoas e declaravam que todos os eventos que hoje chamamos de naturais funcionavam única e simplesmente pela vontade de Deus — incluindo o nascimento das pessoas, todos os desafios da vida, as doenças, a morte e o que vinha depois, fosse isso o Céu ou o Inferno. Os clérigos se declaravam os únicos intérpretes da vontade de Deus. E travaram lutas ferrenhas, durante séculos, para proibir qualquer desafio à autoridade que tinham.

Mesmo assim, chegou a época da Renascença, motivada por uma desconfiança cada vez maior em relação aos clérigos e uma consciência crescente de que o verdadeiro conhecimento sobre o mundo ao nosso redor estava lamentavelmente incompleto. Outras influências chegaram rapidamente: a invenção da tipografia e da imprensa, um conhecimento maior da filosofia dos antigos gregos e as descobertas dos primeiros astrônomos, como Copérnico e Galileu, que contradiziam a astronomia adotada pelos homens da Igreja.

Quando a Reforma Protestante ocorreu — uma rejeição direta da autoridade papal — as estruturas do mundo medieval começaram a ruir completamente e, com elas, a realidade estabelecida das pessoas.

Eu sabia que a Idade Moderna se iniciava precisamente nesse ponto. Durante séculos, os clérigos ditaram um propósito estritamente teológico para a existência e para os eventos naturais. E, nessa época, tal retrato da vida começou a ser sistematicamente corroído, deixando os humanos em um estado de profunda incerteza existencial, especialmente em relação à espiritualidade. Se os representantes da Igreja, que sempre haviam ditado os fatos da realidade espiritual, estavam errados, então o que poderia ser considerado certo?

Os pensadores otimistas daqueles dias encontraram uma solução. Disseram que deveríamos seguir o modelo dos antigos gregos. Diríamos à Ciência para ir a campo e investigar este mundo totalmente novo que havia à nossa volta. E, em meio ao entusiasmo daqueles dias, tudo estava sobre a mesa, incluindo nossas questões espirituais mais profundas, como: por que estamos aqui? O que acontece após a morte? Existe um plano e um destino para a humanidade?

Com essa nova responsabilidade, a Ciência foi enviada para examinar o mundo e fazer um relatório de suas observações. Durante os séculos, ela mapeou maravilhosamente as realidades físicas da natureza, desde o movimento das galáxias e planetas até a biologia de nossos corpos, a dinâmica dos sistemas climáticos e os segredos da produção de alimentos. Mas ela não retornou rapidamente com uma análise objetiva de nossa situação espiritual.

Nesse ponto crucial, tomamos uma decisão psicológica crítica. Devido à ausência de respostas existenciais, decidimos focar nossa atenção em outras coisas, enquanto isso. Durante a espera de

respostas, nós nos concentraríamos em colonizar este novo mundo que se abria à nossa frente, dedicando-nos a melhorar outros aspectos da humanidade. Conseguimos diminuir nossa incerteza com o esforço para tornar o mundo secular mais abundante e seguro.

E foi isso que fizemos, ao criar, nos séculos seguintes, o maior aumento em abundância material que o mundo já viu. Entretanto, mesmo que focássemos nossas energias no melhoramento de nossas circunstâncias físicas, enquanto esperávamos que nossas perguntas de ordem superior fossem respondidas, a própria Ciência estava forçando sua vocação superior a se distanciar cada vez mais.

De fato, conforme os séculos progrediram, a Ciência começou a ponderar essas questões com uma frequência cada vez menor. De certa maneira, essas perguntas se tornaram vítimas do sucesso da Ciência no reino físico. Quanto mais bem-sucedida era a Ciência em explicar o mundo exterior — e na criação de novas tecnologias que aumentavam o nível de segurança da população — menos importantes as questões espirituais se tornavam. “Deixe que as religiões se engalfinhem a respeito dessas questões maiores”, pensavam os cientistas, “vamos nos ater ao mundo físico”.

Na época em que as teorias de Isaac Newton estavam se disseminando pela Ciência, a rejeição era quase completa. Newton estabeleceu a matemática, que definia o universo como um sistema que funcionava de maneira autônoma, seguindo leis mecânicas fundamentais, tudo ocorrendo de uma maneira completamente previsível — como se fosse uma máquina gigantesca. Agora, o Universo poderia ser encarado a partir de uma perspectiva completamente secular. Não era Deus que fazia as estrelas se moverem no céu. Era a gravitação.

A visão de mundo moderna, secular e materialista nasceu ali e, impulsionada pela Ciência, foi exportada para todo o planeta. A ideia de Deus, ou, como outras pessoas preferem dizer, de uma experiência espiritual mais profunda, agora parecia não somente desnecessária, como também improvável. Em relação às evidências de uma realidade espiritual — estados mais elevados de consciência, sincronicidade, premonições e orientações intuitivas, experiências de vida após a morte — todas elas poderiam ser explicadas como alucinações patológicas ou fantasias religiosas, e removidas completamente do debate. Até mesmo muitas figuras religiosas, que sofriam com um número cada vez menor de fiéis, passaram a orientar suas ações para atividades mais seculares e sociais em vez de qualquer discussão sobre a verdadeira experiência espiritual.

E para onde a Ciência e outras instituições se dirigiam, o indivíduo seguia o mesmo caminho. O mundo parecia ser tão normal, previsível e claro que um questionamento de ordem superior como esse não mais parecia ser válido, e também começou a ser afastado da consciência cotidiana.

Dizíamos a nós mesmos que bastava trabalhar duro e nos concentrar em melhorar nossas vidas; desfrutar de todos os brinquedos e produtos da existência moderna; esquecer o fato de que conhecer o objetivo maior da vida pode resultar em alguma orientação maior no decorrer do caminho, ou trazer relacionamentos mais iluminados e esclarecidos com outras pessoas. Basta se concentrar nas coisas do dia a dia e você se sentirá bem, do começo até o fim. Se a imagem da morte se levanta e nos mostra seu rosto feio, ou se surgem perguntas em sua mente sobre o que acontece depois, basta se ocupar com os afazeres seculares novamente até que os pensamentos se percam em meio ao ruído.

Eu sabia que, precisamente neste momento, tínhamos a capacidade de enxergar a verdade psicológica sobre nossa história

estendida. Enviamos a Ciência para pesquisar e descobrir a verdade sobre nossa existência espiritual e, quando ela não retornou, nós nos dedicamos a melhorar nossas condições mais terrenas. Assim, gradualmente, todos esqueceram as coisas pelas quais estávamos esperando. Lentamente, nossa preocupação com o mundo secular se tornou uma forte obsessão psicológica.

E, como qualquer comportamento obsessivo desenvolvido para reprimir alguma outra coisa — em nosso caso, a falta de respostas sobre o verdadeiro propósito da vida —, nós nos envolvemos em atividades cada vez mais frenéticas, para que não nos lembrássemos das questões que nos traziam inquietação.

Na época em que a visão de mundo moderna atingiu seu ápice, em algum momento no final do século 20, esse comportamento obsessivo havia se tornado a razão para o sucesso da carreira de inúmeros psicólogos existenciais, que mapearam a imensa variedade de compulsões que desenvolvemos para evitar nosso próprio despertar: trabalhar, fazer compras, decorar, organizar, comer, apostar em jogos de azar, usar drogas, fazer sexo, fumar, correr, fazer exercícios, fofocar, acompanhar esportes e carreiras de celebridades, e a busca infindável de reconhecimento pessoal das outras pessoas — nossos 15 minutos de fama.

Essas obsessões podiam ser encontradas em toda parte. E, especialmente em anos recentes, incluíam a compulsão mais irônica de todas: o fanatismo religioso, em que as pessoas se mantinham em um estado de dormência em relação à verdadeira experiência espiritual, ao se concentrarem somente nas doutrinas e nos aspectos exteriores de uma religião em particular — a ponto de, em situações extremas, tentar forçar suas crenças sobre os demais.

Felizmente, conforme os anos prosseguiram, nós, lentamente, começamos a despertar. Durante as últimas décadas, algo realmente começou a surgir em meio à psique coletiva da

humanidade. Por quê? Talvez seja a inerente incapacidade da repressão de resistir, ou talvez tenha sido por conta da influência constante dos teóricos do potencial humano nas décadas de 1970 e 1980. Outra razão pode incluir o grande número de pessoas da geração do *baby boom*, que atingiram o pico de sua influência na década de 1990 — questionando, como essas pessoas realmente fizeram, todos os aspectos da cultura humana. Certamente, a antiga Profecia encontrada no Peru teve alguma influência em todo esse processo.

De qualquer forma, nossa preocupação com a vida material passou a entrar em colapso. Como homens se afogando que tentam chegar à superfície da água, começamos a tentar buscar o ar de um significado mais elevado. Desde então, em espasmos e movimentos incertos, mais pessoas conseguiram visualizar lampejos de um mundo novo e maravilhoso ao seu redor. Como parte de uma cultura maior, nós finalmente começamos a descobrir a experiência da Sincronicidade.

Eu sabia que este novo despertar era o verdadeiro contexto histórico que cercava nossas vidas atuais. Estamos acordando e nos afastando de nossa obsessão secular e retomando o conhecimento a partir do ponto onde o deixamos. Queremos conhecer nossa verdadeira situação espiritual neste planeta. E, embora aqueles que ainda são obcecados pelos aspectos seculares da vida possam declarar que essa missão é impossível, a intuição nos diz o contrário.

De repente, percebi que Wil estava olhando fixamente para mim. Ele passou todo aquele tempo dirigindo, esperando que meu momento de reflexão terminasse. Quando meu olhar cruzou com o dele, ele olhou para o relógio com uma expressão bem-humorada e aquilo me fez rir em alto e bom som.

— Desculpe! — eu disse. — É assim que minha mente funciona.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Eu imagino, então, que você se lembrou do Segundo Sinal.

— Sim.

— O que ele dizia sobre um contexto histórico mais verdadeiro que circunda nossa interação?

— Que nós estamos despertando de um período de 500 anos de preocupação com o mundo material e secular, e querendo saber qual é o verdadeiro sentido e razão da vida.

Wil abriu um sorriso.

— Está certo. E o Documento diz que qualquer pessoa que sustente a Sincronicidade e que se lembre do contexto do despertar será guiada para um fluxo de Diálogo Consciente. Assim, essa pessoa se tornará parte de um processo mundial de construção de consenso para descobrir a verdade sobre nossa natureza espiritual.

Eu olhei para Wil.

— Isso não vai demorar uma eternidade?

Em vez de responder, ele voltou a indicar o restante do Documento na minha mão. Quando comecei a ler, percebi que faltava apenas uma página para chegar ao fim, cuja parte de baixo fora rasgada e continha apenas um parágrafo. Ela dizia que cada pessoa que mantiver a verdade sobre sua jornada sincronística, ao mesmo tempo em que procurar escutar a verdade na jornada de outra pessoa, ajudará a construir uma visão de mundo nova e mais verdadeira. E, graças à honra de fazer a verdade evoluir, essa pessoa passa a exercer uma influência especial sobre o mundo. Tudo o que precisávamos fazer era manter nossa energia em um patamar elevado.

Eu me empertiguei, pensando novamente na referência que o Documento fazia ao último grupo de integrações que descobriríamos como a “Ascensão à influência”.

Voltei a olhar para Wil:

— É o fato de nos centrarmos na verdade que cria a influência, não é?

Ele assentiu:

— Descobriremos isso quando encontrarmos o restante dessa integração.

Era verdade. Eu não tinha dúvidas. Ainda estávamos na Segunda Integração e, mesmo assim, tudo estava ocorrendo da maneira que o Documento disse que aconteceria. A Primeira Integração nos mostrou que esperar pela Sincronicidade e dizer a verdade absoluta às pessoas fazia com que essas coincidências misteriosas continuassem a acontecer. E, agora, a Segunda Integração parecia dizer que, se todos estivessem fazendo o mesmo, agindo de acordo com o despertar, nós descobriríamos o que precisávamos saber. As únicas coisas mencionadas que não estavam plenamente esclarecidas eram a ideia da influência e a descrição críptica sobre “manter nossa energia elevada”.

Repentinamente, Wil estacionou o Cruiser no acostamento da estrada.

— É sua vez de dirigir.

Por toda a manhã, eu dirigi em direção ao oeste. O céu imenso continuou azul, e o brilho do sol ficou vívido durante as centenas de quilômetros que percorremos através de pastos e campos de trigo. Durante horas, eu simplesmente olhava em direção ao horizonte distante, até que, em certo momento, senti que estava ficando levemente entediado e esfomeado.

Pouco antes do meio-dia, parei em um posto de combustível ao lado da estrada e coloquei mais gasolina no tanque do Cruiser. Sem conseguir resistir, comprei um pedaço de torta de maçã industrializada no balcão da loja de conveniência e comi lentamente enquanto dirigia. Estava deliciosa, talvez deliciosa demais. Depois de 20 minutos, minha cabeça começou a doer, e eu senti uma queda repentina em minha energia. A sensação ruim perdurou várias horas. Quando Wil finalmente acordou, disse a ele o que havia feito.

— Deixe-me ver se entendi direito — ele falou. — Você, um discípulo do dr. Blaylock, comeu uma torta de maçã industrializada, logo depois de pegá-la da prateleira da loja. Você deveria saber o que aconteceria.

Eu sabia que ele estava falando sobre o problema dos glutamatos, contra o qual Blaylock lutava ferrenhamente. O glutamato monossódico e outras substâncias similares resultam do processamento de várias proteínas e óleos, e frequentemente são acrescentados a alimentos industrializados, especialmente porque são realçadores de sabor. Eles não têm sabor próprio, mas a primeira mordida manda imediatamente sinais ao cérebro dizendo que você está comendo a coisa mais saborosa do mundo, apesar de ser, provavelmente, feita com ingredientes nocivos.

A indústria de alimentos diz que eles não são perigosos, mas, de acordo com alguns especialistas, os glutamatos são responsáveis por inflamações no cérebro e alterações no funcionamento de outros órgãos, contribuindo para uma grande variedade de doenças modernas, como o diabetes, a síndrome de Alzheimer e, particularmente, a obesidade.

— Deixe-me adivinhar os sintomas — disse Wil. — Talvez uma dor de cabeça leve e incômoda, olhos cansados, ausência de energia e completa falta de inspiração e vontade de fazer qualquer

coisa que seja. Tudo isso em troca da pequena euforia inicial causada pelo sabor.

Ele balançou a cabeça.

— Comer é um dos hábitos mais obsessivos do mundo moderno. Se a comida é sua distração preferida para tentar se sentir bem, então, por definição, essa comida precisa ter um sabor excelente. Se não for assim, você não sentirá aquela sensação de tranquilidade e satisfação que sobrevém quando os receptores de glutamato no cérebro são ativados. Com os glutamatos, as indústrias de alimento encontraram uma maneira artificial de fazer isso por você.

E prosseguiu:

— O maior problema não é somente o impacto na saúde. É como afeta sua consciência. Você não é capaz de manter a energia em um patamar elevado e ficar espiritualmente alerta se estiver drogado!

Ele interrompeu a explicação e olhou para mim.

— O que foi? — perguntei.

— O Documento diz que manter nossa energia elevada é importante para desenvolver a influência.

— Sim, eu me lembro.

Ele olhou para o outro lado enquanto eu o observava.

— A comida é o primeiro nível de energia que permitimos entrar em nossa consciência e, dessa forma, é algo básico para estabelecer um domínio maior sobre nossa vida. É irônico perceber que a comida verdadeira, aquela que é orgânica e que foi recém-colhida, estimula os mesmos receptores no cérebro e nos dá a mesma quantidade de euforia *natural* — sem roubar nossa energia depois. Você sabia que a maioria das pessoas nunca experimentou

legumes orgânicos recém-colhidos? A maioria das coisas que compramos nos supermercados já foi colhida há várias semanas e está completamente morta.

Naquele exato momento, abruptamente, Wil parou de falar e começou a olhar para o alto de uma rampa de saída da estrada, pela qual estávamos passando. Ele balançou a cabeça.

— O que houve? — perguntei.

— Havia um furgão estacionado naquela última saída. Aconteceu a mesma coisa na noite passada.

— Você acha que eles ainda estão nos seguindo?

— Não diria que estão nos seguindo, mas estão observando. Eles devem estar nos rastreando com um satélite ou coisa parecida.

— O quê? Se for assim, então essas pessoas têm uma conexão muito forte com o governo.

— Provavelmente sim. Mas, pelo menos, eles não parecem querer nos deter. Poderiam ter feito isso a qualquer momento depois que escureceu. Por alguma razão, só querem saber para onde estamos indo.

Olhei nos olhos de Wil:

— Você acha que eles estão interessados no Documento?

Ele concordou com a cabeça.

— É o que parece.

Durante o resto do dia, nós não conversamos muito mais. Periodicamente, eu sentia surtos de ansiedade em relação à nossa segurança, mas, a cada vez que isso ocorria, conseguia afastar a sensação e recuperar minha postura de expectativa pela Sincronicidade. Nesse momento, sentia que não havia alternativa a não ser buscar o que o Documento descrevia, pelo menos por mais

algum tempo. O único efeito que vi em Wil foi que ele ficou mais atento na busca de alimentos limpos.

— O fato de você ter sido intoxicado foi um lembrete — disse ele.

Toda vez que parávamos para abastecer, ele perguntava pela localização de mercados que vendiam alimentos orgânicos ou feiras livres, e conseguimos comprar comida em vários deles. A cada refeição, parávamos em um posto de combustível e acendíamos o pequeno fogareiro a gás que Wil trazia em sua mochila. Em 15 minutos, tínhamos uma boa quantidade de legumes para fazer uma refeição excelente e nutritiva. Depois de 24 horas assim, eu me sentia incrivelmente energizado e meus pensamentos pareciam estar mais livres e claros. E conseguia até mesmo enxergar melhor.

Quando a noite caiu, chegamos a Albuquerque, onde entramos em uma oficina mecânica cujo proprietário era amigo de Wil. Todas as nossas bagagens e pertences foram examinados em busca de equipamentos que pudessem estar nos rastreando. Estava tudo limpo. Depois, passamos a noite em um pequeno hotel nas proximidades e pagamos pela estadia em dinheiro. No dia seguinte, acordamos cedo para dirigir em direção ao Arizona.

Ao meio-dia, começamos a perceber os veículos novamente e, no meio da tarde, entramos numa intersecção para pegar a estrada que nos levaria a Sedona, passando bem em frente a um dos SUVs. O veículo estava claramente à vista.

— Eles querem que os vejamos — comentou Wil.

— Quem são essas pessoas? — perguntei.

— Não sei. Mas pode apostar que, cedo ou tarde, eles vão nos contar.

Eu simplesmente balancei a cabeça e tentei me concentrar nas colinas de rocha avermelhada por entre as quais estávamos

dirigindo. Entrar na área de Sedona sempre me lembrava de que alguns lugares são feitos de puro poder. Se você for puro o bastante para sentir, o percurso que existe entre a pequena cidade de Oak Creek e Sedona é uma jornada através de um mundo mais elevado.

A sensação é de vivacidade pura e clareza intensa, e, ao olhar para as colinas e formações rochosas espetaculares que circundam a pequena cidade, você sente imediatamente uma mudança em sua percepção. Tudo o que está ao seu redor parece se destacar mais, e a Sincronicidade literalmente explode conforme sua frequência aumenta, simplesmente por estar nesse lugar.

Dirigimos lentamente pela rua principal, que levava à parte mais distante da cidade, olhando para as pessoas que andavam pelas calçadas. Parecia haver muitos turistas e residentes locais e, a julgar pelas roupas e o modo de agir, pessoas de fora da cidade que não eram turistas. Pareciam viajantes sérios que, como nós, estavam procurando por alguma coisa. Durante algum tempo, passamos pelas ruas daquela parte da cidade, tentando descobrir o que poderia acontecer, e, por um momento, senti como se estivesse prestes a encontrar alguém importante. Mesmo assim, nada ocorreu.

Como nossa comida havia acabado, sugeri que fôssemos para oeste, em direção ao sol poente, e parássemos no armazém New Frontier para comer uma salada. Quando chegamos, em vez de estacionar, Wil simplesmente me pediu que saísse, dizendo que gostaria de procurar alguns amigos da tribo dos índios hopis que viviam na região. Eu entrei, pedi uma salada para mim e outra que levaria para Wil comer mais tarde. Em seguida, sentei-me em uma mesa no canto para comer.

Já havia quase terminado a refeição quando a presença de alguém na porta da loja chamou minha atenção — era Coleman. Ele não comentou que estava vindo para Sedona quando conversamos

no posto, mas aqui estava ele, vindo resoluto em minha direção, como se estivesse em algum tipo de missão.

— Eu vi quando você entrou — disse ele, tirando algumas folhas de papel de sua maleta. — Você viu isso? É parte do Documento sobre o qual você estava falando.

Eu dei uma olhada rápida nos papéis e realmente eram as mesmas passagens sobre a Segunda Integração que eu lera anteriormente, mas havia mais dez páginas, no final, que eu não havia visto antes.

— Onde encontrou isso?

Ele balançou a cabeça e sorriu com a situação.

— Não fazia dez minutos que eu havia chegado aqui, na noite passada, quando encontrei sua garota, Rachel.

— Ela não é minha garota — protestei.

— É só uma maneira de falar. De qualquer forma, estou hospedado no mesmo hotel que ela. Depois, desci até o saguão para buscar uma xícara de café e ouvi duas pessoas conversando. Quando me aproximei, percebi que eles estavam falando sobre esse Documento. Fui até eles e me apresentei. Descobri que também eram cientistas. Consegue acreditar nisso? E estavam discutindo a mesma questão que você me fez antes: como cientistas verdadeiros poderiam estudar o tópico da espiritualidade. E não é tudo. Estavam com a primeira e a segunda partes do Documento e estavam relacionando o texto com uma antiga Profecia que veio a público há alguns anos.

Ele deu uma gargalhada e continuou:

— Não é incrível? Minha cabeça quase explodiu. Quanto mais eu conversava com aqueles caras, mais descobríamos que tínhamos coisas em comum. Fizemos amizade imediatamente e

passamos metade da noite conversando. E adivinhe: no começo da manhã, saímos para percorrer uma trilha no deserto, e eu entendi tudo! Percebi que a Sincronicidade é real, que é possível sustentá-la e que nós estamos novamente despertando para explorar sistematicamente nossa natureza espiritual. Eles me deram uma cópia da Segunda Integração. Não fiquei surpreso quando vi você novamente.

Ele estava cheio de energia, falando a 100 quilômetros por hora sobre toda a Sincronicidade que estava experimentando. Eu ri. Era o típico “efeito Sedona”, do qual as pessoas tanto falam.

— Vá em frente! — disse ele. — Leia o texto.

Comecei onde havia parado com a cópia de Wil, descobrindo que o Documento continuava a partir do mesmo ponto, enfatizando a importância do Diálogo Consciente para trazer ao mundo um novo consenso sobre a experiência espiritual.

— Você percebe o que isso quer dizer? — interrompeu ele. — O texto não usa as palavras exatas, mas meus novos amigos cientistas e eu concordamos. O Documento pede que a metodologia científica seja aplicada à nossa busca individual pela verdade espiritual. Tudo que o texto nos diz para fazer é aquilo que os bons cientistas já fazem.

— Esse processo permitiu que todas as leis básicas da realidade física fossem descobertas, com os trabalhos de Tales, Newton e Einstein, e percebo agora como é possível aplicá-lo à experiência individual da espiritualidade. Por exemplo: considere o fenômeno da Sincronicidade. Como a sensação é a mesma para todas as pessoas, podemos discuti-la, comparar anotações e obter um consenso sobre seu funcionamento.

Eu estava apenas escutando, sem acreditar que estava conversando com a mesma pessoa. Até mesmo as expressões

básicas no rosto dele eram diferentes. Em vez de continuar a refutar e rejeitar a espiritualidade, ele havia vivenciado algo que não podia explicar através de seu antigo ponto de vista, o que fez com que ele despertasse de maneira rápida e repentina.

— Escute — disse ele —, devo todo meu interesse nesse assunto a você. Se eu não tivesse lido nada no Pub, ou se você não perguntasse como a Ciência poderia investigar a Sincronicidade e a espiritualidade, talvez nunca conseguisse enxergar a verdade que há por trás de tudo isso. Eu nem tinha a intenção de vir para Sedona até conversamos naquele posto de gasolina.

Ele sorriu para mim e prosseguiu:

— Sabe, não tive muito sucesso como cientista. Não conseguia ficar de boca fechada. Fui demitido do MIT¹ porque me recusei a ceder a alguns interesses comerciais de pessoas que queriam comprar resultados específicos de alguns estudos. Mas a ideia de me envolver em um método de pesquisa honesto e dedicado à verdade... é isso que sempre quis fazer. Você realmente me influenciou.

“Influência”, pensei. Aquela palavra novamente.

Ele indicou as páginas que eu ainda tinha nas mãos com um movimento de cabeça.

— E a última parte se encaixa exatamente com algo que me fascina há um bom tempo, como se uma parte de minha vida estivesse me preparando para tudo isso.

Olhei para ele, confuso. Ele prosseguiu.

— O Documento fala sobre algo que Immanuel Kant postulou há alguns séculos, com a ideia de imperativo categórico.

Assenti. Já conhecia um pouco sobre a obra de Kant. Ele foi o pai de uma filosofia chamada fenomenologia, a qual,

essencialmente, convocava os pensadores a suspenderem seu modo habitual de observar um determinado fenômeno da natureza para analisá-lo de uma maneira nova. Na verdade, eu havia usado o termo cunhado por Kant, *cercear as pressuposições*, na conversa anterior com Coleman. Ouvi falar até mesmo da ideia imperativa — viver e comportar-se como se outras pessoas se sentissem compelidas a viver e acreditar da mesma maneira que você — porque, como disse Kant, esta é exatamente a influência que temos sobre eles.

— O Documento fala sobre tudo isso? — perguntei.

— Não, não com os termos de Kant — respondeu ele. — Mas a ideia é exatamente a mesma. Todas as pessoas não têm apenas que ser honestas, mas agir de maneira experimental com suas crenças antes de fazerem grandes proclamações. Se não for assim, poderemos induzir outros a seguir por caminhos errados, simplesmente ao exercer essa misteriosa influência que temos sobre eles. O Documento diz que temos de aceitar o fato de que a realidade pessoal é contagiosa.

Ele ficou em silêncio e olhou para mim.

— O texto diz que cada um de nós deve, antes de qualquer outra coisa, provar a si mesmo que sua conclusão sobre a espiritualidade realmente funciona, antes de transmiti-la a outros como verdade. E, como estamos acrescentando conhecimento espiritual à nossa realidade secular, devemos usar o processo da evidência lógica conforme prosseguimos.

Ele se aproximou um pouco mais e falou com voz mais baixa:

— Você sabe que há muitas ideias birutas circulando aqui por Sedona.

Eu ri. Ele estava certo, é claro. Algumas dessas ideias malucas eram divulgadas como verdades absolutas por charlatões, cujo

único objetivo era ganhar dinheiro com elas. Mas, como Coleman estava percebendo, o efeito do próprio lugar, das colinas, dos riachos e da beleza, em geral, era tão genuíno quanto a luz do dia.

— O Documento também afirma que, quando nos sentimos convencidos de que nossas experiências espirituais são verdadeiras, devemos vivenciá-las de maneira plena e aberta, e falar a todos sobre elas. Se realmente houver uma influência, e acredito que há, isso vai ajudar todas as pessoas a alcançarem um nível superior de consciência mais rapidamente.

Ele se levantou da cadeira.

— Pode ficar com essa tradução — disse ele. — Fiz outras cópias.

— Espere um pouco. Como você acha que esta maneira consciente de chegar a um consenso vai acontecer?

— Como qualquer outro consenso científico. Em primeiro lugar, haverá áreas cada vez maiores de concordância, conforme as experiências comuns forem discutidas e percebermos que elas são iguais para todos. Em seguida, elas vão se amalgamar em princípios ainda maiores, como aconteceu com as teorias de Newton e Einstein sobre o mundo secular. Após algum tempo, descobriremos as leis que governam todo o processo: as leis naturais fundamentais da espiritualidade.

Sem dizer mais nada, ele rabiscou o número de seu telefone celular na primeira página do Documento, piscou o olho para mim e saiu rapidamente pela porta do armazém.

Quando Wil voltou para me buscar, eu estava deitado em um banco, perto de um bosque de juníperos que enchia o ar com um aroma agradável, apreciando os primeiros tons rosados do pôr do sol. Quando embarquei no Cruiser, o sol desapareceu por trás de algumas nuvens esparsas perto da linha do horizonte,

transformando-se em um brilho avermelhado, que agora tingia as nuvens com pinceladas em tons de laranja e âmbar.

A beleza do momento era impressionante. Tudo que havia à nossa volta — os picos esculpidos das colinas que cercavam a cidade, as pequenas lojas do outro lado da rua e cada uma das nuvens do céu — assumiu uma bela aura dourada. As pessoas paravam nas calçadas e estacionavam seus carros para observar o espetáculo.

“Outro pôr do sol mágico em Sedona”, pensei, enquanto olhava para Wil, que ocupava o assento do motorista. Ele sorriu para mim e eu sugeri que fôssemos até Airport Vortex para lá assistir ao final dramático daquele espetáculo. Wil concordou e, dez minutos depois, estávamos escalando uma formação rochosa perto do vórtice, que tinha o formato de uma pirâmide circular. No topo, a formação assumia uma forma plana que coroava o rochedo com um círculo de, aproximadamente, 12 metros de diâmetro.

Durante um bom tempo, nós simplesmente admiramos e nos banhamos na energia da luz. Eu não consegui evitar pensamentos sobre a mitologia de Sedona: muitos acreditam que existem lugares especiais por toda aquela região que causam um efeito nas pessoas parecido com uma elevação. Alguns são grandes vórtices como aquele onde nos encontrávamos. Somente alguns desses lugares, uma dúzia ou pouco mais, foram demarcados e identificados.

Entretanto, de acordo com as lendas, não são apenas esses grandes vórtices que se destacam na paisagem de Sedona. Há também outros locais poderosos e não tão grandes, escondidos pelas ravinas e chapadas, esperando que um explorador casual se sente para descansar nas proximidades. Conforme a mitologia explica, há um vórtice esperando por todos que completam sua jornada até Sedona, um lugar para cada um de nós, onde nossa

consciência pode se elevar e alcançar um destino maior. Tudo o que você tem que fazer é andar pela região até encontrar esse lugar.

Eu imaginei se, com a clareza que Coleman repentinamente passou a exibir em sua vida, ele já havia encontrado o seu.

Sorri e voltei a olhar para o horizonte. Aqui, em Airport Vortex, tem-se a sensação de deixar todas as preocupações para trás e absorver algo que só pode ser descrito como uma energia curativa e de auxílio, é uma impressão de estar completamente feliz e seguro. Eu me recostei nas pedras, sentindo que estava deixando meus problemas para trás — não querendo estar em nenhum outro lugar que não fosse este, neste exato momento, me banhando na luz do pôr do sol.

Observamos o sol desaparecer atrás do horizonte, enviando uma luz mais amarelada e, por fim, um cinza pálido. Olhei para Wil. Ele fez que sim com a cabeça e se levantou. Começamos a descer a colina. Enquanto caminhávamos, contei a Wil sobre o encontro com Coleman e o restante da Segunda Integração.

— Encontrei com meus amigos da tribo dos hopi — disse ele. — Eles também me mostraram o restante da Segunda.

— O que você acha sobre essa ideia de construir um novo consenso sobre a espiritualidade? Coleman disse que este era seu propósito.

Wil interrompeu a caminhada e me puxou para a beirada da trilha, enquanto um grupo de pessoas que subia na direção oposta passou por nós. Vários deles nos olharam, como se estivessem imaginando que estavam nos vendo aqui devido à Sincronicidade. Sorrimos para eles e os cumprimentamos com acenos de cabeça, e eles continuaram pela trilha.

— Acho que muitas pessoas sabem que, de alguma forma, a Sincronicidade está nos reunindo para fazer algo histórico — disse

Wil. — O mundo está envolto no caos, mas podemos consertar as coisas se permanecermos alerta e mantivermos o contexto histórico em mente. Temos de nos conservar despertos e ajudar uns aos outros a continuar despertos.

Wil me olhava com determinação e, naquele momento, senti uma elevação plena em direção à clareza da Segunda Integração. Comecei a imaginar quantas pessoas ao redor do mundo haviam percebido as mesmas transformações. Será que já estávamos influenciando uns aos outros a despertar para o Diálogo Consciente e à misteriosa influência de Kant?

— E a Terceira Integração? — perguntei. — Seus amigos hopis ouviram alguma coisa a respeito?

Ele assentiu e um grande sorriso se formou em seu rosto.

— Sim, eles a conhecem muito bem, embora não tivessem nenhuma cópia. O texto diz que, quando as pessoas, em qualquer cultura, começam a despertar e manter Diálogos Conscientes, elas rapidamente descobrem que os “princípios” espirituais fundamentais estão mesclados à estrutura do Universo.

— É mesmo? — E comentei: — Coleman achou que isso aconteceria. Ele disse que descobriríamos as leis da nossa natureza espiritual. Seus amigos lhe falaram sobre isso?

Wil começou a descer pela encosta novamente.

— Sim. A Terceira diz que essas leis já foram descobertas. E, para avançar, precisamos somente prová-las em nossas vidas. Quando isso acontecer, entraremos em “alinhamento” com elas. E também afirma que, durante esse período, teremos motivações extras para fazer exatamente isso.

— Que tipo de motivação?

— Precisamos entrar em Alinhamento — repetiu ele. — É a única maneira de evitar outro efeito: a aceleração do carma.

[1](#) Massachusetts Institute of Technology.

ENTRANDO EM ALINHAMENTO



Acordei com o som de Wil batendo na porta do meu quarto de hotel. Havíamos dirigido até o Bell Rock Inn e lá nos registramos. Eu me deitei antes das 11 horas, esperando que viéssemos a sair cedo na manhã seguinte. Só não imaginava que sairíamos tão cedo!

— Acorde — sussurrava Wil pela porta, quando eu a abri. Entrando apressadamente, ele me entregou uma mochila grande, algumas roupas novas e um par de botas.

— Por que tudo isso? — perguntei, ainda sonolento.

Wil foi até a janela e olhou para o estacionamento, onde meu Cruiser estava.

— Dê uma olhada — disse ele, apontando.

Apertei os olhos para conseguir ver naquela escuridão.

— O quê?

— Nossos amigos voltaram. Estão na rua, atrás de seu Cruiser.

Levou alguns segundos, então finalmente consegui perceber um furgão escondido entre algumas árvores. Havia vários homens reunidos ao redor do veículo. Um deles falava em um rádio, olhando em nossa direção.

— Já os vi.

Wil balançou a cabeça.

— Parece que eles vão aprontar alguma coisa. Vista essas roupas e as botas novas, e deixe as roupas que você trouxe no quarto. Alguém pode ter instalado um localizador em um de nós desde que chegamos aqui.

— Espere um momento — falei. — Estamos no meio da noite. O que você acha que devemos fazer?

— Precisamos despistá-los novamente e isso significa que teremos de deixar seu carro aqui. Não se preocupe! Os hopis vão ficar de olho nele. Ouvi rumores de que há algumas pessoas acampando em uma parte distante de Boynton Canyon e elas têm mais uma parte do Documento. Devemos encontrar a Terceira e a Quarta Integração o mais rápido possível, e não podemos nos arriscar a sermos detidos. Precisamos sair da cidade e ir para o meio da natureza.

Wil estava me ajudando a guardar as coisas que havia trazido e inspecionava tudo o que eu colocava na mochila. Eu conhecia a área de Boynton, que tinha a reputação de ser um lugar sagrado, com várias ruínas dos índios americanos. Por várias vezes, tentei seguir a pé até o lugar para percorrer suas trilhas, mas algo sempre me fazia dar meia-volta após uma caminhada curta. Havia alguma coisa assustadora, naquele lugar, que me causava arrepios.

— Há alguns lugares bastante estreitos naquele cânion — eu disse. — Se formos até lá, podemos ficar isolados.

Ele me deu um daqueles olhares cheios de determinação.

— Há caminhos que levam para fora do cânion, se você souber onde eles estão.

Eu conhecia Wil o bastante para saber que aquela não era hora para brincadeiras. Pela expressão que tinha no rosto, ele deixaria que eu tomasse uma decisão: poderia acompanhá-lo ou ficar para trás. Ele não veria qualquer problema em me deixar aqui.

— Os hopis consideram o cânion um local de purificação. Pode ser justamente o lugar para aprendermos a respeito do Alinhamento e do Carma — disse ele, finalmente.

Eu o observei por mais um momento, percebendo que aquela era a segunda vez que ele mencionava “carma”, e, em seguida, falei:

— Certo, vamos lá.

Pegamos o restante das nossas coisas e saímos discretamente pela porta dos fundos, nos esgueirando pelas sombras do estacionamento até chegarmos a algumas árvores. Wil me guiou pelas sombras até outro estacionamento, onde um velho Mercedes que cheirava a óleo de amendoim nos esperava. Ao volante, havia um homem baixo e musculoso, com uma longa cabeleira negra. Quando embarquei, tão silenciosamente quanto fui capaz, lutei para identificar a origem do cheiro. Até que, finalmente, me dei conta: o carro era movido a biodiesel, fabricado a partir de óleo de fritura reciclado.

— Este é Lobo — disse Wil, apresentando-me ao motorista. — É meu amigo hopi, de longa data.

Lobo aparentava ter cerca de 50 anos de idade, exceto por seus olhos, que pareciam muito mais jovens. Eles tinham uma coloração amarelada como o âmbar e eram muito penetrantes — exatamente como os de um verdadeiro lobo. Ele sorriu para mim e me cumprimentou com um aceno de cabeça.

Ninguém conversou enquanto Lobo dirigia por algumas ruas e depois refez o mesmo trajeto várias vezes, para verificar se alguém nos seguia. Chegamos até mesmo a parar por algum tempo, desligando os faróis do carro, apenas para ter certeza. Quando tudo parecia seguro, entramos em uma estrada que serpenteava por

entre um grupo de casas e depois seguimos pela estrada principal, que levava para fora da cidade.

— É melhor se centrar — disse Wil, e olhou pela janela.

Sabia exatamente o que ele queria dizer. Respirei fundo e me lembrei de onde estávamos no processo. A expectativa pela Sincronicidade já era totalmente parte de mim e, assim, eu me concentrei em manter em mente a verdade sobre nosso contexto histórico estendido. Aquilo fez com que me sentisse imediatamente mais desperto e alerta, bem no limite dos eventos que se desdobravam.

Após mais alguns quilômetros, Lobo dirigiu o carro lentamente em direção ao início da trilha de Boynton Canyon. Para nossa surpresa, dezenas de carros estavam estacionados ao longo da estrada. Wil e Lobo trocaram olhares. Enquanto pegávamos o equipamento, Wil me deu uma lanterna e avisou para tomar cuidado com as cascavéis que infestavam a região.

Lobo riu e se aproximou de mim.

— Lembre-se — sussurrou ele —, os cânions têm a função de purificar, mas as montanhas existem para nos dar a *Visão*.

Queria perguntar a ele o que aquilo significava, porém Wil estava pedindo que eu o seguisse. Quando Lobo embarcou no carro e voltou pela estrada, nós entramos no cânion. Depois de cerca de um quilômetro e meio, eu me aproximei de Wil e perguntei:

— Por acaso existe alguma montanha maior perto daqui?

— Por que você quer saber?

— Lobo disse algo a respeito.

— Há uma área desabitada a alguns quilômetros a norte daqui, chamada de Montanha Secreta.

Ele voltou a caminhar pela trilha. Em seguida, virou-se para mim e acrescentou:

— Há algo sobre Lobo que você deveria saber: ele frequentemente sabe o que vai acontecer.

Eu ouvira falar da Montanha Secreta, mas tinha somente uma ideia aproximada de onde ela ficava. Uma coisa era certa: a região desabitada ao redor daquele lugar era gigantesca. Imaginei que teríamos de esperar para saber o que Lobo quis dizer e, de maneira surpreendente, aquilo não me causou qualquer ansiedade. Deveria me sentir apreensivo em relação à nossa fuga repentina para longe da cidade, mas, quanto mais profundamente no cânion penetrávamos, mais eu me sentia energizado. Em vez da sensação de inquietação e medo que tive da última vez em que estive em Boynton, agora sentia o oposto: uma sensação de que, de algum modo, eu estava em casa, acreditando que qualquer coisa que viesse a acontecer ali seria benéfica.

Estávamos andando por uma área de juníperos e algarobeiras, entremeadas por imensas formações e afloramentos rochosos de cor avermelhada. Um céu pontilhado de estrelas brilhantes fazia com que quase não precisássemos das lanternas.

— Por que os hopis acreditam que este lugar tem a função de purificar?

— Por causa do impacto que causa. Ele repele qualquer pessoa que não esteja pronta para uma revelação, qualquer que seja. Mas, quando você *está* pronto, o poder deste lugar o ajuda.

— Ajuda energeticamente?

— Sim. De acordo com as lendas, se você se embrenhar bastante por aqui, digamos, dois ou três quilômetros cânion adentro, ele inevitavelmente vai testar suas crenças a respeito da vida e inspirar uma revisão de como você forja seu caminho neste mundo.

Novamente, há muito sentido no que está acontecendo. Estamos sendo levados para o interior deste cânion para estudar as Leis da Espiritualidade.

— Tudo isso surgiu para as pessoas devido à crise econômica. Durante a era material, tínhamos a tendência de pensar que estávamos sustentando a subsistência com o nosso conhecimento e nossa razão. Era comum presumir que, se usasse sua cabeça e trabalhasse bastante, você conseguiria prosperar na vida.

— Mas, na realidade, todos sabem que há forças intangíveis agindo sobre o mundo, determinando quem alcança o sucesso. Você pode pensar de maneira tão lógica e trabalhar com tanto esforço quanto a pessoa a seu lado e, mesmo assim, não conseguir a mesma prosperidade. Sempre existe um fator desconhecido nesta vida que decide quem é afortunado e quem não é, e estamos prestes a descobri-lo.

Repentinamente, ele parou e observou uma área plana que ficava à direita da trilha, alguns metros acima de onde estávamos.

— Vamos subir até aquele ponto — disse ele. — Podemos montar acampamento e dormir um pouco até o amanhecer.

Subimos até o local que ele apontara e, em poucos minutos, estávamos com as barracas armadas e a comida resguardada e amarrada no galho de uma árvore, para protegê-la. Em seguida, outra pergunta veio à mente.

— Você acha que o fator que falta à equação é o Alinhamento?

Ele assentiu.

— De acordo com meus amigos hopis, a Terceira Integração diz que, durante uma época de transição como esta em que estamos, quando as economias estão esmorecendo e as pessoas agindo de maneira louca, uma nova forma de atender às necessidades mais mundanas será revelada às pessoas.

Wil já estava se arrastando para dentro de sua barraca.

— Vamos ver o que acontece amanhã.

Na manhã seguinte, acordei com o som de galhos se quebrando do lado de fora de minha barraca e com gritos de Wil. Calcei as botas e olhei pela abertura. O dia mal havia raiado e Wil estava correndo em direção à árvore onde nossa comida estava amarrada. Quando cheguei lá, percebi que o galho estava quebrado e a bolsa com nossas provisões havia desaparecido.

— Você a viu? — perguntou Wil, apontando para a encosta. — Ela era grande.

— Não consegui ver — respondi.

Demos uma olhada em volta até encontrarmos grandes pegadas.

— É estranho! Eu não sabia que ainda havia grandes ursos por aqui — disse.

Perto de onde estávamos, havia várias embalagens, com comida desidratada, que caíram da mochila quando o urso a arrastou para longe.

— Podemos tentar seguir os rastros e recuperar a comida — eu disse, me abaixando para recolher o que estava no chão.

Wil me encarou e percebi o que ele estava pensando. Não era uma boa ideia. Não estávamos armados e aquele urso era muito grande. Talvez até mesmo tivesse um filhote.

Voltamos para as barracas. Wil pegou seu fogareiro e começou a preparar uma das refeições. Havia uma brisa fria no ar, e uma chuva leve começou a cair.

— A questão é a seguinte... — declarou Wil — O que devemos fazer? Sem comida, devemos tomar uma decisão. É possível que tenhamos de passar vários dias nesta região desabitada.

Precisamos de provisões. Por outro lado, se voltarmos para buscá-las, podemos encontrar aqueles homens que estavam nos seguindo.

— Quais são as alternativas? — perguntei.

— Podemos simplesmente continuar andando. Vamos ver até onde conseguimos chegar.

Eu estava resistindo:

— Não podemos ficar nesse lugar sem comida!

Wil voltou a olhar para mim:

— Bem, é um desafio, mas não é isso que está acontecendo com o resto do mundo? Pense um pouco. Milhões de pessoas estão passando pela mesma situação. Elas chegam ao trabalho certo dia e seu chefe lhes diz que estão demitidas. De repente, não têm mais dinheiro para comprar comida. É a mesma situação na qual estamos agora, só que pior.

— Mas o que vamos comer? Algum de seus amigos hopis está por aqui?

— Não — disse ele. — Eles já estão procurando pela Quarta Integração, em um lugar mais ao norte. Teremos de tentar a sorte e ver se conseguimos comida com outras pessoas.

Eu apertei os olhos:

— Isso não vai ser fácil.

— É verdade. Mesmo assim, na realidade, não é com isso que todos temos que contar? Todos nós trabalhamos em algum lugar, não é? Mesmo se trabalharmos para o governo, se as pessoas não comprarem aquilo que vendemos, ou não precisarem mais de nossos serviços, não conseguiremos sobreviver. Assim, até certo ponto, todos nós precisamos ter sucesso. Se o Universo não lhe sorrir, você estará com um problema enorme. É especialmente em

épocas como esta que nos damos conta de que dependemos exclusivamente de que outras pessoas apareçam. Para simplificar a história, são elas que nos darão a comida de que precisamos.

Nunca havia pensado daquela maneira, mas sabia que Wil tinha razão. Em termos práticos, sempre estamos sujeitos à boa vontade de outras pessoas.

— Portanto, a coisa funciona assim... — continuou Wil. — Há algumas regras esotéricas atuando nos bastidores, determinando se as pessoas surgirão em nossa vida, regras que podemos compreender e com as quais podemos entrar em Alinhamento. Estou lhe contando essas coisas porque isso é exatamente o que a Terceira Integração diz.

— Certo — eu disse. — Vamos seguir em frente e ver o que acontece.

Após alguns minutos, havíamos tomado a sopa preparada por Wil e guardado as barracas e a água em nossas mochilas. Voltamos a seguir a trilha. Depois de algum tempo, Wil comentou:

— Há outra coisa também. Lembre-se de que outras culturas despertaram na História da mesma maneira que está acontecendo conosco. Essas culturas eram menores e relativamente isoladas, mas sempre descobriram os mesmos princípios espirituais básicos que controlam o Universo.

Corri para alcançá-lo.

— Você tem certeza, então, de que o Terceiro Sinal vai nos dizer quais são essas leis?

— Sim, as leis fundamentais são conhecidas. Os hopis me disseram que alguns desses princípios têm aspectos que ainda não estão completos e, é claro, precisam ser comprovados, com absoluta certeza, na vida de uma pessoa antes que se possa

acreditar neles. Mas, sim, sabemos quais são as leis fundamentais, começando com a que já estamos usando.

— E qual é essa lei?

— A Lei da Verdade. Nós a usamos para manter nossa Sincronicidade funcionando, e ela governa a situação quando trocamos verdades durante Diálogos Conscientes. Mesmo assim, lembre-se de que é fácil permanecer na verdade quando a Sincronicidade está fluindo para ajudá-lo. É muito mais difícil manter o hábito quando os problemas econômicos ganham força.

De repente, ao longe, vi duas pessoas caminhando pela trilha à nossa frente.

— Há algumas pessoas ali adiante, Wil.

Aceleramos o passo até conseguirmos vê-los com clareza. Dois homens estavam caminhando juntos, vestidos com equipamento para caminhada em montanha, usando chapéus de aba larga e levando mochilas grandes, de aparência cara.

Olhei para Wil.

— O que você acha?

Ele deu de ombros.

— Não vejo problemas. Não acho que precisamos nos preocupar.

— Tudo bem — eu disse, sentindo que, por algum motivo, deveria cuidar da situação. — Vou até onde eles estão para ver se consigo comprar alguma comida.

Wil pareceu um pouco surpreso por eu ter tomado a iniciativa, mas sorriu e concordou.

Sabia que os campistas, de maneira geral, são pessoas extremamente amigáveis e atenciosas. Eu tinha certeza de que,

desde que não me comportasse de maneira ameaçadora, eles compartilhariam um pouco da comida que levavam. Quando me aproximei, os dois se voltaram para mim. Abri um grande sorriso e me apresentei. Eles me disseram que seus nomes eram Paul e David e que vinham da Califórnia. Imediatamente percebi que eram turistas e que, provavelmente, nada sabiam a respeito do Documento.

No início, pareciam bastante amigáveis, mas assim que comecei a pensar em mencionar o problema da comida, eles me olharam com desconfiança e começaram a se afastar.

— Escutem, houve um problema... — comecei. — Tínhamos que trazer comida para alguns amigos que estavam acampando aqui e a comida foi roubada. É muito importante que consigamos alcançá-los o mais rápido possível — eu disse, enquanto tirava a carteira do bolso de trás de minha calça. — Eu gostaria de saber se vocês têm alguma comida extra e se eu poderia comprá-la.

— Temos de ir — disse Paul, inquieto.

Seu amigo, David, acrescentou rapidamente:

— Os guardas da reserva andam por esta trilha o tempo todo. Tenho certeza de que um deles vai aparecer a qualquer momento.

Os dois estavam quase correndo pela trilha, olhando para trás como se achassem que eu ia persegui-los. Aceleraram o passo até saírem completamente de meu campo de visão.

Wil se aproximou por trás de mim, com uma expressão perplexa no rosto.

— Parece que as coisas não deram certo! — comentou ele. — O que aconteceu?

Eu me sentia tão confuso quanto ele e relatei cada palavra daquele diálogo. Ele balançava a cabeça, sorrindo. Quando cheguei

à parte em que contei aos dois campistas que nossa comida fora roubada e que precisávamos de mais para levar a alguns amigos, Wil fez uma careta. Eu fiquei constrangido, mas tentei racionalizar aquela pequena mentira, dizendo que tinha receio de que eles pensassem que éramos loucos ou irresponsáveis, pois não havíamos voltado à cidade para buscar mais comida.

Wil olhava para mim, ainda em silêncio, balançando a cabeça negativamente, sem acreditar. Ao mesmo tempo, percebi o quanto me sentia fraco e nervoso. Perdi toda a minha clareza centrada.

— Há poucos minutos, estávamos falando sobre dizer a verdade — disse Wil.

— Acho que tentei enganar a mim mesmo — respondi. — Isso realmente me deixou abalado.

Ele me olhou com simpatia.

— Quando você eleva sua clareza e energia de maneira autêntica, algo muito drástico acontece quando conta uma mentira. É uma colisão imediata.

Eu me afastei um pouco para sentar sobre uma pedra, e Wil se sentou a meu lado.

— Veja, é o cânion agindo — disse ele. — Ele acelera tudo. A sensação não é agradável, mas, mesmo assim, o que aconteceu é uma Sincronicidade útil. Você tem simplesmente que enxergar o que ela está lhe mostrando. Nós passamos a Era Moderna toda distorcendo a verdade obsessivamente para conseguir ganhos pessoais ou fazer algum objetivo político progredir. É por isso que, quando despertamos, percebemos a corrupção e a ganância que há em toda parte.

— Mas, como você pode ver — continuou —, em níveis mais elevados de consciência, não é aceitável que haja qualquer tipo de mentira ou distorção. A Lei da Verdade é absoluta. Se não

permanecermos absolutamente honestos, as mentiras afetam a todos: a nós, individualmente, porque fazem com que nossa clareza e energia desmoronem; e às outras pessoas, porque fracassamos na tentativa de lhes dar o benefício de nossa verdade e influência positiva.

Ele se levantou e voltou a seguir a trilha, enquanto eu o seguia.

— Isso nos leva ao próximo princípio espiritual que os hopis me ensinaram: a Lei da Conexão.

Naquele exato momento, avistamos um grupo de pessoas à nossa frente. Ao nos aproximarmos, percebemos que todas estavam olhando na mesma direção, para um ponto do cânion que ficava mais adiante: o som de um helicóptero ao longe.

Wil olhou para mim e nós andamos lentamente até onde os outros estavam. De onde estávamos, era possível ver o helicóptero pairando no ar, algumas centenas de metros à frente. A aeronave permaneceu ali por mais alguns momentos, até que, lentamente, desceu até o chão e desligou os motores.

Wil se aproximou de mim e sussurrou:

— Esse não é um helicóptero para passeios turísticos. É um modelo militar.

Algumas das pessoas que pareciam turistas voltaram a caminhar pela trilha de maneira casual. Entretanto, dois grupos ficaram para trás: nós e um grupo de cerca de 12 homens, todos com origens culturais diferentes. Alguns eram claramente europeus e americanos, mas, a julgar pela maneira como falavam, a maioria parecia ser de fora do país, provavelmente do Oriente Médio. Conforme se movimentavam, vi que também havia duas mulheres com eles.

Uma das mulheres se virou para olhar para nós e eu a reconheci imediatamente. Era Rachel, a mulher que vira no Pub. Ela

se afastou e começou a falar com a outra mulher em uma língua que parecia ser hebraico. Enquanto observava, repentinamente tive uma onda de emoção em relação a Rachel, similar àquela que havia sentido antes.

Desviei o olhar rapidamente quando Wil me agarrou pelo ombro. Muitos dos homens no grupo de Rachel perceberam que estávamos olhando para eles e nos encaravam com olhares severos.

— Vamos voltar para a trilha! — sussurrou Wil.

Continuamos a nos embrenhar pelo cânion, dispostos a nos distanciar daqueles homens. Pelo canto do olho, percebi que continuavam nos encarando agressivamente enquanto caminhávamos. Finalmente, quando estávamos completamente fora de seu campo de visão, Wil andou rapidamente para uma área à direita.

— Acho que é melhor sairmos desta trilha — disse ele, e nos guiou diretamente por uma encosta íngreme, uma subida de cerca de cem metros, onde nos agachamos atrás de um grande afloramento rochoso. Ao chegar lá, senti que estávamos num bom esconderijo, embora ainda pudéssemos ver uma parte da trilha principal que passava abaixo, por entre pinheiros ressecados e juníferos. A parede leste do cânion se erguia atrás de nós.

Eu disse a Wil que havia visto Rachel.

— Quer dizer que aquela era a mulher, hein? — perguntou ele.
— Gostaria de saber quem são aquelas pessoas que a estão acompanhando.

— Elas não pareciam muito amigáveis.

Esperamos naquele lugar por um longo tempo, enquanto mais pessoas vieram caminhando pela trilha. Não voltamos a ouvir o barulho do helicóptero, então imaginei que ele ainda deveria estar

no lugar onde pousara. A questão era: quem estava na aeronave? E onde eles estariam agora? Seria o mesmo grupo que estava nos seguindo?

Finalmente Wil disse:

— Olhe, acho que você precisa entender o que os hopis me falaram sobre a Lei da Conexão.

— Tudo bem.

— Você disse que aqueles dois homens a quem pediu comida começaram a se afastar de você antes mesmo que começasse a falar.

— Foi o que aconteceu.

— Tem alguma ideia da razão pela qual isso aconteceu?

— Acho que não.

— Foi por causa da Conexão que temos uns com os outros. Ela acontece naturalmente em nosso cérebro. O Documento diz que, como estamos todos conectados, percebemos o que os outros estão sentindo e pensando. Conforme progredimos pela Integração, o texto afirma que desenvolveremos ainda mais essa percepção. Mas todos já têm essa percepção básica.

— Está me dizendo que eles conseguiram perceber que eu não estava lhes contando a história inteira? Eu não tinha a intenção de lhes fazer mal! Queria dar meu dinheiro em troca de comida. Tudo o que fiz foi deixar alguns detalhes de fora.

Ele balançou a cabeça.

— Eles não sabiam o que você estava fazendo, exatamente. Puderam sentir o que você estava sentindo e, conforme a mentira que você estava contemplando lhe deixava mais acabrunhado, tiveram a mesma sensação, ficando mais confusos e perdendo a clareza. Isso é um sinal inconsciente de que alguma coisa estava

errada e de que você, provavelmente, não tinha boas intenções. Assim, eles se afastaram.

Ele ficou em silêncio por um momento até que eu assimilasse aquelas palavras. Em seguida, prosseguiu.

— E essa sensibilidade aumenta conforme nossa consciência se amplia. A humanidade está chegando ao ponto em que é melhor não mentir, nem mesmo sobre coisas aparentemente insignificantes, porque, se o fizer, haverá mais pessoas, a cada dia, capazes de pressentir. Mentir simplesmente não vai funcionar por muito mais tempo.

Fomos novamente interrompidos ao perceber que outros grupos estavam caminhando pela trilha principal, mais abaixo.

— Muitas pessoas estão vindo para o cânion — disse Wil, repentinamente preocupado. — Muitos estão trazendo equipamentos para acampar durante vários dias e, provavelmente, nenhum deles tem as licenças oficiais. Não vai demorar muito para chamarem a atenção dos guardas da reserva. É melhor descobrirmos o que pudermos antes que eles apareçam. Vamos lá, é hora de apertar o passo.

Ele me olhou com seriedade e completou:

— Mantenha os olhos abertos! Observe tudo o que acontece à nossa volta.

Descemos cuidadosamente até a trilha novamente. Não havia nenhum sinal de Rachel ou do grupo que a acompanhava. Conforme andávamos lentamente adiante, em direção ao coração do cânion, começamos a perceber que havia pessoas sentadas por toda parte, conversando. Encontramos um lugar discreto e nos sentamos.

— Escute, tenho a sensação de que preciso andar um pouco sozinho e ver se alguém sabe alguma coisa a respeito daquele

helicóptero. Se você cuidar das mochilas, posso acelerar o passo mais um pouco e logo estarei de volta.

Concordei e me sentei. Não havia problema em parar naquele lugar, pois eu queria pensar mais sobre a Lei da Conexão. Se este fosse um princípio verdadeiro da espiritualidade, significava que agia da mesma forma para todos nós. Comecei a me perguntar até onde poderíamos desenvolver essa conexão que temos uns com os outros. Será que algum dia desenvolveríamos a telepatia? Durante um bom tempo, fiquei imaginando como isso seria.

De repente, ouvi alguém se aproximar por trás de mim e me virei. Vi um homem sorridente, de cerca de 30 anos, me oferecendo a mão.

— Meu nome é Jeff — disse ele. — Como vai?

Apertei a mão dele e me apresentei. No início, senti uma leve queda no meu nível de energia, mas, quanto mais entusiasmo ele demonstrava ao falar sobre a beleza de tudo que havia no cânion, mais eu começava a achar que ele não desejava me fazer mal.

Em certo momento, perguntei até mesmo se ele conhecia alguma coisa sobre o Documento, mas Jeff disse que não sabia do que se tratava. Depois de conversarmos um pouco mais sobre Sedona, ele disse:

— Estou vendo que você tem uma faca. Gostaria de saber se poderia emprestá-la por alguns minutos — disse ele, apontando para a faca de caça presa a meu cinto, um de meus objetos mais estimados, que sempre levo comigo quando me aventuro longe das cidades.

— Estamos montando acampamento ali adiante e preciso dela apenas por alguns minutos para cortar uma corda — continuou ele.

Olhei por entre as algarobeiras e vi que havia dois homens e uma mulher naquela direção armando uma barraca. Percebendo

que ele estaria perto o bastante para que eu pudesse observá-lo, tirei a faca do cinto e lhe entreguei, ainda embainhada.

Uma brisa suave estava soprando e eu respirei fundo. A chuva da manhã havia parado e o sol estava brilhando. Lentamente, senti que estava recuperando a energia perdida e percebi o quanto aquela área onde estava era bonita. Pinheiros baixos e juníperos pontilhavam toda a parte inferior do cânion.

Naquele momento, Wil voltou e se sentou a meu lado.

— Parece que ninguém sabe nada a respeito do helicóptero. Eu fiquei longe, mas pude ver que ele estava vazio. E era definitivamente um modelo militar.

Ele estava sentado sobre sua mochila.

— Vamos esperar aqui por mais algum tempo.

Eu sorri.

— Você pode me contar sobre a próxima lei espiritual.

Enquanto Wil formulava uma frase, olhei novamente para o lugar onde o homem estava trabalhando e descobri que não estava em qualquer lugar das proximidades. Eu me levantei com um salto e corri para perto da barraca. Perguntei ao casal onde ele estava. Eles me disseram que não sabiam e que ele não fazia realmente parte daquele grupo.

— Ele se aproximou apenas para conversar — disse a mulher.
— Ele se ofereceu para procurar alguém que pudesse nos emprestar uma faca para nos ajudar a cortar uma corda. Parecia que ele não estava em um dos seus melhores dias.

Eu estava prestes a sair pelo cânion para procurar o homem quando Wil se aproximou. Rapidamente lhe contei a história.

— Ele roubou sua faca? — perguntou Wil, com uma expressão de surpresa no rosto, como se algo importante houvesse

acontecido. Ignorei aquilo e comecei a examinar o lugar, olhando em volta. Não havia qualquer sinal dele. Depois de cerca de vinte minutos, voltei para o lugar onde as mochilas estavam e encontrei Wil sentado pacientemente, esperando por mim.

— Eu tinha aquela faca há muito tempo — disse, sentando-me ao lado dele.

— Bem — disse Wil, cuidadosamente, tentando não sorrir —, você queria ver como as coisas aconteceriam.

Meu humor estava péssimo. Eu só queria minha faca de volta, mas Wil era persistente:

— Logo antes de perceber que o homem tinha desaparecido, você me perguntou qual era a próxima lei, não foi?

Continuei em silêncio, ainda emburrado.

— A próxima lei é a Lei do Carma.

Já passava do meio-dia e Wil havia se afastado novamente, dizendo que ia procurar comida. Durante um longo tempo, simplesmente fiquei sentado, perguntando-me que tipo de purificação estaria acontecendo ali naquele cânion. Então, quando estava me preparando para sair e procurar por Wil, vi que estava retornando. Ele se sentou e olhou para mim.

— Conseguiu encontrar comida?

— Sim, um pouco. Almocei com algumas pessoas que encontrei. Queria trazer um pouco para você, mas não havia o bastante.

Eu simplesmente olhei para ele.

— Por que eu não deveria encontrar comida? — retrucou ele.
— Meu carma é *bom*!

Havia um tom exageradamente dramático em sua voz. Em seguida, sem conseguir se conter, ele explodiu em uma gargalhada.

Como geralmente acontece quando as pessoas estão perto de Wil, seu humor era tão contagioso que acabei rindo também.

— Tudo bem — eu disse. — O que os hopis lhe disseram sobre o carma?

Um instante depois, ele estava sério.

— O Documento diz que ele é real e, em nossa época, o carma reage às nossas ações de maneira mais rápida do que antigamente.

— Quer dizer então que sou um exemplo vivo da ação do carma.

— Bem, analise o que aconteceu: você tentou roubar a comida de alguém e isso fez com que o Universo criasse uma reação cármica, que resultou em um homem que roubou sua faca.

Novamente, eu estava resistindo àqueles comentários.

— Mas e esse homem? Talvez ele seja apenas um ladrão comum.

— Talvez. Ou, talvez, seja um homem bom, que decidiu continuar andando pela trilha e se esqueceu de lhe devolver a faca. De qualquer maneira, você precisa se perguntar por que isso lhe aconteceu neste momento, quando estávamos falando a respeito de tudo isso e logo depois que você tentou roubar algo que pertencia a outras pessoas.

— Espere um minuto! Pare de falar assim. Eu não estava tentando roubar nada de ninguém.

— Não? Você não contou uma mentira para manipular alguém para lhe entregar sua comida? Tentar fazer alguma coisa e chegar a fazê-la, carmicamente, é a mesma coisa.

— O Documento diz isso?

Ele assentiu e, depois, olhou-me por um longo momento.

— Olhe, parece difícil acreditar nessas leis porque todos fomos condicionados a pensar que o Universo tem somente leis físicas — acrescentou ele, finalmente. — E a razão pela qual as pessoas demoram a juntar as peças deste quebra-cabeças é que nós nos esquivamos da verdade de vez em quando, especialmente quando estamos fazendo negócios ou quando queremos evitar constrangimento. E sempre acontecem coisas ruins conosco. Achamos que não importa se mentirmos um pouco, porque coisas ruins acontecem com todas as pessoas.

Ele olhou para mim com uma expressão severa e continuou:

— Mas, de acordo com o Documento, isso não é verdade, e qualquer um pode provar isso simplesmente fazendo observações. Como o carma está agindo cada vez mais rapidamente, as consequências de uma manipulação insincera voltam muito depressa.

— Mas por que o carma está se acelerando?

Ele interrompeu a explicação anterior.

— Não sei. Fiz a mesma pergunta aos hopis, mas eles me disseram que o Documento não mencionava isso. Deram alguns indícios de que isso pode ser parte da energia que o calendário está indicando.

— Está falando do calendário maia? O que os hopis sabem a respeito?

— Os maias clássicos também eram índios nativos das Américas, você sabe — continuou Wil. — De qualquer forma, o Documento diz que, quando um número suficiente de pessoas entre nós perceber que é assim que o carma funciona, seremos guiados a

uma nova era de Integridade, que vai substituir a corrupção que temos agora. E não é só isso. É importante perceber que o propósito da Lei do Carma não é punir ninguém, mas promover uma correção positiva. Aparentemente, as coisas funcionam assim: o Universo está espiritualmente programado para apoiar e estimular nosso crescimento espiritual. Se você se centrar na verdade, sua Sincronicidade vai se elevar a níveis inacreditáveis. Se você agir sem sinceridade, atrairá para sua vida pessoas que agirão da mesma forma com você. Novamente, isso não é um castigo, mas acontece para mostrar essa sensação a você, de modo que possa voltar a agir de acordo com a verdade.

— E o que acontece se não entendermos a mensagem? — perguntei.

— O Documento diz que a reação do carma fica ainda mais extrema, de modo a atrair nossa atenção. Novamente, é algo que também podemos provar a nós mesmos neste momento da História. Tudo que temos que fazer é prestar atenção ao que acontece em relação ao próprio comportamento.

— Certo, mas... e se formos escolhidos e mortos aleatoriamente por um assassino serial? Isso seria a retribuição por algo que fizemos anteriormente?

— Não. Lembre-se: o carma não tem nada a ver com retribuição ou vingança. Se você é um ladrão que anda armado, por exemplo, você executa uma ação insincera, mas diz que esse comportamento é aceitável. É o mesmo que mentir ou tentar enganar alguém para obter dinheiro, mas é pior. E o seu dinheiro lhe será tirado por outra pessoa, para lhe mostrar qual é a sensação, de modo que você possa mudar. O problema é que algumas pessoas insistem em simplesmente usar o carma como justificativa para continuar com o mesmo comportamento. Elas pensam: se todo mundo age assim comigo, por que eu não deveria fazer o mesmo

com os outros também? O que essas pessoas não percebem é que o efeito de suas ações está sendo lhes mostrado para que possam mudar.

— Quando alguém se torna vítima de um assassino serial, a menos que a própria pessoa também seja um assassino serial, é uma questão de estar no lugar errado, na hora errada. É resultado do acaso, não do carma, e acontece devido ao estado imperfeito do mundo de hoje. Nós compreendemos, psicológica e geneticamente, o que se passa na cabeça dos assassinos seriais, a partir de estudos sobre traumas sofridos na infância e traços genéticos. Em uma situação ideal, alguém conseguiria perceber esses fatores previamente e interviria precocemente na vida dessa pessoa, de modo que ela não conseguisse machucar ninguém. Infelizmente, não somos ainda iluminados o bastante para instituir esse tipo de intervenção, mas existe a esperança de que um dia sejamos capazes de fazer isso.

— Acho que sim. Até lá, teremos de contar com a sorte.

— Sim. Pelo menos, até conseguirmos nos mover pelas Integrações até um estágio suficientemente avançado para perceber que podemos ser “protegidos”.

— Como assim? Protegidos?

Wil se inclinou em minha direção.

— Meus amigos hopis me disseram que esses percalços e acidentes aleatórios não devem acontecer. O Documento afirma que, conforme a consciência espiritual se elevar, aprenderemos a detectar os presságios e as premonições que nos permitirão evitar acidentes e ataques iminentes. Disseram que vamos chegar a esse nível na Quarta e na Quinta Integrações.

De repente, ouvimos o ruído dos motores de vários quadriciclos que vinham pela trilha, atrás de nós. No tempo que demorou para

recolhermos nossas mochilas e nos agachamos atrás de alguns arbustos, eles já estavam passando por nós e subindo a trilha.

— São os quadriciclos dos guardas da reserva — gritou Wil, nos levando ainda mais longe pela encosta para que pudéssemos nos afastar do barulho. Conforme corríamos para longe, conseguimos ver, por toda parte, pessoas correndo para se esconder. Quando chegamos perto da parede do cânion, vimos dois homens, à nossa frente, tentando escalar a face íngreme de uma parede de pedra.

— São alpinistas esportivos — disse Wil, sinalizando para que eu continuasse pela trilha. — Provavelmente têm as licenças necessárias para escalar o cânion.

Subitamente, enquanto observávamos, um dos pinos que ancoravam a corda na rocha se soltou do paredão, ameaçando jogar o escalador ao chão, uma queda de mais de 15 metros de altura sobre as pedras pontiagudas no chão. Em seguida, outro pino se soltou, e o homem caiu mais três metros pela corda. Ele gritou, aterrorizado.

Sem pensar, saí correndo em direção ao paredão. O segundo alpinista estava apontando freneticamente em direção a algo que estava no chão, perto de sua barraca. Imediatamente percebi um rolo de corda. Peguei o rolo e rapidamente dei a volta no rochedo, subindo até uma saliência a cerca de três ou quatro metros do escalador indefeso.

Joguei uma ponta da corda para o seu companheiro e ele sabia exatamente o que deveria fazer. Depois de passar a corda por um pino que estava ancorado firmemente ao paredão, fez com que a corda descesse até o ponto onde seu amigo estava — e, apesar do pânico que sentia, o homem foi capaz de atar a corda ao redor de si. Depois disso, tudo o que eu tinha a fazer era segurar minha ponta da corda para impedir que ele voltasse a cair. Após alguns

momentos, ele conseguiu cortar a outra corda que o prendia. Com o apoio de Wil, ajudei o homem a descer em segurança até o chão.

Enquanto recolhíamos nossas coisas, o alpinista que quase caiu estava tão abalado que não conseguia nem conversar. O outro lhe deu um pouco de água e falou com ele em voz baixa. Depois nos chamou para conversar a alguma distância de seu amigo.

— Se vocês não aparecessem, não sei o que aconteceria — disse ele. — Preciso levá-lo de volta a Sedona. Gostaria de poder retribuir o que fizeram.

Wil e eu trocamos um olhar.

Então, falei a verdade sobre nossa situação: precisávamos de comida.

— Bem, tenho certeza de que podemos ajudá-los com isso — disse o montanhista. — Passaríamos quatro dias aqui, mas meu amigo está abalado demais. Ele quer ir embora amanhã. Temos uma boa quantidade de comida e vocês podem ficar com tudo.

Depois de guardarmos a comida, andamos rapidamente na direção nordeste e encontramos outro lugar onde podíamos nos esconder entre as pedras. Daquele ponto, tínhamos uma visão ainda melhor do fundo do cânion, onde as pessoas estavam sendo detidas ou mandadas embora pelos guardas da reserva. Durante um bom tempo, procurei pelo grupo de Rachel, mas não consegui ver nenhum deles por ali.

— Seria bom ficarmos aqui por algum tempo, até a poeira baixar — disse Wil. Ele ainda estava me olhando com espanto após o que acontecera.

— Eu sei, eu sei. Tudo isso tem um significado — respondi.

— Um significado? É a ocorrência mais forte da Sincronicidade que eu já vi na vida! Você se lembra de quando estávamos na

estrada, logo depois de sairmos do Pub, e eu fiz todas aquelas manobras para despistar o carro que estava atrás de nós, e você achou que a Sincronicidade tinha uma velocidade incrível? Bem, você está operando nessa mesma velocidade agora.

— Pense no que aconteceu. Quando você tentou manipular as pessoas para conseguir comida, a Lei da Verdade foi demonstrada a você. Você foi rejeitado pelos turistas em uma ilustração perfeita da Lei da Conexão. Logo em seguida, algo que trazia consigo lhe foi roubado, através de argumentos que eram igualmente falsos, demonstrando a Lei do Carma. Agora você acabou de conseguir comida para nós, justamente aquilo que estava tentando fazer esse tempo todo.

Eu olhei para ele, não entendendo direito a última parte.

— Você não percebe? — insistiu ele. — Você ajudou aquelas pessoas, sabendo intuitivamente qual seria a melhor maneira de ajudar. A decisão sobre como prestar ajuda recaiu sobre você, e você a tomou rapidamente.

Sabia que ele tinha razão. Eu nem mesmo cheguei a pensar muito em minhas ações. De algum modo, simplesmente sabia o que deveria fazer.

— Esta é a chamada Lei do Auxílio. Novamente, está embutida na maneira como o Universo funciona e em como nossas mentes foram criadas. De algum modo, sabemos o que as pessoas a nosso redor precisam e, quando agimos em resposta a isso, entramos em alinhamento com essa lei. Tudo que você precisa fazer é pensar: “Como posso ajudar?”. Alguma coisa sempre vai surgir em sua mente. Todos os recursos que precisa estarão à sua disposição para que preste auxílio, e você se sentirá como se estivesse sempre no lugar certo, na hora certa, para fazer a diferença.

Ele fez uma pausa e depois perguntou:

— Está percebendo a Terceira Integração agora, de maneira completa? Representa a capacidade de entrar em Alinhamento. E, mais uma vez, você provou essa lei a si mesmo. Agiu corretamente aqui, neste cânion. E qualquer pessoa que observa sinceramente pode enxergar com a mesma clareza em sua própria vida. É o próximo passo em nosso despertar. Como eu disse, durante esta era material, passamos a pensar que algumas mentiras, uma pequena distorção da verdade, são coisas naturais e que devemos até mesmo esperar que aconteçam. É assim que os políticos se elegem. Contratos com letras miúdas são a regra, em vez de a exceção.

— Mesmo assim, pense sobre o estado do mundo neste momento. Casos de corrupção são descobertos imediatamente. Escândalos surgem todos os dias. Pessoas desonestas são logradas por outras pessoas desonestas. É isso que acontece quando a maior parte da cultura é bombardeada com um carma que está agindo cada vez mais rápido. Essa força está agindo para nos mostrar as imperfeições e para que possamos fazer algo a respeito.

— Entretanto, quando você começa a vivenciar o que há de melhor na verdade e percebe que auxiliar os outros e tornar-se um bom exemplo são as melhores coisas que pode fazer por si mesmo, bem... tudo muda. Você entra em Alinhamento com a maneira como o Universo foi projetado para funcionar. Você para de manipular e para de atrair manipuladores para sua vida.

— Na verdade, o que ocorre é o oposto. Quando você busca o Alinhamento e pensa em como pode auxiliar os outros, começa a atrair pessoas para sua vida que estão lá para o *ajudar*. E é nesse momento que sua Sincronicidade e seus sonhos realmente começam a se tornar realidade.

— Quando todas as pessoas entenderem isso, o mundo humano vai se alterar imediatamente. As empresas mudarão sua

maneira de funcionar. Fazer negócios de acordo com o Alinhamento significa sempre dizer a verdade sobre os produtos e ter sempre a mentalidade de ajudar as pessoas. E, se você agir assim, outras pessoas que precisam daquilo que você oferece surgirão misteriosamente.

Eu nunca vira Wil tão animado como naquele momento. Pensei sobre a ideia de pagar o dízimo e perguntei sobre aquilo.

— É apenas parte do processo de auxiliar os outros — disse ele. — O dinheiro é apenas uma forma de energia armazenada, e ele segue o fluxo do carma na vida de uma pessoa. Se você manipular outras pessoas para conseguir dinheiro, será manipulado e ficará sem dinheiro, ou, então, repentinamente passará por uma série de problemas financeiros ou despesas inesperadas. Pagar o dízimo é um modo de endireitar rapidamente um navio que está adernando. Em vez de gastar cada centavo que tem, prive-se de algumas coisas e economize 10% de sua renda a cada mês.

— Em seguida, aguarde até sentir uma intuição sobre alguém a quem possa dar esse dinheiro. Essa intuição virá até você. Alguém que precisa de um anjo cruzará seu caminho e você sentirá a emoção de poder prestar auxílio a essa pessoa. E, novamente, isso vai acelerar o fluxo de auxílio que retornará para você. Você terá mais oportunidades de ter sucesso.

Ele parou de falar, olhou para mim e então completou:

— Nunca conheci ninguém que pagasse o dízimo com essa mentalidade e que não tivesse a comprovação de que isso realmente funciona.

Durante um bom tempo, Wil e eu simplesmente trocamos olhares. Sabia que ele estava sentindo a mesma sensação : uma elevação na consciência e energia. Havíamos integrado

completamente o terceiro passo e acrescentado mais uma peça ao quebra-cabeças da realidade espiritual: o Alinhamento.

— Os hopis disseram alguma coisa sobre a próxima Integração, a Quarta? — perguntei, finalmente.

Wil assentiu, assumindo uma expressão séria:

— Eles disseram que a Quarta Integração, provavelmente, é a parte mais importante dos Fundamentos, porque nos mostrará o que realmente está em jogo. Quando conseguirmos permanecer alinhados, na verdade, veremos o quanto alguns sistemas baseados em mentiras estão enraizados no mundo. Não podemos ir adiante até entendermos essas ideologias, que crescem a cada dia, e percebermos os perigos das polarizações. Somente nesse momento saberemos como nos separar de todas essas inverdades e chegar a um lugar onde poderemos nos levantar e resistir a elas.

RECONHECIMENTO DA IDEOLOGIA



Permanecemos entre as rochas, observando tudo que acontecia na trilha abaixo de nós. Nosso plano era nos escondermos ali até o escurecer e depois decidir para onde iríamos. De acordo com a descrição de Wil, parecia que a Quarta Integração poderia ser desafiadora e mais perigosa. Talvez fosse o efeito que o cânion causava, mas a ideia de estar em perigo não me perturbava como antes. Eu estava completamente imerso na jornada agora. Comecei a exercitar a expectativa por mais Sincronicidade, mantive em mente o contexto de que estávamos descobrindo a realidade sobre a espiritualidade humana e prometi a mim mesmo que me manteria em Alinhamento.

De repente, Wil se sentou, sobressaltado, esforçando-se para olhar para uma parte da encosta que estava acima de nós, perto da parede do cânion. Um grupo de pessoas estava caminhando a cerca de cem metros, seguindo na direção nordeste. Ao passarem entre um bosque de pinheiros baixos, vimos que aquele era o grupo que incluía Rachel. Ela era a penúltima da fila.

Enquanto eu a observava, ela imediatamente interrompeu a caminhada e olhou na nossa direção. Embora não pudesse nos ver, parecia que ela sentia que a estávamos observando. Um homem

alto, com uma longa barba, que andava logo atrás dela, disse algo e a empurrou para que continuasse andando.

Eu olhei para Wil.

— Você viu aquilo? Ela está com aquele grupo contra sua vontade.

— É o que parece — respondeu Wil.

Percebi que ele sabia que havia algum tipo de ligação entre Rachel e eu.

— Olhe, acho que é melhor eu ir até lá sozinho e ver se consigo me aproximar o bastante para ouvir o que estão conversando. Eles vão nos ver se formos juntos.

Eu sabia que Wil recebera treinamento em vigilância e observação, e concordei com aquele curso de ação.

Wil tirou um pouco da carga da sua mochila, me entregando uma parte da comida.

— Se eu não voltar até o anoitecer, siga em frente. Vou encontrá-lo mais adiante.

Ele deslizou pelas pedras e subiu a encosta. Durante um longo momento, eu simplesmente olhei naquela direção, percebendo-o, vez por outra, enquanto ele se esgueirava ao redor dos afloramentos rochosos e das árvores. Após algum tempo, desapareceu completamente.

Pouco depois, uma pessoa que estava conversando na parte da trilha que ficava mais perto de onde eu estava me chamou a atenção. Quatro guardas da reserva vinham andando na direção em que eu me encontrava. Peguei minha mochila e me escondi entre as pedras, na direção oposta, esperando conseguir voltar para o paredão de rocha onde encontrara os montanhistas.

De repente, alguém agarrou violentamente meu braço, o que fez com que a mochila se desprendesse de meu corpo e tirasse meu equilíbrio. Era um homem grande, com óculos de sol e calças apropriadas para seguir trilhas em terreno acidentado.

— Lembra-se de mim? — perguntou o homem, falando com sotaque britânico. — Onde está seu amigo Wilson James?

Imediatamente me lembrei de vê-lo no Pub. Era o homem loiro que estava me observando naquela ocasião.

— Ele seguiu adiante — respondi.

Os guardas da reserva se aproximaram e o homem lhes dirigiu um olhar. Eles assentiram e voltaram a caminhar em direção à trilha.

— Não importa — continuou o homem. — Vocês dois são bem escorregadios, mas eu quero que saibam que não queremos lhes fazer mal. Estamos tentando ajudá-los.

Ele me levou por alguns passos até um lugar onde os outros não podiam ouvi-lo.

— Não temos muito tempo, mas vou lhe dizer uma coisa. Escute atentamente. Sabemos sobre a divulgação desse Documento e sabemos que você está procurando pelo restante dele. Estamos muito interessados no que ele tem a dizer, queremos que você continue procurando e nos diga tudo que descobrir a respeito.

Ele me olhou de uma maneira que tinha um leve toque ameaçador.

— Quem é você? E para quem está trabalhando? — perguntei.

Ele sorriu.

— Digamos que eu falo em nome de um grupo que existe nos níveis mais altos de todos os governos ocidentais.

Eu estava me esforçando para manter a clareza.

— E o que vocês querem com um documento esotérico como esse? Ele fala sobre espiritualidade.

O homem me observou por alguns momentos, talvez sabendo que não poderia me convencer se não me desse mais informações.

— Eu quero confiar em você — disse ele. — Essa divulgação sobre a espiritualidade está ocorrendo em um momento em que a guerra entre as religiões é nosso problema mais perigoso. E não se deixe enganar. É exatamente isso que está acontecendo: uma guerra entre aqueles que têm uma visão religiosa predominante no Ocidente e os países, predominantemente no Oriente, que têm outra visão. Essa guerra pode não parecer tão violenta em algumas frentes, mas, sob essa aparente tranquilidade, as tensões estão aumentando. Temos as melhores mentes trabalhando conosco e todos estão convencidos de que estamos numa trajetória descendente e desgovernada, em direção a um estado de destruição total.

— O problema é simples: é a velha questão do Ciclo da Vingança. Toda vez que matamos um deles, outros dez entram na guerra. E toda vez que eles matam um de nós, há um chamado em algumas esferas mais altas para que tomemos atitudes mais drásticas para nos proteger. Não há meio-termo aqui. E o pior ainda está por vir. Os conflitos estão prestes a entrar em uma fase nuclear.

Ele se aproximou de mim.

— Você conhece a afiliação religiosa do presidente do Irã? Ele é membro de uma seita chamada “Adeptos do Doze”. Eles acreditam que o Armagedom, a guerra que, de acordo com as profecias, irá destruir o mundo em seus últimos dias, é algo que pode ser bom — porque creem que, quando essa guerra chegar, sua versão do Messias, que eles denominam de o Décimo Segundo

Imã, descerá das nuvens, exterminará todos os seus inimigos e criará um mundo ideal, baseado em suas crenças.

— Para demonstrar a loucura que existe no mundo, encontramos visões similares entre fanáticos judaico-cristãos no Ocidente. Eles também acham que a chegada do Armagedom é desejável porque acreditam que isso causará o surgimento de figuras messiânicas que, da mesma forma, aniquilarão seus inimigos. Em ambos os lados, algumas pessoas parecem pensar que sua missão é fazer com que essa grande guerra ocorra.

— Esse tipo de fanatismo parece refletir uma tendência cada vez maior de desistir do mundo em que vivemos. Por toda parte, as pessoas estão se apegando a doutrinas religiosas a todo custo, pensando que o resto do mundo está enlouquecendo. E eles esperam que Deus intervenha para dar um fim a essa situação.

Ele parecia estar genuinamente preocupado.

— Você não acha que a maneira que os iranianos falam é estranha, mesmo depois de tudo que os israelenses tentaram fazer? O Irã domina a tecnologia nuclear em um nível muito mais avançado do que o resto do mundo imagina. E muitas de suas bases são subterrâneas, construídas a uma boa distância da superfície. É por isso que nem mesmo ataques com bombas impedem seu progresso. Alguns analistas acreditam que eles já desenvolveram armas nucleares e que, agora, estão trabalhando em sistemas de lançamento.

Ele estendeu o braço e me entregou a mochila que havia caído.

— Não digo que sei o que há nesse documento que você está estudando. Para mim, até o momento, parece só conversa fiada. Mas conhecemos a reputação de Wilson James. Se esse documento traz uma solução verdadeira, queremos saber mais a respeito dele.

Ele me olhou com uma expressão séria e acrescentou:

— Se não o conseguirmos, outras medidas serão tomadas pelo nosso grupo. E essas medidas não vão agradar a ninguém.

Apesar da ameaça, comecei a pensar que ele estava falando comigo com sinceridade.

— Não se incomode em entrar em contato conosco. Vamos encontrá-lo — continuou ele. — Temos agentes em todos os departamentos de seu governo e, assim, temos tudo de que precisamos para acompanhar seu progresso.

Novamente ele parou de falar e me estudou por algum tempo.

— Há mais uma coisa. Essa decisão de desistir do mundo em que vivemos não está acontecendo apenas nos círculos religiosos. Está acontecendo na esfera política também. Facções de esquerda e de direita estão rapidamente se polarizando em grupos mais perigosos, que também acham que o mundo está entrando em colapso e que, assim, justificam-se suas ações mais extremadas. É outra razão pela qual podemos ter de agir. Por isso, tenha a certeza de que você vai alinhar seu pensamento com o nosso nessa questão.

Ele apertou minha mão com força e se apresentou como coronel Peterson. Em seguida, abriu uma bolsa que estava no chão e retirou alguns papéis.

— Aqui está uma parte do Documento traduzido que encontramos — disse ele, antes de me dar as costas e ir embora. — A Terceira e a Quarta Integrações. Algumas das pessoas que entrevistamos nos disseram que havia outras partes em algum lugar ao norte daqui, perto de uma montanha.

Durante um longo tempo, fiquei ali em meio às pedras, sentindo a cabeça zunir após tudo o que acontecera. O sol estava encoberto por outro grupo de nuvens espessas e um vento gelado começava a

soprar do norte. Abri a mochila e tirei uma blusa grossa. Agora, pelo menos, sabíamos quem estava nos seguindo. E se ele estivesse certo sobre a situação geopolítica e sobre as pessoas que estavam a ponto de desistir do mundo em que vivemos, talvez essa fosse a razão pela qual o Documento estivesse sendo divulgado neste momento.

Repentinamente, comecei a imaginar se não deveria ter contado a Peterson sobre os homens que pareciam estar andando pelo cânion com Rachel, contra sua vontade. Provavelmente não, imaginei, porque eu não tinha certeza de que aquilo fosse verdade. Por um momento, pensei em ler um pouco das duas Integrações que Peterson me entregara, mas percebi que não conseguia me concentrar. Estava começando a me sentir inquieto. Era hora de fazer alguma coisa.

Finalmente, decidi avançar na trilha, seguindo na direção em que Wil partira anteriormente.

— Espere a Sincronicidade e permaneça centrado na verdade do que você está fazendo, em Alinhamento — lembrei a mim mesmo, em voz alta.

Subi cuidadosamente pela encosta do cânion, até perceber outra trilha que se bifurcava à direita, através de uma fenda que levava à direção nordeste. Aquela trilha parecia não ser muito usada, mas continha várias pegadas humanas deixadas há pouco tempo. Ao segui-las, fui até outro imenso rochedo avermelhado, onde poderia avistar as planícies que ficavam mais ao norte.

Cerca de 500 metros adiante, vi uma pequena clareira, onde muitas pessoas pareciam estar acampando. Ficava logo depois da entrada da área que Wil, e agora Peterson, haviam mencionado: a reserva da Montanha Secreta. A montanha escarpada se erguia ao longe. Eu sabia que era expressamente proibido acampar naquela

reserva. Quem quer que fossem aquelas pessoas na clareira, sua diversão não duraria muito tempo.

Conforme o crepúsculo acinzentado estendia-se sobre o cânion, eu descii pela encosta e cheguei até as terras mais planas. Ali o terreno já não era tão acidentado e havia muito mais verde, com grandes áreas cheias de juníperos e grandes carvalhos. Alguns coelhos assustados desapareciam por entre as rochas conforme eu caminhava.

Quando alcancei a clareira, não podia acreditar no número de pessoas que havia ali. De onde estava, consegui ver mais de 8 mil metros quadrados repletos de campistas. Havia dezenas de pessoas caminhando por toda parte. Era como se alguém houvesse organizado um festival de música com 60 pessoas, no meio do deserto, em que todos precisavam passar por terrenos acidentados para chegar ao local do *show*. Na realidade, parecia que aquela reunião era algo completamente espontâneo, surgido com os rumores e um desejo de descobrir mais a respeito do Documento.

A realidade maior do que poderia estar ocorrendo me atingiu com força. Os fragmentos daquele texto foram espalhados ostensivamente por todo o planeta. Haveria reuniões similares acontecendo em muitos outros lugares, todas ao mesmo tempo?

De repente, comecei a ouvir o ruído baixo de um quadriciclo ao longe, na direção do cânion, e eu sabia que os guardas da reserva estavam vindo para cá. Avançando mais depressa, escolhi um local perto do lado mais oriental da clareira, imaginando que conseguiria escapar rapidamente em direção aos juníperos, quando os guardas chegassem. Ao redor, havia o brilho de oito ou dez fogueiras.

Preparei um pouco da sopa no fogareiro e a tomei, esperando até que a escuridão completa chegasse. Em seguida, aventurei-me tentando encontrar Wil naquele lugar, ou então Rachel. Durante meia hora, caminhei nos arredores, olhando para as pessoas e

ouvindo-as conversarem sobre o Documento. Grupos diferentes estavam trocando cópias e contando suas experiências com o Diálogo Consciente.

De maneira geral, eu já estava mais à frente nas Integrações, se comparasse minha experiência à das pessoas que estavam conversando ali. Assim, não senti o impulso de conversar com alguém. Queria andar pelo lugar primeiro e ver quem lá estava. Após um bom tempo, eu já havia verificado completamente a maior parte dos círculos de pessoas, com exceção dos grupos maiores que estavam mais perto da área mais ao sul do acampamento. O primeiro incluía 20 pessoas, pelo menos, e todas estavam acampando juntas.

No centro do grupo, havia um pequeno lampião a gás pendurado em uma árvore, enchendo a área com uma estranha luminosidade amarelada, como as lâmpadas para atrair insetos que geralmente são instaladas nas varandas de propriedades rurais. Mariposas e libélulas voavam ao redor do lampião, dando uma aparência lúgubre àquele lugar.

Enquanto me aproximava, quase esbarrei em outro homem que estava entrando no acampamento ao mesmo tempo. Nós dois paramos a tempo de evitar o choque. Comecei a prestar mais atenção àquela ocasião, imaginando se esse encontro estaria ocorrendo por causa da Sincronicidade.

— Desculpe-me! — disse ele, amigavelmente.

— Tudo bem — respondi.

Ele voltou a me estudar:

— Ei, vi você lá atrás, em Boynton. Você deve estar procurando pelas traduções.

— Sim, tem razão.

— De onde veio?

Notei que, por algum motivo, ele estava me analisando.

— Da Georgia — eu disse.

Ele se apresentou, dizendo que era Robert e que vinha de Idaho.

— Georgia, hein? Algumas pessoas de nosso grupo estão vindo de lá também. Nós temos todas as traduções, até a Terceira Integração.

Naquele momento, outro homem veio até onde estávamos e lhe entregou uma xícara de café. Robert perguntou se eu aceitaria uma.

— Claro! — respondi, certo de que estava presenciando algo importante.

Caminhamos até a fogueira e nos sentamos. Eu recebi uma xícara de café, que estava muito quente e com um aroma maravilhoso.

— É incrível que esse Documento esteja sendo divulgado agora — comentou Robert. — O país corre muito perigo. Talvez isso seja a motivação que as pessoas precisam. Tenho certeza de que o governo vai declarar a lei marcial em pouco tempo e as pessoas precisam estar preparadas. A primeira coisa que eles vão fazer é confiscar todas as armas e uma boa parte dos livros.

Tive certeza de que estava falando com uma pessoa que, politicamente, tinha uma orientação de extrema direita.

— Espere um momento — eu disse, casualmente. — Essas coisas não podem acontecer. A Constituição garante essas liberdades.

— Está brincando? — retrucou ele. — Se houver mais um ou dois juízes de esquerda, isso não vai ter a menor importância. As coisas saíram do controle. O país no qual crescemos está mudando.

Temos de fazer alguma coisa agora. Achamos que o Documento vai conclamar uma verdadeira rebelião contra os esquerdistas.

— O quê? — eu disse, com veemência. — Não imagino como alguém tenha a ideia de iniciar uma rebelião a partir desse Documento. Talvez uma forma mais iluminada de Centrismo. Você já leu o texto?

— A maior parte dele — respondeu Robert, em voz alta. — Nossos amigos o estão estudando com mais cuidado agora. Eles vão nos informar sobre os detalhes. Você pode não acreditar, mas as coisas estão prestes a se degenerar, não vai demorar. É melhor decidir em qual dos lados vai ficar.

Várias outras pessoas ouviram o que ele disse e estavam vindo em nossa direção.

— Todos têm que acordar — continuou ele. — Os esquerdistas estão lentamente corroendo a Constituição com todas as regulamentações e leis que estão aprovando. Eles estão aproveitando essa crise financeira para consolidar seu poder.

Terminou seu discurso e olhou para mim, com uma expressão séria.

— Eu acho que você está exagerando um pouco — eu disse. — Houve um movimento em direção à esquerda durante a crise, quando as pessoas sentiram necessidade de uma rede de segurança e mais proteção para os consumidores e passaram a exigir isso. Mesmo assim, desde que isso ocorreu, houve uma mudança na direção oposta também.

De repente, ele se afastou e começou a me olhar com um pouco mais de suspeita.

— Bem, rapazes, acho que temos um esquerdistista aqui — ele falou para os outros.

Antes que eu pudesse responder, diversas pessoas começaram a expressar as próprias opiniões sobre o assunto, basicamente repetindo o ponto de vista do primeiro homem e enfatizando minha ingenuidade de maneira bastante arrogante. Enquanto continuavam com aquilo, comecei a me sentir um pouco confuso e não quis mais discutir com eles.

E tudo porque achei que aquele era um evento causado pela Sincronicidade. Melhor me afastar enquanto ainda podia.

— Vejam — eu disse, me afastando. — Tudo o que vocês estão dizendo pode ser debatido, mas vocês não estão abertos a essa discussão. Sempre há outro lado em todas as questões — eu disse, deixando a xícara de café sobre uma pedra.

Robert estava rindo agora, mas os outros estavam me lançando olhares intimidadores.

— É melhor você abrir os olhos — gritou um deles. — Vocês, gente de esquerda, estão arruinando este país, e nós não vamos aguentar isso por muito mais tempo. Preferimos deixar as grandes corporações tomarem conta de tudo do que entregar o país a idiotas como vocês.

Voltando para minha barraca, senti que a clareza também estava retornando à minha mente. Não imaginava que a extrema direita se interessaria pelo Documento, ou mesmo se seria um interesse genuíno. Provavelmente os direitistas estariam tentando usá-lo para os próprios propósitos. O que havia de mais inquietante naquilo tudo era o fato de perceber que o nível de minha energia havia despencado. Na conversa com eles, sentia que havia defendido uma perspectiva mais racional, mas definitivamente havia me deixado afetar pelos ataques verbais.

E foi nesse momento que percebi o que realmente tinha acontecido. Essas pessoas eram controladoras, o mesmo tipo de

gente que a Antiga Profecia descrevia no Quarto Sinal. Havíamos chegado à Quarta Integração — assim, eu certamente iria me deparar com controladores!

Como a Profecia mostrou, controladores não eram realmente motivados pela verdade e eram apenas levemente motivados pelos resultados. O que eles queriam, acima de tudo, era a sensação de poder que advém da dominação sobre os outros. Para conseguir isso, constroem quaisquer fatos que sejam necessários para desequilibrar a outra pessoa e minar sua autoconfiança. E, se o controle fosse bem-sucedido, as vítimas acabariam perdendo completamente a clareza centrada e começariam a aceitar as opiniões dos controladores — o que, com certeza, elevaria a energia e o poder deles, devido à atenção que as pessoas lhes dariam. Controlar é um comportamento obsessivo, usado para afastar a *insegurança*.

Esse tipo de controle é a característica principal de pessoas que defendem tanto a esquerda quanto a direita, que encaram a política de uma maneira predominantemente ideológica. Elas não querem debater as questões. Desejam somente gritar e insultar os opositores até conseguirem vencer. A antiga Profecia previa que essa insegurança egoísta somente poderia ser resolvida quando a pessoa conseguisse encontrar a verdadeira segurança: uma conexão espiritual interior, em que a busca da verdade e a prestação de auxílio eram mais importantes do que vencer.

Deixando aquela experiência para trás, continuei a examinar a área de *camping* em busca de sinais de Rachel e Wil, mas não reconheci ninguém. Estava prestes a voltar para a barraca quando escutei alguém conversando em voz alta, em uma área à minha direita. Olhei ao redor e tentei enxergar em meio à luz mortiça e bruxuleante. A noite já estava coberta por uma leve névoa, criada pelas fogueiras dos acampamentos.

Finalmente, avistei quatro ou cinco pessoas em um grupo, iluminadas por uma enorme fogueira. Dois homens estavam envolvidos em uma discussão acalorada. Um deles estava gritando e o outro homem era... Coleman!

Fiquei tão contente ao vê-lo que fui até onde ele estava, e me coloquei ao seu lado para lhe dar apoio.

— Você é um daqueles direitistas — disse o homem que falava alto, apontando um dedo acusador em direção a Coleman. — Se não fosse, não haveria motivo para falar dessa maneira.

Coleman balançou a cabeça negativamente.

— Tudo o que estou dizendo é que é necessário haver equilíbrio. Algumas pessoas querem um governo imenso, regulando totalmente todos os aspectos da vida, enquanto outras desejam uma influência muito maior das corporações e menos regulamentações. Eu acho que a melhor posição fica exatamente entre essas duas visões, com leis suficientes para proteger os consumidores de maneira adequada.

Seu oponente não ouvia aqueles argumentos, estava muito ocupado recitando uma longa lista de frases sobre como aquelas palavras não passavam de códigos e eufemismos para declarar as intenções que a Direita tinha de desestabilizar e inviabilizar os programas sociais. Ele chamou Coleman de fascista extremista, acusando-o de desejar controlar as economias do mundo e oprimir qualquer pessoa que não fosse rica.

Naquele momento, uma lâmpada se acendeu em minha cabeça. Estávamos presenciando agora o inverso do que eu havia passado anteriormente. Quando tentei discutir política com o homem de orientação direitista, expondo uma posição mais moderada, ele me chamou de esquerdista. Agora eu estava aqui, testemunhando um homem, partidário da extrema esquerda — já

que Coleman também defendia uma posição moderada — acusando-o de ser um membro da extrema direita.

Os dois extremistas estavam usando a mesma tática. Se alguém discordasse deles, mesmo que em algum detalhe, essa pessoa era simplesmente tachada de antagonista e rotulada como partidária extremista do outro lado, de modo que pudesse ser ignorada e desumanizada. Consequentemente, suas ideias não seriam levadas a sério. Assim, cada um dos lados — tanto a extrema esquerda quanto a direita — poderiam justificar suas posições. Cada lado via a si mesmo como paladinos de bom coração que tinham que lutar para salvar a civilização de um inimigo cruel e sem alma.

Enquanto o outro homem continuava a gritar, Coleman me deu um olhar exasperado e fez um gesto indicando que deveríamos sair dali.

— Para onde o direitista está indo? — gritou um dos outros homens. — Você não vai vencer. Se tivermos que colocar um ditador no poder, isso é o que faremos. Vocês não vão vencer!

Quando saímos de vista, Coleman parou e retirou uma cópia da Quarta Integração da sua mochila.

— Precisamos conversar — disse ele.

Enquanto caminhávamos de volta para o lugar onde eu havia armado minha barraca, contei tudo o que havia acontecido, inclusive minhas experiências com a Terceira Integração, o fato de ver Rachel e o estranho grupo que a acompanhava e ouvir o partidário da extrema direita agir de maneira tão irracional quanto o homem de esquerda com quem Coleman estava discutindo.

Coleman escutava enquanto recolhia alguns galhos secos de algarobeira. Em várias ocasiões, ele me interrompeu para dizer que teve experiências similares com a Terceira Integração. Não chegou

a perder sua comida, mas se viu sozinho e perdido entre os cânions, e tentou buscar ajuda com outras pessoas. Estávamos os dois no mesmo lugar: em Alinhamento e começando a procurar a Quarta Integração.

Quando chegamos à barraca, usei alguns gravetos que Wil havia colocado em minha mochila para fazer uma pequena fogueira, ao mesmo tempo que prestávamos atenção a qualquer ruído que pudesse indicar que os guardas da reserva estavam chegando.

Coleman me observava, ficando mais animado a cada momento:

— Você já viu o que o Documento diz sobre a Quarta?

— Ainda não.

— Estamos vendo tudo isso por uma razão! O Documento diz que, durante a transição de uma perspectiva material do mundo para uma visão mais espiritual, a civilidade é a primeira característica a ser desprezada. Aqueles que se apegam à velha visão de mundo frequentemente começam a se agarrar às obsessões com uma ferocidade ainda maior, até que suas crenças se transformam em uma ideologia, um sistema de ideias que não é mais baseado na verdade. Esse sistema se fundamenta na ideia falsa de que há um inimigo ameaçando o mundo. E, em uma situação tão grave, eles pensam que não há problemas em abrir mão de um debate verdadeiramente democrático e de tramitações legais.

— A direita e a esquerda políticas estão se movendo em direção a posições extremadas porque cada lado pensa que a ameaça que o lado adversário representa é tão grande que medidas extremas precisam ser tomadas. E, é claro, o ciclo recomeça, fortalecido. Quando as pessoas exageram os fatos, elas abandonam a verdade, e é aí que a Lei do Carma entra em ação. Cada um dos

lados atrai adversários que também estão mentindo, e tudo o que eles fazem é alimentar suas chamas e seus ódios mutuamente.

— O pior de tudo é que as pessoas que tentam ficar em uma posição mais neutra, como aconteceu hoje, são constantemente acusadas de extremistas, por ambos os grupos. Assim, gradualmente, todos tendem a ser empurrados em direção à extremidade oposta.

Ele agitou a fogueira com um graveto e continuou:

— O Documento diz que o perigo está na polarização crescente do pensamento político, quando cada vez mais pessoas assumem posturas extremadas. Essa situação é muito perigosa. Os dois lados podem ficar violentos ou despóticos. O texto afirma que as pessoas que estiverem em Alinhamento devem encontrar uma maneira de resistir àquelas que defendem ideologias extremas por meio da criação de um centro novo e iluminado, devotado à verdade. Ele diz que isso é especialmente verdadeiro quando se confronta a ideologia religiosa.

Eu simplesmente olhava para ele.

— Eu me interessei bastante quando você me falou sobre o grupo com que Rachel estava — ele comentou.

— Por quê?

— Porque o Documento diz que a ideologia religiosa também crescerá durante nossa época. Nesse período, no qual muitas pessoas querem uma discussão aberta sobre a espiritualidade para que possamos chegar a um consenso sobre nossa natureza espiritual, muitos dos membros das religiões tradicionais começarão a se sentir ameaçados. E, ao se esforçarem para defender suas doutrinas, também assumirão atitudes extremadas, chegando até mesmo ao ponto de desistir de tudo e desejar o fim do mundo.

Eu me lembrei do que o coronel Peterson me contara anteriormente.

— Você está falando sobre as pessoas que pregam o fim dos tempos — eu disse. — Aqueles que desejam a chegada do Armagedom.

— Sim.

Naquele exato momento, o ruído dos quadriciclos interrompeu nossa conversa. Eles ainda estavam longe, mas se aproximavam rapidamente. Por toda parte, as pessoas se apressavam para desmontar as barracas e juntar seus pertences.

— Precisamos sair daqui! — eu disse, levantando-me com um salto e começando a colocar as coisas na mochila.

— Vou recolher minha barraca e volto em seguida — Coleman falou e correu em direção à escuridão.

Foi quando eu me assustei com o grito de uma mulher, a pouco mais de 15 metros de distância. Com lanternas enormes, vários homens a haviam agarrado e estavam revistando todos os seus pertences. Havia vários outros homens vindo na minha direção.

Sem qualquer alternativa, enfiei tudo na mochila e corri para a escuridão. Por toda aquela área, agora, homens com lanternas revistavam os acampamentos, as barracas e as mochilas das pessoas, obviamente procurando alguma coisa. Eu me agachei enquanto um grupo de homens corria para um acampamento a menos de dez metros do local onde estava escondido. Os facho de luz das lanternas passaram por cima de mim.

— Entreguem suas traduções — disse um dos homens, com sotaque árabe. Outro gritou para um de seus companheiros em uma língua que era claramente indiana. Eu reconheci um dos homens como membro do grupo que estava com Rachel. Era o homem alto, com a barba espessa.

Os quadriciclos já estavam à nossa volta, e os homens rapidamente se espalharam, repentinamente apagando as lanternas. Andei para longe dos guardas, olhando ao redor e tentando encontrar qualquer sinal que indicasse a presença de Coleman. Finalmente, decidi me esconder em meio a algumas pedras, a aproximadamente cem metros dali. Dezenas de guardas estavam arrebanhando as pessoas em grupos e tirando-as da clareira. Eu me dirigi para o norte.

Depois de cerca de uma hora, interrompi a marcha. Alguém parecia estar se aproximando de mim pela esquerda. O som parou, e eu recuei na direção oposta, encontrando outra pessoa, que pressionou o cano de uma arma de fogo em minhas costelas. Fui jogado ao chão por outro homem, e uma daquelas lanternas enormes se acendeu em frente ao meu rosto.

Eles me levaram por quase um quilômetro em direção ao norte, direto para uma área cercada por pinheiros de troncos grossos, onde mais de 20 pessoas nos receberam. Uma pequena fogueira lançava luzes vacilantes sobre o cenário. Aqui estava o restante do grupo que trazia Rachel consigo.

Um homem que parecia ser o líder se aproximou e me olhou por um bom tempo. Ele tinha uma compleição física poderosa, com cabelos negros que já demonstravam alguns traços grisalhos e vestia trajes militares. Balançou a cabeça e me deu as costas. Eu respirei fundo, tentando não entrar em pânico e manter a cabeça no lugar. Afinal de contas, como disse a mim mesmo, Rachel estava com essas pessoas há algum tempo e, quando a vi anteriormente, não parecia estar tão abalada.

Por outro lado, haviam acabado de entrar na clareira e tinham aterrorizado todos que estavam ali, aparentemente buscando partes do Documento. Eu podia ver pastas e folhas de papel empilhadas ao lado de um cacto solitário. Um homem veio até onde eu estava e

começou a revistar minha mochila, achando facilmente as cópias que eu trazia.

De repente, duas outras pessoas emergiram da escuridão. Uma delas era Rachel e a outra era um homem árabe de cerca de 35 anos, vestido com trajes formais da cultura árabe. Rachel se aproximou e me viu. Nossos olhares se cruzaram por um instante antes que a linha de visão fosse bloqueada.

O líder se aproximou e sentou-se casualmente à minha frente.

— Onde está o resto dos seus documentos? — ele perguntou. Era o mesmo homem que eu tinha ouvido antes, falando com sotaque indiano.

Eu estava determinado a me manter centrado e a dizer a verdade, ou não dizer nada.

— O que você encontrou é tudo o que eu tenho — respondi.

Ele abriu um sorriso que eu só conseguiria descrever como uma expressão serena.

— Certo, meu amigo. Então, onde podemos encontrar as outras partes desse artefato?

— Não sei. É preciso ser guiado ou orientado até chegar a ele.

— E você é orientado pelo coronel Peterson?

Fiquei atordoado, e isso fez com que os olhos do líder se iluminassem. Obviamente, ele estava contente consigo mesmo por saber da existência do coronel.

— Sim, eu sei tudo sobre o grupo dele — acrescentou o homem. — E quero que você me diga tudo o que sabe sobre ele.

— Isso é fácil — eu disse. — Conversei com ele pela primeira vez hoje, e não sei nada a seu respeito, exceto o fato de que ele

está interessado no que este Documento tem a dizer. Assim como, aparentemente, você está.

— Sim, estamos estudando o texto agora — disse o líder. Seus olhos se viraram em direção a Rachel, que estava sentada ao lado da pilha de papéis.

— E o que me diz de você? — perguntei. — O que pensa a respeito do Documento?

Ele pareceu se divertir com a pergunta, sem acreditar que, naquelas circunstâncias, alguém ousaria lhe falar naquele tom.

— Ele não nos diz nada importante — assegurou-me o homem. — Nós já temos a verdade.

Ele se virou e começou a conversar com o homem bem vestido que estava com Rachel. Ele o chamava de Adjar.

Naquele momento, Rachel olhou diretamente em meus olhos. Foi um momento tão intenso que tive de desviar o olhar. A conexão não era romântica — pelo menos, não foi isso que pensei. Mas era algo definitivamente incomum, e eu sentia profundamente que não teria como explicar aquilo. Eu olhava para ela com o canto dos olhos e percebi que ela estava tentando me comunicar alguma coisa.

“Coopere”, era o que ela parecia dizer com o olhar. “Não crie ondulações”. E aquilo me lançou em um dilema. Para manter a clareza, eu deveria permanecer centrado e alerta e, para fazer isso, precisaria contar a verdade como a conhecia. E teria que expressar meus comentários sinceros de uma maneira que não viesse a criar problemas entre mim e aquele homem.

O líder estava retornando para perto de mim.

— Esta ideia sobre ideologias se refere a pessoas que estão vivendo em meio a mentiras e sabem disso, não é? — perguntou

ele. — Por exemplo, aqueles que mentem e roubam para conseguir dinheiro, como vocês fazem aqui no Ocidente.

Ele me observou atentamente para ver se eu defenderia a vida moderna, mas o pensamento que me sobreveio apontou-me outra direção.

— Acho que o Documento está indicando as pessoas que têm ideias preconcebidas sobre a realidade e não estão abertas a qualquer discussão. Elas param de crescer e simplesmente repetem o passado. Não agem de forma consciente em suas conversas.

— Como Peterson?

— Bem, não sei dizer.

— Você sabe!

Pela primeira vez, ele parecia bastante ameaçador e eu sabia que estava andando em terreno perigoso.

— Bem, creio que ele esteja tentando encontrar uma maneira de impedir uma guerra, fomentada pela religião, antes que seja tarde demais — eu disse.

Parecia que ele estava tentando controlar um sentimento profundo de afronta.

— Tudo o que ele quer é poder para si mesmo — disse o homem. — Além disso, a guerra não pode ser impedida. Está destinada a ocorrer. Acho que você está tentando me enganar.

Com aquelas palavras, ele se afastou outra vez. Rachel estava me olhando fixamente, dizendo que eu deveria ter cautela.

O líder olhou para Adjar e ordenou:

— Selecione guardas para vigiá-los durante a noite inteira.

Adjar fez um gesto com a cabeça para dois outros homens, que me levantaram e me levaram até onde Rachel estava. Em seguida,

disse algo à outra mulher em hebraico. Ela se afastou cerca dez metros até uma pedra para nos vigiar, com uma submetralhadora Uzi sobre o colo. Ele a chamou de Hira.

Eu me inclinei em direção a Rachel e percebi novamente seu perfume de rosas, que, na situação em que estávamos, fazia com que ela parecesse ser de algum outro mundo, ou mesmo angelical.

— Quem são essas pessoas? — sussurrei.

— Estou com eles há algum tempo e ainda não sei muita coisa a respeito — disse ela, em voz baixa. — A maioria pertence a seitas árabes, mas há alguns ocidentais com eles, também. Judeus e cristãos de toda parte. A única conexão que notei entre eles é que todos acreditam na profecia do fim dos tempos. O nome do líder é Anish. É ele que mantém o restante do grupo unido.

Rapidamente relatei a ela o que Peterson dissera sobre os extremistas religiosos que desejavam a chegada do Armagedom.

Ela pensou naquilo por um momento.

— Eu sei que Anish está planejando alguma coisa, mas ainda não sei exatamente o que é. Eles se chamam de apocalípticos.

— E não deixam você ir embora?

— Eu não insisti nisso. Eles me forçaram a concordar em ajudá-los a entender o Documento, embora apenas alguns entre eles estejam compreendendo realmente o texto.

Rachel olhou na direção de Adjar, que rapidamente desviou o olhar.

Respirei fundo e falei a Rachel sobre o terror que os homens criaram em meio aos campistas que estavam na clareira.

— Imaginei que eles forçariam as pessoas a entregar suas cópias — disse ela.

Ela olhou para mim, tentando cruzar seu olhar com o meu novamente, e perguntou:

— Até onde você chegou nas Integrações?

— Completei a Terceira e estou em meio à Quarta.

— Então você entende o problema com a polarização de ideologias e o descrédito em relação às visões moderadas?

— Sim.

Ela pareceu se animar com aquilo.

— Bem, a conclusão da Quarta é reveladora. Ela diz que há apenas uma solução para o problema das pessoas que se perderam em ideologias. O Documento afirma que aqueles de nós que estiverem em Alinhamento, mantendo uma posição central baseada na verdade, precisam conseguir *alcançá-los*.

— E o que isso significa?

— O texto explica que uma quantidade suficiente de pessoas entre nós precisa passar pelas Integrações até que tenhamos influência bastante para persuadi-los de que o Alinhamento é o único caminho, antes que seja tarde demais. As pessoas podem mudar em um piscar de olhos.

— Uma corrida contra o tempo — eu disse.

Ela me olhou, confusa com o comentário.

— É algo que um amigo me disse quando eu soube do Documento pela primeira vez — expliquei.

Naquele momento, o líder do grupo, Anish, aproximou-se e disse algo a Adjar. Em seguida, ele me encarou por algum tempo. Parecia se irritar com o fato de que eu o encarava de volta, e veio até onde estávamos.

— Quem é você para olhar em meus olhos? — gritou ele. — Mostre respeito! Vocês dois estão aqui, vivos, porque assim eu permito. Quando não tiverem mais serventia à causa, posso eliminá-los em um instante — disse ele, estalando os dedos para ilustrar a questão.

Em seguida, estranhamente, voltou a agir calmamente e sorriu:

— Amanhã, vocês me contarão tudo o que sabem.

Ele nos lançou mais um olhar feroz e partiu.

A ameaça foi convincente, e eu senti que minha energia diminuiu bruscamente. Rachel me olhou com uma expressão séria. Ela deu uma rápida olhada para a nossa vigia, Hira, que devolveu seu olhar com um quê de preocupação. Hira saltou da pedra para o chão com uma habilidade atlética incrível, pronta para qualquer coisa que pudesse acontecer. Rachel fez um gesto silencioso com a cabeça.

Percebi que Rachel devia ter desenvolvido uma amizade com aquela mulher com a Uzi. Na verdade, Rachel parecia ter uma Conexão tanto com Hira quanto com Adjar. Após se certificar de que ele não voltaria, Rachel se inclinou novamente em minha direção, ainda buscando meus olhos.

— Há um último aspecto na Quarta — disse ela. — Todos nós devemos admitir que não podemos reunir influência suficiente, sozinhos, para resistir a essas pessoas. O texto diz que temos de alcançar uma parte maior de nós mesmos e encontrar nossa própria “proteção”.

A CONEXÃO COM DEUS



Eu estava sentado sozinho, olhando para a fogueira que quase se apagava. O árabe bem vestido, Adjar, havia retornado e conversado com Rachel durante um longo tempo enquanto ambos organizavam as cópias do Documento.

Depois, ele me vigiou enquanto eu montava minha barraca e escoltou Rachel até a barraca onde ela dormiria, afastando-se. Perto de mim, agora, havia apenas Hira nos vigiando e outros três extremistas, sentados juntos na parte mais distante do acampamento. Ocasionalmente, os homens explodiam em risadas contidas enquanto fumavam cigarros e bebiam o vinho que trouxeram.

Minha mente estava confusa em relação à situação. Minha energia estava muito baixa e eu não sabia o que fazer. Pensei momentaneamente na ideia do Documento, sobre encontrar proteção, mas não consegui encontrar uma resposta. Qualquer sentido oculto naquela palavra permaneceria um mistério até que alguma coisa acontecesse em minha experiência para lhe conceder um significado. Até lá, essa palavra não seria mais do que um termo abstrato.

Olhando novamente para Hira, imaginei que poderia tentar correr e talvez até conseguisse fugir, mas, se o fizesse, deixaria Rachel à própria sorte, e eu não queria abandoná-la. Hira olhou ao redor e, repentinamente, olhou para mim com uma expressão muito séria. Quando nossos olhares se encontraram, sua expressão

mudou para algo parecido com a curiosidade ou dúvida, mas somente durante um instante.

Alguma coisa naquele olhar fez com que eu me sentisse melhor e pensei em tentar conversar com ela, mas decidi não fazê-lo. O dia havia sido longo e difícil, e, apesar do medo, um cansaço irresistível estava tomando conta de mim. Olhei para o céu noturno e tentei invocar uma esperança de Sincronicidade. Em seguida, arrastei-me para dentro da barraca, literalmente incapaz de me manter consciente. Onde estava Wil? Era o que eu queria saber. E Coleman?

Fui despertado pelo som abafado de pessoas conversando do lado de fora de minha barraca. No início, achei que estava sonhando, mas, então, ouvi claramente a voz de Rachel. Olhei para o relógio. Faltava uma hora para o amanhecer.

— Não percebe? — disse ela, sussurrando alto. — Temos que descobrir como deixar para trás nossas diferenças.

Espiei pela abertura da barraca e consegui ver Rachel do lado de fora, ao redor da fogueira. Adjar estava sentado à sua frente. O resto do acampamento estava silencioso, imerso nas sombras. Hira não estava mais sobre a pedra.

Rachel insistia:

— A espiritualidade não pode ser forçada. As pessoas devem descobri-la com seus próprios esforços.

Ele balançava a cabeça:

— O que acreditamos é que a cultura deve ser moldada e preservada de maneira espiritual. As leis espirituais devem ser mantidas pelas pessoas em posições de liderança. Se não for assim, nosso povo seria fútil e indolente. Perceba a indecência que existe em seus filmes e em sua música. E você acha certo se orgulhar de sua política corrupta?

— Olhe, também não gosto de algumas partes de nossa cultura — explicou ela. — Mas a liberdade é importante, tanto para homens quanto para mulheres. E se o Documento estiver certo? Você entende o que o texto diz. Você teve a experiência do Alinhamento. E se as pessoas, por todo o mundo, pudessem aprender a praticar uma espiritualidade que estabeleça a disciplina que você defende, mas que seja voluntária e envolvente por causa das sensações que a experiência causa?

De repente, Hira voltou com um olhar alarmado e começou a falar com Rachel em hebraico. Adjar parecia querer agredi-la, mas se virou e se afastou alguns passos, desgostoso.

Saí da barraca e assustei a todos. Rachel me olhou com uma expressão preocupada e foi até onde Adjar estava.

— Alguns dos outros se abriram com Hira — sussurrou Rachel para Adjar. — Anish diz que não vai nos deixar partir. Você tem que nos ajudar a escapar!

Adjar não disse nada.

— Você sabe o que o Documento está dizendo — insistiu Rachel. — Ele afirma que podemos ter algum tipo de Revelação. Temos que descobrir o que é! Pode ser que isso leve a uma solução para os dois lados. E se o Armagedom não tiver que acontecer?

Adjar voltou a dar as costas para Rachel, como se estivesse sob um estresse terrível.

Finalmente, ele disse:

— Tudo bem. Vá pegar suas coisas.

Hira correu em direção a Rachel, com a alça da arma pendurada sobre o ombro. Apontou para si mesma e disse alguma coisa. Aparentemente, iria nos acompanhar.

Rachel se voltou para mim e me encarou, sorrindo, embora estivesse completamente estupefata por seu pedido ter sido aceito. Girei sobre os calcanhares e comecei a desmontar minha barraca da forma mais silenciosa que consegui. Dentro de poucos minutos, nós três estávamos caminhando cuidadosamente em direção ao norte. Atrás de nós, Adjar estava em pé, imóvel, observando nossa partida. A luz da fogueira brilhava em sua testa proeminente.

— O que vai acontecer com Adjar? — perguntei a Rachel. Estávamos subindo pela encosta íngreme, na direção da Montanha Secreta.

Ela interrompeu a caminhada e olhou para ele.

— Não sei — respondeu.

Rachel encontrou uma brecha na subida íngreme, por onde podíamos prosseguir se atravessássemos um pequeno rebordo ao redor da encosta. De repente, ouvimos uma sequência ruidosa de gritos e discussões atrás de nós, no acampamento dos apocalípticos. Aparentemente haviam descoberto nossa ausência. Era possível ver aquelas lanternas poderosas sendo novamente acionadas, e um grupo de homens começando a vir em nossa direção.

Apressamos o passo para o norte, embrenhando-nos cada vez mais na reserva da Montanha Secreta. Eu sabia que a reserva cobria uma área de cerca de 100 quilômetros quadrados de terreno acidentado. Caminhamos até bem depois do nascer do sol e, a cada vez que o terreno se elevava, parávamos para descansar e verificar se os extremistas ainda estavam nos perseguindo. Nós sempre os víamos ao longe, mas eles pareciam não estar se aproximando.

Conforme o sol ficava cada vez mais alto no céu, acelerávamos o ritmo da marcha até não ser possível mais vê-los e, depois, avançamos pelo início da tarde, quando praticamente desabamos

devido à exaustão. Montamos acampamento em uma elevação de rochas cercada por arbustos grossos em quase todos os lados, exceto um deles, e que nos dava uma visão privilegiada da área.

Durante o resto do dia, nós nos alimentamos com um cozido típico de campistas e nos alternamos entre vigiar a trilha e dormir. Finalmente, nos reunimos perto de onde as rochas terminavam para observar o pôr do sol. Rachel se sentou a meu lado e Hira ficou a alguns metros de distância, vigiando a trilha em busca de algum movimento e, aparentemente, bastante nervosa. Conforme o sol se punha, formações de cirros e outras nuvens surgiram em uma composição que lembrava um redemoinho, recebendo os últimos raios de luz e começando a se parecer com pequenos anjos cor-de-rosa.

— Acho que estavam nos protegendo lá atrás — disse Rachel.

Assenti, concordando.

— Vocês ainda vão precisar deles! — gritou Hira, repentinamente.

A cerca de cem metros, um grupo de sete extremistas estava correndo pela encosta da colina, subindo até onde estávamos. Alguns deles traziam armas pesadas sobre os ombros.

— Vamos, temos de sair daqui.

Em poucos minutos, havíamos pegado todas as coisas e estávamos subindo pela encosta em direção ao topo da montanha, escalando afloramentos rochosos e atravessando agrupamentos espessos de árvores. Hira passou à nossa frente e nos guiou pela rota de fuga.

— Deixe que ela lidere — disse Rachel. — Hira já serviu no exército israelense.

Estávamos contornando um dos rebordos mais estreitos da colina quando senti meu pé escorregar. Despenquei daquela passagem estreita e rolei pela encosta até outro afloramento rochoso a cerca de seis metros. No último segundo, consegui saltar em direção a um rochedo, três metros abaixo, e escorreguei até parar, de bruços, arranhando meu braço nas pedras pontiagudas.

— Você está bem? — sussurrava Rachel, um pouco mais acima. Percebi que não havia maneira de voltar até onde elas estavam.

— Estou, mas vou ter de achar outro caminho. Encontrarei vocês mais adiante em algum lugar.

Ela assentiu e eu saí em disparada. Olhando para trás, em meio à escuridão que se aproximava, eu via as lanternas dos apocalípticos brilhando novamente, balançando para cima e para baixo conforme se aproximavam de nós. De repente, um disparo explodiu, reverberando contra a montanha em uma série de ecos que fez minha alma congelar.

Apesar de tudo que eu podia fazer, minha energia começou a diminuir ainda mais. Tentei me motivar, dizendo a mim mesmo o quanto era importante conseguir passar por essa provação e encontrar as Integrações restantes. Tentei até mesmo criar a expectativa pela Sincronicidade e, de alguma forma, buscar a Proteção, mas sabia muito bem que não havia ninguém naquela área deserta que pudesse nos ajudar.

Agora eu corria em meio à escuridão, pulando de rochedo em rochedo. Em certo momento, para meu horror, descobri que não teria como prosseguir sem voltar na direção da encosta onde estavam as luzes das lanternas dos apocalípticos. E o pior de tudo era que, mais adiante, a encosta terminava em um paredão íngreme de pedra. Eu teria que praticamente escalar as rochas na vertical para fugir.

Ouvi o barulho de outro tiro e aquilo me deixou completamente em pânico. Nada parecia fazer sentido. Agora havia somente o medo e o desejo desesperado de escapar.

Quando cheguei à face do rochedo, escolhi o melhor caminho que consegui identificar e escalei como se minha vida dependesse disso. A cada vez que encontrava uma saliência na rocha, os fachos das lanternas passavam erráticamente sobre mim, o que indicava que os homens também estavam escalando. Será que eles já estariam apontando as armas para mim? Pensar naquilo me causou ondas ainda mais fortes de pânico, até que o estresse ficou simplesmente insuportável. Naquele momento, comecei a sentir a resignação pela minha morte iminente descer sobre mim como um cobertor molhado, arrancando o que ainda restava de minha energia. Parecia que minhas pernas eram feitas de chumbo.

Repentinamente, uma lembrança surgiu em minha mente. Aquela exata circunstância havia acontecido comigo antes, há vários anos, durante a busca pela Profecia no Peru. Eu estava precisamente na mesma situação: aceitando a chegada da morte para escapar do terror. Naquela época, eu me abri para um nível de consciência que nunca havia experimentado antes e que nunca voltei a experimentar.

Com aquele pensamento em mente, recuperei um pouco do equilíbrio e subi até o topo do paredão. Então me espremi através de uma abertura estreita entre dois afloramentos imensos, tentando encontrar uma saída pela direita. Para meu espanto, percebi que estava totalmente sem saída, impedido de prosseguir por um imenso precipício que se estendia à frente. Novamente, a mesma situação que ocorrera no Peru.

O som de pedras rolando pela encosta atrás de mim me dizia que os extremistas estavam perto. Minhas pernas trêmulas começaram a fraquejar novamente, e eu apoiei o corpo contra as

pedras. De novo, a sensação de que devia me entregar começou a tomar conta de mim — mas, dessa vez, não me deixei dominar. Procurei me mover para uma zona onde eu era puramente um observador, uma testemunha distante, que estava ali apenas para assistir ao desdobramento da situação dramática que determinaria meu destino.

Respirando fundo, analisei os arredores, esperando. Em seguida, assim como aconteceu no Peru, uma mudança começou a ocorrer. Sem esforço, observei enquanto minha consciência repentinamente se expandiu e tocou tudo que havia à volta, trazendo-me uma estranha sensação de familiaridade, como se eu estivesse recapturando uma parte natural de mim mesmo que fora perdida.

Instantaneamente, minha percepção foi preenchida com tudo que eu não havia notado antes: pequenas mariposas e insetos que voavam ao redor de minha cabeça; grilos ou, talvez, gafanhotos cantavam suas canções nas árvores e nas pedras. Percebi que havia uma ave maior, um gavião ou uma coruja, que foi despertada pela minha chegada e voou para longe, com um piado estridente. Eu conseguia ouvir cada bater de suas asas, como se o pássaro voasse para longe em câmera lenta.

Acima de mim, a lua que havia me guiado, agora, estava mais baixa no céu. Ao olhar para ela, senti outra expansão em meu ser, algo que também me lembrava de haver acontecido antes: ela não era mais apenas uma figura no céu, de aparência bidimensional, como algo que se vê na televisão.

A parte observadora de meu ser agora captava a Lua de uma maneira mais ampla. Eu sabia que as fases da Lua eram, na verdade, uma mudança na maneira que a luz do sol reflete a superfície arredondada e tridimensional do astro, flutuando no espaço.

A percepção expandiu ainda mais minha consciência para incluir não somente a Lua, como também o Sol, que estava, naquele momento, além e abaixo do horizonte ocidental da Terra, brilhando e iluminando a superfície da Lua. O efeito estendeu meu senso de orientação no espaço além daquela área do precipício onde eu estava, em direção ao grande cosmos, em todas as direções — não somente acima da minha cabeça e para os lados.

Assim, de repente, tudo o que havia por ali pareceu assumir contornos mais nítidos, uma espécie de expansão da tridimensionalidade que aguçou a presença e a realidade das coisas em meu campo de percepção, desde os pequenos insetos perto de meu rosto até a galáxia de estrelas atrás da Lua. Eu estava olhando para tudo a partir de uma perspectiva maior, que englobava o Universo inteiro.

Tudo que havia a meu redor ganhou vida, com beleza e majestade impressionantes. As pedras e as árvores praticamente brilhavam coloridas, pois cada reflexo de luz rebrilhava nos contornos e ranhuras com reflexos multicoloridos. O imenso pinheiro que crescia na borda do precipício, à direita, pareceu explodir com milhares de tons de azul e vermelho.

Como se atraído pelo crescente senso de beleza, eu me senti expandir, no nível emocional, em direção a uma sensação profunda de amor e conexão com tudo que havia à volta. Alguma coisa em meu coração se expandiu rapidamente e para fora, e, sem qualquer dúvida, sabia que agora estava em casa, recebendo cuidados e absolutamente — mesmo que não conseguisse acreditar — Protegido.

Por alguns momentos, simplesmente deixei as emoções tomarem conta de mim, mas, então, a minha autoimagem começou a se transformar. De algum modo, nesse momento de euforia, a parte observadora de meu ser podia visualizar todos os eventos de

minha vida como um longo filme. Eu podia ver todas as Sincronicidades, os pensamentos e ideias que surgiram nos momentos certos, no passado, para guiar minha vida adiante — revelando agora um propósito oculto em todos aqueles eventos. Era possível ver que tudo o que eu fizera tinha um propósito, uma missão: eu vim ao mundo para contar aos outros a verdade. No entanto, também conseguia perceber que minha verdade era parte de uma verdade maior e oculta, um Plano para toda a criação.

Aquela percepção me elevou para um nível mais alto, uma abertura emocional ainda maior. O amor, a sensação eufórica de estar em meu verdadeiro lar, envolvido em um Universo com um propósito maior, tudo estava lá. Entretanto, junto com isso, crescia também uma profunda sensação de agradecimento por essa Conexão e pelo auxílio que eu recebia. Era como perceber, de repente, que alguma força divina estava comigo o tempo inteiro, sem que eu a compreendesse plenamente — e que agora saltava de trás da cortina, gritando: “Surpresa!”.

Mesmo assim, a situação era bem mais profunda do que isso. Entender, nesse nível de iluminação, que eu fazia parte de algo maior, mais antigo e mais amplo gerava uma força esmagadora com seu impacto.

E agora, neste momento de agradecimento, outra coisa também parecia estar ocorrendo: eu sentia algum tipo de ponto pessoal de Conexão, do qual estas sensações de amor e de pertencimento a algo maior emanavam. O que seria? Quando tentei analisá-la, ela desapareceu por completo. Mesmo assim, quando me concentrei em sentir o amor, o bem-estar e a sensação de agradecimento, percebi que ela ainda estava ali. Era como se a sensação de agradecimento completasse, de algum modo, o ciclo da Conexão, e trouxesse o ponto de contato para mais perto.

Durante muito tempo, simplesmente permaneci ali, sentado, sentindo tudo de uma vez só — a percepção ampliada, o amor e o bem-estar, a sensação de que há um plano em direção ao qual todos estamos sendo guiados e, finalmente, este ponto enigmático da Conexão que eu não conseguia entender. Eu não queria me mover.

Quando os primeiros raios da alvorada surgiram e o céu noturno desapareceu, tudo que havia a meu redor foi se destacando ainda mais em cores vívidas e distintas. De repente, senti minha atenção ser atraída para uma parte inferior da encosta. Eu me levantei com um salto, algo que consegui fazer com tanta facilidade que até me assustei. Meu corpo se movia de maneira diferente. Não apenas com mais energia, como também com mais coordenação e precisão. Voltando a me esgueirar por entre os grandes rochedos, andei silenciosamente entre as rochas, percebendo que as vozes vinham de um ponto a cerca de 30 metros à direita, atrás de algumas árvores. Quando me aproximei, pude ouvir os sotaques e sabia que eram os apocalípticos.

Sem medo, andei lentamente para a direita para observá-los. Anish e o homem alto, de barba espessa, estavam conversando acaloradamente. Atrás deles, estavam Rachel e Hira e, sentado do outro lado, um homem mais corpulento. Quando ele se virou, percebi que era Coleman, e ele estava aterrorizado. Anish e o homem barbado estavam discutindo sobre o que deveriam fazer com os prisioneiros.

— Eles sabem o que vamos fazer — disse o homem barbado.
— Libertá-los seria uma ameaça a nosso projeto.

— O que eles sabem? — perguntou Anish, olhando em direção a Rachel. — Nada que possa nos prejudicar. O fim está chegando e ninguém poderá impedir.

O homem barbado parecia irritado:

— Não podemos continuar assumindo esse tipo de risco. O que realmente estamos fazendo aqui nessa montanha? Esse Documento imbecil nada significa. Por que estamos procurando por outras partes dele? Precisamos ir para o Egito.

Anish lhe virou as costas.

— Insisto, caso contrário, teremos de seguir nosso próprio caminho — disse o homem barbado, com rispidez.

Vários homens armados que estavam atrás dele deram alguns passos à frente.

— Não, não — disse Anish. — Nossa coalizão é importante demais para isso — completou. Ele olhava para Rachel com um toque de piedade.

— Vocês não querem realmente fazer isso — disse Rachel. — O Documento explicará o fim dos tempos, o significado de todas as profecias. Sei que isso vai acontecer. Nós todos podemos encontrar a verdade juntos. A verdade pode trazer a paz.

Naquele instante, entendi que todos nós — Rachel, Adjar, Hira, Coleman, eu e Wil, onde quer que ele estivesse — estávamos aqui por uma razão. Éramos parte do Plano. Estávamos no lugar certo para interceder com os extremistas, de alguma forma. Talvez conseguíssemos alcançá-los e sensibilizá-los, como dizia a Quarta Integração. Mas como?

Repentinamente, tive uma ideia: me mover um pouco mais para a direita e tentar causar um deslizamento de rochas que não atingiria ninguém, mas que provocaria um tumulto suficiente para permitir que nosso grupo conseguisse escapar. Era exatamente o que ia fazer quando percebi que havia outra pessoa na área aonde eu pretendia chegar. De repente, uma imensa rocha rolou em direção aos pinheiros, deslocando outras pedras e fazendo-as rolar pela encosta. Uma daquelas pedras grandes tinha o tamanho de

uma banheira. Quando o estrondo começou, os apocalípticos correram na direção oposta.

Eu sabia que precisava fazer com que Rachel e os outros fugissem em minha direção e percebi que assumia espontaneamente um estado intencional similar a uma oração. Entretanto, notei que não era o único que fazia isso. De algum modo, sentia uma Conexão com muitas outras pessoas que estavam ajudando. Quem seriam?

Quase como se esperasse aquela deixa, Rachel agarrou Hira e correu entre as pedras, vindo em minha direção. Quando nossos olhares se cruzaram, Rachel diminuiu o passo por um momento e pareceu cambalear. Hira também me avistou e agarrou o braço de Rachel para impedi-la de tropeçar. O último a me ver foi Coleman, que se segurava em uma rocha para manter o equilíbrio. Percebi que eles estavam sendo elevados ao mesmo nível de consciência em que eu me encontrava.

Correndo por entre a poeira que se levantava e a confusão, agarrei Rachel e Hira e as levei de volta pelo caminho por onde eu havia chegado. Coleman estava logo atrás de nós. As pedras continuavam a rolar pela encosta e, enquanto corríamos, olhei em direção à origem do deslizamento, mais uma vez captando movimento. Eu os levei para trás de outro afloramento, perto de uma árvore maior, onde não seríamos vistos. Eles estavam sorrindo para mim, sem qualquer preocupação com o perigo.

Abruptamente, alguém espiou ao redor de uma árvore, olhando para nós — Wil. Vê-lo ali elevou ainda mais minha consciência e, quando ele olhou para mim, eu soube que ele tinha a mesma consciência que o restante de nós.

— Sigam-me! — eu disse, espontaneamente. — Sei para onde podemos ir.

Rapidamente os levei de volta para o pico onde estava antes e através da passagem estreita que levava ao precipício. Rachel, Hira e Coleman ainda pareciam estar consumidos pelo estado elevado de consciência e encontraram lugares separados para se sentar.

Wil e eu voltamos para a fenda para vigiar o lugar.

— Foi você que causou aquela avalanche, não foi?

Wil assentiu.

Eu ri.

— Também pensei em provocar um deslizamento, mas você teve a mesma ideia antes.

Ele olhou para mim e disse:

— Quem sabe? Talvez você tenha pensado nisso antes e eu ouvi seus pensamentos. Ou talvez tenhamos pensado naquilo ao mesmo tempo. É o que acho.

Eu sabia que ele estava se referindo à Conexão que todos parecíamos ter uns com os outros agora.

Dei um passo em sua direção:

— Você acha que aqueles extremistas vão... ?

Wil completou meu pensamento antes que eu pudesse terminar a frase:

— ...Nos seguir? Isso não me surpreenderia.

Ele fez o comentário sem qualquer alarme, como se não se importasse com nada no mundo. Aquilo parecia estranho, devido às circunstâncias, até que percebi que me sentia exatamente da mesma maneira. Estávamos pensando e agindo com hipervelocidade, fazendo o que tínhamos que fazer. Mas uma parte do que estávamos sentindo — o amor, a sensação de estar em casa, guiados por alguma intuição misteriosa — era definitivamente

a constante sensação de ser invulnerável, como se pudéssemos lidar ou ser guiados por meio de qualquer coisa que viesse a nos acontecer.

Perguntei:

— Você também está sentindo a Proteção, não é?

Naquele momento, olhei em direção à parte inferior da colina. Wil já estava passando por mim para fazer a mesma coisa, escalando o rochedo até uma parte mais alta, a fim de ter uma visão melhor. Eu estava logo atrás dele. Quando chegamos ao lugar certo, conseguimos enxergar uma movimentação. Um pequeno grupo de homens vinha em nossa direção, com armas em punho.

— Eu sabia — disse ele, correndo de volta para a beira do precipício.

Eu também sabia que aquilo poderia acontecer e tentei acompanhar o passo dele.

Quando passamos pela fenda, outra coisa surgiu em minha mente. Algo que ocorreu quando eu estava à beira do precipício, na noite anterior. Talvez houvesse uma maneira de sair daquela beirada e descer pela encosta. Quando chegamos, Rachel já estava examinando o precipício com Coleman, buscando pela mesma coisa: uma rota de fuga. Todas as nossas mentes pareciam estar funcionando juntas, em uma espécie de superconexão.

Coleman estava totalmente sincronizado agora.

— O que está acontecendo conosco? — perguntou ele, sorrindo. — Eu sabia que a Quinta dizia algo sobre uma Revelação, mas nunca imaginei que...

— Concentre-se na sensação de Proteção! — eu disse, instintivamente.

A expressão em seu rosto me mostrou que ele entendia.

— Ali está o caminho — disse Hira, abruptamente. Ela olhava para o lado direito do precipício. — Podemos descer até aquela pedra e nos esgueirar pela encosta à direita.

Fui até onde ela estava e observei:

— É uma queda de cinco metros!

— Você consegue! — ela disse.

Virando-me, percebi que todos estavam recolhendo os equipamentos para prosseguir. Wil me olhou com uma expressão de “vamos lá”.

Hira foi a primeira a descer, largando sua mochila e depois saltando para perto dela sem qualquer dificuldade. Coleman jogou seus pertences para que Hira os agarrasse, desceu vagarosamente pela beira do precipício, dependurando-se momentaneamente antes de se soltar. Wil fez o mesmo. Em seguida, Rachel veio até onde eu estava. Eu a segurei pelos braços e a suspendi sobre a beira do penhasco. Ao fazer aquilo, nossos olhares se cruzaram mais uma vez e foi a Conexão mais profunda que já experimentei. Como se nossas almas se tocassem.

Eu a segurei ali por um longo momento e depois a soltei facilmente, para que fosse amparada pelos outros, antes de pular. Quando caí, pensei em algo que havia esquecido há um bom tempo. Toda a minha vida, desde que era muito pequeno, eu frequentemente sofria quedas e, às vezes, de grandes alturas. Certa vez, quando tinha somente três anos, achei que conseguiria voar e, com um avental amarrado ao redor do pescoço como a capa do Super-Homem, saltei do alto de um muro de dois metros e meio de altura, chegando ao chão sem me machucar.

Mais tarde, quando adolescente, subi por uma escada de madeira apoiada sobre um piso de concreto para instalar uma lâmpada, a quase oito metros de altura. O apoio da escada

escorregou e eu caí precisamente em cima da escada, com meu quadril e meu ombro atingindo alguns degraus para amortecer a queda — a única maneira possível de evitar que me machucasse seriamente. Consegui me levantar e caminhar sem qualquer dificuldade.

E, finalmente, também havia caído quando estava na faculdade. Enquanto trabalhava como eletricista, caí do pavimento superior de um *shopping center*, atravessando o teto de uma joalheria abaixo e atingindo um balcão de vidro de três metros, atravessando quatro prateleiras de vidro até atingir o chão. Quando finalmente a queda terminou, removi cuidadosamente dezenas de estilhaços de vidro afiados que cobriam meu corpo e me levantei — novamente, sem qualquer arranhão.

Durante cada uma dessas quedas, o tempo passou mais lentamente e uma sensação de certeza tomou conta de mim, dizendo que tudo ficaria bem. Era a mesma sensação que tinha agora, quando meus pés tocaram a superfície rochosa que estava logo abaixo. Imaginei se havia conseguido me sintonizar, mesmo inconscientemente, com esta mesma sensação de Proteção.

Hira nos guiou e encontramos uma rota que nos faria contornar uma grande ravina, voltando pelo lado oriental da Montanha Secreta. Hira mantinha um passo firme e constante à nossa frente, e percebi que ela era bastante resistente e musculosa, como uma ginasta. E agora estava explodindo de entusiasmo.

— Não diminua o ritmo! — disse ela em certo ponto, mas, mesmo antes que nos avisasse, cada um de nós já havia acelerado a marcha instintivamente.

Depois de quase um quilômetro, havíamos chegado às planícies a nordeste de Boynton Canyon. Naquele ponto, comecei a sentir cansaço, e a euforia e a clareza pareciam estar se esvaindo. Hira parou um minuto para que recuperássemos o fôlego. Quando

olhou para mim, seu rosto estava diferente, como se, repentinamente, estivesse novamente preocupada. Olhei para os outros e me deparei com novas expressões de preocupação. Com certeza, todos estavam voltando ao normal. Voltei a olhar na direção da montanha.

Sem qualquer aviso, o disparo de outra arma de fogo ecoou pelo deserto, voltando a nos causar pânico. Estávamos entre o último agrupamento de pequenos afloramentos rochosos antes que o terreno se abrisse em uma imensa área plana e predominantemente desértica. Nós nos agachamos entre as rochas, enfrentando um dilema.

Os apocalípticos estavam em algum lugar atrás de nós e, à nossa frente, havia 200 metros de terreno aberto entre os rochedos e um grupo de juníperos, que nos daria alguma proteção. Poderíamos correr diretamente pelo campo aberto ou ir para a direita, onde os pinheiros mais grossos e outros agrupamentos rochosos nos proporcionariam uma cobertura melhor.

Wil estava mais adiante, rastejando de volta em minha direção.

— Está conseguindo se manter centrado? — perguntou ele.

Balancei a cabeça negativamente:

— Não está muito fácil.

— Lembre-se de que o que acabou de acontecer foi uma Revelação, um vislumbre de uma consciência que agora sabemos ser possível alcançar. Mas teremos que nos esforçar para retornar àquele estado.

Naquele momento, vários outros disparos explodiram, atingindo as pedras que ficavam a 15 metros de distância. Os apocalípticos não sabiam exatamente onde estávamos, mas ainda estavam atrás de nós. Todos rastejavam para chegar até onde Wil e eu nos encontrávamos.

— Eles estão atirando do precipício onde ficamos — disse Hira, com a voz baixa e trêmula.

— O que estamos esperando? — perguntou Rachel. — É só corrermos direto para a próxima colina.

— Está louca? — disse Coleman. Ele olhava em direção à beira do penhasco. — Consigo ver dois ou três, daqui de onde estou. Todos armados. Há uma cobertura maior à direita. Use a lógica.

Enquanto ele falava, uma imagem que mostrava todos nós correndo para a direita surgiu em minha mente, e meu nível de energia pareceu diminuir ainda mais. Olhei para a trajetória em linha reta à nossa frente e, por alguma razão, pareceu-me que aquela seria uma alternativa melhor. Tive a certeza de que seguir naquela direção era a opção certa.

— O que vocês acham que devemos fazer? — perguntou Wil.

— Acho que devemos ir em frente, pela área aberta — respondi.

— O quê? — perguntou Coleman. — Não vou fazer isso. Eles vão nos crivar de balas.

Todos olharam para Rachel:

— Acho que devemos ir em frente.

Coleman balançou a cabeça e, em seguida, disparou em direção à direita, correndo por entre os juníperos e de um ponto protegido a outro. Alguns segundos depois, o restante de nós começou a correr diretamente pelo espaço aberto, nos espalhando da melhor maneira que conseguíamos, ziguezagueando pelo terreno desimpedido.

De repente, uma saraivada de balas zuniu na direção de Coleman. Olhando para trás, percebi que alguns dos apocalípticos haviam tomado uma posição na colina diretamente acima dele e

estavam disparando em sua direção. Todos começaram a diminuir o passo, olhando para trás.

— Vão! Avancem! — gritava Wil, assim que os atiradores no penhasco abriram fogo sobre nós. As balas começaram a levantar poeira, conforme penetravam no solo à nossa esquerda, e os disparos se aproximavam de nós. Naquele momento, percebi o olhar de Wil e, pela primeira vez, vi uma expressão de resignação em seu rosto, um sinal de que talvez não conseguíssemos escapar. Novamente, tive a mesma sensação que senti quando sofri a queda em minha adolescência: de que tudo ficaria bem.

Repentinamente, conseguimos ouvir o som de um helicóptero que voava em nossa direção. Quando estava quase sobre nossas cabeças, a aeronave mudou a trajetória e eu vi que havia vários homens no compartimento traseiro. Um deles era Peterson, que, ao perceber que eu estava correndo, hesitou por um momento, bem no instante em que várias balas se crivaram no chão perto de nós. Percebendo o perigo, Peterson começou a dar ordens para o piloto. O helicóptero avançou e foi até onde os apocalípticos estavam, na beira do penhasco. Os disparos pararam.

— Vamos embora! — gritou Wil, e todos corremos até os primeiros rochedos avermelhados da próxima colina. Quando estávamos lá, observamos o helicóptero circular ao redor dos extremistas mais uma vez, antes de partir.

— Como o helicóptero sabia que precisávamos de ajuda? — perguntou Hira.

— Eles não sabiam — eu disse. — Eles simplesmente estavam sobrevoando a área.

Ela me olhou com uma expressão confusa.

— Foi uma Sincronicidade — esclareci. — Estávamos protegidos.

A GRANDE COMISSÃO



Após três horas de marcha forçada pelo deserto, conseguimos chegar à primeira estrada asfaltada. Havíamos esperado um bom tempo por Coleman, pensando que ele poderia tentar cruzar aquela extensão para nos encontrar. Pensamos até mesmo em voltar para procurá-lo, caso estivesse ferido, mas percebemos que nosso caminho estava bloqueado por uma grande quantidade de viaturas da polícia e jipes dos guardas da reserva ambiental correndo em direção à montanha, em meio a uma nuvem de poeira. Estávamos todos cansados e abalados, com exceção de Wil, que estava feliz com o desenrolar dos acontecimentos.

— Sabe, tudo o que aconteceu veio para nos mostrar exatamente o que precisávamos ver. Nunca vi um grupo de pessoas se abrir tão espontaneamente às experiências como este. O Documento diz que não podemos lidar sozinhos com ideologias violentas, que precisamos ter uma Revelação e encontrar nossa Proteção, e foi exatamente isso que aconteceu.

Concordei com um meneio de cabeça, cansado demais para comentar.

— Haverá bastante tempo para descansarmos em Jerome — acrescentou ele. — E eu tenho a sensação de que Coleman está bem. Vamos encontrá-lo.

Eu sabia que Jerome era uma velha cidade fundada por mineradores, a oeste de Sedona, hoje considerada um reduto de artistas.

— Por que estamos indo para lá? — perguntei.

Ele sorriu para mim:

— Os hopis estão esperando por nós em Jerome.

Sem conversar mais, pegamos uma carona com um rancheiro até o telefone público mais próximo, onde Wil ligou para Lobo e, cerca de vinte minutos depois, ele chegou com o mesmo Mercedes. Quando estávamos todos enfiados no veículo, ele olhou para mim e sorriu ao perceber minhas roupas sujas.

— Teve alguma visão? — perguntou ele, com um sorriso maroto.

Assenti e desabei no banco de trás. Lobo nos levou até a cidade nas colinas, mas parou apenas cerca de dois quilômetros mais adiante, em uma pequena residência. A casa era feita de adobe, coberta por um telhado de zinco novo, com painéis solares instalados. Em frente à casa, havia um celeiro e um curral, que abrigava três cavalos bem cuidados. Um bando de galinhas se espalhou pelo terreno quando chegamos.

Fomos recebidos por dois outros índios norte-americanos: uma mulher de aproximadamente 80 anos e um garoto adolescente, que parecia ter 15. Eles rapidamente nos serviram uma grande refeição de panquecas de milho, frango e *guacamole* com cebolas. Depois de uma hora, já havíamos tomado banho, almoçado e erguido nossas barracas em meio à sonolência que tomava conta de nós,

sem dizer muito uns aos outros. Quando o sol se pôs, já havíamos nos deitado para dormir.

Dormi sem sonhar e não acordei até que um raio de sol brilhou através da abertura da barraca e atingiu meu rosto. Um bando de pássaros cantava em uma árvore acima de minha cabeça. Quando calcei as botas e saí da barraca, vi uma fogueira e me sentei ao lado dela. Pela primeira vez, percebi que o terreno tinha uma leve inclinação que descia a partir da casa até um pequeno açude, ladeado por outra árvore imensa, um choupo. Vários corvos grassavam em uma área rochosa mais além.

Observando a paisagem, senti como se os últimos dias fossem um sonho e como se voltasse a ser a pessoa que eu era antes. Eu precisava desesperadamente da xícara de café que o garoto tinha me entregado.

— Qual é seu nome? — perguntei.

— Tommy — respondeu ele, num inglês impecável.

Olhei para a mulher mais velha, que estava perto de nós.

— Ela é sua avó?

— Sim.

— Como se chama?

— Avó.

— É o único nome que ela tem?

Ele concordou com a cabeça. Naquele momento, a mulher chamou o garoto e ele foi correndo até ela, colocou os braços ao redor de seu pescoço e sorriu orgulhosamente em minha direção.

Adocei meu café com um pouco de mel que havia em um pote, deixado em uma cesta perto da fogueira, e bebi devagar, não querendo pensar em nossas experiências. Eu sabia que teríamos

muito tempo para recapitular tudo depois. Agora, tudo o que eu queria era ficar sentado, apreciar a beleza simples do lugar e sentir a normalidade por alguns momentos. Um corvo passou voando por cima do curral e pousou em um poste que havia ali perto, para olhar fixamente em minha direção. Balancei a cabeça e desviei o olhar.

— Já está acordado? — perguntou Rachel abruptamente, aproximando-se por trás. O timbre da voz dela estava um pouco diferente do que eu ouvi quando estávamos na montanha.

— Sim — respondi, levantando-me. Quando nossos olhos se encontraram novamente, senti meu rosto corar por algum motivo e evitei olhá-la nos olhos outra vez, como se tivéssemos acabado de acordar depois de passar a noite juntos ou algo do tipo.

Ela se sentou em uma almofada de lona, perto da fogueira, e o garoto veio lhe trazer uma xícara de café também. Enfiando a mão no bolso do blusão, ela retirou uma nota de um dólar, que Tommy se recusou a receber inicialmente, olhando na direção de sua avó. Rachel insistiu e ele abriu um grande sorriso, enfiando o dinheiro no bolso do seu *jeans*.

Enquanto observava Rachel, algumas das nossas experiências nas montanhas voltavam a tentar entrar em minha consciência, pelo menos racionalmente. Eu sabia que havia vivenciado o que poderia somente ser chamado de uma Conexão Divina, uma verdadeira Proteção, junto com uma interação profunda com Rachel e os outros. Mas sabia, também, que muitas outras coisas de que eu não conseguia me recordar haviam acontecido.

Eu me lembrava de ouvir Wil dizer que aquilo era um vislumbre do que poderia acontecer, algo que teríamos que nos esforçar para recuperar. Ainda não sabia o que aquilo significava. Após alguns momentos, deixei todos aqueles pensamentos se dissiparem, repentinamente me sentindo vulnerável, e considerei a ideia de sair daquele lugar. Minha lógica dizia que eu já havia passado por uma

quantidade suficiente de dificuldades e perigos. Um grupo de extremistas tentou nos matar e, mesmo conseguindo escapar, por que insistíamos em continuar brincando com o destino?

De repente, Rachel trouxe sua almofada para mais perto e comentou:

— Tudo o que ocorreu naquele lugar foi importante.

— É mesmo? — disse, sem saber se realmente queria saber mais.

Ela me devolveu um olhar otimista.

— O Documento diz que a abertura à Conexão com Deus acontece com muito mais frequência do que a maioria das pessoas pensa. Ela também está estruturada na natureza do Universo e em como nossas mentes funcionam.

Ela tinha um sorriso atraente e eu me deixei levar por aquela linha de pensamento, considerando novamente o trabalho de Jung e desejando que Coleman estivesse por perto. Sabia que o psiquiatra suíço descobriu mais do que o simples fenômeno da Sincronicidade. Ele também é famoso pelo conceito de que nossas mentes são estruturadas de acordo com arquétipos.

Jung acreditava, por exemplo, que os seres humanos eram capazes de aprender a caminhar sem pensar em cada um dos músculos envolvidos no movimento porque o padrão da coordenação muscular, necessário para essa atividade, já existia e fazia parte da estrutura de nossos cérebros, contido no que ele chamava de rotas arquetípicas preestabelecidas, transmitidas geneticamente de uma geração a outra.

Para andar, bastava simplesmente observar outras pessoas caminhando e tentar fazer o mesmo, o que acionava o padrão das rotas neurais que nos ajudavam a aprender rapidamente a atividade. Como essas rotas eram basicamente as mesmas nos

cérebros de todas as pessoas, aprender a andar era uma experiência exatamente igual para todos os seres humanos.

Jung argumentava que o desenvolvimento espiritual estava estruturado da mesma forma, em uma rota latente que estava esperando que a ativássemos. E, novamente, essa experiência causa a mesma sensação em todos nós.

— Muita coisa aconteceu ontem — eu disse, finalmente. — É difícil manter o controle. E não consigo voltar a sentir a mesma sensação que tivemos ontem na montanha.

Ela me olhava, entusiasmada.

— Sim, mas a Quinta Integração afirma que não precisamos nos lembrar dela. Temos apenas que continuar integrando os passos que ainda restam e voltaremos a senti-la. Você sabe: a Ascensão à Influência, sobre a qual o Documento fala. A única parte da experiência que podemos manter agora, como parte da Quinta Integração, é a sensação de amor e proteção.

— Foi isso o que Wil disse — comentei, assentindo para que ela continuasse a me contar o que sabia.

— A Quinta Integração completa o que a Quarta estabeleceu — ela continuou. — Se pretendemos manter a verdade e permanecer em Alinhamento para enfrentar as inverdades ideológicas mais perigosas, algo se abre em nossos cérebros para reverenciar essas ações. Sabemos que não podemos enfrentar esse tipo de perigo sozinhos, apenas com a força do nosso ego. Ninguém é capaz de fazer isso. Mesmo assim, reconhecer essa realidade ativa uma rota que já está lá e nós sentimos uma Revelação, que nos leva a uma Conexão Divina, com as premonições e a Sincronicidade necessárias para estarmos protegidos.

Concordei com um aceno de cabeça. A sensação de Proteção estava retornando. Até agora, coisas horríveis aconteceram

aleatoriamente com outras pessoas porque nós não tínhamos a consciência necessária para ouvir os avisos que poderiam nos desviar da rota do perigo.

Se o Documento estivesse correto, a Proteção parecia ser uma parte natural de nossa capacidade espiritual, algo que eu imaginava se originar a partir da Lei da Conexão. Com esse pensamento, visualizei uma imagem do futuro. A humanidade conseguiria, algum dia, estar tão consciente sobre nossas premonições, de modo que todos soubéssemos, por exemplo, o momento de abandonar uma cidade e buscar um terreno mais alto, antes que um tsunami ou um terremoto nos atingissem, assim como os animais fazem?

Rachel continuava me observando.

— Agora devemos começar a, sistematicamente, recapturar a experiência que tivemos na montanha, para que possamos vivenciá-la a cada dia. Estamos na Sexta Integração. Lembra-se da Profecia encontrada no Peru? Vamos descobrir uma missão.

Ela se virou um pouco, tentando mais uma vez olhar em meus olhos. Mantive meus olhos fixos nos dela por mais alguns momentos, antes de virar o rosto.

De repente, Lobo estava estacionando o carro em frente à casa e nós nos levantamos, com um salto, para recebê-lo. Por mais incrível que pareça, ele trazia Coleman, além de outro homem, no banco de trás, que eu não conseguia identificar. Corremos até o carro e finalmente vimos o rosto dele. Era Adjar.

Wil saiu da casa e Lobo nos disse que havia encontrado Coleman em Sedona, com outros cientistas. Ele também havia escapado quando o helicóptero distraiu os extremistas. Quanto a Adjar, alguns dos hopis que viviam na cidade o viram em uma clínica médica. Lobo disse que Adjar conseguiu escapar depois de ser interrogado pelos extremistas.

— Infelizmente, mesmo que a polícia já tenha várias informações a respeito da presença dos extremistas, nenhum deles foi capturado.

— Ouviu isso? — perguntou Hira. — Isso significa que eles podem estar vindo para cá neste momento. Precisamos fazer alguma coisa.

— Qual é seu problema? — disse Adjar, em uma explosão de raiva. — Não consegue ficar em paz por um momento que seja?

— Veja só quem está falando! — gritou Hira. — Você e seu povo é que são os grandes destruidores da paz!

Rachel imediatamente conteve Hira, e a Avó levou Adjar para a casa. Percebi que Adjar tinha um grande corte na testa e estava segurando um dos braços.

Wil olhava para Lobo com uma expressão séria.

— Onde fica esse lugar de que você falou? — perguntou Wil.

— Descendo essa encosta, perto do açude — respondeu Lobo. — Dizemos que é um lugar de harmonia.

— Ótimo! Vamos precisar de muita harmonia por aqui — completou Wil.

Durante a maior parte do dia, descansamos e fizemos as refeições sozinhos. Adjar não voltou a sair da casa e Hira, na maior parte do tempo, permaneceu em silêncio e reservada. Depois de me contar brevemente sobre sua experiência quando foi capturado pelos extremistas, Coleman dormiu praticamente o dia inteiro. Ele parecia distraído, como se estivesse ocupado com alguma coisa e tivesse que passar por todo o processo antes de falar mais a respeito.

Quanto a mim, estava totalmente obcecado pela ideia de que nossa experiência com a Revelação estava presente no cérebro de

cada ser humano desde o nascimento. Se isso fosse realmente verdade, então poderia significar que todas as Integrações também faziam parte da estrutura cerebral. Portanto, de alguma forma, eram o destino da humanidade. Ocupei meu tempo reexaminando a quarta e a quinta partes do Documento, que correspondiam exatamente ao que eu vivenciara.

Quando o sol se pôs, eu me virei e vi Adjar e Hira conversando com Wil. No começo da discussão, os dois estavam levantando as vozes e dando as costas um para o outro. Conforme a conversa progrediu, eles conversaram por alguns minutos sem qualquer rancor. Após algum tempo, os três caminharam juntos em direção à imensa árvore ao lado do açude e se juntaram a Lobo, que estava jogando madeira em uma grande fogueira armada no centro de um círculo de toras. Eu sabia que Wil e Lobo estavam planejando alguma coisa. Era possível sentir. Havia uma sensação palpável de expectativa no ar.

Eu também fui naquela direção e, no trajeto, passei pela barraca de Rachel. Ela saiu carregando um pequeno diário de campo e sorrindo para mim, como se houvéssemos combinado um horário específico para nos reunir.

— Eu queria fazer algumas anotações — disse ela, acenando com o livro.

— Wil está nos reunindo por algum motivo — comentei.

Ela me lançou um sorriso enigmático, como se já soubesse o que aconteceria, mas ainda não queria revelar.

Quando nos aproximamos, percebi que Coleman estava vindo também, mas não olhava para nós. Eu tinha uma clara sensação de que, assim como eu, ele estava pensando profundamente na experiência que havíamos compartilhado. Quando chegamos ao círculo de fogo, já havia escurecido e todos estavam lá. Rachel e eu

estávamos postados em um dos lados da fogueira, com Adjar, Hira e Coleman do outro.

Wil estava um pouco mais afastado, como se fosse fazer um pronunciamento, e Lobo se colocou em um dos lados da fogueira, segurando a vara longa que ele estivera usando para avivar as chamas. A Avó estava atrás de todos, diretamente abaixo da árvore, fazendo movimentos extremamente lentos de dança com os pés. Tommy estava a seu lado.

Naquele momento, Lobo pegou a vara e espalhou o fogo para uma área maior, abrandando a maior parte das chamas e lançando um redemoinho de pequenas faíscas no ar. Em seguida, Wil pediu que nos sentássemos em círculo, com nossos rostos voltados uns para os outros, nos seis pequenos troncos que cercavam as brasas incandescentes.

Rachel olhou para mim e foi até o outro lado da fogueira, sentando-se de frente para Coleman. Em seguida, Hira e Adjar também se sentaram em troncos opostos. Percebi que ninguém havia sentado à minha frente. Estava prestes a comentar o fato quando, para minha surpresa, Tommy se aproximou e, com uma maturidade que estava além da idade que tinha, levantou as sobrancelhas como se estivesse pedindo minha permissão para se sentar.

— É claro — eu disse.

Durante bastante tempo, simplesmente olhamos uns para os outros, com as brasas quentes lançando uma luz avermelhada sobre nossas faces. A noite já estava bem escura agora e, embora estivéssemos a menos de quatro metros da pessoa à nossa frente, era difícil nos concentrarmos naquela face com a pouca luz. Era quase como se estivéssemos sendo forçados a simplesmente observar a pessoa como um todo, com poucas indicações advindas da linguagem corporal ou das expressões faciais para guiar nossas

reações. Imaginei que preparar a fogueira dessa maneira devia ser algum artifício psicológico dos hopis.

— Pedi que todos se reunissem porque Lobo conseguiu encontrar a Sexta Integração — disse Wil. — Também sei que muitos de vocês fizeram preparativos para ir embora e eu queria conversar com vocês antes que se fossem.

— O Documento diz que, quando alguém passar pela experiência da Revelação e chegar à Conexão com Deus, essa pessoa irá concluir os Fundamentos da Espiritualidade, uma base estável para a consciência, de onde poderemos prosseguir, se assim quisermos, com as outras Integrações. Uma jornada chamada de Ascensão à Influência.

— O Documento descreve essa ascensão como uma recaptura sistemática da Conexão Divina plena, parte por parte, enquanto elevamos nossa consciência de volta àquele estado mais elevado. Ela culmina com a descoberta do Décimo Segundo Sinal e, nesse ponto, seremos capazes de manter essa consciência.

Wil fez uma pausa e olhou para nós.

— Entretanto, o texto diz muito claramente que todas as pessoas ao seu redor, durante o momento da Revelação, estão ali por uma razão importante. Elas representam um grupo que pode ajudá-lo a se mover mais rapidamente através das Integrações que ainda precisam ser alcançadas. E, de acordo com o Documento, elas também têm outro propósito importante: juntas, podem formar o que ele denomina um Modelo de Acordo, que desempenha a função de concordar verdadeiramente sobre cada uma das Integrações e influenciar os outros com o poder desse acordo.

— Estes grupos-modelo são muito importantes, porque, sendo compostos por pessoas que representam diferentes tradições religiosas, agem para contrabalançar e neutralizar a polarização e o

ódio perigosos que estão crescendo entre os extremistas religiosos do mundo.

Wil se aproximou de nós e continuou:

— Os modelos têm um efeito forte nos extremistas porque, conforme avançamos pelas Integrações que ainda restam e aumentamos nossa influência, estaremos transmitindo uma verdade central para o resto do mundo: o fato de que, em sua essência, todas as religiões representam a mesma experiência da Conexão com Deus que a maioria de nós já compartilhou. Quando reconhecemos a verdadeira natureza dessa experiência comum, ela pode ajudar a reconciliar as diferenças entre as religiões e fazer com que se unam. Lembrem-se: a verdade é contagiosa.

Eu não conseguia ver as expressões deles inteiramente, mas sentia as caretas nos rostos de Adjar e Hira, e talvez até mesmo na de Coleman. A última coisa que a maioria de nós parecia desejar era que tivéssemos permanecido ali tempo o bastante para chegar até o ponto em que estávamos naquele momento, e queríamos menos ainda ficar o suficiente até que algum tipo de unificação viesse a ocorrer.

Wil ficou em silêncio novamente, percebendo que havia soltado uma bomba sobre todos os presentes. Eu olhei em direção a Lobo e poderia jurar que o vi piscando o olho.

— Antes que vocês tomem suas decisões sobre o caso, queria lhes mostrar o que o Documento afirma estar em jogo. Assim como aconteceu com as Integrações anteriores, é preciso que um número suficiente de pessoas avance pelos estágios restantes, para que a Influência ganhe força o bastante para contrabalançar os perigos que estão crescendo rapidamente pelo mundo. Não agir significa mandar outro tipo de mensagem: a de que estamos desistindo do mundo.

Aquele era um aviso forte, pensei. Agora, todos estávamos na mesma situação. Poderíamos fugir e nos salvar, mas, se o fizéssemos, a polarização cada vez maior poderia trazer a destruição ao mundo. Na realidade, a situação ainda era a mesma, desde a Primeira Integração. Nenhum de nós tinha qualquer escolha.

Enquanto trocávamos olhares em silêncio, percebi que Hira estava inquieta, como se soubesse de algo que o resto de nós não sabia.

Finalmente, ela gritou:

— Se tudo isso é verdade, o que estamos fazendo aqui parados, simplesmente falando a respeito? Vamos andar logo com isso. Eles ainda estão à solta. Precisamos compreender tudo isso!

Ela olhou para Rachel e disse:

— Eu ouvi você e Adjar discutindo sobre o documento o tempo inteiro e sentindo as elevações. Tive as mesmas experiências que você. Mas não lhe disse algo importante, e Adjar também não: Anish e o resto daquelas pessoas já têm um plano para destruir o mundo. E eles vão fazer isso!

Ela olhou diretamente para Adjar:

— Você sabe que o que estou falando é verdade. Conte a eles!

Adjar se levantou e desviou o olhar. Por um momento, achei que ele ia simplesmente desaparecer entre as sombras. Em vez disso, voltou a olhar para nós e lentamente se sentou.

— Ela tem razão — disse ele. — Eles estão fazendo planos para forçar o final dos tempos. O grupo com quem estávamos é composto de duas facções extremistas, uma focada na tradição islâmica de Alá e outra que segue as religiões ocidentais de Deus ou Jeová. As duas facções acreditam que, antes que o final dos

tempos possa chegar, alguns eventos históricos, descritos nas profecias das Escrituras, devem acontecer.

— Cada um dos lados também acredita que, quando esses eventos ocorrerem, suas respectivas figuras sagradas retornarão para reunir os verdadeiros fiéis, aniquilar seus inimigos e estabelecer um mundo completamente espiritual na Terra, baseado em sua doutrina específica.

— Mas a crença dominante é que eles têm a obrigação de fazer com que esses eventos proféticos aconteçam o mais rápido possível. Eles suspenderam o ódio mútuo para cooperar uns com os outros, pelo menos durante algum tempo. Chamam a si mesmos de apocalípticos e têm um objetivo em comum: provocar a última guerra, que vai fazer com que tudo aconteça — o Armagedom.

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Adjar estava descrevendo a mesma ameaça sobre a qual Peterson me avisou, mas dessa vez as coisas eram piores: uma coalizão de grupos ocidentais e árabes trabalhando ativamente, em conjunto, para causar o fim do mundo.

Tudo fazia sentido agora: o fato de o grupo ter membros ocidentais e árabes e o fato de discutirem tanto entre si. Eles haviam estabelecido uma trégua frágil para dar início à última guerra. Posteriormente, deixariam que a melhor religião vencesse, ou algo assim. Cada um dos lados achava que sua tradição seria aquela que prevaleceria.

Enquanto Adjar falava, senti que sua postura relaxava lentamente. Ele também sabia que não tínhamos alternativa. Se houvesse uma maneira de gerar qualquer influência nas pessoas que estavam presas àquele tipo de ideologia, capazes de causar tantos problemas, deveríamos tentar.

— Até algum tempo atrás, acreditava que este mundo estava perdido. Eu também desejava a chegada do divino, para que um mundo ideal pudesse substituir o nosso — continuou Adjar. — Por isso, me juntei aos apocalípticos. Mas esse grupo agora decidiu usar qualquer violência que julgar necessária para proteger seu plano e provocar uma guerra total, e é por isso que tive de abandoná-los. Quando escapei deles, também passei por uma Revelação que fez com que tudo mudasse para mim.

Ele olhava diretamente para Hira, pela primeira vez, e percebi que ela também estava recordando mais alguns detalhes da experiência com a Revelação.

— O mesmo está acontecendo comigo — contou ela. — A chegada do divino deve acontecer. E os humanos devem ajudar, de alguma forma. Mas não se pode usar a violência para trazer o fim dos tempos. Eu também tive que rejeitar o modo de agir dos apocalípticos.

Repentinamente, eu me lembrei de algo. Por alguma razão, a conversa sobre Deus intervir para salvar o mundo trouxe de volta o misterioso ponto de Conexão que eu havia sentido na Montanha Secreta. As memórias inundaram minha mente. Durante o influxo de amor e euforia, pude perceber um ponto, ou um lugar de origem, de onde o amor parecia fluir. Eu me lembrava até mesmo de saber que as profecias sobre o fim dos tempos tinham outro significado, algo que ainda não era bem compreendido.

— O Documento diz que um grupo-modelo não pode avançar até que todos os seus membros percebam que sua verdadeira missão é se envolver com essa questão — disse Wil.

O silêncio tomou conta de nós enquanto nos entreolhávamos — ou, como não havia muita luz, enquanto observávamos as formas uns dos outros e, talvez, até mesmo nossos espíritos. Lentamente, notei que todos estavam voltando a se unir. A sensação era a

mesma que eu havia tido na Montanha Secreta. E a presença de Tommy e Adjar tornava tudo ainda mais natural para nós.

Olhei para Lobo. Será que esses hopis eram tão inteligentes a ponto de saber como nos ajudar a voltar a sentir a Conexão usando apenas uma fogueira?

O que aconteceu depois foi uma rodada de autorrevelações mútuas, em que cada um de nós descreveu como nossa jornada espiritual nos trouxera até esse momento e as nossas tradições religiosas preferidas. Adjar nos disse que foi educado como muçulmano e que, nos últimos anos, desenvolveu interesse pela profecia da figura messiânica islâmica, o Décimo Segundo Imã. E Hira, que passou a vida inteira em Israel, comentou que estava mais interessada na utopia judaica que seria criada após a chegada do Messias, aguardado por sua tradição.

Em seguida, foi a vez de Rachel, que disse ser cristã em suas crenças, mas que também havia estudado outras profecias sobre o fim dos tempos, especialmente o Arrebatamento — a ideia de que todos os fiéis seriam elevados em um corpo espiritual e protegidos das consequências do Armagedom. Ela achava que havia sentido no fato de a maioria das tradições religiosas ter algum ideal parecido com o Arrebatamento nas próprias profecias.

Tommy foi o próximo a falar, parecendo um pouco nervoso. Ele olhava para a Avó e disse que representava as tradições dos povos indígenas, pois estudara a profecia maia e crescera sob a influência das culturas hopi e yaqui. Durante sua busca espiritual no ano anterior, ele também havia passado por uma Revelação. Agora sentia uma grande fascinação pelo calendário maia. De acordo com o que ele nos contou, esse calendário também poderia ser descrito como uma profecia do fim dos tempos, pois indicava que haveria um ponto final na criação e o início de uma era mais ideal.

— De acordo com os maias, entraremos em uma época na qual a iluminação é algo mais facilmente alcançável, mas isso não será imposto às pessoas — disse ele. — Precisamos perceber que a busca compartilhada por todos os que estão vivos hoje envolve conseguir acessar uma parte desconhecida de nós mesmos, da qual essa consciência mais elevada se origina.

Não acreditava no que estava ouvindo. Eu, como tantos outros, intuía que o calendário apontava para algo novo na história do mundo. E aqui estava esse jovem, que compreendia o calendário, dizendo exatamente a mesma coisa. Enquanto ele falava, comecei a sentir que entender o calendário seria uma parte importante das próximas Integrações, especialmente a Décima Segunda.

Com Tommy, todas as tradições mais importantes foram descritas, exceto as religiões orientais. Todos olharam ao redor.

— Eu sempre apreciei o caminho oriental — disse Wil, abruptamente. Em seguida, nos deu uma descrição clara e concisa sobre sua vida, baseada em uma busca determinada por uma compreensão prática acerca da consciência espiritual.

Novamente o silêncio se fez e todos os olhos focaram em Coleman. Ele descreveu sua vida, de maneira geral, e sua transição, de um cético sobre assuntos espirituais para um explorador da nossa natureza mais profunda. Mas, quando o assunto era religião, ele simplesmente dava de ombros. Todos pareceram aceitar aquilo. No entanto, eu ainda achava que ele estava pensando alguma coisa que não queria mencionar.

Quando voltei a prestar atenção no grupo, senti que todos os olhares convergiam para mim.

— Eu adoro algumas partes de todas as religiões — eu disse.

Wil riu, enquanto os outros continuaram em silêncio. Então, todos começaram a rir, também, até que acabamos todos

gargalhando. Naquele momento, nós nos unimos ainda mais. Estávamos nos aproximando do ápice da Conexão que havíamos sentido na montanha, com a mesma facilidade e tranquilidade de uma conversa.

— O Documento diz que, quando os membros de um grupo captarem a realidade de uma Conexão Divina, eles entenderão que ela é a mesma para todos, independente da sua formação religiosa — acrescentou Wil, finalmente. — E serão capazes de perceber outra coisa, também: que cada religião do mundo enfatiza apenas alguns aspectos dessa experiência. Outros elementos são minimizados e alguns são descartados completamente.

— Pensem no que isso significa! — continuou ele. — Em todas as religiões, uma parte da experiência é descrita adequadamente. Mas, se analisada independentemente, cada religião é incompleta. Assim, é necessário que cada uma ensine o que existe de correto sobre a Conexão Divina a todas as outras e que aprenda, com as outras, aquilo que falta em seus próprios ensinamentos.

— Essa é a única maneira pela qual toda a experiência poderá ser compreendida e, finalmente, tornar-se parte da realidade diária de toda a humanidade. Este é o propósito da existência dos grupos-modelo: chegar a um consenso em relação a essa reconciliação natural de todas as religiões, para que todos vejam.

— Lembrem-se, também, de que há muitos grupos desse tipo se formando ao redor do mundo. Alguns conseguirão se manter mais fiéis à ideia do que outros. Mas, com o tempo, através do Diálogo Consciente, as reconciliações mais sinceras evoluirão na mente das pessoas e se tornarão mais poderosas em sua influência sobre a cultura humana, conforme avançarmos pelas Integrações restantes.

Todos nós acompanhávamos o discurso de Wil atentamente, mantendo e até mesmo elevando nosso nível de energia. Nós agora

não éramos mais apenas membros de várias religiões. Éramos um grupo de almas que havia decidido ajudar a fazer história.

Quando acordei, na manhã seguinte, minha cabeça ainda estava zumbindo por causa da experiência da noite anterior — especialmente a revelação de que o grupo extremista já tinha um plano para dar início ao Armagedom. Comecei a me perguntar... Quantos grupos-modelo seriam necessários para conseguir impedir os apocalípticos e outras pessoas como eles? Mil? Dez mil?

Ao sair da barraca, vi que os outros já estavam tomando café e assistindo a um amanhecer repleto de cores dançar pelo azul-escuro do céu. Segui em sua direção e, quando Coleman me viu, veio correndo, trazendo consigo diversas páginas do Documento.

— Há outra coisa na Sexta Integração — disse ele, apontando para uma passagem específica. — Bem aqui. O texto diz que outra tradição também deve fazer parte da reconciliação entre as religiões. Uma que se esforce para explorar a espiritualidade através de uma lente e que busque ser tão objetiva quanto possível.

— De quem você está falando? — perguntei, sonolento.

— De nós, os cientistas! — respondeu ele. — Posso trazer o ponto de vista da tradição científica para nosso grupo-modelo!

Muitos dos outros ouviram o que ele disse, e todos, incluindo Wil, concordaram com movimentos afirmativos de cabeça. Coleman olhou para mim.

— Sim, é claro! — respondi.

No meio da manhã, terminada a refeição, voltamos para o círculo sob a grande árvore. Lobo acendeu a fogueira novamente, mas ela estava menor agora. Apenas o suficiente para espantar o frio da manhã.

Durante um longo tempo, olhamos uns para os outros, abrindo-nos para a sensação que havíamos vivenciado na noite anterior, até que Wil começou a falar.

— O Documento discute alguns consensos básicos que precisam ser alcançados antes que um grupo-modelo possa avançar, e esses consensos são fundamentais para que o processo seja efetivo. Um deles é este: não podemos, de maneira alguma, pensar que os fiéis de qualquer tradição devam abrir mão de sua crença no caminho que escolheram. Mas eles devem buscar integrar o que houver de melhor nas outras religiões.

— Outro consenso é o de que ninguém deve pensar que seu caminho é a única maneira de alcançar a Conexão Divina. Lembrem-se de que todos nós tivemos a sensação da Revelação apesar das perspectivas religiosas diferentes que trazíamos conosco. A Conexão ocorreu porque estávamos no mesmo lugar e com a mesma disposição, e precisávamos nos abrir para uma Consciência Divina maior.

O que Wil dizia era um fato inegável: todos nós havíamos passado pela mesma revelação, e isso significava que havia vários caminhos, mas apenas uma experiência direta. Durante um longo instante, todos nós trocamos olhares novamente e o sentimento de expectativa era palpável. Wil sorriu e voltou a examinar o Documento.

— O texto diz que devemos começar com um foco no elemento da Experiência Divina que marcou nossas memórias com mais intensidade.

Todos esperaram para ver quem seria o primeiro a falar. Em seguida, os olhares se voltaram para Coleman.

— Como cientista, o primeiro elemento dessa Conexão foi uma sensação muito intensa de bem-estar e amor, de encontrar uma

parte de mim mesmo que eu considerava perdida, e de me sentir cuidado e protegido.

Todos concordavam silenciosamente.

— Como, então, o restante de vocês descreveria esse elemento de amor e de sentir que somos parte da Conexão com Deus?

— O Espírito Santo nos preencheu com sua presença — respondeu Rachel.

— Alá nos guiou — comentou Adjar.

— Deus nos recompensou por nosso trabalho — disse Hira.

Todos olharam para Tommy.

— Os espíritos preencheram o mundo e... e o mundo ganhou vida! — disse o garoto, com uma intensidade que surpreendeu a todos.

Coleman parecia estar pensando novamente:

— Espere um minuto. Vocês estão fazendo descrições religiosas. Precisamos falar de maneira mais precisa sobre a verdadeira experiência de alcançarmos o amor e identificar qual é a tradição que mais enfatiza esse aspecto.

Rachel estava prestes a explodir.

— Há apenas uma tradição que enfatiza especialmente o Amor Divino: o cristianismo — disse ela. — Eu sei que a palavra *amor* frequentemente parece vazia e que raramente conseguimos expressar o que é o amor. Mas acreditamos realmente que, se buscarmos essa experiência com humildade, podemos nos abrir a ela e sentir o que sentimos na montanha. Somos elevados para um lugar acima de nossas velhas vidas e todos os erros que cometemos são superados. Somos renovados e alcançamos a plenitude.

— Para mim — continuou —, a experiência foi similar à sensação de voltar para casa, um lugar onde finalmente estamos livres de todas as coisas que desejamos não ter feito. Há uma sensação de que, ao alcançar a Conexão, podemos começar tudo de novo.

Ninguém falou. Todos sabiam que ela tinha razão. O amor e o bem-estar que sentimos realmente eram similares à sensação de deixar o passado para trás.

— Nós ensinamos que qualquer um que queira voltar para casa e começar de novo é capaz de encontrar essa experiência. Mas isso significa recusar a ideia de “olho por olho”. Como vimos na Montanha Secreta, em um nível de consciência mais elevado, não há qualquer justificativa para um Ciclo de Vinganças, nenhuma possibilidade de que isso aconteça. A verdade é que temos que permitir que todos tenham a capacidade de mudar e de se redimir em um piscar de olhos.

Eu não acreditava que ela estava se referindo ao Ciclo da Vingança. O Coronel Peterson disse que não era possível escapar desse ciclo. Será que havia outra tradição que rejeitasse o Ciclo da Vingança, mesmo que não fosse possível assumir isso publicamente?

Finalmente, Adjar falou:

— Devo admitir que nossa tradição não enfatiza os elementos do amor e do perdão, não da maneira que os vivenciamos. E ela, frequentemente, prega a vingança e o castigo como princípios básicos. Na verdade, nunca entendi o que significava o perdão até nossa Revelação. Mas existem partes de nossa tradição, como no caso dos sufis, que dizem essencialmente a mesma coisa. Mas não lhes damos muita atenção.

A seguir, várias outras pessoas comentaram sobre escrituras pouco conhecidas que havia em suas tradições, as quais indicavam a mesma ideia de amor e de transcender o passado.

— Portanto, é possível concordar que o cristianismo tem mais ênfase neste elemento da experiência divina? Uma ênfase que as outras tradições também deveriam integrar para conseguir descrever a experiência de forma mais precisa?

— As crenças dos povos indígenas, às vezes, eram focadas na vingança e nos inimigos. Concordo com o fato de que o cristianismo tem essa ênfase maior no amor.

— Eu também concordo — disse Wil. — O pensamento oriental fala mais em termos de sensação de felicidade, mas também tem suas correntes de ensinamentos sobre amor e reconciliação. Mas o amor que transforma aquilo que toca, de acordo com a tradição cristã, é o mais preciso.

Todos assentiram.

— Mas preciso voltar a uma questão anterior. Rachel, vou começar com você. Você consegue aceitar o fato de que pessoas de outras religiões são capazes de alcançar essa sensação de euforia dentro da própria tradição?

Ela olhou para Wil e respondeu com toda a honestidade:

— Preciso admitir que sempre tive problemas para aceitar, especialmente devido às Escrituras e aos dogmas, que ninguém chega a Deus senão através de Cristo. E sei que outros aqui têm a mesma sensação de exclusividade em relação aos próprios caminhos.

Olhei ao redor, sentindo que havíamos alcançado um ponto de estrangulamento. O principal desafio da reconciliação religiosa estava sendo exposto diretamente.

Foi nesse momento que uma ideia veio à minha mente e, sem pensar, eu disse:

— Rachel, você acredita que, durante o batismo, Cristo se uniu completamente a Deus, não foi? E se tornou igual a Deus, segundo a doutrina da Trindade?

Ela concordou, com um aceno de cabeça.

— Imagine alguém que esteja procurando sinceramente pela Conexão Divina e que realmente consiga encontrá-la, mesmo que nada saiba a respeito de Cristo. Essa pessoa não teria passado pelo mesmo caminho de expansão da consciência que Cristo demonstrou? E, ao fazer isso, da mesma forma, ela não o teria alcançado através de Cristo? Talvez seja esse o verdadeiro significado das Escrituras.

O grupo pareceu ficar atordoado com o comentário. Todos olharam para Rachel.

Ela me olhou por algum tempo e então sorriu:

— Sim, acho que pode ser assim. Depois de nossa experiência, creio que essa conexão seja uma maneira de nos desapegar das coisas ruins e nos abrir para uma consciência maior. Portanto, acho que você está certo, embora sejam a crença e a afirmação que nos colocam nessa trilha.

Agora, o olhar de Rachel se concentrava em Hira, como se perguntasse: “Você aceita que seu caminho não é único? De que todas as outras tradições são capazes de encontrar amor e redenção?”.

— Toda essa discussão mexe comigo — disse Hira, devolvendo-lhe o olhar. — Como todos vocês, tive uma sensação de segurança, de ser amada e estar protegida, apesar de todos os obstáculos. Assim, eu deveria dizer que, devido a essa experiência direta, a minha tradição deve reconhecer que a redenção

instantânea pode ocorrer e que pessoas de outras crenças também podem chegar a uma Conexão com o verdadeiro Deus.

Ela sorriu, acrescentando:

— E o fato é que nossos próprios profetas e Escrituras disseram praticamente a mesma coisa.

Ela concluiu a frase e olhou para Adjar, que a encarava com uma expressão de plena aceitação. Todos conseguiram sentir que uma barreira espessa, construída durante séculos de conflitos, estava começando a se desfazer.

— Sei que seu povo também sofreu — disse Adjar. — E posso aceitar a existência de seu caminho. Há somente uma Conexão Divina, e ela é a mesma para todos nós, independente de qual caminho decidimos trilhar, desde que ele seja genuíno e baseado no amor.

Durante vários minutos, nós simplesmente nos entreolhamos e sentimos crescerem o amor e a Conexão.

Finalmente, Wil disse:

— Agora, há outro elemento do qual nos lembramos: a sensação de que há uma missão pessoal e coletiva que sentimos durante a Revelação, uma experiência que nos guiou para formar este grupo. Qual das tradições é a que mais enfatiza o fato de que estamos na Terra para fazer algo importante?

Imediatamente, Hira se pronunciou.

— Você está falando da tradição judaica. Acreditamos que estar em contato com Deus significa receber uma incumbência. A conexão com o divino não nos proporciona apenas o amor e o perdão. Ela também nos dá uma missão que, em nossos corações, sabemos que deve ser cumprida. Não sei qual é o sentimento que

vocês têm, mas, na montanha, tive a certeza de que há um plano e que cada um de nós faz parte desse plano.

Todos concordaram, e várias pessoas disseram que suas tradições também tinham escrituras sólidas que davam importância a ter uma missão. Elas simplesmente não eram suficientemente enfatizadas.

— Portanto, é possível concordarmos que a tradição judaica tem a melhor ênfase na parte da Conexão que indica a realização de uma missão? — perguntou Wil.

Eu percebia que a clareza sobre a missão — reforçada pela decisão de criar um Modelo de Consenso — estava elevando ainda mais nossa consciência. Já havíamos recapturado três elementos de nossa Conexão Divina: o amor e tudo o que ele traz, a proteção e a redenção. E agora, a missão. Eu percebia a elevação em cada rosto.

— Tudo que precisamos fazer para manter a Quinta e a Sexta Integração foi nos lembrar de qual era a sensação que esses elementos nos causaram e tentar voltar para ela, se eles fossem perdidos. Se perdermos a Conexão com o amor, por exemplo, isso ocorre porque o sentimento foi substituído por uma das emoções inferiores. Esforcem-se para retornar ao sentimento de amor, a emoção primária da Conexão, e essas outras emoções acabarão por desaparecer. Em seguida, quando estiverem imersos no amor, a Proteção e a missão também se apresentarão a nós. A chave para prosseguir é *escutar*.

Wil colocou uma ênfase especial na palavra *escutar*, e eu sabia que aquela era sua maneira de indicar qual seria a próxima Integração.

— Você sabe alguma coisa sobre a Sétima Integração? — perguntei.

Wil nos encarou com um olhar vivaz.

— Ainda não encontramos essa parte do Documento, mas posso apostar que a Sétima se refere a descobrir mais sobre a Lei da Conexão. Temos que descobrir nossos poderes completos de intuição e perceber que é assim que somos guiados.

A ARTE DA SINTONIA



Quando o sol começou a se pôr no horizonte, senti um impulso repentino de descer a colina onde estávamos, passando pela área com o lago, e ir até o lugar escarpado que atraiu minha atenção anteriormente. Wil encerrou nossa última sessão de maneira muito abrupta — tão rápido, na realidade, que tive a estranha sensação de que não tardaríamos a sair daquele lugar. Ainda assim, queria ver aquela parte da propriedade enquanto era possível.

À medida que caminhava, mais pensamentos sobre a Sétima Integração começaram a povoar minha mente. A velha Profecia predizia que, em algum momento, a humanidade ampliaria sua percepção a respeito daquelas impressões e sensações interiores há muito classificadas como intuições, pressentimentos e até mesmo as chamadas sensações viscerais. Depois de vários anos enfatizando o pensamento racional e a lógica, um período dominado por visões de mundo seculares e materiais, a previsão era que finalmente começaríamos a levar a sério a informação que vinha do hemisfério direito do cérebro: a parte que nos dá a sensação de saber, sem que estejamos realmente conscientes da maneira pela qual sabemos.

Neste momento, avistei uma figura solitária caminhando a cerca de 200 metros à minha esquerda. Era Tommy, voltando para a casa no alto da colina. Por um instante, pensei em me virar e gritar para ele, pois queria saber mais a respeito do calendário maia. No

entanto, continuei caminhando, sabendo agora que vim até aqui por um motivo. Tinha certeza de que alguma Sincronicidade estava prestes a acontecer.

Depois de vários minutos, cheguei a uma área arenosa, pontilhada com vários cactos espinhosos, ao lado de um bosque de algarobeiras enormes. Sem qualquer aviso, um homem saiu de trás das algarobeiras. Peterson!

Fiz uma careta. Não era o que eu estava esperando.

— Preciso conversar com você — disse ele. — O assunto é sério.

Ele olhou em direção à casa, para ter certeza de que ninguém mais estava vindo, e fez um sinal para que eu o seguisse até as algarobeiras.

— Sabia que aqueles extremistas ainda estão procurando por vocês? — perguntou ele.

— Esperávamos que eles já tivessem ido embora — respondi.

— Alguns foram, mas deixaram outros para procurá-los. Sabe quem são essas pessoas?

Confirmei com um aceno de cabeça.

A expressão no rosto de Peterson demonstrava preocupação.

— Demoramos algum tempo para compreender o que eles estão tentando fazer. É exatamente como eu lhe disse: estão forçando a situação para que ela chegue a um nível insustentável.

— O que você pretende fazer em relação a eles? — perguntei.

Ele desviou o olhar.

— Ainda não sei. O que você conseguiu descobrir sobre o Documento?

Pensei por um momento sobre o tipo de resposta que daria a ele, e decidi que o melhor era simplesmente ser sincero.

— O Documento está descrevendo uma maneira de impedir o crescimento da violência.

— Os modelos de acordo — disse ele.

Fiquei surpreso.

— Então você realmente leu o texto!

— É meu trabalho.

— Mas você entende o que está lendo? Percebeu que estávamos protegidos?

Ele riu com meu comentário.

— Vi que vocês tiveram sorte. Se não chegássemos a tempo, não conseguiriam sair vivos.

— Não acho que foi sorte — eu disse.

— Bem, não importa — prosseguiu ele. — Escute, as coisas estão acontecendo cada vez mais rápido, exatamente como eu disse que seria. Mesmo com as ações que foram tomadas contra o Irã, nada mudou. O Irã ainda está desenvolvendo armas nucleares. Acreditamos que, talvez, eles já tenham a capacidade de fornecê-las a terroristas.

Eu o encarei.

— Ouvi dizer que os apocalípticos já têm um plano para criar uma guerra.

Ele ajustou os óculos escuros na frente do rosto.

— Eu ainda espero que esse Documento maluco possa nos ajudar a encontrar uma saída. Como eu lhe disse, ninguém vai gostar do que teremos que fazer para impedir essa ameaça.

Naquele momento, percebi que as atitudes de Peterson, como entrar em contato conosco e acompanhar o progresso do Documento, eram algo que ele estava fazendo por conta própria, ainda mais do que eu imaginava. E, conforme trocamos alguns olhares, também notei que ele já sabia que eu já tinha percebido.

— Estou arriscando muitas coisas aqui — disse ele. — E nós dois estamos ficando sem tempo.

Olhou para mim como se estivesse pedindo mais informações. Assim, comecei a descrever, da melhor maneira que podia, qual foi a sensação que a Revelação que tivemos na montanha nos causou, e a ideia de que os Modelos de Compreensão pudessem, de alguma forma, criar uma onda de influência forte o bastante para dissipar as intenções dos apocalípticos, embora não compreendêssemos realmente como poderíamos fazer aquilo.

Ele balançou a cabeça negativamente, encarando-me como se tudo estivesse perdido.

— É isso que esse documento diz? Uma ideia louca como essa?

Sabia o que ele estava sentindo. De acordo com a perspectiva secular, tudo aquilo realmente pareceria ilógico e tolo. Não havia qualquer maneira de fazer com que uma pessoa lesse as palavras do Documento e compreendesse, a menos que ela também passasse pelas experiências que eu estava descrevendo.

— Olhe, sei que você acha uma loucura, mas existe uma conexão esotérica entre as pessoas. É uma influência real. Se essa influência se espalhar, nosso plano pode dar certo.

— Bem, continue procurando — disse ele, balançando a cabeça. — E é melhor fazer isso rápido. É como eu lhe disse: medidas já estão sendo tomadas internamente em todos os países que simpatizam com o Ocidente para lidar com o problema. E, se os

planos avançarem, tudo vai acontecer antes que as pessoas percebam que eles foram colocados em ação.

— Espere um minuto — falei. — Você está agindo como se pudesse tomar o controle de nações que têm uma longa tradição democrática.

Ele desviou o olhar.

— Infelizmente, não é tão difícil fazer isso, especialmente em tempos de crise econômica. Pense na Venezuela. A única coisa que precisamos é conseguir fazer com que uma parcela significativa da população dependa de subsídios governamentais e, em seguida, ameaçar revogá-los. As pessoas votarão nos candidatos que prometerem cuidar delas, especialmente se você cooptar as maiores corporações do mundo e fizer com que elas comprem empresas especializadas em mídia e notícias.

— Basta fazer com que tanto os grupos de direita quanto os de esquerda acreditem que suas ações apoiam as ideologias deles. Em seguida, todos fingem que está tudo bem, enquanto você esconde o poder de tomar decisões em leis que ninguém lê e gradualmente infiltra os próprios juízes em postos-chave do governo. Quando conseguir nacionalizar os postos de votação, o resto fica fácil. Basta esperar pelo momento certo, ou pela emergência certa.

Sua certeza sobre a capacidade de executar esse tipo de operação me deu arrepios. Ele pareceu perceber que havia falado demais e rapidamente abriu uma bolsa, de onde retirou um envelope grande.

— Aqui estão algumas cópias da Sétima Integração — disse ele, preparando-se para ir embora.

Estendi a mão para pegar o envelope e perguntei:

— Onde você está conseguindo essas cópias?

— Essa foi enviada ao escritório da CIA em Langley. Consegue acreditar? Se você estivesse divulgando partes de um documento como esse, enviaria uma cópia para a CIA? Consegui fazer com que um amigo que trabalha na agência me mandasse o envelope antes que alguém dos escalões mais altos desconfiasse, e depois abri uma investigação completa. Não consegui descobrir nada. Não temos qualquer pista sobre quem possa estar divulgando tais traduções.

Ele partiu em direção aos arbustos e completou:

— Você tem cinco dias para me dar alguma informação que eu possa usar.

Voltei rapidamente para a casa, onde encontrei Coleman, Adjar e Hira reunidos ao redor de Wil, já pressentindo que algo estava errado. Aproximando-me deles, rapidamente repeti o que Peterson dissera, incluindo a informação de que os extremistas ainda estavam por perto, procurando por nós.

— Acho que precisamos ir embora o mais rápido possível — disse Wil.

Adjar tomou a palavra.

— E ir para onde? Como saberemos para onde devemos ir até encontrarmos a Sétima Integração?

Eu levantei o envelope que trazia debaixo do braço, surpreendendo a todos.

Eles sorriram, como se eu tivesse acabado de realizar um milagre, e cada um pegou uma cópia para ler.

— Onde está Tommy? — perguntei a Wil, ainda pensando que o calendário maia nos daria mais informações sobre nossa situação.

— A mãe de Tommy enviou um amigo para levá-lo até o Egito. É lá que ela está.

— O quê? Por quê? Não é um lugar perigoso?

— Eu conheço a pessoa que ela enviou — disse Wil. — É de confiança. Disse que a presença de Tommy era necessária.

Eu me levantei, sentindo-me irritado.

Wil veio até onde eu estava.

— Olhe, Tommy não é um garoto comum. Existe outro grupo-modelo, do qual sua mãe faz parte. Tommy já esteve lá com ela várias vezes. Ele ficará bem.

Eu assenti.

— Onde está Rachel?

— Viajou junto com eles.

Fiquei ali parado, simplesmente olhando para ele, embasbacado e levemente desorientado. As coisas estavam andando rápido demais.

— Por que ela fez isso? — perguntei.

— Ela teve um pressentimento de que era isso que devia fazer. E não havia tempo para despedidas.

Novamente, comecei a me perguntar por que não me virei e voltei para casa quando vi Tommy. Mesmo assim, se fizesse aquilo, provavelmente não veria Peterson e não receberia as cópias da Sétima Integração. Sabia que isso era simplesmente mais um caso de Sincronicidade que nos ajudava a avançar, mas não gostava do que estava acontecendo.

Wil estudava as páginas.

— Vamos andando. Precisamos ler isto!

Fiz um movimento afirmativo com a cabeça, sentei-me ao lado de minha barraca e comecei a ler. Logo no início, o Documento dizia

que, nesta Integração, perceberíamos exatamente como a Sincronicidade funcionava.

De acordo com o texto, a sensação causada pelos momentos de Sincronicidade era similar a estar no lugar certo, no momento certo, para receber informações importantes. Entretanto, se observarmos mais atentamente, podemos perceber que esses momentos sincronísticos são precedidos por um impulso intuitivo que nos guia a algum lugar, ou a dizer alguma coisa, que resulta na Sincronicidade. Em vários momentos da História, em momentos de grandes descobertas e realizações, as pessoas seguiram esses impulsos. Mesmo assim, tudo sempre aconteceu de maneira mais ou menos inconsciente.

O Documento prosseguia, afirmando que chegou a hora de despertar e trazer a parte intuitiva da Sincronicidade mais plenamente para a consciência. A chave para isso é confiar nas intuições que são parte desse processo e esperar que elas aconteçam. E, para poder fazer isso, precisamos identificar essas orientações adequadamente, aprendendo a distinguir nossos pensamentos “orientadores” dos pensamentos mais “alimentadores de ego” comuns.

Olhei para Wil.

— Isso é similar ao que foi dito na Profecia durante o Sétimo Sinal.

— Continue lendo — respondeu Wil. — O texto explica como fazê-lo.

O Documento esclarecia que pensamentos alimentadores do ego são palavras que dizemos a nós mesmos, sobre nossa situação, para avaliar logicamente como conseguir fazer certas coisas em nosso mundo. Esses pensamentos surgem espontaneamente, baseados em anos e anos de aprendizado.

Entretanto, o Documento dizia que, se observarmos atentamente, podemos começar a distinguir outro tipo de pensamento, um que parece ser mais espontâneo. Aparentemente, são ideias que simplesmente surgem em nossas mentes, geralmente sem qualquer conexão direta com uma análise lógica. São pensamentos que frequentemente surgem como imagens de nós mesmos fazendo alguma coisa, ou uma sensação que nos impulsiona a tomar uma atitude, algo que sentimos em nosso estômago. O Documento chama esses pensamentos de orientações. Se os seguirmos, eles geralmente nos levam a uma Sincronicidade importante.

Pensei naquilo por um momento. Realmente, é *exatamente assim* que acontece. Quantas vezes, quando pensamos em ligar para um velho amigo, por exemplo, a pessoa diz: “Eu estava justamente pensando em você!”, e apresentamos alguma espécie de Sincronicidade?

Olhei para Wil, que fingia não notar, mas percebi os contornos de uma expressão sisuda em seu rosto. Sabia o que ele estava me dizendo: “Não converse. Ande logo e leia!”.

O resto das páginas concluía a Integração dizendo, novamente, que a chave para conseguir se tornar plenamente consciente desses pensamentos é permanecer o máximo possível nesse estado de percepção, para que a próxima intuição orientadora chegue. A orientação era não deixar que um pressentimento ou imagem passassem despercebidos — era preciso considerar cada um seriamente. Como antes, o texto reiterava que, como estamos em uma transição, acrescentando aptidões espirituais a uma perspectiva de mundo racional e orientada pela lógica, nós devemos, primeiro, usar a lógica para encontrar uma maneira de agir de acordo com a intuição.

Uma das dicas para permanecer alerta às orientações é perguntar constantemente a si mesmo: “Por que pensei nisso agora?”.

Deixei os papéis de lado, percebendo que fazia aquela pergunta a mim mesmo de tempos em tempos. Como foi que desenvolvi esse hábito? Então me lembrei: Wil disse que eu deveria fazer isso, durante nossa passagem pelo Peru.

Conforme a leitura prosseguia, o Documento mencionava outra técnica para usar quando alguém precisa de uma intuição orientadora, ou uma perspectiva maior, em uma situação qualquer em que não houvesse tempo. Em vez de simplesmente esperar, a pessoa pode buscar a orientação ativamente, procurando uma “sintonia”.

Por exemplo, quando se deparar com uma situação em que é preciso decidir se devemos ir a determinado lugar ou não, podemos simplesmente imaginar que já estamos a caminho do lugar e também nossa chegada. O objetivo desse método é perceber se é fácil visualizar a jornada. Se for possível ver a si mesmo chegando até o destino facilmente, isso significa que é uma boa ideia. Se as imagens desejadas forem difíceis de enxergar, ou se não surgirem de maneira alguma, devemos nos acautelar.

O Documento reforçava que, quando enxergamos o curso de ação certo, existe uma elevação correspondente na energia, ou uma sensação de impulso, como se alguém estivesse inspirado a entrar em ação.

Parei por um momento e refleti sobre esse processo. *Sintonizar* já fazia parte do vocabulário mundial. O que o Documento parecia comunicar era o fato de que essa arte deveria ser praticada de forma mais precisa.

Retornando ao Documento, vi que havia uma última observação. O texto dizia que podemos usar esse método para nos sintonizar com muitas situações diferentes da vida, mas não descobriríamos o quão profundamente poderíamos nos sintonizar até que um número suficiente de pessoas retornasse ao Monte.

Aquela frase me deixou imerso em pensamentos. Seria melhor considerar aquilo literalmente, ou seria algo simbólico? E, se fosse literal, qual seria o Monte a que o texto se referia? As escrituras sagradas do mundo mencionavam dezenas de montanhas. Olhando para Wil, vi que ele havia colocado as páginas sobre o colo e estava olhando para algum lugar ao longe. Hira e Adjar estavam fazendo o mesmo, nas proximidades. Quando olhei para Coleman, ele estava lentamente andando em direção à árvore enorme ao lado da lagoa, aparentemente pensando profundamente. Imediatamente, soube o que eles estavam fazendo: estavam ponderando sobre a situação atual e buscando orientação. Já estavam se sintonizando.

Tentando desanuviar a cabeça, procurei fazer a mesma coisa — primeiro, esforçando-me para perceber se algo surgia em minha mente. Durante um bom tempo, simplesmente olhei ao redor, deixando a mente viajar livremente. Disse a mim mesmo o quanto esse lugar era agradável e que ficaria muito triste ao deixá-lo para trás. Depois, pensei na experiência conjunta de nosso grupo na Montanha Secreta, e se o Monte que o Documento mencionava poderia ser aquela montanha.

Repentinamente, recebi a imagem de outro lugar, uma região montanhosa, bastante escarpada e envolvida em uma névoa seca. E eu estava lá com Rachel! Senti uma explosão de energia. Mal conseguindo conter a empolgação, olhei outra vez para Wil, que parecia estar esperando que eu terminasse.

Ele se levantou e veio até onde eu estava. Percebi que Coleman também estava vindo em minha direção. Hira e Adjar

estavam logo atrás dele. Logo, estávamos todos em pé em um círculo, encarando uns aos outros.

— Eu sei o que preciso fazer — disse Wil. — Ainda não sabemos onde a Décima Segunda parte desse documento foi divulgada, se é que poderemos encontrá-la em algum lugar. Cedo ou tarde, teremos de encontrá-la. Vou até a casa de um amigo no Cairo para ver se consigo encontrar alguma pista.

Adjar deu um passo adiante.

— Vou voltar para a Arábia Saudita. Há outra montanha lá que está relacionada com tudo isso.

Todos os olhos estavam em mim.

— Eu me vi ao lado de Rachel — eu disse. — Para onde ela foi?

Wil abriu um grande sorriso.

— Ela foi para a cidade de St. Katherine, no Egito. Perto do *Monte Sinai!*

Fiquei olhando para ele enquanto os outros riam. O nível de energia estava muito alto. O Documento dizia que todos teriam de voltar ao Monte. Talvez estivéssemos indo a lugares diferentes.

— E você? — perguntei a Coleman. — Para onde vai?

— Eu vou com *você* — respondeu ele.

— Tem certeza?

— Olhe, tudo isso ainda é muito novo para mim. Fui eu que escolhi o caminho errado quando os extremistas estavam atirando em nós, lembra-se? Tentei discernir o que devia fazer e vi a mim mesmo, com você, ao lado de outra montanha bastante escarpada — ele sorriu, piscando o olho.

Olhei para Wil, maravilhado com a intensidade de nossa energia e com o quanto ela crescia a cada momento.

— Está sentindo? — perguntei. — Estamos conseguindo a Sétima Integração, não é?

Ele retornou meu olhar.

— Sim, e já a sentimos antes.

Nós nos entreolhamos. É claro! Estávamos recapturando essa parte de nossa Conexão na Montanha Secreta. Estávamos presos neste mundo, sozinhos. Estávamos sendo orientados. Todas as lembranças voltaram para mim, plenamente: espontaneamente, eu sabia o que devia fazer, quais eram os movimentos exatos a executar.

Hira deu um passo adiante.

— Lembrem-se do modelo — disse ela. — Nós também precisamos chegar a um acordo sobre a orientação. Fala-se muito sobre obedecer a Deus em nossa tradição.

— E também na tradição cristã — eu disse, sentindo-me como se estivesse falando em nome de Rachel. — Chama-se “cumprir com a vontade de Deus”.

Wil assentiu.

— De acordo com o pensamento oriental, o Zen expressa essa sensação como um fluxo em harmonia com o Divino.

— Sim — disse Adjar. — Mas nenhuma tradição foca tanto nisso quanto a minha. Chamamos isso de “render-se a Deus”. É a fundação de toda a nossa religião. O ego deve ser colocado em seu devido lugar, buscando diariamente a orientação em orações, várias vezes durante o dia, para que possamos agir somente em espírito.

Ele estava certo, e todos nós sabíamos. O islã tinha a ênfase mais forte nessa parte de nossa Conexão.

— Por falar nisso, vou voltar a Jerusalém — interveio Hira. — Não sei como explicar, mas alguma coisa está acontecendo no Monte do Templo, no lugar onde estão localizadas as ruínas do templo de Davi.

Senti um calafrio. De algum modo, eu sabia que, de uma maneira que ainda não entendíamos, aquela intuição estava diretamente conectada aos apocalípticos e a seu plano secreto de trazer o fim do mundo.

Durante a hora seguinte, ajudei todos a se prepararem para partir. Wil conseguiu encontrar um piloto que o levaria do aeroporto de Sedona até Phoenix, onde embarcaria em um voo para Nova York e, posteriormente, para o Cairo. Adjar e Hira viajariam até Phoenix de carro e, depois, embarcariam em voos para os respectivos destinos. Coleman e eu decidimos passar a noite em Sedona e partir cedo, na manhã seguinte, especialmente porque precisaríamos do dia inteiro para cuidar de nossos carros e de outros detalhes.

Lobo conseguiu encontrar telefones celulares livres de grampos para todos nós e, em um dado momento, Wil os distribuiu.

— Esses aparelhos vão nos ajudar a permanecer em contato — disse ele. — Mas lembrem-se: apenas mensagens de texto, nada de ligações. Aqui está uma lista dos números de cada um de vocês. Memorizem-nos e depois destruam a lista. Agora, todos vocês têm um telefone, exceto Rachel e Tommy. Usem o aparelho com moderação.

Acompanhei Wil e o ajudei a desmontar a barraca, sentindo-me incomodado por ele nos deixar novamente.

— O que você acha que vai acontecer? — perguntei.

Ele me olhou da cabeça aos pés.

— Acho que estamos correndo em um declive agora. Vamos passar pelo restante dessas integrações e encontrar a Décima Segunda. Eu espero apenas que várias outras pessoas estejam fazendo o mesmo, em outros lugares. Não importa o que aconteça, é preciso perseverar. Eu o encontrarei novamente no Sinai.

Depois de alguns minutos, Wil já havia guardado todas as suas coisas e embarcado no carro com Hira, Adjar e Lobo. Ele me deu um último aceno, bastante encorajador.

— Ele tem um guia incrível — disse a Avó, repentinamente, atrás de mim.

Eu me virei e percebi que ela estava a alguns metros de distância, trazendo-me uma xícara de chá nas mãos, com aroma de alecrim e sálvia.

— Isso vai ajudá-lo em seu caminho — disse ela.

— Avó, a senhora nos ajudou a dar os primeiros passos com sua dança — comentei, pegando a xícara.

Ela não respondeu, mas indicou o horizonte distante com um movimento de cabeça. Olhei na direção em que ela estava fitando e enxerguei a lua, que pairava no céu do fim de tarde.

Em seguida, um corvo grasnou alto, perto da árvore grande e, por algum motivo, aquele ruído me causou um calafrio.

— Você tem um bom guia também — disse ela. — Vai gostar muito de sua viagem até a Montanha Irmã.

Ela ainda estava olhando para algum ponto ao longe.

— Está falando sobre o Monte Sinai? — perguntei.

Ela já estava se afastando.

— Ela também é vermelha, assim como as colinas de Sedona.

— Você vive em um mundo interessante, Avó — concluí.

Ela parou de andar por um instante, sem olhar para trás. Em seguida, sorriu e continuou a caminhar.

Eu estava apoiado contra uma pequena árvore perto de minha barraca, imaginando por que Avó chamou o Monte Sinai de “Montanha Irmã”, quando Coleman se aproximou.

— Estava me perguntando onde você estava — eu disse.

— Saí para caminhar um pouco — respondeu ele, sorrindo. — Precisava de algum tempo para refletir sobre tudo que passei ao seu lado nesta viagem. Nunca sonhei que viveria experiências assim, especialmente que teria que manter uma perspectiva científica em relação a tudo isso.

Eu concordei.

— Nada de brincadeiras. Muitas coisas aconteceram. A situação está nos forçando a colocar nossa espiritualidade em ação, e tudo o que acontece é consequência das experiências que tivemos.

Coleman assentiu, como se quisesse que eu continuasse. Assim, deixei que as palavras viessem intuitivamente.

— A Primeira Integração, a sustentação do fluxo sincronístico, colocou-nos em movimento. Era essa a razão de ser tão difícil fazer as coisas no começo. Tudo que temos que fazer é criar expectativas e as coisas acontecem. Depois, precisamos nos manter centrados, como se fôssemos os astros de nosso próprio filme, falando aos outros a verdade sobre o caminho que seguimos e como ele se desdobra. É aí que cada Sincronicidade começa a levar à seguinte.

— Depois — continuei — percebemos como a Segunda Integração funciona e como devemos tentar encontrar uma verdade maior com os outros, mesmo em encontros que não sejam muito confortáveis.

Fiz um movimento com a cabeça na direção dele, lembrando-me da primeira conversa que tivemos, quando eu simplesmente o considerei um cético. Ele sabia o que eu estava pensando e deu uma gargalhada.

— Naquela ocasião, percebemos que, se participarmos de Diálogos Conscientes, sempre receberemos uma verdade maior sobre como a espiritualidade funciona. Assim, contribuímos para a construção de uma perspectiva espiritual sobre o mundo ainda mais completa.

— A Terceira Integração nos revelou uma imagem ainda maior do que acontece quando continuamos com essa verdade centrada, mostrando-nos que, se agirmos com sinceridade, estaremos nos alinhando com a Lei da Verdade e poderemos perceber as outras leis que servem de apoio a este fluxo: Conexão, Carma e Auxílio.

— Se conseguimos nos ater à nossa verdade enquanto ela evolui com as outras pessoas, e nunca mentirmos ou manipularmos, sempre tentando auxiliar, criaremos harmonia com a Lei do Carma, evitando suas correções. E naturalmente atrairemos pessoas que virão para nos auxiliar, de modo que avançaremos rapidamente para uma Conexão maior com outras pessoas e com o divino.

— A Quarta Integração nos mostrou as coisas que estão em jogo em nossa busca para alcançar essa Conexão espiritual mais profunda. Aqueles que estão presos em uma obsessão secular estão construindo sistemas ainda mais polarizados de inverdades e se tornando cada vez mais extremos em sua desumanização mútua, colocando tudo em perigo.

— Felizmente, a Quinta e a Sexta nos mostraram um vislumbre da profundidade que nossa Conexão com o divino pode ter, onde encontramos o amor e, mais importante que tudo, a Proteção, e uma certeza e consciência de que temos uma missão. Percebemos que teremos de ajudar uns aos outros a passar pelo restante das

Integrações. Agora, devemos descobrir como chegar à Ascensão da Influência e criar esse Modelo de Acordo, que, supostamente, conseguirá alcançar aqueles que têm medo.

Respirei fundo.

— E isso nos traz até o presente. A Sétima Integração nos mostrou como ampliar ainda mais a Sincronicidade, seguindo a orientação que surge dentro de nós quando nos sintonizamos.

Parei por um momento e olhei para ele, um pouco surpreso por haver conseguido recitar as Integrações tão rapidamente.

— Você tinha razão — disse Coleman. — É uma consciência que cresce sobre si mesma.

Olhei para ele por um momento, e então disse:

— Isso me lembra um ditado que aprendi quando criança, algo como... “Se tiver honra em relação a algo pequeno, você receberá algo grande em troca”. Acho que descobri a verdade que existe nessa frase.

— Então, o que acha que vai acontecer agora? — perguntou Coleman.

— Bem, espero que a Sincronicidade continue a nos guiar através dos próximos passos, e continuaremos a nos integrar mais em relação à Conexão que alcançamos na montanha... até conseguirmos nos lembrar de tudo. Eu acho que esse será o momento em que conseguiremos exercer nossa influência mais intensamente.

Durante um longo momento, nós dois ficamos perdidos em pensamentos.

Finalmente, Coleman disse:

— Gostaria apenas de poder entender algo que consegui visualizar lá em cima. Era como um ponto de Conexão com tudo o

que eu estava sentindo.

— Como é? Está falando sério?

— Eu realmente senti algo assim. Foi uma sensação elusiva, e parecia ir e vir.

Levantei-me com um sobressalto.

— Eu tive a mesma sensação!

Ele parecia impressionado.

Eu prossegui:

— Quase exatamente da mesma forma que você descreveu!

Na manhã seguinte, nós nos levantamos cedo e, assim que as primeiras luzes surgiram, voltamos para Sedona. Lobo retornara para a propriedade na noite anterior, para dormir algumas horas e depois nos ajudar a carregar nosso equipamento. Agora, enquanto viajávamos em sua caminhonete sob as luzes do alvorecer, ele parecia cansado, mas ainda tinha ânimo para seus enigmas.

— Tenho uma surpresa para vocês — disse ele.

— O que é? — perguntei. No banco de trás, Coleman sorria.

— Não pergunte — disse ele. — Você vai ver mais tarde.

Tentamos fazer com que ele nos dissesse, mas Lobo não cedeu e, depois de algum tempo, ficamos todos em silêncio profundo. Então, quando entramos nos limites da cidade, nos deparamos com um belo nascer do sol, típico de Sedona, e, como de costume, as pessoas estacionavam os carros ao lado da estrada e se postavam sobre algumas colinas para observar o céu, dando as boas-vindas ao sol. Comecei a me perguntar se aquele nascer do sol seria a surpresa que Lobo mencionou, mas, pela expressão em seu rosto, percebi que não era.

O nascer do sol revigorou cada um de nós. Estávamos completamente centrados e estabelecendo uma atmosfera de expectativa, sem nem mesmo falar a respeito. E estávamos alerta, esperando não apenas uma Sincronicidade, como também a orientação que a precedia.

De repente, Lobo entrou em uma rua lateral e parou a caminhonete, com uma expressão preocupada.

— Há algo errado — disse ele. — Meus amigos que estavam cuidando de seu carro deveriam nos encontrar naquele posto de gasolina pelo qual passamos. Mas não estavam lá.

Coleman e eu nos entreolhamos.

Lobo pensou por alguns momentos e disse:

— Imagino que eu deva levá-los direto para o aeroporto em Phoenix, neste exato momento, o mais rápido possível.

— Espere um momento! — disse Coleman. — Meu carro está no hotel onde eu me registrei. Não posso simplesmente deixá-lo aqui. Isso para não falar do resto de minhas roupas.

Enquanto ele falava, eu tentava visualizar nosso grupo indo diretamente para o aeroporto, e consegui nos ver tranquilamente chegando até lá e embarcando no avião. Em seguida, tentei nos visualizar procurando os carros e imediatamente senti uma grande dificuldade. Na verdade, não conseguia nem nos imaginar indo ao hotel de Coleman.

— Eu concordo com Lobo — falei. — Acho que devemos partir agora.

Coleman não parecia convencido, mas decidiu não pressionar.

— Acho que está tudo bem — disse ele. — Posso ligar para meus amigos mais tarde e combinar alguma coisa em relação ao carro.

— No seu lugar, eu tomaria cuidado com os telefonemas nos próximos dias — recomendou Lobo.

Eu lhe disse exatamente o que havia visto.

Ele pensou um momento, desviando o olhar, e depois comentou:

— Bem, estou sentindo a mesma coisa agora. É muito mais difícil seguir a intuição quando ela lhe diz que deve mudar seus planos.

— Entendo — eu respondi.

— Sabe, estamos nos sintonizando, seguindo a Sétima Integração da maneira mais exata possível. É uma pena não termos uma cópia da próxima Integração — acrescentou Coleman.

Vi que Lobo se mexeu no assento do motorista.

— Bem, eu e Wil paramos na casa de um amigo para pegar comida para que ele pudesse levar em sua viagem — disse ele, com um sorriso malandro.

Colocou a mão por baixo do assento e pegou uma pasta.

— Surpresa! Nosso amigo tinha uma cópia da Oitava Integração. E agora, como vocês já sabem como se sintonizar e receber orientações, podem aprender mais alguma coisa.

Ele entregou a pasta a Coleman:

— Vocês podem aprender a se sintonizar com outras pessoas.

A INTENÇÃO DA UNIDADE



Quando iniciamos o trajeto de duas horas que nos levaria ao aeroporto, comecei a imaginar como conseguiríamos encontrar Rachel e Tommy. Wil sabia que eles haviam partido em direção à cidade de St. Katherine, no Egito, mas o lugar exato onde estariam era desconhecido.

— É uma cidade pequena — dissera Wil. — Vocês os encontrarão. Basta prestar atenção. Algo vai acontecer.

Eu sabia que ele provavelmente estava certo. De acordo com as intuições que Coleman e eu tivemos, estávamos definitivamente nos encaminhando para o lugar correto. O Egito podia ter seus perigos, mas o governo geralmente era amigável em relação aos turistas, especialmente aos interessados em uma peregrinação até o Monte Sinai.

Coleman finalizou a leitura do Documento, então peguei as folhas e comecei a lê-las. Como Lobo previu, a Oitava Integração dizia que chegaríamos a um nível mais avançado de Conexão com outras pessoas, um patamar que ampliaria nossa compreensão sobre os Diálogos Conscientes.

Tudo está acontecendo bem rápido agora, pensei. Talvez Wil tivesse razão ao dizer que estávamos começando a correr por entre as Integrações que restavam.

Lembrei a mim mesmo de que o Oitavo Sinal da velha Profecia predizia que aprenderíamos a animar outras pessoas por meio de conversas, se tivéssemos a intenção sincera de nos conectar e elevar sua personalidade ou alma a um nível mais alto. O objetivo era trazer a outra pessoa para um nível maior de consciência, em que, junto com uma perspectiva mais aprofundada de sua vida, ela teria uma probabilidade maior de fornecer informações Sincronísticas do que aquelas que precisávamos individualmente.

Na época, havia alguma confusão a respeito do funcionamento de tal procedimento, mas, na maioria das vezes, a simples intenção já era condição suficiente para a ação. As pessoas que eram elevadas repentinamente ficavam mais alertas e, pelo visto, conseguiam acessar uma parte inconsciente de si mesmas. Frequentemente iniciavam suas frases com: “Não sei por que estou lhe dizendo isso”, ou “Nunca pensei nisso antes, mas...”, e, em seguida, a informação que elas transmitiam era exatamente o que precisávamos ouvir naquele momento.

Voltei a olhar as páginas que estavam em minhas mãos e avancei para o próximo parágrafo. Aparentemente, o texto dizia que essa elevação agora poderia ser expandida, com o auxílio das outras Integrações, unindo as mentes com o eu mais elevado de outra pessoa, de maneira consciente.

Unindo mentes?

Naquele momento, minha leitura foi interrompida enquanto entrávamos nos arredores de Phoenix e iniciávamos nossa própria busca por comida. Depois de cerca de trinta minutos, encontramos um armazém de comida natural e fizemos um pequeno estoque. Por sorte, logo ao lado, havia uma loja onde Coleman poderia comprar mais roupas.

Em seguida, voltamos rumo ao aeroporto e Lobo se aproximou do setor de embarque internacional com muita cautela. Estávamos

todos atentos a qualquer coisa fora do comum, em um estado de hipervigilância, para qualquer intuição que pudesse nos indicar qual era o caminho a seguir. Entretanto, nada de especial aconteceu. Coleman e eu saltamos do carro e pegamos nossa bagagem.

Finalmente, fui até a janela da caminhonete e apertei a mão de Lobo, agradecendo-o.

— Vão à Montanha Irmã assim que puderem — disse ele, enigmático. — Vocês saberão o que fazer.

Em menos de uma hora, já havíamos embarcado em um avião com destino ao Cairo, que taxiava pela pista. Verifiquei o telefone celular sem encontrar nenhuma mensagem e rapidamente o desliguei, enquanto o avião decolava.

Coleman já estava dormindo. Peguei o texto da Oitava Integração e recomecei a leitura, concentrando-me na explicação da passagem sobre a união das mentes. O texto dizia que era possível iniciar essa união se aplicássemos o que ele chamava de “A Intenção da Unidade”.

Esse termo, de acordo com o Documento, significava muito mais do que a ideia abstrata expressada por várias tradições religiosas de que todos éramos um. Ele definia uma maneira inteiramente nova pela qual os seres humanos poderiam se relacionar uns com os outros, cuja efetividade poderia ser imediatamente comprovada por qualquer pessoa. Inclusive, a melhor maneira de entender essa nova maneira de se relacionar era observar atentamente o fenômeno em que pessoas terminam as frases umas das outras.

Pensei naquilo por um momento. Sempre imaginei que essa habilidade resultava de quanto tempo uma pessoa passava em companhia de outra, especialmente porque parecia algo muito

comum entre maridos e esposas, executivos e secretárias, e pessoas que moravam juntas ou trabalhavam no mesmo local.

Quando voltei a me concentrar no Documento, o texto dizia que, embora esse talento seja comum, poderia acontecer mais facilmente, mesmo entre estranhos, com a prática do Princípio da Unidade, que deveria estar presente em toda interação humana com a intenção de unir mentes superiores.

“Espere um minuto”, pensei, acionando os freios do cérebro. Será que realmente iríamos querer fazer isso? Repentinamente, senti uma verdadeira resistência a essa ideia. Na verdade, estava tão perplexo com minha reação que acordei Coleman e lhe contei sobre o que lera, e os problemas que estava tendo com a ideia de unir mentes, especialmente se tivesse que fazer aquilo com estranhos. Talvez porque a ideia já estivesse plantada, mas eu não conseguia evitar vê-la de uma perspectiva totalmente diversa. Na verdade, Coleman parecia se comportar de uma maneira levemente diferente, como se estivesse mais cauteloso do que antes, refletindo mais demoradamente.

— Como meu próprio ego já é bem exaltado, creio que talvez você não goste da ideia de unir mentes com outras pessoas porque receia que elas poluirão seu pensamento com bobagens — disse ele.

Eu ri e, em seguida, pensei no que ele estava dizendo. Seria aquele o motivo? Será que eu queria simplesmente me sentir especial e único, e aquilo me levava a pensar que unir minha mente com a de outra pessoa poderia diluir minha criatividade?

— Por outro lado, não se pode negar que nosso grupo já se uniu e, de certa maneira, já está agindo em harmonia. Lembra-se da força com que tudo aconteceu na Montanha Secreta?

Eu me lembrava. Ficamos naquele estado de conexão por várias horas. E, certamente, não me senti diminuído, nem percebi qualquer queda no nível de energia com aquela Conexão. Mais do que tudo, eu sentia que estava fortalecido. De algum modo, todos nós estávamos coordenando nossas ações e decisões na velocidade da luz, precisamente ao mesmo tempo. E também sentimos o mesmo fenômeno enquanto estávamos na casa da Avó.

Voltei a ler o documento e ele esclarecia que a união não envolvia os egos, mas a mente superior, que está ligada ao divino. Continuando com a explicação, o texto afirmava que, quando duas pessoas se unem assim, ambas se sentem expandidas porque têm acesso não apenas ao próprio eu superior, como também à consciência superior de outra pessoa. O resultado é uma sensação de maior clareza e orientação. Aquele esclarecimento fez com que eu me sentisse melhor.

Com as pálpebras novamente pesadas de sono, Coleman continuou:

— Tenho a impressão de que, como o texto diz que você pode comprovar o poder da Intenção da Unidade por si mesmo, deveria experimentá-lo por algum tempo.

E, em seguida, adormeceu.

Olhando pela janela, pensava a respeito daquela sugestão. Na verdade, parecia algo que eu diria a mim mesmo, se ele não se antecipasse a mim. Por que não experimentar agora? Rapidamente tirei tudo de cima de meu colo e fui até a área dos comissários de bordo para pedir mais água.

Havia apenas uma comissária ali, uma mulher egípcia de aparência madura, com cabelos curtos e negros, vestindo o uniforme da empresa aérea que nos servira anteriormente. Decidi fazer exatamente o que o Documento dizia. Enquanto me

aproximava, afirmei silenciosamente a intenção de unir nossas mentes.

Ela imediatamente se virou para mim:

— Gostaria de mais água?

— Sim, por favor — respondi, entregando-lhe o copo vazio. — O voo vai ser longo, não é?

— Sim, mas não é de todo mau. Eu faço esse trajeto várias vezes durante a semana.

Ela estava olhando para o meu ombro.

— Isso é para mim?

Olhei para baixo e percebi que ainda estava com a cópia do Documento debaixo do braço. Eu a havia colocado ali enquanto guardava as coisas para poder sair de meu assento, e me esqueci de colocá-la de volta na mochila.

— Oh, não, é somente uma cópia de um antigo... algo que eu trouxe comigo por engano.

— Um antigo o quê?

Ela me olhava com forte interesse, e percebi que tinha de dizer a verdade.

— É um antigo documento, sobre a espiritualidade humana, que as pessoas estão estudando atualmente.

— E sobre o que o texto fala?

Eu me esforcei para transmitir o conteúdo em termos simples:

— Bem, é sobre como os seres humanos estão despertando para o fato de que todos nós estamos conectados espiritualmente.

Ela baixou os olhos, como se estivesse pensando. Em seguida, disse:

— Ouvi algo a respeito. O marido de minha irmã está estudando textos como esse. Há um grupo inteiro de pessoas interessadas.

Inclinando-se para mais perto de mim e falando em voz baixa, ela acrescentou:

— Ele geralmente é tímido e reservado, mas, desde que começou a se encontrar com esse grupo, tornou-se uma pessoa bastante comunicativa. E está obcecado em dizer a verdade.

— É o mesmo Documento — eu disse, um pouco surpreso pela familiaridade com a qual ela falava comigo, como se estivesse conversando com um velho amigo. Mal podia esperar pela resposta à minha próxima pergunta.

— Onde sua irmã mora? — perguntei.

— Em uma pequena cidade no deserto, chamada St. Katherine.

Eu já sabia o que ela responderia, mas, ainda assim, a Sincronicidade conseguia me chocar.

— Você não vai acreditar — comentei —, mas é para lá que iremos após descermos no Cairo.

Os olhos dela se iluminaram:

— É mesmo? Vou lhe dar o telefone dele. Ele se chama Joseph.

Ela abriu uma gaveta e tirou um pedaço de papel, anotando o nome completo do cunhado e o número de seu telefone ao lado.

— Sabe, faz algum tempo que não converso com ele. Vou telefonar para Joseph e perguntar mais a respeito desse Documento. Vou dizer a ele que nos conhecemos no avião.

— Obrigado! — eu disse, e também dei meu nome e telefone para ela.

A outra comissária chegou naquele momento. Assim, voltei para meu assento e imediatamente acordei Coleman para lhe contar o que aconteceu.

— Você já deveria estar acostumado com esse tipo de Sincronicidade — disse ele.

— N-n-não — gaguejei. — Geralmente não consigo fazer com que isso aconteça tão rápido com um estranho. Uma Sincronicidade tão certa geralmente leva mais tempo para surgir em meio à conversa e, às vezes, nem chega a acontecer. Algumas vezes você se sente levado até alguém, mas a conversa não chega a lugar algum. Dois estranhos geralmente precisam desenvolver a confiança.

Despertando rapidamente, ele me olhou com uma expressão dura:

— Você fez o que eu lhe disse, não foi? Tentou colocar o princípio da Unidade em prática?

Confirmei com um movimento exagerado de cabeça. Coleman tirou a cópia do Documento de minha mão.

— Deixe-me ler esta parte.

Não vi problemas com aquilo. Queria passar mais algum tempo pensando. Talvez estivesse otimista demais a respeito da abertura da comissária, mas não pensava que aquilo era o que realmente estava acontecendo. Para mim, encontrar uma pessoa amigável com um cunhado que vivia na cidade para onde estávamos indo não parecia tão importante. Não era tão improvável assim. O mais notável foi a qualidade da conversa em si: houve proximidade e empatia imediatas e, acima de tudo, honestidade. Nesse nível de Conexão, não precisei me lembrar de que devia ser direto e sincero. Minhas palavras soaram naturalmente daquele jeito.

Quando acordei, Coleman já estava desperto e organizava suas coisas. Ele se aproximou quando eu me espreguicei.

— Que horas são? — perguntei.

— Duas da manhã — respondeu ele. — Vamos pousar no Cairo em 20 minutos.

Ele parecia sonolento, como se o pouco espaço dos assentos o houvesse fatigado ainda mais durante a noite. E eu me sentia do mesmo jeito. Não conseguira dormir mais do que umas poucas horas.

Quando estávamos em terra, recolhemos rapidamente nossas bagagens e começamos a procurar o transporte que nos levaria a St. Katherine. Ao chegar, ficamos felizes ao perceber que era uma *van* espaçosa e que nós dois éramos os únicos passageiros. O veículo tinha dois bancos longos e pudemos nos deitar. Dormimos durante todo o trajeto até lá, entrando na cidade por volta das 11 horas.

A cidade era basicamente um amontoado de ruas, cheias de estabelecimentos que prestavam serviços a turistas, e pequenos hotéis, todos construídos no ponto mais profundo de um vale em forma de tigela. Por todos os lados, havia picos imensos e montanhas avermelhadas, incluindo a cordilheira do Sinai, que ficava na direção sudeste.

Demos alguns telefonemas em um telefone público até encontrarmos uma pequena pousada perto do Monte Sinai. Quando chegamos ao pequeno escritório para nos registrarmos, o cansaço da viagem já começava a nos afetar. Minha energia havia caído substancialmente. Assim, reexaminei mentalmente a lista das Integrações para conseguir me centrar: criar expectativas em relação à intuição e à Sincronicidade, permanecer em Alinhamento

e me voltar para uma Conexão baseada no amor. E acrescentei mais uma: estabelecer a Unidade.

Quando tocamos a sineta sobre o balcão do atendente, fomos cumprimentados por um senhor de aparência gentil, com cabelos grisalhos. Ele falava um inglês perfeito, mas, no início, parecia extremamente cauteloso, fazendo muitas perguntas sobre nossos planos de viagem e passaportes. Mesmo assim, quando terminamos o registro, já estava sorrindo e agindo de maneira bastante amigável.

Ele nos entregou as chaves e, quando estávamos indo para nossos quartos, pareceu pensar por alguns momentos.

— Se vocês gostam de andar pelas montanhas, há uma trilha nas proximidades que leva até uma das colinas. Há uma vista esplêndida da cidade e da Montanha de Moisés.

Nós lhe agradecemos e percorremos o longo corredor para chegar a nossos quartos, dispostos lado a lado. Melhor ainda foi perceber que meu quarto tinha uma porta lateral que se abria para um pequeno terraço. Podíamos ver, do outro lado da rua, a trilha que levava à colina.

— Que maravilha! — exclamou Coleman.

Depois de tomarmos banho, fomos até o restaurante que ficava ao lado da pousada e desfrutamos de uma refeição excelente. Quando terminamos, perguntei:

— O que você sente quando se sintoniza com a ideia de entrar em contato com Joseph, o cunhado da comissária de bordo?

Ele pensou na situação por um momento e respondeu:

— Tenho a sensação de que devemos fazer isso. É uma ação lógica e sinto que é a coisa certa a fazer.

Peguei meu telefone, enviei uma mensagem de texto a Joseph, dizendo que conheci sua cunhada, e perguntei-lhe se poderíamos conversar a respeito do Documento. Deixei o telefone ligado para que pudéssemos ouvir o *bip* da mensagem, se ele respondesse.

— Certo — disse Coleman. — Vamos encarar essa colina.

O dia estava bonito. O sol brilhava forte, com nuvens brancas e pequenas espalhadas pelo céu azul. Enquanto caminhávamos, observamos as montanhas vermelhas que se erguiam à nossa volta.

— Uau! — comentou Coleman. — Esse lugar se parece muito com Sedona.

Seguimos a trilha até o topo da colina e ficamos admirados com as cores das rochas. Junto com o tom vermelho, havia riscos dourados e cinzentos. Eu me sentia melhor a cada passo.

— Esta colina me dá a mesma sensação que tive em Sedona! — acrescentou Coleman.

Em dado momento, a trilha fazia uma curva em direção a um platô, que ficava de frente para a cidade. Ali, paramos e observamos os prédios do lugar. Quando estava admirando a paisagem, percebi que Coleman me indicava algo mais adiante.

Do outro lado do platô, havia um afloramento de rocha arredondado e, sobre ele, um homem estava ajoelhado sobre um pequeno tapete para fazer suas orações. Ele tinha longos cabelos castanhos e uma barba curta, e olhava para algum lugar ao longe, na direção sudeste. Sem nos ver, sentou-se, tirou um telefone celular do bolso e digitou um número.

Naquele momento, o sinal de uma mensagem de texto tocou em meu celular. Quando o homem o ouviu, ele se virou sobre os calcanhares e nos viu, com uma expressão confusa no rosto. A mensagem era a seguinte:

Minha irmã já me informou sobre sua chegada. Gostaria muito de conversar com você. Por favor, me ligue.

Olhei na direção dele. Ele tinha um largo sorriso no rosto. Coleman soltou uma gargalhada. Era Joseph.

Imediatamente, o homem se levantou e veio em nossa direção.

— Um encontro excelente! — disse ele, com forte sotaque egípcio. — Eu sou Joseph. É um prazer conhecê-los!

Coleman me olhou com uma expressão que indicava que eu deveria praticar a Unidade. Então, imediatamente me concentrei naquela intenção, fazendo as apresentações e dizendo a Joseph que estávamos procurando alguns de nossos amigos que haviam se juntado a um grupo que estava estudando o Documento aqui em St. Katherine.

— Eu conheço um grupo aqui — ele comentou —, mas me digam, até onde vocês chegaram nas integrações?

— Formamos um grupo-modelo e estamos nos sintonizando com a Orientação. Estamos começando a praticar a Unidade.

— Então vocês iniciaram o Oitavo Passo — disse ele, como se houvesse mais por vir.

— Isso mesmo — confirmou Coleman.

Joseph pediu que eu descrevesse Tommy e Rachel. Quando o fiz, ele pareceu surpreso.

— Acho que sei quem são seus amigos — disse ele. — Ainda não os conheci pessoalmente, mas eles estão aqui. Vou levá-los até onde estão.

Joseph deu uma última olhada em direção às montanhas.

— Qual desses picos é o Sinai? — perguntei.

Ele apontou para uma das montanhas que ficava a sudeste.

— Jebel Musa? Fica logo ali. Logo à direita da Catedral de St. Katherine.

Olhamos para a montanha durante um longo tempo e, ao me sintonizar, comecei a ter uma sensação de tranquilidade, um pressentimento de que era bem-vindo. Lampejos de lembranças correram pela minha mente e percebi que, novamente, estava recebendo um indício daquele misterioso ponto de Conexão que conhecera na Montanha Secreta.

— Notei que você estava ajoelhado na direção do Monte Sinai quando nós chegamos — eu disse a Joseph.

Ele sorriu:

— Oh, não é bem assim! Eu estava olhando em direção a Meca. Desse ponto, Meca fica quase exatamente do outro lado do Jebel Musa. Mas, quando faço minhas orações, sinto como se os dois lugares estivessem alinhados dentro de mim.

Ele olhou atentamente para o Monte Sinai novamente:

— Dizem que Moisés viu a face de Deus naquele lugar. Não gostariam de ter essa experiência?

Depois de trinta minutos, estávamos entrando pelos portões de uma grande casa de pedra cinzenta, a pouco mais de um quilômetro e meio do hotel. Joseph nos levou até lá com seu SUV Toyota.

Naquele momento, uma percepção muito clara surgiu dentro de mim. Eu estava prestes a rever Rachel. Será que conseguiria me abrir para ela de acordo com a Unidade? Ou voltaria a sentir a velha hesitação de sempre? Eu sabia que havíamos nos conectado espontaneamente na Montanha Secreta, mas, desde então, por algum motivo, eu ainda resistia à ideia de me abrir para ela. A Conexão parecia ser profunda demais, ou parecia levar a complicações, ou algo do tipo.

Quando descemos do veículo, a porta da casa se abriu com força, e Rachel e Tommy correram para nos receber. Esfreguei a cabeça de Tommy, emaranhando-lhe os cabelos, e abracei Rachel, mas logo me afastei, evitando qualquer contato visual prolongado com ela.

Coleman veio em seguida e deu um forte abraço em Rachel. Entre todos os presentes, ele parecia ser a pessoa mais animada em relação à reunião e, enquanto entrávamos na casa, falou sobre seus sentimentos.

— Meus pais eram um casal de cientistas frios e reservados. Que seus corações sejam abençoados! — disse ele. — Nunca tive uma família verdadeira antes.

Dentro da casa, fomos até uma enorme sala, com vários móveis forrados em couro e tapetes persas. Havia mais uma dúzia de pessoas esperando por nós. Todos me olhavam intensamente, e eu procurei desviar o olhar.

Repentinamente, Tommy estava me puxando pelo braço, levando-me para conhecer sua mãe. Quando estávamos próximos o bastante, eu me apresentei e Tommy disse que o nome da mulher era Amor da Montanha.

— Tommy me falou tudo a respeito de vocês — disse ela, com o braço ao redor do filho. — Agora sei por que ele não queria vir comigo no começo. Provavelmente sabia que se encontraria com vocês.

— Por que vocês vieram aqui para St. Katherine? — perguntei.

Ela me olhou com orgulho:

— Para visitar a montanha com a qual compartilho o nome — disse ela. — A Montanha Irmã. Meu pai, que era comerciante, me trouxe aqui quando eu ainda era criança e foi amor à primeira vista.

A Montanha Secreta e Jebel Musa têm a mesma energia. As duas se abrem para você — disse ela. Tommy assentia em silêncio.

Uma pergunta surgiu em minha mente com tanta força, que eu tive como evitar as palavras:

— Por que Tommy não tem um nome típico dos indígenas americanos, como você?

Ela sorriu para Tommy:

— Porque ele é teimoso.

— Tentaram me dar vários nomes, mas nenhum deles parecia certo — reagiu Tommy. — Quando fizer algo digno de nota, saberei qual é o meu nome tribal.

Logo depois, como se repentinamente se lembrasse de que tinha algo a fazer, Amor da Montanha saiu da sala apressadamente, deixando-me a sós com Tommy. Ele olhava para mim como se tivesse algo a dizer, mas eu consegui falar antes dele.

— Tommy, preciso saber como tudo isso está relacionado ao calendário maia. Você sabe, não é?

— Sei, sim — disse ele. — Precisamos nos apressar.

Ele me conduziu, através de uma passagem, até um imenso solário com grossas paredes de vidro, e nos sentamos ao redor de uma mesa. Na outra sala, vi que Coleman conversava com Rachel e muitas das outras pessoas. Por um instante, meu olhar se cruzou novamente com o de Rachel. A sala estava bastante movimentada, como se todos estivessem organizando suas coisas para sair em viagem.

— A mitologia de minha tribo diz que as montanhas da área de Red Rock, no Arizona, e as Montanhas Vermelhas deste lugar estão conectadas. Os povos nativos sempre viram as montanhas como lugares sagrados que nos elevam para além da consciência comum

e nos ajudam a vislumbrar o espírito sagrado. Esse espírito, agora, está tentando se aproximar mais. Os maias sabiam disso e vieram a este mundo para nos trazer a mensagem do calendário.

— Mas qual é a mensagem, Tommy? — perguntei. — A mídia a distorceu, transformando-a em uma previsão do apocalipse. É difícil decidir em qual interpretação devemos acreditar.

Naquele momento, Coleman entrou na sala, obviamente pressentindo que estávamos falando sobre algo importante. Vi um lampejo de impaciência no pequeno rosto de Tommy e isso me fez sorrir discretamente.

— Tenho certeza de que preciso ouvir isso — disse Coleman, apressadamente.

Nós o convidamos a se sentar conosco.

— A verdade do calendário é simples — prosseguiu Tommy. — Não tem nada a ver com o fim do mundo. O calendário demonstra uma linha do tempo que serve para todo o Cosmo, e é o propósito verdadeiro da história humana. A concepção dos maias é de que o Universo foi criado há 16 bilhões de anos, mas, de acordo com eles, a criação não aconteceu de uma só vez. O calendário mostra as datas dos nove Estágios da Criação que estão ocorrendo, desde o início do calendário até seu fim, em 2012.

Ele concluiu o discurso e olhou para mim, como se a data inicial do Calendário fosse importante. Eu sabia o motivo. Os cientistas haviam entrado em acordo sobre a data do início do Universo na época do Big Bang, e essa data era muito próxima daquela que foi escolhida pelos maias. Isso trazia uma questão: como os maias poderiam conhecer essa data com tamanha precisão e há vários séculos? O restante do calendário teria a mesma exatidão?

— Um estudioso, em particular, decifrou as datas que o calendário definiu para cada passo da criação com uma clareza

impressionante. Como eu disse, o primeiro Estágio da Criação começou há 16 bilhões de anos e incluiu a formação do Universo e a aglomeração da matéria em galáxias, estrelas e planetas, seguido pelo início da vida e o desenvolvimento das primeiras células, que depois se transformaram em organismos mais complexos. O segundo, o terceiro e o quarto Estágios da Criação nos trouxeram os mamíferos, os primeiros antropóides e, finalmente, há dois milhões de anos, os humanos.

— Nesse momento, os Estágios da Criação que ainda não foram concluídos estavam focados na expansão do alcance da consciência humana, começando com uma consciência tribal e alcançando, há cerca de 103 mil anos, uma consciência regional, quando os humanos desenvolveram a linguagem e começaram a se aperceber de outros grupos humanos em uma área geográfica maior.

— A seguir, no calendário — continuou —, surgiu a consciência nacional, começando por volta de 3115 a.C., quando os humanos se organizaram primeiro em impérios e, posteriormente, em nações.

— Depois, em 24 de julho de 1755, outro estágio da criação teve início trazendo uma consciência planetária. Foi nessa época que percebemos, pela primeira vez, que vivemos em um planeta finito, e começamos a interagir economicamente ao redor do globo.

Tommy fez uma pausa para enfatizar um detalhe.

— É importante lembrar que esses passos não são simplesmente simbólicos. Eles causaram mudanças reais em nossa consciência. Quando alcançamos o estágio planetário, por exemplo, ganhamos a capacidade de nos sintonizar com uma consciência que transcendia a percepção de que o mundo era plano. Nós pudemos, literalmente, sentir que estávamos todos juntos em um mundo esférico que flutuava pelo espaço.

— E o próximo grande estágio na criação, que ocorreu em 5 de janeiro de 1999 — a consciência galática — nos deu a capacidade de expandir ainda mais nossa consciência. Esse passo nos elevou para além do planeta e nos deu uma capacidade ainda maior de sentir o Cosmo. Sabíamos que estávamos flutuando no espaço, mas não entendíamos exatamente a razão para que isso acontecesse. Queríamos conhecer a verdade sobre nossa existência. A própria religião começou a ser questionada, porque queríamos respostas mais completas para as perguntas.

— Foram esses questionamentos que fizeram com que fanáticos ideológicos pensassem que tinham que defender suas doutrinas, e até mesmo forçar outras pessoas a aceitá-las, às vezes usando de violência. Essa perspectiva galática teve início apenas dois anos antes de 2001, quando as guerras travadas para descobrir qual das religiões era superior às outras começaram.

Eu simplesmente olhava para Tommy. Não sabia que o calendário maia era tão específico em suas datas.

— Os estudiosos ainda estão discutindo sobre algumas datas, mas o que importa é o delineamento da criação. Eles previram essa sequência do progresso humano há vários séculos.

Lembrei-me de que Tommy disse que o calendário previa nove Estágios da Criação. Ele havia mencionado apenas oito. Perguntei a respeito.

— O calendário indica mais um Estágio da Criação, que já está chegando e pode ser sentido — continuou o jovem.

Aquilo prendeu minha atenção. Lembrei-me de que Tommy contou ao grupo que o calendário, em si, era uma profecia similar às visões do fim dos tempos, propagadas por várias religiões. A maioria das profecias, nessas escrituras, falava sobre a chegada de

uma figura messiânica que traria consigo um mundo ideal, e agora ele falava que o calendário também indicava um mundo ideal.

— Fale mais sobre o que o calendário prevê — eu disse.

Ele dispensou meu comentário com um gesto, obviamente mais interessado em falar sobre outro aspecto.

— Minha tribo acredita que esse último passo não será forçado sobre nós. Um número suficiente de pessoas precisa aprender a se sintonizar no próximo nível da criação. E, para fazer isso, é preciso, primeiro, receber a consciência citada nas Integrações, começando com a Integração na qual estamos trabalhando agora: a Oitava.

Ele olhava para mim como se, particularmente, eu ainda precisasse entender o que aquilo significava.

Fomos interrompidos por sons de movimentação na outra sala. Pela porta, eu vi Amor da Montanha e várias outras pessoas enrolando um dos tapetes persas e abrindo um imenso alçapão que havia no chão. Ela olhou para Tommy, chamando-o para vir ajudá-la.

Coleman e eu nos levantamos.

— Você sabe o que eles estão fazendo, não é? — perguntou ele. — Estão se preparando para ir à montanha.

— Por quê?

— Não sei. Eles também não parecem saber. Mas têm certeza de que precisam ir.

Estávamos voltando para a sala quando Rachel apareceu abruptamente e segurou meu braço.

— Preciso falar com você — disse ela, forçosamente, levando-me de volta para o solário e, de lá, atravessando uma porta para chegar até um jardim. O piso era feito de pedra e o lugar ficava no meio de várias cercas vivas espessas e canteiros floridos. O aroma

de lírios vinha de uma pequena fonte-d'água, construída em um dos cantos.

— Todos estão arrumando suas coisas para partir — eu disse.
— O que pretendem fazer?

— Eles vão para a Montanha Irmã — respondeu ela. — Alguma coisa vai acontecer lá.

— Como você sabe?

Ela me olhou com uma expressão séria.

— Eu sei de várias coisas — disse ela. — Se você não estivesse me evitando, talvez percebesse!

Simplesmente olhei para ela.

— Por que você está me evitando?

— Porque estou tentando me manter em Alinhamento — retruquei, sentindo vontade de voltar correndo para dentro da casa.

Ela sorriu e me olhou como se eu fosse uma criança.

— Se você se conectasse o suficiente para poder realmente conversar comigo, não se sentiria tão confuso. Sabe por que estou aqui, por que estou tentando alcançar a verdadeira pessoa que existe em você? Não se trata de nada romântico. Tudo o que está acontecendo é por causa das Integrações.

— O Modelo de Acordo não existe apenas para resolver a polarização extremada que ocorre na religião e na política. Também pode ser usada como uma ponte para sobrepujar o mito e a polarização que separa homens e mulheres.

Ela balançou a cabeça negativamente:

— Sabe o que minha mãe me ensinou quando eu era criança? Que homens e mulheres eram animais completamente diferentes, com perspectivas e até linguagens diferentes, condenados

eternamente a manipular uns aos outros e a não entender suas verdadeiras motivações. Ela me ensinou a mentir e a controlar para conseguir o que eu queria dos homens e, ao tentar manipular aqueles com quem me relacionei, sempre com resultados desastrosos, comecei a detestar os homens por me forçarem a agir dessa maneira.

— E eu detestava minha mãe por não impedir que o mundo fosse daquela maneira. Passei vários anos sem falar com ela... até que ela morreu, e eu não consegui voltar para casa a tempo de conversarmos.

Ela continuava a me olhar, e eu me esforçava para manter meus olhos nos dela.

— Hoje sei que ela não tinha culpa — prosseguiu Rachel. — Eu não era a única pessoa que tinha essa percepção errônea. Todos nós jogamos o jogo do sexo e da segurança. Você acha que precisa manter o controle e, assim, limita sua conexão comigo ou a manipula de alguma forma. Mas, na verdade, esse hábito de se fechar a algumas mulheres é algo que você provavelmente sempre fez.

— Aposto que você nunca se abriu realmente para uma mulher, quem quer que fosse. Você estava ocupado manipulando-as, esperando atraí-las para um relacionamento, ou, por outro lado, dispensando-as completamente se não gostassem de alguma possibilidade sexual na qual você tinha interesse. Todos nós temos problemas para nos conectar com pessoas do sexo oposto. As mulheres usam sua sexualidade para manipular os homens, e os homens manipulam as mulheres para conseguir sexo. Mas, agora, ao descobirmos como realmente nos sintonizar uns com os outros, estamos prestes a superar a manipulação sexual como um todo.

Eu a observava falar, embasbacado com aquela expressão franca e autêntica sobre o assunto. Ela falava com uma profunda

Conexão de almas comigo e, mesmo assim, não tinha qualquer significado além daquele: uma Conexão profunda.

— Como você conseguiu saber disso com tanta clareza? — perguntei, espontaneamente.

— Minha mãe me contou.

— Você disse que ela morreu antes que pudesse voltar a conversar com ela.

— Sim, foi o que eu disse.

Continuei olhando para ela, pensando nas implicações de seu comentário. E, naquele momento, percebi que o medo que eu tinha de me conectar com ela estava começando a desaparecer.

— Em breve, vou lhe falar sobre a comunicação com minha mãe, mas não é isso que precisamos fazer agora — continuou Rachel. — A separação entre homens e mulheres precisa ser curada. Para a maioria de nós, tudo se resume a ter ou não um romance quando pensamos no sexo oposto. E não podemos avançar até a elevação seguinte até que isso mude.

— Se um grupo-modelo realmente funcionar, é porque ele estabelece um novo padrão de acordo e envia essa energia para o mundo, para ajudar a construir um novo padrão cultural na mente coletiva. Por isso, o que você e eu curamos aqui vai influenciar o mundo dessa forma. Temos que recuperar a experiência da Montanha Secreta. Temos que ser como almas, um para o outro!

Ela abriu uma bolsa grande que trazia consigo e puxou algumas páginas amarrotadas:

— Não sei até que ponto da Oitava Integração você leu, mas aqui está ela.

Fui até um banco que estava ao lado da fonte e recomecei a ler, a partir do ponto onde havia parado. O texto imediatamente prendeu

minha atenção.

Para unir mentes completamente, o Documento dizia que precisávamos agir intencionalmente para criar a Unidade, mas também deveríamos voltar a um estado de amor que transcende totalmente a complexidade sexual. O texto chamava essa emoção de Ágape.

Levantei os olhos por um momento e pensei naquela palavra. Ágape é uma palavra grega e significava um tipo específico de amor: o amor da alma por toda a criação, mas, particularmente, um amor por outras pessoas, que é platônico em sua natureza. O Documento dizia que, ao se centrar nesse tipo de amor, ainda mais do que agir intencionalmente em relação à Unidade ou ao Diálogo Consciente, seria possível elevar as pessoas envolvidas nessa interação ao patamar mais alto da sabedoria da alma. Além disso, essa elevação crescia exponencialmente quando praticada por um grupo.

Guardei as páginas e fui até a outra sala, encontrando Rachel em frente à porta, esperando por mim. Nossos olhos se cruzaram e, dessa vez, eu simplesmente me deixei levar por aqueles olhos, com a intenção de estabelecer a Unidade e me abrir para o amor.

De repente, houve um movimento perceptível em meu coração, um aumento de emoções que fez com que eu me sentisse ainda mais centrado e livre de apreensão, algo que não acontecia desde os eventos na Montanha Secreta. Eu sentia que aquilo era puro e sincero, totalmente em Alinhamento, de todas as formas, e nunca teria que me defender de tal sentimento. Era o ágape.

Na minha visão periférica, notei que algumas pessoas na outra sala olhavam para nós, mas mantive o foco em Rachel. Ela veio em minha direção e me virou para o outro lado, para olhar pelas janelas que davam vista ao jardim.

— Olhe como as coisas são bonitas ali fora — disse ela. — Lembra-se de como o mundo parecia ser belo quando estávamos na Montanha Secreta? Estamos conseguindo realmente voltar para aquele lugar com cada uma das Integrações. O próximo passo é abrir nossos sentidos completamente à aparência verdadeira do mundo, quando estivermos todos conectados em um estado de amor.

Por um momento, admirei a beleza. Entretanto, uma parte de mim ainda não queria chegar lá. Tudo que eu queria era sentir a experiência desse nível do ágape novamente.

Virei-me para encarar Rachel.

Queria lhe fazer outra pergunta, mas a força exercida pelos olhos que nos encaravam na outra sala estava me atraindo para lá. Todos estavam apinhados sob o batente da porta, olhando para nós, incluindo Coleman, que pulava para cima e para baixo atrás das pessoas, agitando as páginas do Documento que trazia em uma das mãos.

Retribuí os olhares com o mesmo ágape profundo que projetei sobre Rachel, sem me importar se as pessoas ali eram homens ou mulheres. O nível de energia e o ágape com o grupo explodiram dentro de mim. Todos pareciam estar extremamente felizes.

— Uau! — eu disse, em voz alta.

Rachel se aproximou, ficou a meu lado e olhou para os outros.

— Sempre que alguém integra o ágape pela primeira vez, essa pessoa cria uma onda, uma ampliação do amor, em todos aqueles que estão à sua volta, como o calor em uma estufa, ou uma experiência de conversão em uma igreja abarrotada de fiéis.

ABRINDO-SE À PERCEPÇÃO



Durante 20 minutos, conversei com todas as pessoas reunidas na sala. Todos conversavam educadamente, mesmo aqueles que se apressavam para guardar suas coisas em mochilas. A maioria das pessoas falava inglês, mas elas também agiam como intérpretes, entre si, de maneira tranquila e espontânea, como se aquela situação fizesse parte de sua rotina.

Juntas, aquelas pessoas refletiam uma bela amostra da vida na região, com padeiros, professores e engenheiros, e representavam a maioria das tradições e seitas conhecidas. Sem exceção, todos passaram pela experiência da Conexão à sua maneira e estavam avançando pelas outras Integrações, uma a uma. Enquanto conversávamos, percebi que estávamos nos tornando um grupo-modelo maior.

Da mesma forma, muitos diziam que o ágape entre as pessoas era, especialmente, um conceito que havia surgido a partir do pensamento judaico-cristão ocidental. Mas as pessoas advindas de outras tradições argumentavam que havia vários ícones em sua historiografia que enfatizavam a importância do amor entre as almas. Inclusive, eu estava ciente de um conceito no pensamento oriental, da filosofia do jainismo, chamado de Ahimsa, o qual, se não pudesse ser considerado idêntico do ponto de vista acadêmico, na prática era quase a mesma coisa. Nós finalmente concordamos que, embora a maioria das tradições indicasse este nível de Conexão de alguma maneira, as religiões cristãs e orientais pareciam dar-lhe mais ênfase.

Em certo momento, peguei meu telefone celular e percebi que havia uma mensagem de Wil, dizendo que chegara em segurança e alcançara a Oitava Integração com um grupo menor no Cairo. Hira também havia entrado em contato, com um relato similar, contando que encontrara seu próprio grupo-modelo em Jerusalém. Ela e Wil chegaram às mesmas conclusões sobre a Oitava Integração que o grupo que conhecemos aqui.

Logo depois, Adjar também enviou uma mensagem de texto, como se tivesse recebido sua deixa. Ele também concordava com nossas conclusões e dedicou-se a descrever a dificuldade que sua tradição parecia ter com o amor ágape, especialmente entre homens e mulheres que não eram casados. Ele mencionava algumas visões minoritárias a respeito disso que, de acordo com o que pensava, passariam a receber mais atenção a partir de agora.

Sentei-me para pensar por alguns momentos, ainda empolgado com a Unidade e o ágape que nos haviam elevado. Eu sabia que a honestidade e a visão de Rachel haviam me transformado radicalmente e que nunca mais voltaria a conversar com outra mulher da mesma maneira.

O resumo das implicações do calendário maia, descrito por Tommy, teve o mesmo efeito. Embora não terminasse de me contar sobre o último Estágio da Criação, eu entendia ainda mais o motivo pelo qual ele havia declarado anteriormente que o calendário era uma profecia. Pensava-se que o último Estágio da Criação representaria a chegada de uma criação divina, que, de algum modo, nos levaria em direção a este mundo mais ideal que tantas pessoas estavam começando a sentir.

Logo em seguida, comecei a perceber pessoas caminhando pela casa, observando os quadros e as plantas de uma maneira específica. Algumas delas iam até o solário e observavam o pôr do sol em meio à leve nuvem de poeira do deserto, através das

vidraças. Depois de alguns momentos, notei que elas estavam tentando enxergar uma beleza maior. Isso fazia todo o sentido. O grupo aqui parecia ter completado a Oitava Integração e rumava em direção à Nona.

Aquela observação trouxe memórias da busca pelo Nono Sinal da velha Profecia. Naquela época, a velha Profecia encontrada no Peru previu que, um dia, começaríamos a ver o mundo como um lugar imensamente belo e cheio de luz.

Eu agora estava sentado sobre o braço de uma poltrona na enorme sala de estar. Coleman se aproximou e sentou-se no sofá que ficava à minha frente, como se tivesse algo a dizer.

— Algumas pessoas neste grupo já começaram a integrar a Nona. E já estão bastante avançados — disse ele.

Assenti:

— E o Documento está falando sobre uma maneira prática de manter a experiência.

— Isso mesmo! E alguns deles são cientistas! Eles acham que a abertura à percepção faz parte da estrutura de nossos cérebros, assim como os outros saltos de consciência que aconteceram conosco. Eles agora acreditam que cada passo é arquetípico e, de certa maneira, uma espécie superior de Alinhamento, algo que somos convocados a manter.

Aquilo me deixou agitado. Um grupo de cientistas estava afirmando aquilo, baseando-se na similaridade da experiência espiritual que ocorreu com todos nós! Repentinamente, comecei a imaginar o quanto aquela percepção já estaria disseminada.

— É por isso que grupos são a melhor forma de proceder agora — acrescentou ele. — Quando uma das pessoas no grupo compreende o que está acontecendo, os outros percebem a nova consciência e a sentem, e, em pouco tempo, todos conseguem

ativar a mesma parte do cérebro. Assim, é possível que uma pessoa consiga comprovar tudo por si mesma, de maneira bastante rápida. É o processo por trás da ideia de um *contágio* positivo da consciência.

— O Documento diz que enxergar mais beleza é se aproximar da consciência que existe no Céu. Lá, as pessoas sabem como usar o poder do ágape com as outras, especialmente com aquelas que estão presas em suas ideologias. De acordo com o Documento, para estender a mão àqueles que sofrem com o medo e a raiva, temos de fazer o que eles fazem no estado de pós-vida.

— O texto diz também que a Nona Integração é um passo importante para fazer isso. Ela nos aproxima de um nível celestial de consciência. Esse é o segredo para alcançar aqueles que estão dominados pelo medo e pela raiva. Temos que conseguir elevá-los a esse estado.

— E como faremos isso? — perguntei.

Ele deu de ombros.

Percebi que ele tinha uma pasta nas mãos:

— Você está com o Documento?

— Uma parte dele. Quer lê-lo?

Conforme eu lia, o Documento falava exatamente a respeito dos comentários de Coleman. De acordo com o texto, o ágape era fácil de alcançar com pessoas que sentiam o mesmo em relação a você. Era mais difícil entre aqueles que acreditavam em ideologias opostas. A única maneira de alcançar a todos, como dissera Coleman, era a partir de uma posição elevada da consciência, próxima da pós-vida.

De repente, começamos a ouvir mais ruídos e movimentos atrás de nós. Ninguém mais estava simplesmente conversando e

trabalhando. As pessoas estavam levando mochilas pesadas e alimentos para fora da casa e guardando-os dentro dos veículos.

Coleman e eu trocamos olhares, e eu estava prestes a voltar para a leitura quando tive uma sensação de que deveria verificar se havia recebido alguma mensagem de texto. Adjar enviara uma. Um ex-agente dos apocalípticos lhe dissera que os extremistas sabiam que estávamos em St. Katherine. Eles planejavam nos impedir de chegar à montanha.

— Acho que é por isso que as pessoas aqui estão com tanta pressa. Já devem ter pressentido o perigo. Vou avisá-los do que descobrimos.

Querendo pensar a respeito da situação, concordei com um aceno de cabeça e o observei enquanto se afastava. Coleman e eu não sentimos uma premonição de que haveria problemas. Assim, procurei me sintonizar, tentando visualizar nosso grupo indo ao Monte. Consegui enxergar a jornada sem qualquer problema e percebi que era a coisa certa a fazer, mas, quando busquei imaginar o grupo chegando ao pico da montanha, não consegui. Tentei outra vez, sem sucesso.

“Oh, não!”. Corri para fora, onde todos estavam se reunindo ao redor dos veículos, obviamente verificando uns com os outros para saber qual das pessoas tinha a intuição mais aguçada sobre o que estava prestes a ocorrer.

O que aconteceu a seguir foi um daqueles momentos acelerados de Sincronicidade e intuição, em que todos falaram exatamente no momento certo, com uma perfeita clareza das intuições que estavam recebendo. Todos viram que era certo dirigir-se ao Monte, mas, quando chegássemos lá, deveríamos ter bastante cautela.

De repente, Rachel foi até o meio do grupo, ansiosa para dizer mais.

— Não podemos deixar que essas ameaças interrompam nosso progresso pelas integrações — falou ela, um pouco exaltada. — Se mantivermos o ágape, encontraremos uma maneira de evitar o perigo. Lembrem-se de onde estamos. A Nona Integração diz que temos que usar o ágape para atrair os apocalípticos para um estado mais elevado e afastá-los de sua ideologia, de algum modo.

Um silêncio se formou, e Tommy acrescentou:

— Descobriremos como fazer isso na Montanha. O próximo passo é nos sintonizarmos com a natureza sagrada, abrirmos nossa percepção e nos aproximarmos do mundo espiritual. Esse dom é enfatizado pelos povos nativos há muito tempo. Se prestarmos bastante atenção, a Montanha nos mostrará o caminho.

Praticamente todos concordaram em seguir adiante, apesar do perigo. Entretanto, alguns não desejavam seguir conosco, sentindo que seus caminhos os levavam a outros destinos. Eles tentariam nos proteger com suas orações, o que fez com que nosso grupo acabasse formado por 12 pessoas, que seguiriam em três veículos: o Toyota de Joseph, o Subaru de Amor da Montanha e um velho Volvo que pertencia a um dos outros. Coleman, Rachel e eu viajaríamos com Joseph.

O plano era nos separarmos para, posteriormente, voltarmos a nos encontrar em um local específico, sugerido pela mãe de Tommy: o início de uma trilha pouco conhecida, que contornava a encosta sudeste do Monte Sinai. Amor da Montanha nos disse que essa rota ainda estaria vigiada por soldados egípcios, mas, pelo menos, seria menos movimentada. Por causa da disposição das casas da cidade, teríamos de dirigir em direção ao oeste e, depois, rumar para o sul, a fim de alcançar a trilha que levava ao Sinai.

O trajeto até o início da trilha não deveria levar mais do que 30 minutos, mas, enquanto viajavamos, entramos em um congestionamento atrás do outro. Agora nós novamente estávamos esperando em uma longa fila de carros para conseguir fazer uma curva.

— Esta cidadezinha está bem cheia! — comentou Coleman. — Pesquisei a respeito de St. Katherine na internet antes de virmos. Vários visitantes vêm ao Monte Sinai durante o ano, mas nada como o número de pessoas que está aqui agora. Provavelmente há mais de mil pessoas além da quantidade normal.

Observei atentamente os veículos que estavam à nossa volta e os pedestres que andavam pelas calçadas. Vários pareciam ser de etnias típicas do Oriente Médio, mas cerca de um quarto deles vinha de outros lugares, com vários europeus e norte-americanos entre eles.

— Acha que eles estão aqui por causa do Documento? — perguntou Rachel.

Todos nós nos entreolhamos.

— Talvez devêssemos lhes perguntar — respondi.

— Acho que não — retrucou Coleman. — Devemos tentar chegar às montanhas o mais rápido possível.

Todos nós concordamos e nos dirigimos para o sul, finalmente saindo da cidade e entrando em um deserto plano e pedregoso, vivo graças a pequenas plantas arredondadas e arbustos espinhosos. Tudo parecia brilhar na luz mortiça do fim da tarde.

“Exatamente como Sedona”, eu pensei.

Em vinte minutos, estávamos nos aproximando do início da trilha, e a realidade de nossa situação começava a aparecer: estávamos prestes a escalar uma montanha, em um país

estrangeiro, sem permissão, encarando um grupo de extremistas que já havia tentado nos matar.

Balancei a cabeça, atento a meu nível de energia e me lembrando, outra vez, de que não havia escolha. Para ter qualquer chance de estender a mão aos extremistas, teríamos de subir a montanha e concluir as Integrações.

— Um de meus irmãos é oficial de alto escalão nesta região — comentou Joseph, abruptamente. — Quero que todos vocês saibam disso, porque talvez ele possa nos ajudar. Às vezes, ele age de maneira extremada, mas estou tentando convencê-lo sobre a importância do Documento.

Trocamos alguns olhares e, por algum motivo, senti que o irmão de Joseph teria uma participação importante nos eventos que viriam a acontecer no Sinai.

— Também conheço sua amiga Hira, desde a época em que morei em Jerusalém, quando era jovem — continuou ele. — Minha mãe era judia e conhecia a mãe de Hira. Todos nós estudamos as profecias do fim dos tempos na Bíblia e na Torá. Creio que o aspecto mais fascinante da literatura profética, entretanto, é que as profecias das três principais religiões parecem ter a mesma estrutura. Todas apontam um conflito final, ou um Armagedom. E cada uma delas prevê uma figura messiânica, divina, que virá para estabelecer um mundo ideal e espiritual.

Lembrei-me do que Tommy dissera. O próximo Estágio da Criação do calendário maia também parecia ter uma estrutura similar. O que a Sincronicidade estava tentando nos mostrar?

— É fascinante! — prosseguiu Joseph. — E algumas das tradições também concordam que os mesmos eventos devem ocorrer antes que o Armagedom comece. O primeiro evento é o retorno dos judeus à Terra Santa, e isso já ocorreu. Em seguida,

haverá a reconstrução do templo de Davi, em Jerusalém, no mesmo local onde estão seus alicerces.

— O problema é que a Cúpula da Rocha, uma mesquita especialmente importante, já está ocupando aquele lugar — explicou Rachel.

— Existe algum motivo que impeça a mesquita e o templo de existirem lado a lado naquele local? — perguntei.

Todos me olharam em silêncio.

— O problema é que as duas religiões alegam ter direito a controlar todo o rochedo — disse Rachel, finalmente.

— É verdade — acrescentou Joseph. — E muitos acreditam que uma tentativa de reconstruir o templo seria o sinal verde para o início do Armagedom. Assim, todo o drama do fim dos tempos começaria a acontecer, incluindo a chegada dos messias. Para nossa tradição, isso representaria o retorno do Décimo Segundo Imã.

Ele olhou para Rachel:

— Você poderia dizer que isso seria o retorno de Cristo.

— Espere um momento — interveio Coleman. — Você está dizendo que esses eventos — os judeus voltando à Terra Santa e a reconstrução do templo de Davi em Jerusalém — são os principais eventos na profecia que sinaliza o início do Armagedom?

— Eu acrescentaria mais um, de acordo com a perspectiva árabe — disse Joseph. — Um de nossos profetas disse que o fim dos tempos estará próximo quando o caos e a incivilidade crescerem em meio à sociedade, o aumento da desonra em todos os povos. Uma época em que a verdade será substituída por mentiras mais convenientes.

— Está se referindo a ideologias escapistas? — perguntou Coleman.

Joseph assentiu:

— Sim.

Agucei os ouvidos. A energia dessa conversa começava a chegar a níveis extremamente elevados, e eu sabia que havia um motivo por trás disso.

— Há também outro evento que muitos acreditam que ocorrerá conforme o fim dos tempos se aproxima — prosseguiu Rachel. — No cristianismo, isso é chamado de Arrebatamento, mas outras tradições também têm uma ideia similar. É a noção de que, quando a figura messiânica começar a voltar à Terra e o Armagedom tiver início, os corpos dos verdadeiros fiéis serão elevados em espírito e encontrarão a Deus nos céus, onde estarão protegidos.

Ela olhou para Joseph.

— Sim, ela tem razão — disse Joseph. — Em nossa religião, acredita-se que, quando o Décimo Segundo Imã se aproximar, nossos verdadeiros fiéis serão separados do mundo mortal em espírito e também estarão protegidos.

Coleman olhou para cada um de nós:

— Isso é fantástico! Nunca consegui juntar essas informações antes. Todas as principais religiões do mundo têm quase a mesma estrutura para o fim dos tempos. Apenas os nomes são diferentes.

Nossa discussão foi interrompida quando Joseph fez uma curva, saindo da estrada principal e entrando em uma via de cascalhos esburacada, o que levantava uma nuvem de poeira atrás de nós em meio ao que restava da luz do dia. Em poucos minutos, estávamos parando em um local onde a estrada se alargava em um

espaço onde era possível, aos veículos, dar meia-volta. Além daquele ponto, os veículos não teriam como continuar.

— Este é o lugar onde Amor da Montanha disse que deveríamos nos encontrar.

Esperamos cerca de dez minutos antes de vermos os faróis baixos de outro veículo se aproximar.

— Aquele é o Subaru de Amor da Montanha — comentou Rachel.

Alguns segundos depois, o Volvo chegou. Quando todos desembarcaram e estavam prontos para sair, Tommy nos preparou para a rota que havia à frente, dizendo que o primeiro quilômetro e meio cobriria um terreno desértico relativamente plano. Depois, começaríamos a subir por uma área montanhosa que nos levaria à encosta sudeste do Monte Sinai. Sua mãe sugeriu que percorrêssemos a trilha por algum tempo sob a proteção da escuridão noturna e, então, dormíssemos antes de continuar a escalada.

— O que aconteceu com os guardas egípcios que você mencionou? — perguntei.

— Nós chegaremos a uma estação de guarda — respondeu ela. — Antes de passar por ela, precisamos abrir nossa percepção e aprender com aqueles que estarão presentes em espírito.

Sem dizer mais nada, Tommy e sua mãe estabeleceram um passo ligeiro pelo deserto. Após algum tempo, chegamos a uma área onde o terreno ficava mais íngreme e começamos a ver os enormes rochedos que compunham a paisagem. Depois de mais cem metros, chegamos a enormes rochas agrupadas em círculo. Tommy nos conduziu por entre o labirinto até alcançarmos uma área aberta e arenosa, completamente cercada pelas rochas.

— Podemos acampar aqui — disse ele.

Rachel e eu montamos nossas barracas lado a lado, e eu vi que Tommy estava intencionalmente armando a barraca que ele compartilhava com sua mãe do outro lado da barraca de Rachel.

Quando as barracas estavam montadas, fiz uma pequena fogueira com galhos mortos de alguns arbustos que cresciam ao redor dos rochedos, percebendo que, ao fazer isso, aquele círculo formado por pedras imensas refletia sobre nós sob a luz da lua, criando algo parecido com uma barreira de segurança.

Rachel também parecia estar observando os rochedos, e olhava para mim enquanto pegava uma pequena panela. Ela começou a preparar uma sopa com alguns mantimentos desidratados que trouxera. Eu me sentei ao seu lado.

— Sabe, os índios americanos nunca acampam em um lugar, a menos que a área tenha muita energia. Eu conversei com a mãe de Tommy e, entre todas as montanhas que ela já visitou, aquelas que fazem parte da cordilheira do Sinai são suas preferidas.

Rachel sorriu para mim:

— Ela disse que elas são as mais fáceis de iluminar.

No dia seguinte, fui o primeiro a acordar. Quando saí da barraca, havia apenas uma luz fraca surgindo no lado leste. Recolhi um pouco mais de madeira, voltei a atizar o fogo e me sentei. Alguns traços de luz solar avermelhada começavam a iluminar as nuvens que havia acima.

A mãe de Tommy saiu da barraca e começou a andar pela área do acampamento como se estivesse procurando alguma coisa. Ela se afastou do círculo de rochas e ficou um longo tempo lá fora. Várias outras pessoas já haviam saído de suas barracas.

Ela finalmente retornou até onde eu estava e perguntou:

— Você viu Tommy? Ele saiu durante a noite e ainda não voltou.

— O quê? — perguntei, levantando-me com um sobressalto.

Ela fez um gesto para me acalmar.

— Não se preocupe, ele já fez isso antes. Estivemos aqui várias vezes e ele conhece bem a região. Por isso, a menos que você esteja sentindo algo diferente, acho que é melhor simplesmente esperar até que ele volte.

Tentei me sintonizar, mas não conseguia me concentrar. Não entendia como ela conseguia permanecer tão calma! Sabíamos que os apocalípticos ainda estavam à nossa procura e qualquer coisa poderia acontecer nesse lugar. Ela se afastou para contar aos outros enquanto Rachel veio e sentou-se a meu lado.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

Eu lhe disse que Tommy havia deixado o acampamento.

— Sozinho? Não seria melhor sairmos para procurá-lo?

— A mãe dele não parece tão preocupada. Ela quer esperar até que Tommy retorne.

Rachel concordou com um movimento de cabeça e nossos olhares se cruzaram. Não houve qualquer relutância de minha parte e mantivemos o contato visual até que nós dois sorrimos. De repente, vi uma imagem de Tommy surgir em minha mente. Ele estava em um ponto mais alto das montanhas... e eu estava com ele!

Ficou claro que a visão era uma intuição, e eu olhei para Rachel, que agora estava imersa em pensamentos. Parecia estar um pouco entristecida.

— Acho que é melhor eu ir procurar por Tommy — falei. — O que pretende fazer?

Ela balançou a cabeça negativamente, sem olhar para mim:

— Tenho que ficar aqui.

Peguei minha mochila e guardei as coisas. Rachel foi até sua barraca e voltou com uma pena.

— Esta é uma pena-guia que Lobo me deu — disse ela. — Ele disse que seria útil para reunir dois espíritos que se separam, e que eu saberia o que fazer com ela quando chegasse a hora.

Ela me entregou a pena. Eu a peguei e sorri, e depois me virei para deixar o acampamento.

— Antes que você vá, quero lhe dizer uma coisa — comentou ela. — Não se esqueça do ponto onde estamos nas Integrações. Precisamos abrir nossa percepção o mais rapidamente possível — concluiu. Ainda havia um toque de tristeza em sua voz.

— Eu vi que você estava se sintonizando agora há pouco. Conseguiu perceber alguma coisa? — perguntei.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Rachel, mas ela a enxugou e abriu uma expressão feliz.

— Não se preocupe, eu o verei quando você voltar. A pena vai garantir isso.

Ela me abraçou e me deu um pequeno empurrão, brincando comigo:

— Você precisa se apressar. Todos nós temos um destino a cumprir.

Enquanto eu me afastava, a mãe de Tommy se aproximou de mim, parecendo saber o que eu planejava. Ela descreveu qual seria a melhor rota até a área do posto de guarda e desejou sucesso na jornada. Disse também que tinha certeza de que tudo estava bem e que Tommy estaria em algum lugar naquela direção. Parecia haver uma boa razão em sua mente para não seguir a trilha também.

Quando passei pela última das rochas gigantescas e comecei a subir a trilha, ouvi a voz de alguém me chamando. Eu me virei e vi que Coleman vinha a passos rápidos, com a mochila nas costas.

— Eu devo ir com você — disse ele.

Estendi a mão para lhe agarrar o braço, novamente sentindo-me imensamente feliz por estar em sua companhia. Ele me olhou com uma expressão determinada e nós nos deixamos envolver pelo ágape.

— Alguém comentou sobre a Nona no acampamento? — perguntei.

— Não muito, mas todos estão estudando essa Integração. Tommy parece ser a pessoa que melhor a compreende.

Nós dois caminhamos sem conversar, rumo ao leste, em direção a altos pilares de rocha. Depois de quase um quilômetro naquele terreno, conseguimos chegar a um penhasco íngreme que se projetava em direção a leste, de modo que podíamos observar as ondas cada vez mais altas de precipícios e protuberâncias rochosas que se erguiam à nossa frente. No topo, havia um pico com o formato de uma coroa.

— Aquele é o Monte Sinai — eu disse.

— E ali está o posto de guarda — completou Coleman, apontando para um lugar diretamente abaixo do ponto onde estávamos, uma estrutura feita de blocos de cimento, localizada em uma área pequena e plana entre as escarpas. Várias antenas grandes estavam montadas no telhado da estrutura, e podíamos ouvir o barulho suave de um gerador a gasolina. Dois soldados conversavam e fumavam cigarros do lado de fora. Decidimos nos sentar sobre algumas rochas e observar o lugar. O posto era grande o bastante para abrigar cerca de 20 soldados.

Naquele momento, ouvimos alguém nos chamando em algum ponto mais adiante. Mal conseguíamos ouvir a voz. Examinamos a área até que percebemos uma pessoa acenando, a uns 150 metros acima, na encosta. Era Tommy.

Subimos a colina rapidamente e logo estávamos olhando para o rosto sorridente do garoto. Ele nos ofereceu água, que estava em um copo de metal, e nós a bebemos. A água estava deliciosamente fresca.

— De onde veio essa água? — perguntei.

— Dali — disse ele, apontando. — Podem encher seus cantis.

A água cristalina descia pelas rochas e cascadeava por cerca de cinco ou seis metros antes de desaparecer por uma fenda.

— Pensei que não houvesse água nesse deserto — disse Coleman.

— Eles a chamam de Fonte de Moisés — respondeu Tommy.

Coleman e eu nos entreolhamos.

Fixei meu olhar no rosto do garoto:

— Você veio até aqui por algum motivo, Tommy. O que está fazendo?

Ele olhou na direção do posto de guarda e respondeu:

— Há vários meses, venho conversando com um dos oficiais daquele posto. Acho que ele acredita que sou um profeta ou um andarilho, ou coisa do tipo. Minha água havia acabado e ele me falou sobre essa fonte. Conversei várias vezes com ele nas viagens que fiz até aqui. Ele sabe sobre o Documento, mas sempre se mostrou muito reservado. Também imagino que ele conheça o irmão de Joseph.

— O quê? — eu disse, olhando para Coleman. — Joseph disse que seu irmão era um oficial do alto escalão do exército aqui. Um comandante.

— Eu vi um homem grandalhão que parecia ser de alta patente conversando com meu amigo.

Voltei a olhar para Coleman:

— Onde estava Joseph hoje, pela manhã?

— Ele já havia deixado o acampamento — respondeu Coleman. — A barraca dele estava armada ao lado da minha, e eu acordei quando ele estava indo embora. Ainda estava escuro.

— Você viu Joseph por aqui hoje? — perguntei a Tommy.

Ele negou com um movimento de cabeça:

— Ninguém passou por aqui, com exceção daqueles dois soldados em frente ao posto.

— Não teremos problemas em passar por aqueles dois sem sermos notados — disse Coleman.

— Ainda não é hora de fazer isso — reprovou Tommy. — Só teremos permissão para subir a montanha quando aprendermos a *enxergar*.

Durante um bom tempo, ficamos onde estávamos. Tommy disse que deveríamos esperar até que o sol estivesse na posição correta, antes de tentar abrir nossa percepção. Ele explicou que, quando o sol estivesse perto do poente, irradiaria uma luz misteriosa e eventos extraordinários poderiam acontecer.

Coleman e eu passamos a maior parte do dia falando sobre a velha Profecia e o que havia ocorrido no Peru. Em seu Nono Sinal, a Profecia predizia que a humanidade aumentaria lentamente seu nível de energia e ampliaria sistematicamente seu nível de percepção. A questão era como praticar essa habilidade. Falamos

sobre isso por longo tempo, dividindo barras de cereais e granola na hora do almoço, e esperamos pacientemente até o pôr do sol. Finalmente a hora chegou e Tommy nos disse para recolhermos nossas coisas. O sol estava quase tocando o horizonte.

— Esta é a hora que tem a maior magia — repetiu ele. — Um ser humano pode fazer coisas nesta hora do dia que não podem ser feitas em qualquer outro momento. Olhem para essa luz.

Tommy apontava em direção ao leste, onde tudo agora estava banhado em uma aura dourada, e o céu assumia uma coloração azul-escura. As nuvens que havia no céu estavam se tingindo de tons vivos de marrom e laranja. O que me deixou mais impressionado foi a maneira como a luz se refletia nas rochas e na areia, exacerbando ainda mais os contrastes e as texturas.

— Vamos andar para o sul, na direção do deserto abaixo — disse Tommy. — Podemos ver melhor naquele ponto.

Tommy nos guiou entre as pedras, passando por uma rota diferente daquela que Coleman e eu havíamos percorrido, contornando picos, platôs e penhascos de um modo muito mais eficiente, como se estivesse seguindo uma trilha oculta, que Coleman e eu éramos incapazes de detectar.

Quando chegamos a uma área mais plana, ele parou e sentou-se, voltando a olhar para o Monte Sinai. Agora, o sol já estava completamente oculto e todo o ambiente estava sob tonalidades ainda mais misteriosas. Nós nos sentamos ao lado de Tommy.

— Olhem para a Montanha Irmã e concentrem-se nela, completamente — instruiu ele. — Olhem para as linhas que as sombras desenham.

Aquelas palavras capturaram meu interesse e comecei a ver que a imensa cordilheira tinha uma forma particularmente única. Percebi que todas as cordilheiras desse tipo, independente de

serem rochosas ou cobertas por florestas, possuíam linhas diferentes, criadas por suas sombras. Por causa disso, cada cadeia de montanhas tinha uma aparência inteiramente única.

— Agora, sintonizem-se com sua beleza e sintam o ágape em relação a ela — continuou Tommy.

Aquilo fez com que me lembrasse da experiência no Peru, em Viciente, quando tentei ver as auras, ou halos, ao redor das plantas. Mas eu tinha a sensação de que Tommy queria que víssemos algo ainda mais fundamental na paisagem.

Eu me concentrei intensamente na beleza da montanha e tentei enxergá-la como se tivesse uma forma única e expressiva. Nesse momento, uma onda de ágape pela montanha pareceu jorrar dentro de mim. Coleman e eu trocamos um olhar. Ele estava sentindo o mesmo.

— Agora, observem a planta que está bem aqui, à nossa frente — instruiu Tommy. — Sintam sua singularidade e beleza no ágape.

Ele estava falando sobre um arbusto baixo, compacto e arredondado, que se encontrava a pouco menos de um metro à nossa frente. Foquei na planta e procurei por sua beleza. Assim como antes, minhas emoções explodiram com o ágape.

— Agora, voltem a olhar para a montanha e percebam a intensidade das cores e das formas como se ela tivesse uma majestade ainda maior no seu campo de visão — disse Tommy.

Enquanto Tommy falava, a montanha literalmente explodiu em cores e beleza. Olhei para Coleman, e ele balançava a cabeça, extasiado, sem se virar, indicando que também estava vendo.

Percebi que, enquanto eu observava Coleman, era capaz de sentir onde a montanha estava, embora não estivesse olhando para ela. Percebia sua presença da mesma maneira que poderia sentir minha mão às costas, mas com uma intensidade ainda maior.

— Agora, olhem novamente para a planta e sintam o impacto em suas emoções — indicou Tommy. — Tudo que está em nosso campo de percepção tem mais do que somente a aparência. Há também uma identidade emocional, que a Nona Integração chama de Identidade Sensorial.

Instantaneamente, percebi que aquele pequeno arbusto realmente tinha uma identidade emocional, exatamente como a montanha. Senti uma revelação imediata em relação à razão pela qual todos nós temos alguns móveis preferidos, ou voltamos para admirar uma paisagem familiar, várias e várias vezes. Objetos têm uma identidade que nos toca emocionalmente.

— Concentrem-se agora alternadamente na planta e na montanha. Repitam o processo várias vezes.

Eu fiz o que ele dizia, concentrando-me e sentindo a montanha ao longe, e, em seguida, a planta que perto de nós. No início, nada muito notável aconteceu, mas, de repente, fui capaz de ver ambas de uma maneira nova e maravilhosa — que eu só poderia descrever como se estivessem igual e simultaneamente focadas.

Levantei-me com um salto e olhei para tudo que havia ao redor, percebendo que todas as coisas estavam no mesmo hiperfoco, e isso criava um efeito ampliado e tridimensional. Tudo saltava aos olhos com uma incrível clareza, em cores, formas, beleza e existência — tudo ao mesmo tempo. Além disso, aquilo parecia estender minha consciência, e eu me sentia como se pudesse levantar a mão e tocar a nuvem mais distante, ao redor daquele pico rochoso.

Então, lembrei-me de minha experiência na Montanha Secreta, quando consegui alcançar uma compreensão muito ampla do espaço cósmico. Eu estava voltando a atingir a mesma consciência agora.

Tommy percebeu e disse:

— É a consciência que começou a se tornar acessível, pois o próximo estágio da Criação está se aproximando.

Coleman estava caminhando pelas proximidades, olhando em todas as direções também. A ideia que eu tinha em mente era a de que estávamos vendo o mundo de uma forma tridimensional e expandida, como nos filmes. Comecei a me perguntar se o desenvolvimento e a popularidade crescente dos filmes em 3-D tinham vindo para atender uma intuição inconsciente de que estávamos prestes a desenvolver o talento para enxergar dessa maneira. Será que mais uma rota cerebral estaria se abrindo no cérebro humano?

O aspecto notável dessa maneira de enxergar era o fato de parecer extremamente fácil e natural neste momento. Coleman agarrou meu braço e me observou, com um grande sorriso no rosto.

— Foi assim que aconteceu na Montanha Secreta — disse ele. — A diferença é que, agora, tudo parece ser muito mais normal.

Aquela era a palavra: *normal*. Na Montanha Secreta, o efeito ainda trazia uma sensação de estupefação ou de descarga de adrenalina. Mas agora a sensação era tranquilizante, por assim dizer, e parecia ser perfeitamente real, como se já estivéssemos integrando a habilidade como um modo de percepção que poderíamos sustentar na vida diária.

Além da tridimensionalidade, outro aprimoramento era o fato de que meus olhos, agora, pareciam ter uma acuidade avançada, e tudo ficava mais claro e iluminado, como se eu repentinamente entrasse em algum tipo de terra de maravilhas onde tudo tem luz própria. E isso incluía nossos corpos. Eles literalmente adquiriram um brilho que era ainda mais radiante e belo do que o habitual.

Novamente, a sensação era a de que tudo aquilo parecia perfeitamente normal.

Tommy olhava para mim com um imenso sorriso. Seu rosto também demonstrava alegria e parecia reluzir. Estávamos em um estado de amor puro, ágape — uns com os outros e com a beleza e a majestade de tudo que havia ao redor.

De repente, pensei em verificar se alguma mensagem de texto havia chegado. Quando vi que Wil havia enviado uma mensagem, a alegria que eu sentia me fez rir. Dizia que era capaz de sentir que estávamos chegando à Nona Integração, e ele mesmo já a alcançara. Além disso, que, embora muitas outras tradições falassem desse tipo de percepção, as tradições dos povos indígenas eram as que mais enfatizavam o talento de perceber a natureza como ela realmente é. Ele concluiu a mensagem dizendo que estava em contato com uma pessoa que sabia onde a Décima Segunda parte do documento havia sido divulgada, e que viria ao Sinai assim que conversasse com aquele homem.

Guardei o telefone e me dirigi a Tommy:

— Quer dizer que você enxerga as coisas assim o tempo todo?

— Quase sempre — disse ele. — Mas o ágape com a Mãe-Terra tem que ser mantido e estimado. E as pessoas precisam comer alimentos limpos para permanecer nesse nível de percepção.

Nós trocamos olhares.

— Esta é a Nona Integração, não é? — perguntou Coleman.

— Sim — respondeu Tommy. — Para manter uma percepção ampliada em relação ao mundo, é preciso simplesmente ter a intenção de se sintonizar, no ágape, com um novo nível de beleza, e praticar a habilidade de enxergar tudo com um único foco. As montanhas se iluminarão.

Ele olhou para Coleman. — Como você disse, uma pessoa pode comprovar isso por si mesma.

Naquele exato momento, pelo canto do olho, vi algo se movendo pelo deserto, e me virei rapidamente na direção do movimento. Não havia nada. Coleman me olhou com uma expressão que mostrava que ele também havia visto.

— O que foi aquilo? — perguntei a Tommy.

Ele se aproximou de nós:

— Neste nível de percepção, estamos muito mais próximos do outro lado.

— Está falando da pós-vida? — perguntou Coleman. — O Céu?

— Sim.

Coleman novamente encarou Tommy.

— Você acha que o que vimos era um espírito?

— Sim — respondeu Tommy, rindo. — Mas os espíritos são pessoas, também. E eles têm algo a nos dizer.

O QUE O CÉU CONHECE



Por mais que eu quisesse continuar nas montanhas, já estava quase completamente escuro agora e Tommy disse que deveríamos voltar. Vi um olhar em seu rosto que me deixou preocupado, então decidi me sintonizar e imaginar nosso retorno ao Círculo de Pedras. Senti dificuldade para visualizar o processo.

Depois de cerca de 300 metros, Tommy repentinamente mandou que parássemos. Ele estava observando algum ponto ao longe, escutando.

— O que houve? — perguntei.

— Não sei — respondeu ele. — Temos que ter cuidado. Mantenham sua energia alta.

Ele olhou para algum ponto no meio da noite, por alguns segundos, e depois disse:

— Ouviram isso?

Balancei a cabeça negativamente.

Tommy começou a caminhar.

— Há pessoas conversando em algum lugar naquela direção. Vamos encontrá-las.

Avançamos por mais 100 metros, chegando a um grande afloramento rochoso com uns dez metros de altura. Conforme nos

aproximamos, comecei a ouvir o som das vozes. Escalamos a rocha e encontramos um lugar onde poderíamos observar. Adiante, mais uns dez metros, havia um grupo de apocalípticos reunidos, discutindo acaloradamente. No centro do grupo, estava o líder, Anish. Ele conversava com um homem baixo e atarracado, que vestia uniforme militar egípcio, dizendo-lhe algumas coisas em árabe.

— Acho que consigo entender — sussurrou Tommy. — O homem de uniforme é o irmão de Joseph. Ele está falando sobre o Círculo de Pedras e sua localização.

Tommy nos olhava, assustado:

— Agora eles sabem onde fica nosso acampamento.

Uma onda de raiva passou por mim ao me lembrar de Joseph dizendo que queria entrar em contato com o irmão. Será que ele revelou nossa localização?

— Temos que voltar! — eu disse, esforçando-me para não me exaltar, tentando me controlar. — Agora! Vamos!

Voltamos para o círculo o mais rápido que pudemos, e eu estava lutando para não deixar que o medo me dominasse. Por alguma razão, comecei a me lembrar de coisas que meu pai me contava sobre suas experiências na 2ª Guerra Mundial. Ele dizia que é impossível livrar-se do medo. A única coisa a fazer é se concentrar naquilo que está fazendo e, mesmo que as pessoas estejam sendo mortas à sua volta, focar no trabalho e o concluir. Nunca consegui entender realmente como ele fazia isso.

Quando nos aproximamos das primeiras e enormes pedras que formavam o círculo, Coleman me puxou para conversar a sós.

— Parece que seu nível de energia está desabando — disse Coleman, tentando olhar profundamente em meus olhos para restabelecer a conexão no ágape.

Eu o afastei:

— Se os apocalípticos chegarem aqui antes de nós, todos correm o risco de morrer.

Quando conseguimos voltar ao círculo, percebemos que os outros já estavam recolhendo as barracas. Enquanto ia rapidamente em direção a Rachel, ela percebeu imediatamente a mudança em mim.

— Tem algo errado, não é? — perguntou ela. — O que aconteceu?

Falei sobre o que os apocalípticos estavam conversando e acrescentei, irritado:

— O irmão de Joseph nos delatou. O próprio Joseph deve estar envolvido.

— Acalme-se! — disse ela. — Todos aqui começaram a receber a intuição de que devem partir imediatamente, e estamos trabalhando o mais rápido que podemos. Mas deve haver algum engano. Joseph não diria a seu irmão onde estamos acampados.

Ela apontou para uma pilha de papéis que estava sobre uma pedra, perto de sua barraca. — Joseph nos trouxe cópias que encontrou da Décima Integração, e depois voltou a sair. Ele ainda está procurando seu irmão. Por que você acha que ele nos trairia?

— Não sei.

Os olhos dela estavam me atraindo novamente, e eu pude sentir o ágape e a paz retornarem um pouco, mas minha percepção havia desmoronado completamente.

— Estávamos trabalhando para concluir a Nona no mesmo momento em que vocês três também o faziam — contou ela. — Pudemos senti-los. Você precisa resistir, tem de se concentrar. Nós já começamos a trabalhar com a Décima.

— Temos que sair daqui agora! — pressionei.

— Certo, certo! Ali está o resto de suas coisas.

Ela estava apontando para minha barraca, que estava dobrada, junto com algumas outras coisas que deixei para trás. Enquanto as guardava, ela pareceu se lembrar de algo e correu para a pedra, recolhendo as cópias do documento e enfiando-as em minha mochila também.

— Pronto — falou. — Você pode guardar essas cópias para o resto do grupo, caso alguma coisa aconteça.

Novamente, o tom de voz dela parecia estar marcado por um traço de tristeza. Era a segunda vez que Rachel dizia algo assim. Quis perguntar se sabia de alguma coisa, mas ela já havia recolhido a própria mochila e estava se afastando.

— Vamos lá — disse ela. — Encontramos outra saída deste lugar.

Antes que eu pudesse alcançá-la, ela olhou ao redor e seus olhos ficaram vidrados em algo que estava atrás de nós.

— Você ainda tem a pena que lhe dei? — perguntou ela.

— Sim, por quê?

Ela ainda olhava para alguma coisa que estava atrás de mim. Girando sobre os calcanhares, percebi a silhueta de uma figura solitária, em frente ao imenso rochedo atrás de nós. Não havia como confundir aquela silhueta. Era Anish.

Por um longo momento, ficamos paralisados. Rachel olhou para mim e disse:

— Escute. Ninguém vai conseguir sair daqui, a menos que eu tente alcançá-lo e estenda a mão para ele. Vá, tire todos daqui.

Sem se movimentar, ela se concentrou no líder dos apocalípticos, e ele se virou na direção de Rachel. O olhar mútuo era quase palpável no meio da escuridão. Vários outros membros de nosso grupo pararam para observar, mas Coleman sabia o que estava acontecendo e apressou os outros. Gritei para várias pessoas que estavam perto de mim, avisando-as de que deveriam correr.

— Ainda não estou forte o bastante — eu a ouvi dizer, e me virei para observá-la. Tarde demais. Anish fez um gesto e, instantaneamente, uma saraivada de balas choveu sobre nós, vinda de todas as direções, atingindo a poeira e as pedras. Uma das balas acertou minha mochila com um impacto tão forte que me fez perder o equilíbrio, jogando-me contra uma das enormes pedras do círculo. A queda arrancou a pena de Rachel de meu bolso, e ela pousou bem diante de meu rosto.

Eu a agarrei instintivamente, enquanto ainda me esforçava para enxergar em meio à poeira e à confusão. De repente, senti os braços de Rachel ao meu redor, puxando-me para ficar em pé.

— Por aqui — disse ela.

Em algum momento, percebi que ela havia me soltado e, enquanto eu cambaleava, tentando avançar, minha cabeça finalmente se desanuviou. Surpreendentemente, eu havia chegado a um ponto de clareza perfeita e não sentia qualquer traço de medo ou raiva. Na verdade, meu estado emocional havia voltado inexplicavelmente ao ágape. O céu noturno estava radiante, e o luar e as rochas mais luminosos do que nunca. Eu havia recuperado a percepção.

Rachel estava à minha frente, andando apressadamente, e não tive dificuldades para acompanhá-la. Percebi que o corpo dela se movia com uma fluidez e graça incomuns, e suas roupas pareciam brilhar e refletir a luz. Ela me levou diretamente para o local onde

Coleman, Tommy e eu conversamos anteriormente, observando o posto do exército. Em seguida, rumou por outra trilha escondida, que impedia que os soldados nos vissem, e avançamos em direção ao topo da montanha.

Enquanto caminhávamos, perguntei a mim mesmo como ela conhecia essa trilha oculta. Talvez Tommy ou sua mãe a houvessem informado.

— Para onde estamos indo? — perguntei.

— Vamos avançar mais um pouco — respondeu.

De algum modo, o som da voz de Rachel estava diferente, e aquilo me causou forte impacto. Eu estava sentindo o choque dentro e fora de minha cabeça, ao mesmo tempo. Diminuí o passo, até parar, completamente desconcertado. Ela percebeu e voltou até onde eu estava.

— Podemos ir mais devagar se você quiser — disse ela. — Não leva muito tempo para se acostumar.

O rosto dela estava absolutamente luminoso.

Eu me sentei com um baque, e percebi que ainda estava com a mochila às costas.

Ela se sentou com um movimento gracioso, sem usar as mãos para se apoiar, algo que nunca a vi fazer antes. E, diferente de quando estávamos no círculo, seu rosto tinha uma expressão incrivelmente alegre, sem qualquer traço de tristeza.

— Você sabe onde estamos, não é? — perguntou ela.

— O quê?

— Não estamos mais no Kansas.

— Do que você está falando?

Ela se aproximou de mim:

— Eu lhe falei que li a Décima Integração, não se lembra?

— Lembro.

— O texto diz que, se seguirmos a Sincronicidade, conseguiremos aprender daqueles que estão no Céu de maneira direta, e isso nos elevará ao próximo nível de consciência.

Assenti para que ela prosseguisse.

— Não consegui terminar de lhe contar sobre minha mãe. Eu a detestava por haver me transformado em uma pessoa controladora, e fiquei arrasada pela culpa quando ela morreu antes que eu pudesse conversar com ela. Assim, talvez pensando constantemente no que deveria ter dito a ela, comecei a perceber pequenas coisas acontecendo. Eu ia comprar sapatos e via um par exatamente igual aos que ela gostava de usar. Ou passava em frente a uma loja de sabonetes e sentia a fragrância do sabonete que ela usava. Nos momentos mais estranhos, chegava até mesmo a ouvir suas canções favoritas.

— Até que, certo dia, sem que nada indicasse o que eu devia fazer, decidi dizer a ela quais eram meus sentimentos, em voz alta, como se ela estivesse a meu lado. Imediatamente, comecei a intuir o que ela me responderia, mas percebi que não era algo que eu necessariamente saberia, ou que conseguiria adivinhar. Foi quando notei que estava tendo uma interação verdadeira com ela.

— A ideia de comunicação com a pós-vida parecia muito estranha a princípio, e parei de fazer aquilo por algum tempo. Entretanto, a memória da experiência era tão energizante e profunda que, gradualmente, comecei a me comunicar com ela com mais frequência. Após algum tempo, ela me contou o quanto se arrependia da maneira que havia me educado em relação aos homens. Ela disse que tudo aquilo fora um erro, que aquilo a atormentava e que, agora, ela se mantinha no ágape e falava em

verdade. Além disso, ela dizia que gostaria de ter aprendido tudo isso antes, para que pudesse ter me ensinado dessa nova maneira.

Eu apenas olhava para Rachel, confuso.

— Não percebe? — perguntou Rachel. — O Documento diz que podemos começar a nos comunicar com aqueles na pós-vida e eliminar todos os ressentimentos e problemas que temos com eles. Tudo o que temos a fazer é usar mais nosso poder para nos sintonizar e estabelecer um diálogo. Nunca é tarde demais. E eles têm muito *mais* coisas para comunicar a nós.

— Na verdade, minha mãe disse que eles precisam desesperadamente falar conosco, neste momento, neste ponto crucial da história. Eles conhecem o verdadeiro Plano para o mundo dos humanos e chegou a hora de as pessoas que estão deste lado entenderem.

Ela levantou o rosto e olhou para algum ponto atrás de mim. Eu me virei, mas não percebi nada. Rachel se aproximou, e tive a sensação de ser envolvido em algum tipo de abraço, mesmo estando a vários metros de distância.

— Lembra-se do que a Nona Integração dizia? — perguntou ela. — Tenho certeza de que Tommy lhe contou. Cada objeto à nossa volta tem sua própria identidade sensorial, sua própria sensação de presença em relação a nós. Bem, isso acontece com os humanos também. Toda pessoa tem uma identidade sensorial que podemos detectar emocionalmente.

Eu balançava a cabeça afirmativamente, compreendendo o que ela queria dizer.

— É por isso que, quando as pessoas próximas a nós morrem, mesmo quando pensamos estar preparados para isso, frequentemente ficamos devastados pela perda. O que perdemos é o sentimento do que eles *são*, algo que sempre sentimos e nunca

pensamos em questionar. É por isso que, quando um ente querido morre, as pessoas frequentemente dizem que têm a sensação de que uma parte de si morreu também. Elas estão sofrendo pela perda daquela constante emocional que não está mais ali.

Ela fez outra pausa, e novamente pareceu olhar para algum ponto além de mim. Naquele instante, eu soube que havíamos realmente cruzado o vale. Estávamos na pós-vida.

— Há uma pessoa aqui que quer conversar com você — disse ela, sorrindo. — Consegue se sintonizar na sensação de recordar?

Eu sabia quem era essa pessoa, mesmo antes que Rachel perguntasse. Consegui sentir o cheiro dos cigarros no bolso de sua camisa, como se eu fosse novamente aquela criança que ele segurava sobre o colo. Percebi sua força, a maneira como conversava, o riso infantil de suas piadas e brincadeiras. Todas aquelas lembranças se uniam na sensação única que ele representava.

Ao mesmo tempo, percebi que uma parte dele havia mudado — não havia mais a irritação, o nervosismo e a frustração que demonstrava a cada manhã, durante minha juventude, forçando todos a pisarem em ovos em sua presença ou enfrentarem a inevitável explosão. O olhar ríspido de desaprovação que me instilou o medo e a desconfiança pelas outras pessoas também havia desaparecido. Todos aqueles sentimentos ruins foram removidos.

— É seu pai — disse Rachel.

Quando me virei, ele estava lá, radiante e com uma aparência jovem. Eu estava recebendo impressões mentais que sabia que emanavam dele. Ele me disse que a causa de seu comportamento — seus ressentimento em relação à família e sua desconfiança — foram resolvidos na pós-vida, com os próprios pais. A única parte

que ainda continuava incompleta era a necessidade de resolver os ressentimentos que ainda faziam parte de mim.

— Fechar-se aos outros é uma tendência que os membros de nossa família herdaram, assim como a cor dos olhos — comunicou ele. — Entretanto, enxergar o histórico de um problema, e realmente reconhecê-lo, permite que nos livremos dele. E agora, a pós-vida está se transformando. Não precisamos esperar até que a reunião ocorra aqui. Vocês estão próximos o bastante para se aproximarem de nós, de modo que possamos resolver tudo imediatamente. Quando esses bloqueios forem superados, poderão entender o que nós sabemos.

Em um instante, percebi que meus ressentimentos haviam desaparecido. Às vezes, o hábito de me manter à distância poderia voltar a ocorrer, mas isso aconteceria cada vez com menos frequência, sem que eu tivesse consciência imediata disso. Pela velha Profecia, sabia que, quando tomamos consciência do drama no qual estamos imersos, sua força diminui.

Com aqueles pensamentos, ele começou a desaparecer, até que eu não fosse mais capaz de vê-lo.

— Espere! — pedi. — Há outras coisas que quero perguntar.

Naquele ponto, não conseguia mais senti-lo e quase me deixei dominar pelo mesmo pânico que senti quando ele morreu. Olhei para Rachel, cuja expressão dizia que eu deveria continuar sintonizado. Assim, recuperei a memória das sensações que eu tive quando ele estava presente e, imediatamente, ele estava lá, embora, dessa vez, somente como uma suave distorção no espaço, como ondas de calor que se elevam do asfalto quente. Mas não importava. A Identidade Sensorial de meu pai estava lá, e isso era o mais importante.

— Você disse que eu poderia entender mais — falei. — Sobre o que estava falando?

Ouvi sua voz:

— Apenas observe.

Depois que ele se foi, percebi que o dia estava amanhecendo e que a luz criava uma beleza ainda maior no céu e nas rochas ao redor.

Virando-me para Rachel, senti um choque. Ela estava cercada por várias pessoas. Notei que a mulher mais próxima dela era sua mãe e, instantaneamente, soube que ela e Rachel haviam passado por uma catarse similar à que ocorreu entre mim e meu pai.

Também percebi outra coisa: tudo aquilo estava sendo mostrado a mim por um motivo. Assim como ocorrera com meu pai, a mãe de Rachel não conseguia focar sua atenção em outros assuntos, pois precisava muito resolver os problemas que tinha com Rachel. Posteriormente, quando ela e Rachel superaram o passado, elas haviam se comunicado enquanto Rachel estava no plano terreno e sua mãe na pós-vida. Essa comunicação, e outras do mesmo tipo, estavam estabelecendo um novo paradigma. A dor e o ressentimento estavam sendo curados nas duas dimensões. A importância era que as duas dimensões da existência, nesse ato de reconciliação, haviam se tornado mais livres e puras. Portanto, ecoavam-se mutuamente em um nível mais elevado de consciência.

Sintonizei-me em meu pai e senti uma confirmação avassaladora. Muitos dos que estavam na pós-vida desejavam se libertar de ressentimentos acumulados e sufocados — verdades que não foram ditas e ações que não foram executadas, assim como muitas pessoas na Terra. E agora, quando as Integrações elevavam nossa consciência, estávamos perto o bastante para podermos nos comunicar através das dimensões. Como resultado, tanto o Céu

quanto a Terra estavam sendo energizados e elevados a outro patamar.

De repente, pensei em uma profecia bíblica, do livro das Revelações, sobre o fim dos tempos: "... e haverá uma nova Terra e um *novo Céu...*". Agora sabíamos como essa profecia estava se realizando.

Quando essa ideia surgiu em minha mente, toda a movimentação ao redor parou, e todos que estavam ali, especialmente Rachel, viraram-se em minha direção. Pareciam extasiados com minha conclusão.

— Você está chegando à Décima Integração — disse Rachel.
— Tudo que precisa fazer é continuar se sintonizando e logo saberá tudo o que o Céu sabe.

Em seguida, o grupo que cercava Rachel começou a descer a encosta, se é que podemos chamar aquilo de andar. Era algo mais parecido com um deslizar. Os corpos dos que estavam permanentemente na pós-vida eram similares aos nossos, embora se movessem sobre o chão com pernas que pareciam apenas simular o movimento de caminhada, em vez de realmente impulsionar os passos. Só restava a Rachel e eu corrermos o mais rapidamente possível para acompanhá-los, embora eu percebesse que, depois de algum tempo, a aparência de Rachel estava mais parecida com a das outras pessoas.

Naquele ponto, não importava. Eu ainda não sentia medo e, imerso em um estado pleno de ágape, tinha certeza absoluta de que várias coisas seriam reveladas a mim aqui. Caminhamos pela encosta, entre uma série de pilares e espigões escarpados, tentando alcançar o outro rebordo rochoso, com beiradas voltadas para cima que funcionavam como apoios para as mãos. Daquele lugar, tínhamos uma vista impressionante do topo do Monte Sinai, assim como das trilhas mais abaixo que traziam à montanha.

Repentinamente, todos começaram a observar um pelotão de soldados egípcios reunido mais ao norte. Algo parecia ter acontecido a um dos soldados. Estavam tentando ressuscitá-lo desesperadamente, umedecendo sua pele com água e o abanando, esforçando-se para refrescá-lo.

— Insolação — disse Rachel.

Finalmente, desistiram e cobriram o corpo. Em seguida, levantaram-no e começaram a levá-lo de volta ao posto de guarda. Podíamos ver dezenas de outras pessoas luminosas andando ao lado dos soldados, aparentemente conversando com eles. Entretanto, os soldados não eram capazes de enxergá-los e não estavam lhes dando qualquer atenção.

— O que eles estão dizendo aos soldados? — perguntei a Rachel.

— Escute você mesmo.

Procurei me sintonizar na conversa e, instantaneamente, entendi o que estava sendo comunicado. As pessoas luminosas estavam usando o princípio da unidade e o ágape para se mesclar aos soldados, buscando aumentar a consciência dos militares, esperando que eles percebessem que estavam andando em direção ao perigo.

Agora eu conseguia entender a razão. Quarenta metros mais adiante, havia pessoas com armas, escondidas perto de um afloramento rochoso. Reconheci várias delas. Eram os apocalípticos, dezenas deles, preparando as armas para proteger algo que estava do outro lado do rochedo.

— Eles estão indo na direção dos extremistas! — explodi, olhando para Rachel e os outros. Eles não retribuíram meu olhar. Todos os olhares estavam concentrados no grupo de soldados.

Voltei a observar os apocalípticos e, para minha surpresa, vi que, ao redor deles, também havia dezenas de indivíduos luminosos que se esforçavam para elevá-los a um nível maior de consciência, querendo fazer com que encontrassem a própria Conexão superior.

Percebi que as pessoas luminosas desejavam que os soldados vissem algo — uma bifurcação no caminho adiante que os levaria a uma rota mais ao norte, longe do perigo.

Procurei unir minha energia ao esforço, passando pelo procedimento de estabelecer intencionalmente a unidade com os soldados, até que eu conseguisse sentir o ágape com eles. Tentei visualizá-los se abrindo, sentindo o perigo. Mas os soldados pareciam estar resolutos, acelerando a marcha em direção aos apocalípticos.

De repente, voltei a sentir aquela sensação reconfortante que tomou conta de mim quando sofri aquelas quedas, durante a infância e a juventude, a mesma que me dizia que tudo ficaria bem. Também vi algo incomum acontecer: lampejos de luz cercavam os soldados. Por um momento, nada aconteceu. O capitão do grupo parecia estar levando sua tropa para a morte certa. Em seguida, ele diminuiu o passo até parar completamente e fez um gesto para que seus homens seguissem pela trilha ao norte, o caminho que os levaria à segurança. Uma onda de celebração agitou as pessoas luminosas.

— Como isso aconteceu? — perguntei a Rachel.

— Os soldados estavam sendo elevados a uma consciência celestial, mesmo que fosse algo bastante sutil. Dessa forma, puderam sentir uma premonição que os avisava do perigo — respondeu ela.

— Acontece quando as pessoas aqui se esforçam para desejar alguma coisa, com toda sua energia?

— Não. Em algumas situações, o melhor resultado a visualizar é o mais óbvio. Mas outras situações não são tão claras. Portanto, as pessoas aqui estão simplesmente tentando unir suas mentes com aquelas que estão no plano terreno. Aparentemente, não é necessário fazer mais nada. Uma consciência mais elevada sempre tem o efeito de elevar alguém que esteja num nível inferior a um patamar superior.

Ela sorriu para mim e continuou:

— Coleman diria que, se alguém que tem mais rotas cerebrais ativas mesclar sua mente com alguém que não tenha tantas rotas ativas, essas mesmas rotas na pessoa com um nível inferior terão a tendência de se abrir, como resultado do efeito de contágio. Há outras maneiras de amplificar ainda mais nossa influência, como você verá na próxima Integração. Mas, basicamente, é assim que as coisas funcionam.

Eu já sabia a resposta, mas fiz a próxima pergunta assim mesmo:

— O que eram aqueles pontos de luz ao redor dos soldados?

Ela sorriu:

— Anjos. Eles surgem espontaneamente para ajudar, especialmente se nos lembrarmos de pedir.

Agindo como se estivesse com pressa, Rachel rapidamente me disse que havia outra coisa que eu precisava ver. Descemos um pouco mais pela encosta, até outra área onde podíamos olhar na direção leste, oposta ao Sinai. Sentamos sobre as pedras, sem conversar, e observamos a paisagem de rochas escarpadas que desciam até o chão de areia do deserto.

Um movimento à esquerda atraiu minha atenção. Havia um soldado solitário vagando por entre as rochas, como se estivesse

atordoado. Ele parecia muito mais luminoso do que os soldados que vimos antes.

— Deve ser o soldado que morreu — disse Rachel.

O homem simplesmente se sentou e começou a olhar para o vazio, sem se mover.

— O que ele está fazendo? — perguntei e lembrei que deveria me sintonizar. Imediatamente comecei a receber impressões sobre o que estava acontecendo. O homem estava avaliando sua vida, percebendo quantas oportunidades de seguir seu destino ele havia perdido ou ficado receoso demais para assumir os riscos. Ele mudou o foco, pensando na esposa, e senti que seu rosto se distorceu em uma careta quando se deu conta do quanto fora imaturo, preferindo passar seu tempo com os amigos e não o bastante com a filha de 5 anos, que tiveram juntos.

Mesmo assim, ele tinha certeza de que a criança era a melhor parte do seu destino. Ele sabia, desde que havia visto a esposa pela primeira vez, que se casariam e teriam uma filha. E a filha cresceria e realizaria várias coisas. Ele também sabia que deveria ensinar muitas coisas à menina durante a vida. E, agora, perguntava-se como poderia fazer aquilo. Olhei para Rachel.

— Ele logo descobrirá como pode ajudá-la — disse ela, com olhos reluzentes. — Não é mesmo?

De repente, o homem se levantou com um sobressalto e começou a olhar à sua volta, freneticamente.

— O que ele está fazendo agora? — perguntei.

— Ele sabe que há um problema com seu pai que não foi resolvido. E não consegue encontrá-lo.

O soldado começou a desaparecer, até que era quase impossível enxergá-lo.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Para onde ele está indo?

Ela me olhou, preocupada:

— Provavelmente você não vai querer ir àquele lugar.

— Por quê?

— Não é um lugar agradável.

Velhas lembranças de minhas experiências com a pós-vida, enquanto estudava a Profecia e o Décimo Sinal, voltaram a mim.

— Você está falando sobre o Inferno, não é?

Ela balançou a cabeça negativamente:

— Não da maneira que a maioria das pessoas imagina que esse lugar seja. É como estar totalmente perdido, ou tão reprimido psicologicamente que você permanece em um estado autoimposto de limbo.

Decidi que tentaria me sintonizar e o que aconteceu, em seguida, foi uma jornada em meio à frieza e à baixa energia, onde o homem encontrou seu pai. Durante toda a vida, seu pai fora um oficial militar de carreira, sem qualquer modelo de espiritualidade. Ele teve suas chances, conforme vários amigos devotos e conscientes entraram sincronisticamente em sua vida. Ainda assim, ele afastara aquelas mensagens da mente.

Quando morreu, sua ansiedade era tão grande que ele construiu um mundo imaginário ao redor de si mesmo, com o mesmo materialismo inquestionável, povoado de inimigos, guerras e conquistas que surgiam de seus sonhos, em que tudo refletia exatamente suas experiências na Terra. Percebi a força que impulsionava aquelas fantasias: o Ciclo da Vingança. Ele se mantinha adormecido, com um ódio esmagador e o desejo de encontrar aqueles que haviam matado seus amigos e retribuir-lhes

na mesma moeda. E aquilo nunca chegava ao fim. Ele matava alguns entre seus inimigos, mas eles retaliavam, então ele buscava novamente a vingança, sentindo a satisfação de ferir aqueles que o feriram anteriormente.

Mas, assim como antes, consegui ver vários entes queridos falecidos ao redor do pai, tentando mesclar suas mentes com ele, visualizando a possibilidade de que ele poderia ser elevado em sua própria Conexão, para despertar. Porém, o pai permanecia inflexível, mesmo que a falta de luz criasse nele um tormento inconsciente. Finalmente, a escuridão se tornou esmagadora demais para mim, e voltei a olhar para Rachel, quebrando a Conexão com o soldado. Respirando fundo, inspirei o quente ágape e me senti ainda mais grato por sua presença.

— É possível sair daquele lugar? — perguntei a Rachel.

— É possível, sim. Todos têm um senso latente de que há mais coisas além daquilo. O problema é que as pessoas que estão imersas no medo ou em ideologias trazem essas obsessões consigo para a pós-vida. É por isso que é tão importante que nos permaneçamos alinhados e ajudemos outras pessoas na Terra a despertar.

Ela balançou a cabeça negativamente:

— A maior dificuldade é conseguir chegar até aqueles que se apegam de maneira mais ferrenha a várias doutrinas sobre a espiritualidade. Eles pensam que já conhecem a verdade intelectualmente, e esquecem que tem que sentir o amor e abrir suas consciências para alcançar a Conexão Divina.

— Vamos lá — disse ela. — Tem outras coisas que é preciso conhecer aqui.

Ela me conduziu para outro ponto da encosta, descendo na direção leste, onde havia outro grupo de pessoas luminosas,

concentrando-se em um indivíduo, uma mulher. Sua imagem parecia estar levemente desfocada.

Rachel sorriu enquanto eu me concentrava na mulher e me sintonizava automaticamente, tentando ouvir o que estava acontecendo. Após algum tempo, comecei a compreender. A pessoa que desaparecia estava passando pelo processo de nascer na dimensão terrena.

Olhei mais atentamente e comecei a perceber as intenções dos outros que estavam ao redor da mulher. Todos apoiavam o sonho que ela tinha para a vida que se iniciava. Sua intenção era ajudar a trazer uma nova geração de ciência honesta ao mundo. Claramente, aquela era sua maneira de contribuir com o Plano.

O Plano? Eu me virei e olhei para Rachel com uma expressão séria. Novamente havia a menção de algum tipo de plano, aparentemente conhecido na pós-vida, mas que ainda não era completamente compreendido na dimensão terrena. Rachel indicou a mulher com um meneio de cabeça.

Concentrando-me com toda a intensidade que conseguia, finalmente comecei a perceber aquela compreensão contextual mais abrangente sobre a nova vida na Terra. Era uma sensação muito maior da história do que aquela que havíamos alcançado na Segunda Integração. Abrangia tudo o que já havia acontecido desde a criação, e incluía o significado maior da própria vida.

Em um instante, eu compreendi. Todo o propósito da existência humana era transmitir sistematicamente o conhecimento e a consciência conhecidos na pós-vida para a dimensão terrena, de modo a trazer as duas dimensões em uma condição plena de união mútua, junto com a Consciência Divina. Ela levava esse Plano — o propósito maior da vida — dentro da mente, pois certamente sabia o que pessoalmente queria fazer após o nascimento.

Conforme minha sintonia crescia, eu percebia como essa força que impulsionava a Unidade havia ocorrido durante a História. Tudo começou com a criação da própria dimensão terrena, há aproximadamente 16 bilhões de anos, que estabeleceu a chamada plataforma física para nossa jornada coletiva. Toda a história da criação começou a surgir em minha mente, e eu a assistia atentamente.

No início do Universo, os gases e os primeiros elementos químicos começaram a se agrupar, até que ficaram tão densos que se aqueceram para formar estrelas, as quais viviam e morriam lançando novos elementos no Universo. Na Terra, esses elementos mais complexos interagem em poços rasos de água, criados pelo movimento das marés, e, com o mesmo espírito encontrado no impulso para estabelecer a Unidade, cadeias de aminoácidos se aglomeraram para formar células maiores. Mais tarde, essas células começaram a se combinar em organismos pluricelulares, sempre a caminho de um nível cada vez maior de complexidade, e com potencial para alcançar a consciência. No decorrer dos milênios, surgiram peixes, anfíbios, répteis, mamíferos e finalmente os humanos.

Nesse momento, o ponto focal da história da criação passou para a humanidade. Agora, a força por trás do impulso para a Unidade era uma consciência humana sobre o mundo, que se expandia cada vez mais. No decorrer dos milênios, famílias passaram a se agrupar em tribos e aldeias, e depois se aliaram em coalizões regionais, impérios e nações.

A cada passo do caminho, nasciam heróis no reino terreno, vindos da pós-vida. Alguns eram reconhecidos, enquanto outros agiam anonimamente, esforçando-se para fazer com que os avanços alcançados progredissem, mesmo que em incrementos minúsculos. Lentamente, substituímos a ideia de divindades naturais pela de deuses arquetípicos, nos moldes da cultura clássica grega,

até finalmente chegarmos à grande verdade do monoteísmo, o conceito de uma única origem divina. No decorrer dos anos, surgiram as três grandes religiões monoteístas: judaísmo, islamismo e cristianismo, cada uma pensando que sua doutrina era o único caminho a seguir.

Com os tempos modernos, surgiu o Iluminismo, a ciência e um impulso crescente para unificar o conhecimento humano. De repente, percebi como essa consciência planetária começou a progredir durante as últimas décadas do século XX, transformando-se em uma perspectiva maior e mais galáctica, e as questões existenciais ressurgiram, de maneira massificada. O que estamos fazendo aqui? Qual é o sentido da vida?

Eu percebia como essa necessidade de respostas espirituais claras criou uma insegurança profunda nas religiões mais antigas. Elas sentiam que suas doutrinas poderiam ser questionadas ou completamente destruídas. As guerras começaram logo depois do início do século XXI, quando uma religião tentava sobrepujar as outras.

Foi então que percebi que a mulher sabia a respeito do Documento e do impulso mais recente para alcançar a Unidade: a integração da informação espiritual na vida diária e em uma consciência plenamente desperta, conectada ao Deus único. Ela sabia dos esforços para unificar as religiões ao redor da experiência comum proporcionada por essa Conexão Divina, do surgimento dos Modelos de Acordo... e, finalmente, conheceu a Ascensão à Influência.

Pela primeira vez, vi claramente a longa história da criação, em sua totalidade. Meu nível de energia se elevou repentinamente e eu sabia que estava passando por mais uma parte da Décima Integração. Era a consciência de que tínhamos o potencial, neste exato momento de nossas vidas, de executar esse plano e trazê-lo

completamente para a consciência. Seria o ápice de bilhões de anos de criação.

Porém, ao mesmo tempo, sentia que havia um último aspecto do Plano que eu ainda precisava compreender.

— Você percebeu alguma coisa que lhe pareceu familiar no Plano que acabou de ver? — perguntou Rachel.

Imediatamente, entendi o que ela queria dizer. Os passos no longo desenvolvimento do Universo eram similares aos Estágios da Criação, profetizados pelo calendário maia.

— É exatamente isso — disse ela, lendo meus pensamentos. — Os antigos maias tiveram a própria revelação em sua época, quando se lembraram de uma grande parte do plano para a criação. Mesmo assim, sua cultura ainda estava fora de Alinhamento, e eles sabiam que não poderiam guardar seu conhecimento. Assim, construíram uma linha do tempo para esse Plano, em sua arquitetura de pedra e em suas inscrições, esperando que os humanos do futuro descobrissem e transcrevessem sua mensagem. Foi exatamente isso que ocorreu.

Ela fez uma pausa e me encarou. Mais uma vez, consegui sentir aquele abraço feito de energia.

— Mas os maias mostraram que a criação não estava completa, e que outro impulso viria para ajudar a nos unificar completamente, se estivéssemos em Alinhamento e conseguíssemos nos sintonizar. Alguns estudiosos chamaram esse processo de Consciência Universal. Aparentemente, os maias pensavam que essa era a última fase da criação, que levará as almas em ambas as dimensões da vida em direção a uma Unidade final. E isso acontecerá, se um número suficiente de pessoas procurar abraçar a causa.

Ela parecia estar pronta para fazer a revelação:

— Já conseguimos prever que essa força da criação chegará até nós e, em breve, será mais fácil senti-la. Nós todos a sentimos na Montanha Secreta.

Novamente, Rachel fez uma pausa.

Eu estava eletrizado:

— Você está falando sobre o aspecto da Conexão que estou tentando compreender há algum tempo. Você também passou por essa experiência?

— Sim. O último passo na Unidade começa com a compreensão do que é esse fenômeno e como se conectar com ele de maneira mais plena. Agora, estamos prontos para descobrir totalmente nossa natureza espiritual, e ela marcará o início da última expansão da consciência humana em direção à unificação.

A imagem de Rachel estava começando a ficar borrada, como se ela estivesse desaparecendo.

— Lembre-se do que conversamos! — prosseguiu ela. — A maioria das profecias guardadas pelas tradições religiosas tem algum conceito de Arrebatamento — adquirir um corpo espiritual e ser levado ao Céu, evitando o Armagedom.

— Os humanos trouxeram essas imagens para a cultura terrena porque isso também é parte do Plano, mas não exatamente da maneira que os profetas disseram. Devem ser entendidas de maneira simbólica. Todas as profecias e referências às Escrituras surgiram, na história, trazidas por pessoas que tentavam se lembrar do que sabiam na pós-vida, mas elas não conseguiram entender o sentido verdadeiro. A verdade surgiu através das lentes de suas religiões e foi isso que criou tanta competição. Na realidade, todas as profecias apontam para outra coisa: um evento que alcançará todas as pessoas.

Eu ainda não conseguia entender aquilo totalmente.

— Não percebe? — continuou ela. — Há apenas um Arrebatamento! O Arrebatamento é uma transformação corporal que acontece através da percepção e da consciência ampliada, assim como aquela que visualizamos. Não devemos esperar que Deus nos arrebate. Deus está esperando por nós! Temos que nos abrir à Consciência Divina, para que nossa percepção e energia se expandam o bastante para que ela possa ocorrer. Isso pode demorar um longo tempo para acontecer. A parte importante é que nós sabemos no que estamos trabalhando e o que nosso impulso para alcançar a Unidade pode realizar. E que há mais ajuda chegando, se conseguirmos aprender a nos sintonizar.

Olhei para ela, finalmente compreendendo tudo:

— Você está falando novamente sobre essa Consciência Universal que os maias perceberam.

— Sim, mas não se prenda a um nome. É algo mais pessoal... e é o último passo para compreender o que o Céu sabe. Já estamos sentindo...

Agora, ela já estava quase desaparecendo por completo, e eu não pude ouvir seus últimos comentários. Tudo que eu sentia era um pedido vago, mas urgente.

— Basta fazer o que fizemos e ampliar sua influência — era o que, aparentemente, ela estava dizendo. — Você entenderá completamente quando entender a Décima Primeira Integração e encontrar a Décima Segunda.

Tentei fazer outra pergunta, mas meus olhos já estavam fora de foco. Eu estava girando, caindo de costas em meio a um clarão de luz que me ofuscava.

A ASCENSÃO À INFLUÊNCIA



Várias horas pareceram se passar antes que eu ouvisse vozes conversando por perto. Esforcei-me para abrir os olhos.

— Ele está acordando! —ouvi Coleman gritar.

Senti, antes que pudesse ver, os outros se juntando a meu redor. Estava novamente sobre a plataforma de pedra, com vista para a base militar, na encosta sudeste que levava ao Sinai. Vi que minha mochila estava no chão, ao meu lado. O zíper estava aberto e as cópias da Décima Integração foram retiradas. Agora estavam espalhadas pelo chão e não havia qualquer sinal de Rachel.

Olhei para a pena que ainda estava em minha mão e, naquele momento, soube o que acontecera.

— Encontramos você aqui — disse Coleman. — Você deve ter batido a cabeça. Você estava inconsciente.

— Onde está Rachel? — perguntei.

Ele se aproximou e tocou meu ombro. Os outros pareciam estar devastados.

— Ela não conseguiu fugir — sussurrou ele. — Rachel foi morta no círculo das pedras.

Assenti, devagar. Já deveria saber, depois de tudo o que passei nas últimas horas, porém, ainda assim, aquilo me causou um forte choque. Eu estava bem ao lado dela.

Olhei para ele, com uma expressão de súplica:

— Tem certeza? Ela me levou para fora do círculo durante o tiroteio. Fiquei com ela o tempo todo. Conseguimos observar a pós-vida juntos. Vimos o Plano.

— Eu mesmo a examinei — disse Coleman. — Logo depois, um grupo de soldados egípcios chegou para investigar as explosões. Os apocalípticos tiveram que recuar. Todos conseguiram escapar, menos Rachel. Você desapareceu no meio da confusão. Vi quando os soldados levaram o corpo dela. Mandei mensagens de texto para Wil e os outros para alertá-los. Sinto muito!

Naquele momento, fui emocionalmente arrastado para uma das sensações mais profundas de perda que jamais sentira antes. A energia de Rachel era uma parte de toda essa jornada, desde nossa primeira conexão no Pub. Ela foi minha parceira em minha elevação ao ágape e agora ela se fora. Minha cabeça me dizia que ela ainda estava viva na pós-vida, mas eu sentia falta de seus olhos radiantes, da atenção e dos conselhos que me ajudavam a permanecer centrado. Entre lágrimas, disse tudo isso aos outros.

Então, exatamente no momento de maior desespero, repentinamente senti o abraço de Rachel à distância, assim como havia sentido no outro lado. Aspirei também o aroma familiar do perfume de rosas que ela sempre usava.

Foi quando tive certeza de que ela não estava simplesmente viva. Ela estava ali, junto de nós!

— Ela me ajudou com muitas coisas durante essa viagem — disse Coleman. — E agora está morta.

— Ela não está morta! — protestei.

— Eu sei, eu sei — disse Coleman. — Entendo a Décima Integração. Estávamos todos nos sintonizando com o Plano. Mas saber que ela ainda está viva não é a mesma coisa que tê-la a

nosso lado para conversar, ou para receber um daqueles famosos abraços.

— Não, você não está entendendo — gritei, confiante. — Ela está bem aqui, conosco. Agora. Ela estava me tocando à distância, na pós-vida, para que eu soubesse que seria possível senti-la aqui. Sintonize-se! Você ainda pode receber aquele abraço.

Os outros estavam se aproximando, escutando atentamente, e começaram a sentir a presença de Rachel também. Durante várias horas, eu lhes contei detalhadamente tudo o que havia ocorrido na pós-vida, especialmente o Plano e o objetivo da história, trazendo à Terra o conhecimento e a consciência conhecidos no Céu, e as afirmações de Rachel sobre a vinda da Consciência Universal. Tommy sorria para mim.

Todos me falaram sobre o que aconteceu quando leram a Décima parte do Documento que encontraram em minha mochila. Enquanto conversavam, nossa energia elevou o grupo até a Décima Integração.

— É preciso perceber que a pós-vida está bem aqui — tentou Coleman. — Podemos resolver qualquer assunto pendente com nossos entes queridos e receber o conhecimento que eles têm. A chave é fazer o que eles fazem: usar sua Influência e a Lei da Conexão para elevar todas as pessoas em um estado de consciência interconectada. É outro nível de Alinhamento.

— Os povos nativos nunca perderam esse dom de se comunicar com o outro mundo — disse Amor da Montanha. — Culturas desenvolvidas desprezam essa consciência, dizendo que era apenas uma forma de reverenciar os ancestrais, mas nós sabemos que essa Conexão é importante desde que os seres humanos adquiriram consciência.

Ela nos olhou de uma maneira singular, e eu soube que ela tinha razão. Estávamos agora em meio a uma discussão-modelo. Todos concordavam que as tradições dos povos nativos sempre tiveram uma grande ênfase nessa Integração, embora o cristianismo místico e certas escrituras judaicas nas tradições cabalísticas também indicassem o contato com a pós-vida.

— Aqui! — dizia a mãe de Tommy. Todos nós havíamos começado a recolher nosso equipamento, sentindo que deveríamos avançar em direção ao topo do Monte. Corremos até a plataforma e vimos Joseph saindo pelo portão do posto de guarda e vindo em nossa direção. Após algum tempo, ele parou, mudando de direção em seguida. Rumou nessa outra direção por mais um tempo e novamente mudou seu caminho, como se quisesse impedir que os soldados descobrissem seu verdadeiro destino. Quando Joseph saiu do campo visual do posto de guarda, vimos que estava vindo em nossa direção outra vez.

— Precisamos sair daqui antes que ele nos veja — gritou Coleman. — Se ele estava envolvido no ataque contra nós, provavelmente disse aos soldados que nos encontrariam neste lugar.

Muitos dos outros pareciam estar tão temerosos quanto ele, e eu senti que a raiva estava começando a tomar conta de mim, outra vez. Minha energia desabou. Seria Joseph o responsável pela morte de Rachel? Que tipo de monstro era ele? Ali estava ele, caminhando desimpedido e vivo, e ela havia morrido. Minhas emoções estavam passando do estado de raiva para o desejo de vingança, querendo forçá-lo a pagar pelo que acontecera conosco.

De repente, percebi o que estava fazendo e balancei a cabeça negativamente. Inconscientemente, havia me deixado entrar em um Ciclo de Vingança, com uma velocidade estonteante.

Tommy olhava na direção de Joseph e falou para o resto do grupo:

— Esperem! Ele parece estar sozinho. Não vejo nenhum soldado. Acho que devemos conversar com ele.

— Ele tem razão — eu disse. — Precisamos descobrir a verdade.

Todos nós concordamos com aquele curso de ação e esperamos na plataforma, até que Joseph chegasse ao lugar onde estávamos. Ele parecia chocado ao ver que estávamos ali.

— Vocês estão aqui! — disse ele, aproximando-se rapidamente. — Não consegui encontrar meu irmão. Ninguém o viu. Receio que ele esteja com os apocalípticos agora.

O rosto de Joseph estava triste, como se pensasse que havia fracassado.

— Um dos soldados no portão me disse que meu irmão lhes deu ordens de não patrulhar mais certas áreas da montanha.

Ele se dirigiu a Tommy:

— Acho que esse soldado o conhece.

Ninguém disse nada.

— Vejam — disse Joseph, apontando para sua mochila —, ele também me deu isso — e puxou uma pilha de papéis. — É a Décima Primeira Integração! Ela nos diz para...

Ele deixou a frase morrer no meio, percebendo que ainda o olhávamos de maneira intensa.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

Todos o cercaram, e lhe perguntamos se ele sabia o que havia acontecido no Círculo de Pedras. Ele respondeu que não sabia. Quando o informamos do tiroteio, Joseph ficou tão abalado que

precisou se sentar. E isso fez com que quase todo o grupo o recebesse de volta com abraços e palavras amistosas.

— Joseph, por que você veio até aqui agora? — perguntou Coleman.

— Porque os guardas disseram que há muitas pessoas chegando à cidade, vindas de toda parte. Eu vim até aqui porque queria ver se poderia detectar alguém que estivesse vindo para cá.

Coleman e eu nos entreolhamos e, então, observamos a trilha que subia pela encosta da montanha. Havia dezenas de pessoas vindo em nossa direção.

Enquanto o restante do grupo continuava a conversar com Joseph, discutindo a Décima com ele, eu me afastei um pouco da plataforma, precisando pensar. Ainda estava preocupado com a rapidez com que havia me permitido entrar no Ciclo de Vingança.

Comecei a me perguntar quanta força aquela emoção tinha ao redor do mundo neste momento. Seria a emoção predominante por trás de tragédias como tiroteios em escolas, funcionários que entravam em surto psicótico e vitimavam seus colegas e superiores no ambiente de trabalho e — em uma perspectiva internacional — o desejo de explodir a si mesmo e aos outros para fazer com que um inimigo pagasse por seus erros?

O Coronel Peterson disse que esse Ciclo de Vingança estava crescendo e não tardaria a chegar a um estágio nuclear, o desejo de enviar um último ato de retribuição e acabar com tudo. De repente, senti como se a humanidade estivesse ficando sem tempo.

Onde estaria Tommy? Eu queria saber. Precisava falar com Tommy. Quando me virei, vi que ele já estava vindo em minha direção. Soltei uma gargalhada e isso fez com que o rosto do jovem assumisse uma expressão confusa.

— Preciso conversar com você — disse ele. — É importante.

— Sobre a Consciência Universal? — perguntei.

— Sim. Quero lhe contar uma coisa: minha tribo acredita que ela vai ganhar muito mais força, e isso acontecerá muito antes do que a maioria das pessoas imagina.

— Quando isso vai acontecer? — perguntei.

— Todos imaginam que o calendário maia chegará ao fim no dia 21 de dezembro de 2012, mas outros estudiosos estão dizendo que o início da última fase da criação vai começar muito mais cedo, na primavera de 2011.

— O quê? Mas a primavera é agora!

— Sim. E não vamos entender a vinda dessa força da criação até conseguirmos compreender qual é o verdadeiro propósito da Conexão que sentimos na Montanha Secreta, e como poderemos nos relacionar com ele. Precisamos concluir as Integrações que ainda restam!

De repente, Coleman veio rapidamente até onde estávamos, para olhar novamente em direção ao posto do exército.

— Olhem aquilo! — disse ele, alarmado.

Cerca de 50 soldados estavam se posicionando ao redor da área do posto de guarda.

— Eles não querem que ninguém se aproxime pelas trilhas — disse Joseph. — E também creio que eles sabem que os extremistas estão por perto e querem impedi-los de executar seus planos.

— Os apocalípticos já passaram por eles — enfatizei. — Eles estão escondidos perto de um afloramento rochoso, em um penhasco mais à frente.

— Como sabe disso? — perguntou Coleman.

— Eu os vi quando estava lá na noite passada, com Rachel.

Todos me olharam espantados, até que Coleman disse:

— Vai ser difícil passar por tantos soldados sem sermos notados.

— Não se preocupe! — respondi. — Rachel me mostrou outro caminho que podemos usar. Já está quase escuro. Acho que é melhor irmos agora.

Em poucos minutos, estávamos saindo da plataforma e descendo pela encosta. Eu me lembrava claramente daquela rota. Ela nos levaria pela montanha até um ponto a cerca de 100 metros do posto de guarda. Ali, a trilha acabava em um despenhadeiro íngreme, que se abria em uma garganta na montanha, aparentemente impossível de atravessar. O que ninguém parecia saber, além de Rachel, era que um rebordo largo o bastante para permitir que uma pessoa se esgueirasse por ele existia logo além da beirada da garganta.

O rebordo se estendia por cerca de 30 metros na direção norte, até um ponto onde havia uma pequena passagem, na parede de pedra, que podia ser escalada. Quando estivéssemos além dessa passagem, estaríamos escondidos de qualquer sentinela no posto do exército e poderíamos avançar diretamente para os rochedos que ficavam acima do esconderijo dos apocalípticos, onde Rachel e eu estivéramos antes. O único lugar que ficava relativamente próximo do posto do exército era o local onde se iniciava o rebordo.

Enquanto caminhávamos, vi que Joseph já conseguira integrar o Nono e o Décimo passos, e, agora, ele, Coleman e os outros liam a Décima Primeira Integração. Pensei na velha Profecia e na Décima Primeira Integração, que evoluiu a partir dela. A integração previa a concretização do uso da intuição e da oração, e de aprender os segredos de usar esse poder.

— Você acredita no que esse Documento está dizendo? — ouvi Coleman gritar, repentinamente.

Virei-me e vi que ele estava conversando com um dos cientistas. Coleman balançava a cabeça, espantado, e aproximou-se de mim, apontando para o Documento.

— Escute o quanto o texto é específico em relação à Influência — disse ele. — “Por causa da Lei da Conexão, tudo o que acreditamos e defendemos — a qualidade de nosso caráter — cria um campo de Influência que atinge a todas as pessoas com quem interagimos. O campo age para atraí-las ao nosso nível de consciência e comportamento, para o bem ou para o mal, e as duas formas podem facilitar ou dificultar com que outros entrem em Alinhamento. Ao mesmo tempo, nossa Influência individual também se mescla com a Influência exercida por todas as outras pessoas ao redor do globo. A qualquer momento, ela ajuda a estabelecer coletivamente um nível energético de consciência para toda a humanidade”.

Ele tentava continuar ao meu lado, enquanto descíamos pelo terreno pedregoso.

— Você acredita? É como se houvesse dois pratos em uma balança imensa no céu, pesando a força relativa de dois campos de Influência opostos. Um dos lados representa as pessoas que estão se abrindo a uma espiritualidade pessoal mais elevada, e, assim, agindo para elevar outros a essa mesma consciência. O outro lado da balança representa aqueles que ainda estão presos em meio ao medo e à raiva, pessoas que agem para atrair as outras em direção a um caldeirão efervescente de medo e fúria.

Aquela declaração me atingiu com força. Isso significava que os dois lados tentavam estabelecer um contágio, e o equilíbrio se alterava, a cada dia, dependendo do quanto cada pessoa em

Alinhamento conseguisse manter sua visão de maneira consistente em relação aos outros.

— Percebe o que é isso? — acrescentou Coleman. — É a confirmação da afirmação categórica de Kant: *Agir e ser como se você realmente fosse faz com que todos os outros ajam e sejam da mesma maneira*. Seus contemporâneos pensavam que ele era louco, mas essa intuição estava absolutamente correta. É assim que a influência funciona!

Eu o olhei nos olhos:

— Rachel disse que conseguiríamos integrar a maneira de amplificar nossa influência positiva juntos. O Documento diz como isso acontecerá?

Coleman olhava intensamente para as páginas em sua mão.

— O texto afirma que a primeira coisa que devemos fazer é manter em mente a balança da influência, plenamente e a todo momento, e lembrar que todo pensamento e toda ação reverberam muito além de nós mesmos.

— Também diz aqui que, se um número suficientemente grande de pessoas fracassar ao tentar manter a energia do Alinhamento, o mundo pode degradingar até chegar a um estado de medo e fúria. Na política, isso significaria que a extrema esquerda e a extrema direita continuarão com sua desumanização mútua, até que um dos lados tome uma atitude extremada, geralmente um ato de despotismo, com o objetivo de dominar a discussão e tomar o controle, advindo da necessidade de salvar o mundo. Na área da ideologia religiosa, a polarização se tornará mais negativa também. O texto afirma que, em alguns casos anteriores, na História, o antagonismo sempre avançou até o ponto máximo da tecnologia existente até então.

Trocamos um olhar, sabendo que, para a época atual, isso significaria que as tensões poderiam aumentar até o nível nuclear.

De repente, percebi que estávamos nos aproximando do posto do exército, onde deveríamos tomar muito cuidado. Era possível ver alguns soldados patrulhando a área logo abaixo de nós. Assim, sugeri aos outros que permanecessem escondidos enquanto eu voltava para um ponto mais elevado da encosta, para visualizar melhor o terreno.

Enquanto subia, observei movimento mais adiante e fiquei paralisado, esforçando-me para enxergar quem era. A figura se moveu até um ponto onde eu podia vê-la claramente. Era um dos subordinados de Peterson, gesticulando para que eu me aproximasse. Quando cheguei até onde ele estava, o homem me conduziu para um lugar onde não seríamos vistos e sussurrou algo em um microfone instalado perto de sua boca. Depois de cinco minutos, Peterson estava à minha frente.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele. — Estamos rastreando seus movimentos e não conseguimos encontrar qualquer sentido ou lógica em suas ações.

— Tudo é baseado na intuição — respondi. — O Documento diz que, para continuar a expandir a Influência, temos de retornar ao Monte. Alguma coisa vai acontecer lá em cima.

Ele balançou a cabeça, cético:

— O que mais esse Documento fala sobre a Influência?

— Nós finalmente estamos entendendo o poder da intenção e da oração. Vamos aprender como amplificar a Influência.

— Só isso? Tudo o que restou a vocês foram as orações? — perguntou ele.

— É muito mais do que orações comuns — protestei. — É preciso buscar um nível mais alto de experiência. Se não for assim, você pode acrescentar sua energia à dos apocalípticos que estão mais adiante — eu olhava para o próximo grupo de escarpas à nossa frente.

— Ei, quer dizer que os apocalípticos estão em algum lugar dessas montanhas? — perguntou ele, visivelmente surpreso.

— Sim. Estão escondidos a cerca de 500 metros daqui. Imaginamos que há alguém no exército egípcio impedindo que os soldados cheguem perto deles.

Ele olhou para algum ponto ao longe, pensando, e, em seguida, disse:

— Essa é outra peça do quebra-cabeças. Sabemos que eles têm alguma coisa planejada em Jerusalém e na Arábia Saudita, na montanha onde existe uma base de mísseis. E agora eles estão aqui. Estão planejando uma enorme cadeia de eventos que pode levar o mundo à guerra. Eu lhe disse, as cargas explosivas já foram instaladas sob a Cúpula da Rocha.

Olhei para ele, confuso.

— Não percebe? Eles acham que devem fazer tudo de acordo com a profecia das Escrituras, o que significa que o Armagedom não pode ocorrer até que o templo de Davi, em Jerusalém, seja reconstruído. A mesquita muçulmana, a Cúpula da Rocha, está naquele lugar. Ela precisa ser removida, então eles decidiram explodi-la.

— A facção judaico-cristã no grupo dos apocalípticos está pressionando para que o plano seja executado, porque eles já têm a pedra fundamental do templo original. Eles acreditam que, se a pedra fundamental for colocada rapidamente nos alicerces, ela representará o primeiro passo da reconstrução, indicando que ela já

está acontecendo. Assim, poderão considerar que a profecia bíblica está sendo cumprida. Tudo que eles precisam fazer é dar o pontapé inicial nos conflitos.

— Mas todas essas profecias podem acontecer de outras maneiras! — eu disse, intuindo naquele momento tudo aquilo completamente.

— Olhe, nós temos que encarar a realidade — respondeu Peterson. — Estamos chegando ao limite. Está me ouvindo? Estamos no limite. Cedo ou tarde, esse plano apocalíptico vai começar a funcionar e criar o caos completo nos países ocidentais.

— O Irã já tem mísseis que podem fechar completamente o Canal de Suez e o Estreito de Ormuz. É de lá que vem a maior parte do petróleo que o Ocidente consome. Quando essa guerra começar, o preço da gasolina vai saltar para 8 dólares por litro. Só isso já seria o suficiente para provocar escassez de alimentos, e as pessoas começariam a fazer estoques em casa. Se a China se envolver, haverá um ataque cibernético simultâneo sobre nós. Em seguida, as luzes podem se apagar. O que você acha que vai acontecer? Nada de gasolina, nada de comida nos supermercados. Centenas de milhares de pessoas tomando as ruas em protestos e revoltas.

Ele ficou em silêncio por um momento e me encarou:

— Se qualquer pessoa tentar intervir e impedir o plano desses extremistas aos poucos, os explosivos serão detonados e tudo vai ficar cada vez pior. A solução é a Arábia Saudita. Não sabemos exatamente a razão, por que seu governo deveria ser capaz de controlar o lançamento desses mísseis. E eu não sei o que eles estão planejando aqui no Sinai, também, mas pode apostar que não é nada de bom. É por isso que vamos avançar com nosso plano de intervenção. Não podemos mais esperar.

— Não, espere — eu disse. — Suas ações são tão extremas quanto as dos apocalípticos. Vocês estão planejando assumir o controle da situação tiranicamente, porque acham que é a única maneira de salvar a cultura ocidental!

Eu podia ouvir os outros procurando por mim mais abaixo, chamando meu nome.

— Escute, preciso ir agora, mas você tem que entender uma coisa: o Documento diz que, se um número suficiente de pessoas se envolver conscientemente e usar sua Influência, poderemos impedir essa guerra de outra maneira.

Ele estava balançando a cabeça negativamente.

— É impossível impedi-la. A guerra vai explodir no Oriente Médio, e só poderemos impedir que os chineses entrem na guerra se meu grupo agir rapidamente. Muitas pessoas irão protestar, mas é possível lidar com isso. Além disso, você não vai a lugar algum. Vamos escoltá-los para fora daqui. Vocês já tiveram sua chance.

Ele levou o rádio até a boca.

— Espere um minuto! Você disse que eu teria cinco dias. Esse prazo só termina amanhã.

Mantive-me forte no ágape, mesclando-me com o eu superior de Peterson. Sua expressão ficou um pouco mais suave, e ele olhou para mim com um olhar saudosos, desejando que a situação não fosse tão ruim.

Depois de um longo momento, ele disse:

— Tudo bem, eu lhe darei mais um dia. Estamos correndo um risco enorme, pois vocês estão andando por esse lugar e podem começar uma guerra. Mas acho que não há problemas. Tudo já está preparado, e vamos fazer o que for necessário. Estamos prontos.

— Vamos embora! — sussurrei aos outros quando me aproximei. — Hora de partir.

Peguei a mochila, com as mãos ainda um pouco trêmulas. O grupo seguiu até um enorme afloramento rochoso e depois desceu em direção à garganta.

Por sorte, os soldados agora estavam correndo na direção da equipe de Peterson. Aproveitamos a oportunidade para passar por cima do rebordo do precipício, fora do campo de visão dos outros, e seguir o mesmo rebordo em direção ao topo da montanha.

Conforme subíamos a montanha, eu me aproximei de Coleman outra vez e relatei o que Peterson me dissera. Ele balançou a cabeça e forçou um sorriso. Percebi que ele estava tendo dificuldades para manter seu nível de energia num patamar elevado.

— O que mais o Documento diz? — perguntei.

— Diz que a solução é a mesma para todas as épocas. Na política, um centro iluminado, alinhado com uma discussão aberta sobre a verdade, precisa emergir para acabar com a manipulação insidiosa dos eleitores e a corrupção que existe tanto na direita quanto na esquerda.

— E, na religião, um grupo igualmente sincero, composto por um núcleo que seja tolerante com todas as tradições religiosas, com seus membros buscando a experiência direta à qual tivemos acesso, deve assumir a posição central. Nenhuma tradição tentará impor sua doutrina sobre outras pessoas ou alegar que sua maneira de crer e agir é o único caminho que leva à Conexão Divina. Todas as religiões começariam a enfatizar os aspectos de suas tradições que estão alinhados com essa conexão, de modo a se aproximar mais da verdade, e umas das outras.

Ele interrompeu a caminhada pela trilha, observando atentamente o Documento.

— Isso é importante! — enfatizou. — Diz aqui que a última parte da Décima Primeira Integração ocorre quando as pessoas que estão em Alinhamento em todos os lugares, em todas as culturas e religiões, começam a se sintonizar conscientemente *umas com as outras*.

“É claro!”, pensei. Precisamos nos sintonizar mais uma vez, em um nível mais elevado.

— E como podemos fazer isso? — perguntei.

— Devemos nos conectar conscientemente no ágape. Não somente com as pessoas com quem estabelecemos contato visual, como também com todas as pessoas ao redor do mundo. Fazemos isso quando visualizamos intencionalmente essa Conexão ocorrendo de maneira plena em nossas mentes. O Documento diz que, quando essa Conexão é estabelecida, a influência natural dos indivíduos envolvidos é ampliada várias e várias vezes.

Assenti e me concentrei na subida, cuja dificuldade aumentava a cada passo. Após muitas horas perambulando ao redor de despenhadeiros e atravessando pequenas ravinas — onde tínhamos que lançar nossas mochilas uns para os outros — chegamos a uma plataforma mais protegida, onde Rachel e eu estivéramos antes. O sol já havia se posto há um bom tempo, e uma névoa seca acompanhava o crepúsculo que descia sobre a montanha. Podíamos ver os contornos rochosos dos penhascos que ficavam mais abaixo. E eu sabia que os apocalípticos estavam em algum lugar atrás de nós.

Acordei no dia seguinte, logo antes do amanhecer, como de costume, e me levantei rapidamente, sabendo que o dia seria bem movimentado. Do lado de fora da barraca, vi que todos ainda estavam dormindo, o que não me causou surpresa. Ficamos até tarde, na noite anterior, conversando sobre a Décima Primeira Integração.

Wil surgiu em minha mente. Não recebemos outras notícias desde a última mensagem, que dizia que ele logo chegaria para nos encontrar. A questão, agora, era como ele conseguiria nos encontrar. Peguei o telefone e o verifiquei. Nenhuma mensagem de texto. Também não fiquei surpreso. Ele não se arriscaria a usar o telefone para receber instruções sobre nossa localização.

De repente, avistei o brilho suave de lanternas em um lugar abaixo de onde estávamos, ao longe, na encosta. Deitei-me sobre as pedras para observar a atividade. Felizmente, as luzes estavam se afastando do lugar onde estávamos, e isso me fez relaxar. Nossa escalada fora muito mais difícil do que eu me lembrava da ocasião em que estive ali com Rachel, e eu sabia que qualquer pessoa que quisesse nos alcançar teria a mesma dificuldade.

Enquanto caminhava pelo acampamento, percebi que Coleman estava fazendo algum ruído do outro lado de sua barraca. Quando me viu, trouxe uma xícara de café. Tinha um par de binóculos na outra mão.

— O dia está raiando — disse ele. — Quer ver se conseguimos avistar os apocalípticos?

Concordei, e fomos em direção ao outro lado do rochedo, escondendo-nos atrás dos rebordos naturalmente elevados. Enquanto eu observava em meio à nevoa seca do início da manhã, percebi que nossa posição era perfeita. Do ponto onde estávamos, poderíamos não somente ver o afloramento rochoso em que os extremistas estavam se escondendo, como também o imenso pico do Monte Sinai acima de nós e todas as trilhas que levavam até ele.

O próprio afloramento ficava a cerca de 100 metros mais abaixo, na encosta à nossa frente. Durante 15 minutos, nós aguardamos, até que houvesse luz suficiente para que Coleman pudesse usar o binóculo. Os outros despertaram e vieram até onde estávamos, um a um.

— Consigo vê-los — disse Coleman. — Estão fazendo alguma coisa em uma área pedregosa, logo além do rochedo.

Abruptamente, uma imagem surgiu em minha mente, na qual eu descia pela encosta para observar aquilo mais de perto. A imagem era acompanhada de um aumento brusco na energia, com uma sensação de urgência. Fiz uma careta ao pensar naquela ideia e baixei a cabeça. Tommy estava logo atrás de mim e percebeu.

— O que houve? — perguntou ele.

— Acho que preciso descer até lá e dar uma olhada. Mais alguém teve essa sensação?

Ninguém respondeu.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — perguntou Coleman.
— Lembre-se da Segunda Integração: lógica em primeiro lugar.

— Sei que é perigoso, mas muita coisa já aconteceu para que eu não siga minha intuição agora. Rachel seguiu todas as intuições que teve.

Por um momento, o grupo inteiro olhou para mim, e eu vi que a determinação estava crescendo em todos.

— É melhor que eu o acompanhe — disse Coleman, finalmente.

Eu me sintonizei para saber se deveria ir sozinho ou acompanhado, e só conseguia ver a mim mesmo.

— Parece que terei de ir sozinho desta vez.

Virando-me para Tommy e sua mãe, pedi a eles que me aconselhassem sobre a rota, e eles apontaram o caminho que tomariam para chegar até lá se estivessem em meu lugar, encorajando-me a seguir em frente.

— Vamos nos concentrar em ajudá-lo em sua missão — disse Tommy. — Assim como os anjos.

Eu lhe dei um tapinha no ombro e desci cuidadosamente pela encosta, quando o sol surgiu sobre o horizonte pela primeira vez. Concentrando-me na beleza, consegui manter a energia enquanto me esgueirava pela descida escarpada. Pensei no conselho de meu pai sobre como manter a cabeça no lugar quando se está numa situação de perigo extremo. E sorri. Eu sabia que ele estava por perto.

Finalmente, cheguei até uma torre de pedra que se elevava a cerca de oito metros adiante. Com bastante cautela, rastejei para frente e observei a área. A pouco mais de 15 metros, cerca de 12 homens estavam cobrindo com pedras alguma coisa em um barranco. Não consegui ver Anish.

Em seguida, vi alguém sentado sozinho, com as mãos amarradas às costas. Ele virou o rosto e meu estômago se revirou. Era Wil!

Eu o encarei fixamente, até que ele percebeu que eu o estava observando e, com um movimento, também me avistou. Imediatamente começou a apontar, com os olhos, para um ponto à sua esquerda, no chão, onde um aparelho de rádio portátil repousava sobre uma velha maleta de couro. Fiquei embasbacado. O que ele queria que eu fizesse? Pegar o rádio? Não conseguia compreender como aquilo poderia nos ajudar.

De repente, ouvi um ruído entre as rochas, diretamente abaixo do lugar onde eu estava. Arrastei-me para trás silenciosamente e me escondi em uma pequena depressão na rocha, na esperança de me esconder. O ruído continuou e, para meu horror, notei que havia alguém escalando a mesma rocha sobre a qual eu estava, vindo em minha direção. Tentei me agachar, mas era tarde demais. O

indivíduo, com um binóculo nas mãos, havia subido até um lugar que ficava a menos de três metros de onde eu estava. Anish.

Ele se virou e olhou, reconhecendo-me imediatamente.

— Sabia que você estava em algum lugar por aqui — disse ele.
— Senti sua presença. Você é como eu. Nunca desiste.

Seu tom de voz e postura eram casuais, até mesmo serenos, típicos de uma pessoa que se sente invulnerável. Rachel tentara estender a mão para ele, e agora era minha vez. Tentei me centrar e entrar em Unidade, fazendo o melhor que podia, esperando que ele pudesse sentir a própria Conexão Divina.

— Tenho que conversar com você — eu disse. — Não sei o que você está fazendo, mas precisa pensar melhor a respeito. Há outra maneira.

— Você pretende parar de exportar sua corrupção para meu mundo? Pretende parar de reformar minha religião?

Eu me sentei para que ele pudesse me ver melhor.

— Todos nós temos almas. Espiritualmente, todos nós somos iguais. É verdade que há muita corrupção, em todos os lugares. Mas podemos consertar essa situação, todos juntos, se encontrarmos a experiência primordial.

Ele riu e me olhou como se sentisse pena de mim:

— Os profetas não mentem! O fim deve ocorrer agora.

Durante um momento, houve apenas silêncio. Eu não sabia o que dizer. Pensei em Rachel e lembrei-me da última conversa que tive com ela.

— Todas as profecias indicam um Armagedom — enfatizei — e um Arrebatamento, quando os verdadeiros crentes serão protegidos, para que possam escapar dessa guerra. Mas... e se a mensagem dos profetas realmente estiver direcionada a todos nós?

E se a mensagem disser que nós todos podemos encontrar uma Conexão maior com Deus, que permitirá evitarmos o Armagedom? Não percebe o que estou dizendo? O Armagedom não precisa acontecer!

Sentia que Rachel queria que eu dissesse mais coisas, especialmente sobre o calendário maia e o ponto de Conexão que senti na Montanha Secreta, mas não consegui perceber como aquelas duas informações se encaixariam.

Anish me observou, primeiro com um olhar confuso e, então, com raiva. Quando ele levou a mão ao cinto em busca de sua arma, eu estava pronto. Rolei pelas pedras e deslizei pelo topo da encosta, afastando-me dele. Ao fazer aquilo, consegui perceber, com o canto dos olhos, o objeto que os extremistas estavam tentando esconder. Era do tamanho de uma mala de viagem e tinha várias luzes piscando em um dos lados.

Por um minuto ou dois, corri freneticamente pela montanha, subindo, pensando que ele estava logo atrás de mim. Em seguida, ouvi seus gritos, que vinham do afloramento rochoso que lhe servia de esconderijo.

— Se eu voltar a vê-lo, seu amigo vai ser o primeiro a morrer — disse ele.

Quando consegui voltar ao lugar onde os outros estavam, estava sem fôlego e exausto pela escalada apressada. Não consegui dizer nada durante quase um minuto.

— Eles estão com Wil! — finalmente consegui balbuciar. — Tentei convencer Anish a desistir de seu plano, mas não deu certo. Não havia energia suficiente. Eles têm um aparelho ou coisa do tipo.

Coleman estava escutando atentamente:

— Que tipo de aparelho?

— É parecido com uma caixa — respondi. — Do tamanho de uma mala pequena, com alças para o transporte. Havia luzes em uma das laterais.

Ele fez uma careta e olhou para todos. Nossos corações pareciam pesados. Sabíamos o que ele diria.

— Parece uma bomba nuclear.

Todos estávamos chocados, sem palavras. O medo que sentíamos se transformara em realidade.

— Por que eles trouxeram isso até aqui? — perguntou Tommy, finalmente.

— Provavelmente para dar a impressão de que alguém atacou o Egito. Os outros países vão retaliar, dando início à guerra.

Durante um longo momento, ficamos a sós com nossos pensamentos, sabendo que isso poderia ser o fim. Todos nós poderíamos morrer, bem aqui, no Monte Sinai.

Naquele momento, vi alguma coisa mais abaixo. Centenas de pessoas estavam se aproximando do Sinai, vindo de todas as direções, aglomerando-se nos pontos de checagem e sendo impedidos de prosseguir pelos soldados, que lhes apontavam as armas.

— Rápido! — gritou Tommy. — Temos que nos conectar com eles.

O RETORNO



Tommy estava reunindo a todos no topo do rochedo. Mais abaixo, a multidão crescia a cada minuto.

— Em primeiro lugar, temos que amplificar o ágape uns com os outros, e com o Grande Espírito também — instruiu ele, com o Documento em seu colo.

Todos nós elevamos nossa consciência àquela Conexão em uma questão de segundos.

— Em seguida, o texto diz que devemos projetar o ágape para grupos ainda maiores, com a intenção de estabelecer a Unidade com todos os que estão genuinamente buscando uma Conexão espiritual, independente de suas religiões, especialmente com aqueles que estão abaixo de nós.

Ao fazer aquilo, nossa energia aumentou ainda mais, até que recuperamos o nível de intenção coletiva que sentimos espontaneamente na Montanha Secreta. Por um momento, nós nos entreolhamos, sentindo plenamente a Décima Primeira elevação e, imediatamente, demos início a uma discussão-modelo.

Joseph rapidamente indicou que, embora a maioria das tradições enfatize a oração, algumas delas, como os sufis do Islã, defendiam uma oração vivida, algo muito próximo do que estávamos sentindo agora.

— O cristianismo também enfatiza fortemente o poder da oração coletiva — acrescentei, rapidamente. Em poucos minutos, chegamos à conclusão de que a ênfase das religiões islâmica e cristã na oração refletia melhor a realidade da intenção do grupo conectado. A onda de energia gerada pelo acordo fez com que nos elevássemos ainda mais.

Olhei para meu telefone, já sabendo o que aconteceria a seguir. O toque da mensagem de texto soou duas vezes e havia mensagens enviadas por Hira e Adjar, ambos consternados pelas notícias sobre Rachel e dizendo que haviam conseguido concluir a Décima e a Décima Primeira Integrações, e sentiam a Unidade conosco e com ela. Eles estavam se preparando para alcançar objetivos ainda mais amplos, mencionando que havia centenas de pessoas se reunindo em Jerusalém e nas proximidades do Monte, na Arábia Saudita.

Durante vários e longos minutos, nós nos concentramos nas pessoas que estavam mais abaixo e também naquelas que estavam em Jerusalém e na Arábia Saudita. No início, nada aconteceu, até que, lentamente, começamos a perceber indivíduos nos pontos de verificação do Exército se reunindo em grupos, como se percebessem o que estávamos fazendo. Alguns tinham cópias do Documento e as mostravam para os outros. As pessoas que estavam mais próximas dos soldados começaram a se aproximar deles para conversar também.

— Tragam os soldados para o ágape conosco — disse Tommy.
— Visualizem os soldados elevando sua própria Conexão com o Espírito.

Quase instantaneamente, alguns dos soldados baixaram suas armas e alguns até mesmo se juntaram ao grupo, que parecia estar se formando. Com expressão irritada, os oficiais se aproximaram da cerca e tentaram impedir a interação, mas alguns soldados estavam

permitindo que indivíduos passassem por eles, dirigindo-se às trilhas que levavam ao pico.

No afloramento rochoso, podíamos ver os apocalípticos observando a cena abaixo. Anish olhava diretamente em nossa direção, obviamente preocupado.

— Olhe ali adiante! — eu disse para Coleman. — Ele sabe o que estamos fazendo.

— Concentrem-se nos apocalípticos! — gritou Tommy.

Imaginei uma expressão mais elevada em seus rostos, que refletia o desejo de suas almas de se mover em direção à Conexão. Após alguns momentos, vários dos extremistas deixaram seus postos para ver o que a multidão estava fazendo.

De repente, meu telefone tocou duas vezes. Eram Hira e Adjar dizendo-nos que as pessoas no Monte do Templo e no Monte Saudita, conhecido como Jabal Al Lawz, estavam avançando.

Ouvi Coleman gritar:

— Olhem, lá no rochedo!

Anish estava no meio do grupo, gritando e gesticulando de maneira dramática com os braços. Os homens começaram a pegar as armas apressadamente e a reforçar suas posições. Outro homem se aproximou dele, com passos hesitantes. Era o general militar atarracado que víamos anteriormente.

— Aquele é o irmão — gritou Joseph. — Eu estava me concentrando nele. Ajudem-me! — Joseph saltou pela beirada da plataforma onde estávamos e desceu correndo pela encosta da montanha.

Antes que eu pudesse reagir, ouvi a mãe de Tommy soltar um suspiro de espanto. Ela estava olhando novamente na direção da multidão mais abaixo. Outros soldados haviam chegado ao posto de

guarda e estavam mandando as pessoas de volta pela encosta. Vários começaram a atirar para o ar com as armas automáticas. Eu sentia que nossa energia diminuía com cada rajada de balas.

Novamente meu telefone celular tocou, indicando a chegada de uma mensagem de texto, e eu olhei rapidamente para ele. Era Adjar, dizendo que mais soldados haviam chegado ao lugar onde ele estava, e que também estavam forçando as pessoas a recuar. Alguns segundos depois, outra mensagem chegou. Hira dizia que a mesma coisa estava acontecendo em Jerusalém.

Voltei a olhar para as pessoas que tentavam subir a montanha e vi que elas estavam sendo empurradas para um ponto ainda mais distante das trilhas. Barricadas estavam sendo erguidas. Nosso esforço estava fracassando.

— Mantenham a energia — gritei, tentando me concentrar.

Coleman me agarrou pelos ombros:

— Não somos fortes o suficiente! Ainda não recuperamos toda a consciência que tínhamos na Montanha Secreta! Precisamos da Décima Segunda!

Imediatamente, pensei no ponto de Conexão que sentimos na Montanha Secreta e, em um instante, tive a impressão de senti-lo novamente. Olhei para Coleman e sua expressão me dizia que ele estava sentindo o mesmo. Tommy, obviamente também sentindo a Conexão, veio correndo até onde estávamos.

— Essa é a Conexão que tivemos — gritou ele. — Precisamos mantê-la e expandi-la.

Assim que Tommy concluiu a frase, não conseguimos mais sentir o ponto da Conexão. A sensação havia desaparecido completamente.

— O que aconteceu? — perguntou Tommy.

Eu estava tentando desesperadamente me lembrar da experiência anterior.

— Espere. Não podemos forçá-la. Temos de permitir que ela tome conta de nós, ter fé na Conexão, ou algo do tipo.

Assim que falei aquelas palavras, pudemos senti-la outra vez. Mesmo assim, a sensação era esporádica, intermitente, surgindo em determinado momento e desaparecendo no seguinte.

— Deve haver alguma coisa que não estamos percebendo — gritei. — O que pode ser?

Foi naquele momento que lembrei. No ponto mais alto da Conexão na Montanha Secreta, sentimos outra emoção, da qual eu havia me esquecido: uma profunda sensação de gratidão.

Lembrei-me também de outra coisa que havia pensado na ocasião. A gratidão era o ato de reconhecimento que nos ligava diretamente e nos mantinha em estado de Conexão. Imediatamente, senti a Conexão mais intensamente, e, conforme a sensação se intensificava, o ágape começou a aumentar lentamente, chegando quase ao mesmo nível do que sentimos na Montanha Secreta, mas não exatamente no mesmo patamar. Tommy e Coleman já haviam percebido o que eu estava fazendo e estavam reunindo os outros para formar um círculo conosco, explicando como manter a emoção da gratidão.

Logo depois, me dei conta de outro fato. Estávamos chamando esse fenômeno de ponto de Conexão, mas, na realidade, era outra coisa. Rachel disse que não deveríamos nos concentrar em nomes. Tínhamos que entender melhor aquilo que estávamos sentindo. Assim que aquele pensamento surgiu em minha mente, vi uma imagem de Wil, junto com os apocalípticos, e, com ela, outra imagem — o rádio que estava sobre a maleta. Rapidamente,

entendi tudo. Wil não estava indicando o rádio, como eu pensava. Ele queria que eu notasse a maleta!

Nas trilhas que subiam a montanha, mais abaixo, os tiros haviam cessado. Os soldados e a multidão estavam num tenso estado de indefinição. As pessoas pressionavam para avançar. Os soldados as continham.

— Preciso descer até lá — eu disse aos outros.

Eles concordaram. Assim, sem dizer outra palavra, voltei a descer pelo rochedo e corri pela encosta, tentando manter o estado de Conexão. Os outros estavam logo atrás de mim. Coleman me alcançou e sorriu, enquanto saltamos por cima de uma pequena ravina, separada por dois paredões de pedra. Quando nos aproximamos do rochedo, vimos dois homens engalfinhados, lutando pela posse de um dos rifles, enquanto outros brigavam a alguns metros de distância. Procuramos passar ao largo deles e fomos até o afloramento rochoso. Lá, vimos que Anish e vários de seus homens estavam num momento tenso, apontando as armas uns para os outros. Alguns haviam despertado e agora empunhavam as armas, pressionando Anish a desistir de seus planos. Joseph e seu irmão estavam naquele grupo. Anish e vários outros os encaravam, sem intenção de recuar, ainda de posse do controle da bomba. Um dos homens tinha um pequeno objeto nas mãos, aparentemente um aparelho para a detonação remota da carga nuclear.

Próximo de onde estávamos, Wil ainda permanecia sentado no mesmo lugar, mas conseguira soltar os pés e os pulsos na confusão. Ao seu lado, a maleta agora estava aberta, e quatro ou cinco páginas impressas estavam espalhadas ao redor. Nossos olhares se cruzaram e eu instantaneamente soube que as páginas pertenciam à Décima Segunda, e que ele já terminara de lê-las. Percebi, também, que minhas mãos estavam trêmulas outra vez. Eu

perdera muito da minha Conexão diante de todo aquele conflito. Ainda mantendo os olhos firmes nos de Wil, procurei imergir profundamente no ágape, até que comecei a sentir novamente o ponto da Conexão.

Imediatamente, percebi que Wil estava tentando me dizer mais alguma coisa, mas não consegui ouvi-lo em meio aos gritos.

— Preparam-se para detonar — disse Anish, atraindo a atenção de todos. Ele parecia ter recuperado sua tranquila determinação.

Olhei para Wil. Ele ainda estava olhando para mim com um olhar intenso, enviando-me uma mensagem com os olhos. Logo atrás de mim, estavam Coleman, Tommy e sua mãe. O restante do grupo estava vários metros atrás deles. Mais abaixo, eu podia ver a multidão lutando para derrubar as barricadas erguidas pelos soldados.

Anish apertou os olhos com determinação, prestes a ordenar a detonação. Olhei para Wil mais uma vez e, finalmente, compreendi: Rachel. Ele queria que eu me sintonizasse com Rachel. Imediatamente, senti que ela me dizia: — Aja! O caminho lhe será revelado.

— Espere um m-minuto! — gaguejei, dirigindo-me a Anish. — Não consegue sentir o que está acontecendo aqui? Você tinha a Décima Segunda Integração o tempo inteiro! Você a leu, não foi?

Anish balançou a cabeça negativamente:

— A única coisa que eu sinto é que o fim dos tempos se aproxima!

— Mas é exatamente disso que estou falando! Algo está se aproximando, mas não é o que você pensa. É algo que você tem que sentir internamente!

Anish olhava para mim, com uma expressão de dúvida.

— Em primeiro lugar, pergunte a si mesmo por que formou esse grupo , incluindo tradições orientais e ocidentais — prossegui. — Todos os membros eram inimigos mortais, e você conseguiu reuni-los. Foi o Décimo Segundo Sinal que lhe deu essa ideia? Você iniciou uma reconciliação entre as religiões. E continuou a procurar pelas outras partes do Documento. Por quê? Talvez soubesse que não conseguiria chegar muito longe.

Ele desviou o olhar, balançando a cabeça.

— Por que você chamou seu grupo de “apocalípticos”? Não sabe que a palavra *apocalipse* significa “revelação”? Podemos ter uma revelação sobre o verdadeiro significado do fim dos tempos. Eu tentei lhe dizer. As profecias foram feitas para todos nós. Se todos nós estivermos envolvidos em um Arrebatamento, poderemos ser poupados do Armagedom. O retorno acontecerá sem a guerra. Já estamos sentindo...

Parei de falar. Ainda não conseguia explicar esse ponto da Conexão que estávamos sentindo.

— Não! — gritou Anish, voltando a olhar para o homem com o detonador. Novamente, parecia estar pronto a ordenar que a bomba fosse ativada.

Alguém à direita dele gritou:

— Você tem que parar com isso!

O irmão de Joseph, o general, estava caminhando na direção de Anish, com Joseph ao lado.

— Eu e você lemos aquelas palavras, você sabe disso — continuou o general. — Nós rimos e ridicularizamos cada página do Documento, mas, ainda assim, ele estava nos alcançando.

Anish ficou irritado e apontou um dedo para o general:

— O que aconteceu com você? — gritou ele. — Você sabe que nosso plano é à prova de falhas. Uma explosão nuclear aqui no Sinai e a destruição simultânea da Cúpula da Rocha, em Jerusalém, forçarão o Irã a explodir o canal. Nossos aliados na China aproveitarão a oportunidade para atacar a presença americana na região. E, depois, tudo irá pelos ares! Nada pode nos impedir, nem mesmo Peterson. Será o fim pelo qual estivemos orando para acontecer.

— Não — disse o irmão de Joseph, firmemente. — Todas as profecias estão dizendo a mesma coisa, pois todas vêm da mesma fonte divina. Sei disso agora! Há apenas um Criador, apenas um Arrebatamento: aquele que vem quando chegamos a uma Conexão e uma consciência cada vez mais elevadas. Já estamos sentindo o retorno divino. É uma “Presença” que podemos sentir dentro de nós.

— É isso mesmo! — gritei. — É isso que estamos sentindo. Uma presença divina!

O som das palavras reverberou em todas as pessoas. Wil e eu nos entreolhamos. Foi isso que sentimos na Montanha Secreta: a presença de Deus como uma realidade tangível. Esse era o retorno que as profecias vinham indicando o tempo inteiro, o Alinhamento final.

Pensamentos correram pela minha mente, considerando a magnitude do que estava acontecendo. Não era a ideia de uma presença, nem uma teoria abstrata sobre uma presença. Era uma Presença *verdadeira*: a Identidade Sensorial do Divino — real e pessoal, e, neste exato momento, dentro de nós!

Com aquele pensamento, minha energia e consciência se elevaram muito, e pude detectar a Presença crescendo dentro de mim. O tempo parou. Os apocalípticos pareciam paralisados. Olhei mais uma vez para Wil. Ele estava assentindo, empolgado. Coleman

estava enviando mensagens de texto a Adjar e Hira, relatando nossa descoberta. Tommy e os outros estavam boquiabertos.

Enquanto trocávamos olhares, a energia aumentava mais ainda. Juntos, estávamos recapturando o nível final de energia que vislumbramos nos arredores de Sedona. Instantaneamente senti o que o restante do grupo estava pensando. Era o Décimo Segundo Sinal e sua Integração. Podemos abrir nossa consciência o bastante para alcançar a verdadeira Presença do Divino, bem aqui, onde ela sempre esteve esperando por nós.

Esponaneamente, todos nós nos envolvemos em um Modelo de Acordo. Eu podia sentir nossa conclusão. Todas as tradições acreditam que Deus é uma presença real, mas isso só foi enfatizado e visualizado como algo realmente possível pelos ensinamentos religiosos mais esotéricos.

— Reconheçam a Presença com gratidão e a ligação se fortalecerá — ouvi Tommy sussurrar para os outros. — Isso conectará nossa conclusão-modelo final a todas as pessoas ao redor do mundo que estão sentindo o mesmo.

Assim que seguimos aquelas instruções, a energia se elevou ainda mais.

— Agora, unam-se aos estados superiores das almas dos apocalípticos e os elevem até esta nova Conexão conosco — acrescentou Tommy.

Ao fazermos aquilo, a presença ampliou-se, atingindo outro nível, e se transformou. Agora, não estava somente dentro de nós, mas também do lado de fora, manifestando-se como uma onda perceptível de luz por toda a área do rochedo. Em seguida, expandiu-se em direção à multidão, em uma onda que iluminava as rochas conforme se propagava.

Mais abaixo, nas trilhas, podíamos ver pessoas se aproximando dos soldados novamente, empurrando as linhas das barricadas, correndo ao redor das armas apontadas em sua direção e movendo-se como se fossem uma só, como se tivessem uma única mente, pelas trilhas que levavam ao alto da montanha.

Então, em uma cena que lembrava a queda da velha União Soviética, os soldados quebraram a formação e se recusaram a atirar, largando as armas. Os comandantes pararam de gritar ordens, resignando-se ao inevitável. Alguns soldados estavam até mesmo se unindo ao fluxo de pessoas que se movia em direção ao pico.

Anish se virou para mim e, por um momento, pensei que ele fosse entender.

— Exploda a bomba! — gritou ele.

— Não! — gritei em resposta. — Não entende? Inverter a direção de sua vida não é problema. Você não precisa apertar esse botão. Você pode mudar!

O homem com o detonador vacilava, ouvindo o que eu dizia, sem se mover. De repente, Anish se precipitou em sua direção, tentando agarrar o aparelho. Ele caiu sobre as rochas. Anish se jogou em direção ao controle remoto, esticando os braços para alcançá-lo, mas o irmão de Joseph correu e se colocou à sua frente, para impedir que Anish o pegasse.

Disparos começaram a pipocar quando as duas facções abriram fogo. Reagindo rapidamente, Joseph correu em direção ao irmão e o derrubou ao chão, atrás de uma pedra enorme. Simultaneamente, Wil tomou impulso e saltou sobre mim, empurrando-me para longe da linha de tiro. Uma granada explodiu, cobrindo-nos com fumaça e poeira.

Quando consegui enxergar, percebi que a maioria dos apocalípticos havia fugido. Wil e Coleman estavam sentados ao meu lado. Estávamos todos olhando uns para os outros, conscientes de quanta sorte tivéramos porque a bomba não tinha explodido. Olhando em volta, vimos que Anish e outro extremista estavam seriamente feridos, e o irmão de Joseph tinha alguns cortes superficiais. Ninguém mais fora atingido. Acima de nós, centenas de pessoas estavam no topo do Monte Sinai, agitando as mãos e celebrando.

Em poucos minutos, um batalhão recém-chegado de soldados egípcios estava nos cercando. Eles nos prestaram socorro médico e restabeleceram a ordem. Outras centenas de soldados estavam subindo rapidamente pelas trilhas, tirando as pessoas do topo do Monte Sinai. As pessoas não resistiam. Sabiam que haviam vencido. Nosso grupo também estava celebrando. Pelo menos, por enquanto, a ameaça fora debelada.

Um dos oficiais, um tenente, apreendeu nosso grupo e fez com que sentássemos perto do rochedo, demonstrando um interesse particular em Tommy e Joseph, e separando-os do grupo para conversar com eles. Ele era o oficial com quem Tommy conversara durante vários meses no portão oriental. Os três discutiram a situação intensamente, durante vários minutos, gesticulando em direção ao restante de nós.

Naquele instante, meu telefone tocou. Era Adjar, enviando notícias sobre a situação em Jabal Al Lawz, dizendo que os grupos-modelo haviam conquistado o Décimo Segundo Sinal e a Integração correspondente, ao mesmo tempo que nós. Os extremistas infiltrados na base de mísseis fugiram. Logo em seguida, chegou a mensagem de Hira. Eles não conseguiram chegar até o Monte do Templo, permanecendo na área do Muro das Lamentações, quando a Décima Segunda foi alcançada. Não havia confirmação da presença de cargas explosivas sob a Cúpula da Rocha.

Finalmente, ouvi o oficial dizer:

— Tirem essas pessoas daqui!

Joseph e Tommy vieram correndo, apontando para a trilha que nos levaria de volta a St. Katherine e dizendo que estávamos livres para partir. Olhamos uns para os outros e explodimos em gargalhadas.

Naquele momento, vi que o vento estava soprando alguns papéis pelo chão, perto do rochedo. Indo rapidamente em direção a eles, estava prestes a me abaixar para pegá-los quando outro homem, que reconheci como um dos agentes de Peterson, surgiu à minha frente e os recolheu, encarando-me com um meio-sorriso e uma leve expressão de desdém no rosto.

Ao redor, podia ver as pessoas sendo exaustivamente revistadas, e tudo que se parecesse remotamente com uma cópia das Integrações era apreendido. Quando chegaram até nós, não oferecemos resistência.

Comecei a me perguntar se Peterson imaginava que o Documento seria uma ameaça contra ele. Será que estava se preparando para encontrar e destruir todas as cópias, assim como o governo do Peru conseguira destruir todas as cópias da velha Profecia? Na melhor das hipóteses, eu pensava que ele poderia criar um nível suficiente de medo para que as pessoas sentissem receio de conversar a respeito do Documento e mantivessem suas cópias escondidas. Eu sabia também que esse tipo de supressão teria que incluir a limpeza imediata de todos os indícios da presença do texto na internet.

Quando voltei até onde os outros estavam, Joseph estava se despedindo, dizendo que ficaria no Monte com seu irmão, ainda ferido.

— Obrigado por estar naquela colina em St. Katherine quando chegamos! — eu disse a ele.

Ele sorriu para mim e me cumprimentou com um movimento de cabeça.

— Além disso, obrigado por não desistir de seu irmão! — acrescentou Wil. — O que você lhe disse funcionou. Isso prova que basta estender a mão para uma pessoa, e isso pode fazer a diferença para o mundo inteiro.

— Simplesmente lhe disse o que Rachel me contou — comentou Joseph. — Qualquer pessoa pode despertar e mudar num piscar de olhos. Oh, e por falar nisso: já lhes falei que é possível traçar uma linha praticamente reta entre as três montanhas: Jabal Al Lawz, na Arábia Saudita, o Monte Sinai e a Montanha Secreta no Arizona?

Ele olhou para nós por mais um momento antes que seu rosto se preenchesse com o ágape e com as lágrimas, e depois nos envolveu em um grande abraço.

— Eu queria olhar para o rosto de Deus, mas acho que sentir Sua Presença é ainda melhor! — filosofou ele.

Enquanto Joseph se afastava, o restante do grupo, perdido em seus próprios pensamentos, recomeçou a trilha que seguia ao pé da montanha, até alcançarmos o caminho mais largo que nos levaria de volta a St. Katherine. Wil falava ao telefone. Quando olhei para cada um dos presentes, percebi que ainda estávamos sentindo a Presença. Ela estava conosco conforme nos deslocávamos pelo caminho, iluminando automaticamente as rochas à medida que caminhávamos. Quando percebíamos alguém vindo na direção oposta, alguns até mesmo chegavam a diminuir a marcha e olhar atentamente para a pessoa, como se sentissem a elevação na energia.

Quando Wil desligou o telefone, eu me aproximei dele.

— Certo, Wil. O que você sabe sobre a Décima Segunda? O que o Documento realmente diz sobre ela? — perguntei.

Os olhos dele brilharam por um momento, conforme os outros se reuniam à sua volta.

— O texto diz que a Décima Segunda ativa as trilhas culminantes em nosso cérebro — respondeu ele. — Ela integra todas as Integrações. Pensem sobre a sensação que a Presença lhes causa. Ninguém tem dificuldades em esperar e sustentar a Sincronicidade agora, não é? Ou em dizer a verdade e aceitá-la, dos outros, conforme surge, enquanto construímos os detalhes de nossa nova perspectiva espiritual, não é? E o que acham de manipular as pessoas e receber o choque de retorno de todo esse carma? Alguém vai querer começar a fazer isso novamente?

— Não — prosseguiu ele. — Queremos permanecer em Alinhamento e manter a consciência que nos dá todos estes outros talentos: premonições que nos oferecem Proteção, intuições que nos orientam, relacionamentos baseados no ágape e uma abertura à percepção plena. E, é claro, todas aquelas mensagens que vêm da pós-vida.

— A Décima Segunda diz que, se uma quantidade suficiente de pessoas permanecer nesse Alinhamento e nessa Presença, o Plano pode se tornar algo consciente na cultura da humanidade. Com esse conhecimento, um centro iluminado surgirá na política. A civilidade e o encanto poderão voltar à cultura humana. E todos os governos e todos os campos do empreendedorismo e esforço humano passarão a ter um estado superior de integridade.

— E o que acontecerá com os Modelos de Acordo? — perguntou Coleman.

— O Documento diz que os Modelos de Acordo farão com que cada tradição se aproxime gradualmente do reconhecimento da Presença, permitindo que as diferenças entre as religiões sejam menos excludentes. A reconciliação criará uma união impressionante quando todos souberem que é possível fazer isso. Tudo está nos números. Depende apenas de quantas pessoas conseguirem permanecer em Alinhamento.

Enquanto falava, uma pergunta estava se formando em minha mente:

— A Décima Segunda aponta quantas pessoas serão necessárias para transformar o mundo e começar a criar o mundo ideal, indicado pelas profecias?

— Muitas, apenas para começar. O Documento menciona novamente que, no decorrer da História, vários grupos menores alcançaram o ponto em que estamos agora e não foram capazes de progredir além dele. O mundo ainda está imerso no medo. E, como vimos, os riscos estão ficando cada vez maiores.

Todos nós nos reunimos ao lado da trilha, em um círculo.

— A Décima Segunda nos dá um número específico?

— Sim — disse Wil. — É o mesmo número mencionado por algumas outras profecias.

— E qual é?

— 144 mil.

Assim que chegamos a St. Katherine, Tommy e sua mãe se despediram também, dizendo que queriam visitar os amigos na casa onde estivemos, antes de subir a montanha mais uma vez. Eles abraçaram a todos e estavam começando a se afastar. Entretanto, depois de alguns passos, Tommy parou e se virou para mim.

— Ainda há muito a fazer — disse ele. — Portanto, vejo vocês em Sedona.

Ele sorriu e correu para se juntar à mãe, deixando-me sozinho para pensar naquelas palavras.

A maioria dos outros também se despediu e os acompanhou, apenas Coleman e Wil ficaram comigo, na rua. Coleman estendeu a mão.

— Vou com eles, também — disse ele. — Alguns de meus amigos cientistas querem abrir um instituto para começar a estudar tudo isso. Consegue acreditar?

Ele se aproximou e deu um abraço de urso em mim e outro em Wil.

— Obrigado por estar ao meu lado em todas aquelas ocasiões! — eu disse.

— Sou eu quem devia lhe agradecer! — respondeu ele. — Você estendeu a mão para mim. Isso mostra como as coisas mudam. Um Diálogo Consciente de cada vez.

Wil e eu acenamos enquanto ele se apressava para se unir aos outros. Em seguida, Wil se virou para mim.

— Consegui fazer uma reserva num voo de volta para o Cairo — falou, sorrindo. Em seguida, disse que finalmente conseguira encontrar seu amigo, o arqueólogo que lhe enviou a primeira parte do Documento. O homem estava escondido, e Wil queria partir imediatamente para conversar com ele.

Ele fez uma pausa, e nós continuamos a nos entreolhar, adiando um pouco mais a partida.

— O coronel Peterson lhe disse mais alguma coisa? — perguntou Wil.

— A última coisa que ele me disse foi que eles estavam preparados, e tudo que era necessário era haver uma coalizão entre a extrema esquerda e a extrema direita para implementar seu plano. Eu ainda não sei exatamente o que ele quis dizer.

— Acho que você vai descobrir — disse Wil. — É melhor ficar alerta.

Assenti, e, em seguida, disse:

— Esqueci de perguntar: você conseguiu encontrar as pessoas que divulgaram o Documento originalmente?

Ele sorriu e respondeu:

— Você já sabe quem foram os responsáveis.

— As pessoas de Shambhala?

— Existem mais dessas pessoas do que eu imaginava. Eles nos ajudarão em tudo o que for possível. Vou mantê-lo informado das coisas que eu descobrir.

Ele estava quase se virando para partir, mas eu ainda tinha uma última pergunta.

— Por que eles enviaram a Décima Segunda a Anish?

Wil riu e colocou a mochila sobre o ombro.

— Eles são parecidos com Lobo — disse ele. — Sabem de coisas de que nós não fazemos a menor ideia!

E, com aquela frase, ele se foi, deixando-me sozinho. Mas eu não estava realmente sozinho. Na verdade, sabia que nunca mais estaria sozinho.

EPÍLOGO



No dia seguinte, reservei os voos no aeroporto do Cairo, mas não voltei para a Geórgia. Em vez disso, fui para Sedona. Durante a jornada, a Presença sempre estava comigo e não parecia enfraquecer — a menos que eu me deixasse levar pelo meu ego ou me distraísse de algum modo.

Quando isso ocorria, só precisava voltar ao Alinhamento novamente e deixar que a gratidão tomasse conta de mim. Imediatamente, eu voltava a sentir a Presença. No fim das contas, essa consciência era eminentemente possível de ser comprovada por qualquer pessoa que a houvesse alcançado.

Com a Presença, vinha também o ágape e uma espécie de automática expectativa da Sincronicidade, uma lembrança de me certificar o tempo inteiro de que eu estava dizendo toda a verdade aos outros — especialmente, expressando as ideias intuitivas que sentia que eles precisavam ouvir. O que fez a diferença maior foi a intenção de mesclar a mente mais elevada das pessoas com a minha. Quando fazia isso, até mesmo a conversa mais corriqueira repentinamente se transformava em algo mágico, e eu sempre recebia algo em troca.

Depois de algum tempo, era capaz de sentir o que Wil chamava de “a integração das integrações”, simplesmente por saber que essa Presença abrangente estava sempre comigo, seja num avião, seja

numa sala cheia de pessoas, frequentemente atraindo a percepção dos outros. Esse reconhecimento, que envolvia o compartilhamento da Presença, ajudava a me manter em um nível ainda mais alto de Alinhamento, e eu sabia que, se houvesse um número suficiente de pessoas fazendo isso, a consciência poderia se espalhar rapidamente.

A única dificuldade que ainda restava para que conseguíssemos manter essa consciência era o efeito insidioso da velha perspectiva material sobre o mundo. Ela ainda estava presente, sussurrando em nossos ouvidos, dizendo que o mundo é um lugar duro e implacável, e que viver de acordo com princípios esotéricos e virtuosos é impossível. É claro, isso acontece se pensarmos que estamos sozinhos no meio de um Universo sem qualquer sentido ou propósito. Mas a verdade é a seguinte: não estamos! Podemos permanecer em Alinhamento e provar a nós mesmos que vivemos em um Universo que, em sua essência, é uma Máquina de Sonhos. E que ela está simplesmente esperando que a acionemos.

Dois dias depois, quando cheguei a Sedona, fui imediatamente para o Airport Vortex e escalei as pedras para assistir ao pôr do sol. Havia umas poucas pessoas ali, e procurei me sentar na parte mais alta do rochedo, fechando os olhos para sentir o calor do sol poente em meu rosto.

De repente, alguém se sentou a meu lado, sem qualquer cerimônia. Olhei ao redor e vi o rosto sorridente de Tommy.

— Você veio para me dizer que tudo vai ficar bem, não é? — perguntei.

Ele me deu aquele olhar que fazia com que ele parecesse bem mais velho.

— Vim para lhe dizer que não podemos permitir que a chama dessa consciência se apague. Este momento histórico é importante demais. É a hora da decisão, e todas as pessoas vivas devem fazer sua escolha.

Ele olhou para mim como se estivesse a ponto de explodir numa gargalhada.

— Afinal, os pratos da balança do dr. Coleman ainda estão no céu, e todo pensamento conta.

Eu assenti e, em seguida, perguntei:

— Tommy, você já recebeu seu nome tribal?

— Sim, ontem à noite. Fui informado pelos anciões da tribo.

— E qual é?

— Guardião do Tempo da Montanha.

Sorri, sabendo que o nome era perfeito. Ele faria sua parte para fazer com que a visão do calendário fosse conhecida.

Ficamos em silêncio, e eu olhei para longe, na direção do pôr do sol, que já era familiar — pequenos redemoinhos angelicais de nuvens cor-de-rosa luminescentes contra um céu azul-escuro.

Enquanto observava, meus pensamentos voltaram a se concentrar no estado do mundo. Será que uma grande quantidade de pessoas conseguiria entrar em Alinhamento para enfrentar o desafio? Ponderando sobre a questão, ouvi um corvo grasnar ao longe, e, naquele momento, senti uma leve fragrância de rosas no ar. Sim, pensei. Aposto que sim.



Guia de **Grupo de Leitura**

Questões para discussão

- Se nosso narrador estava esperando encontrar Wil no aeroporto, como ele o achou no bar ao lado da estrada no começo do capítulo 1? Por que nosso narrador parou lá? Como você explicaria esta primeira ocorrência?
- Nós aprendemos que “o universo é repleto de todos os tipos de encontros inesperados, intuições e coincidências misteriosas, tudo apontando para um propósito maior por trás de nossas vidas e, na verdade, por trás de toda a história da humanidade”. Por quais encontros inesperados, intuições ou coincidências misteriosas você já passou na vida? Você sente que é capaz de se envolver com essas coincidências? O que você acha que poderia fazer para ser mais envolvido com elas?

- Wil explica que nosso narrador deveria ter sido verdadeiro consigo mesmo quando enfrentou as críticas do cético no bar, e então ele teria sustentado a sincronicidade. Nosso narrador diz que geralmente fica longe das pessoas para evitar que o levem para fora do fluxo. Por que você acha que nosso narrador faz isso? Por que você acha que Wil acredita que não é a escolha ideal simplesmente “ficar longe” das pessoas? Com suas palavras, você poderia explicar o que nosso narrador deveria fazer quando está cercado por céticos — ou qualquer um que talvez o jogue para fora do fluxo?
- A experiência “ágape” do nosso narrador com Rachel. Ágape é definido como um estado de amor que transcende a complexidade sexual. Por que você acha que é importante este tipo de amor ser platônico ou não sexual? Como você experimentaria isso? Você acha que pode acontecer com qualquer um? Ou apenas com certas pessoas? Por que? (Ou por que não?)
- Quais lições de A Décima Segunda Profecia se mostraram mais poderosas para você? Houve alguma profecia que pareceu assustadora ou difícil para você administrar? E houve alguma profecia que o fez sentir renovado e animado para ler mais?